

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

TIAGO HUMBERTO RODRIGUES ROCHA

**A masculinidade na cultura neoliberal: as intervenções no corpo
e seus discursos segundo a Psicanálise**

São Paulo

2017

TIAGO HUMBERTO RODRIGUES ROCHA

**A masculinidade na cultura neoliberal: as intervenções no corpo
e seus discursos segundo a Psicanálise**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Professor Livre-docente Nelson
da Silva Junior

São Paulo

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO, PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Rocha, Tiago Humberto Rodrigues

A masculinidade na cultura neoliberal: As intervenções no corpo e seus discursos segundo a Psicanálise / Tiago Humberto Rodrigues Rocha; orientador Nelson da Silva Junior. -- São Paulo, 2017.

207 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

1. Psicanálise. 2. Neoliberalismo. 3. Corpo. 4. Teoria dos discursos . 5. Masculinidade. I. Silva Junior, Nelson, orient. II. Título.

Nome: ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues

Título: A masculinidade na cultura neoliberal: as intervenções no corpo e seus discursos segundo a Psicanálise

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*A Raul, pela causa.
Aos alunos que tive e terei, pelo desejo.*

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Nelson da Silva Junior, pela habilidade ímpar em seu modo de orientar. Obrigado pela elegância no acolhimento, quando eu, ainda desconhecido, escrevi desejando apresentar o projeto que, com uma satisfação única, aqui concluo.

A Jean-Luc Gaspard pelo amparo tão caloroso e fraterno na França. Obrigado pela influência e o gás final para o texto, pelos almoços, cafés e *apéros* que tanto fazem falta. E também à sua tão amável família, pela acolhida em Toulouse para um último “Até logo”!

Aos membros da banca examinadora por aceitarem tão prontamente participar e pela certeza no enriquecimento das discussões.

A Raul Pacheco, pela escuta, pela palavra, pelo silêncio e pelo cuidado.

A Fuad Kyrillos Neto pela primeira porta aberta em São Paulo, o LATESFIP, onde agora posso fazer tantas boas trocas.

A Christian Dunker pela extraordinária disponibilidade e generosidade na transmissão da psicanálise. Obrigado pela leitura cuidadosa ainda na banca de Qualificação e pelos apontamentos tão precisos.

A Patrícia Porchat pela leitura atenta e disposição no momento crítico da banca de Qualificação.

A João Luiz Paravidini, orientador de mestrado e amigo querido fundamental a meu desejo pela docência.

Aos colegas do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo pelas trocas no processo de formação em especial a Maria Livia Moretto, Tatiana Assadi e Heloísa Ramires.

Aos colegas e amigos da Clínica Freudiana de Uberlândia pela experiência tão marcante da leitura do Seminário XVII e que, agora, se faz presente neste texto.

Ao grupo de orientação, em especial Guilherme, Mario, Maya, Vera, Nathalia, Heitor, Kika, Lia, Vivi e Dulce, pela leitura atenta e sempre calorosa troca de ideias que permitiram a abertura para outras perspectivas durante a escrita.

Aos professores, amigos e colegas da UFTM que facilitaram a minha saída para a realização deste sonho e com quem compartilho o doce prazer da docência.

Aos alunos, que ao, chama-los de “meus”, tornam possível alguma apropriação necessária. É nestas horas que há algum sentido em crer que se possui o melhor trabalho que poderia desejar.

A Tiago, amigo fiel de tão longa data e que sempre esteve por perto nos momentos mais difíceis. Obrigado por mostrar que vale a pena ser diferente e fazer do mundo um lugar melhor, ainda que de um jeito torto.

A Aquinoã, “Paca”, Maria e Carlos, por fazerem da docência algo que estará sempre além da mesmice. Obrigado pela acolhida, pelo incentivo, pelas cervejas, pelas risadas e, sobretudo, pelo carinho da amizade que da sala de aula mantêm-se agora pela vida. Vocês são foda!

Aos amigos da França, Mila, Mathieu, Mônica e Mel pelo carinho na acolhida, pelos vinhos e conversas em dias frios.

Aos amigos queridos que São Paulo me trouxe. A Hugo Lana, pela atenção sempre despreziosa. A Paulo Beer, pela sagacidade na hora do incentivo. A Pedro Ambra, pela disponibilidade, pelo elevado espírito crítico. A Rafael “Nego” pelo rigor intelectual. A Ludu, pelo posicionamento crítico e por fazer disso um incentivo. A todos, obrigado também pelas cervejas e cachaças.

Aos demais amigos que conheci durante o doutorado, em especial Maria Leticia, Leandro, Natalie, Jota, Nina, Rodrigo Alencar, Paulo Sérgio, Stella Ferraretto (*in memoriam*) Marcelo Checchia, Clarice, Rafa Cossi, João Felipe, Aline Martins, Luciana Salum e Michele Roman Faria, pelo incentivo, pela amizade sincera e pela parceria no trabalho.

Aos amigos de longa data de Uberaba com quem tenho uma satisfação enorme de dividir um tempo tão precioso da minha vida. Vocês são foda! Aos demais amigos espalhados pelo mundo e que tanta falta fazem. Em especial a Axel, pelo ensino e pelos sambas.

A meu irmão, Gustavo, pelo carinho de sempre e pelo apoio incondicional. A meu pai, Henrique, por ter oferecido o que lhe foi possível.

A minha mãe, dona Graça, por ensinar-me sobre a graça da vida.

A Érica, que acabou de chegar e por colorir tudo aquilo que ainda virá.

A todos vocês, meu sincero muito obrigado!

Agradeço à CAPES (99999.007039/2015-08) pelo apoio financeiro que possibilitou a dupla titulação.

RESUMO

ROCHA, T. H. R. **A masculinidade na cultura neoliberal: as intervenções no corpo e seus discursos segundo a Psicanálise**

Esta pesquisa procurou relacionar os efeitos da ideologia neoliberal sobre o corpo. Em 2012 o Brasil alcançou o primeiro lugar no ranking internacional na proporção cirurgia plástica por habitante. Segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, entre 2009 e 2012 o número de intervenções estéticas cresceu 120%, tendo sido realizadas mais de 1,5 milhão só no ano de 2012. Ainda de acordo com a SBCP nos últimos anos houve um salto de 5% para 30% do número de homens que se submetem à cirurgia plástica com finalidade não reparadora, mas sim estética. Estes números refletem uma mudança nas formas do uso do corpo masculino na contemporaneidade. A ideologia neoliberal extrapolou os limites da economia, invadiu os modos de agir e desejar e tornou o corpo um bem a mais a ser produzido e consumido. O *Mercado* triunfa sobre as demais formas de crença, servindo enquanto uma espécie de religião à qual o sujeito torna-se devoto frente ao risco da castração, representada pelas marcas do envelhecimento. O resultado da influência neoliberal será a produção de um *homo economicus* (LAVAL, 2007) cuja ação será sempre medida e planejada visando obter o máximo de satisfação e o mínimo de desprazer. Alinhados ao pensamento de Christian Laval estão Dany-Robert Dufour e Roland Gori cujo pensamento é necessário para desenvolvermos a ideia de que estamos diante de uma subjetividade *empreendedora de si e crente no Mercado*. O desenvolvimento da tese segue com a teoria dos discursos de Jacques Lacan (1969/1970), com especial destaque para seus dois efeitos principais: o discurso do capitalista e o discurso da ciência. Tal artifício permitiu uma maior extensão para o debate sobre as implicações subjetivas da ideologia neoliberal sobre as formas de estabelecimento do laço social. A pesquisa traz ainda cinco entrevistas que foram analisadas a partir dos conceitos previamente estudados. Os entrevistados foram homens que realizaram procedimentos médicos com finalidades estéticas, tais como cirurgias plásticas, preenchimento com botox, *lifting* facial, etc. Dois casos destacaram-se pelo peculiar uso que fizeram do corpo, sendo um diagnosticado enquanto neurótico e o outro enquanto um caso de psicose ordinária. A pesquisa é finalizada com as implicações para o plano cultural destes novos modos de subjetivação que privilegiam a identificação ao objeto que seu uso erótico.

Palavras-chave: Psicanálise; Neoliberalismo; Corpo; Teoria dos discursos; Masculinidade

ABSTRACT

Masculinity in the neoliberal culture: body interventions and its discourses according to psychoanalysis.

This research aimed at relating the effects of neoliberal ideology on the body. In 2012 Brazil reached the first place in the international ranking of plastic surgery proportionally per citizen. According to the Brazilian Society of Plastic Surgery (Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica), between 2009 and 2012 the aesthetic interventions number grew 120% with 1.5 million of them having being done only in 2012. Still accordingly to SPCB, in the last years there has been a leap from 5% to 30% in the number of men who undergo plastic surgery with aesthetic – and not reparatory – purpose. These numbers reflect a change in the forms of use of the masculin body in contemporaneity. Neoliberal ideology has extrapolated the economy limits, has invaded the forms of acting and desiring and has made the body one more asset to be produced and consumed. The *Market* prevails over other forms of belief, serving as a kind of religion to which the subject becomes obedient as they face castration, represented by the marks of aging. The result of neoliberal influence will be the production of a *homo economicus* (LAVAL, 2007) whose action will always be measured and planned aiming at obtaining the maximum of satisfaction and the least of unpleasure. Aligned with the thought of Christian Laval are Dany-Robert Dufour and Roland Gori whose thought is necessary for us to develop the idea that we are facing a subjectivity that *is entrepreneurial of itself and that believes in the Market*. The thesis development goes on to the discourses theory of Jacques Lacan (1969/1970), highlighting its two main effects: the discourse of the capitalist and the discourse of Science. Such artifice allowed a greater extension for the debate about the subjective implications of neoliberal ideology on how we establish social bounds. The research contains five interviews that were analyzed from the previously studied concepts. The interviewees were men who underwent medical procedures with aesthetic purpose, such as plastic surgeries, botox filling, facial lifting, and so on. Two cases stood out because of the peculiar usage they made of the body, one being diagnosed as neurotic and the other as a “ordinary psychotic”. The research ends with the implications on the cultural field of these new ways of subjectivation that privilege identification to the object rather than its erotical use.

Key words: Psychoanalysis; Neoliberalism; Body; Discourses theory; Masculinity

Sumário

Introdução.....	11
1 Panoramas da masculinidade.....	23
1.1 Do modelo hegemônico ao contemporâneo.....	23
1.2 Da <i>Playboy</i> à <i>Men's Health</i> : alguma coisa está 'fora ordem'?.....	28
1.3 A polissemia do masculino.....	32
2 O sujeito neoliberal: um empreendedor de si crente no Mercado.....	39
2.1 <i>L'individu ingouvernable</i> : quando o neoliberalismo conjuga a pulsão.....	41
2.2 <i>L'homme économique</i> : do sujeito ao indivíduo empreendedor de si.....	46
2.3 <i>Le divin marché</i> : o Mercado como religião.....	53
3 Neoliberalismo e teoria dos discursos: o corpo <i>latusa</i>	63
3.1 Prolegômenos à teoria dos discursos.....	64
3.2 A estrutura dos discursos.....	65
3.3 Os quatro discursos.....	66
3.3.1 O sujeito neoliberal e o corpo produzido pelo <i>discurso da ciência</i>	71
3.4 Discurso do capitalista: o mestre moderno e a tirania da beleza do corpo que se consome.....	75
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	82
4.1 Dos sujeitos da pesquisa.....	82
4.2 Da escolha do método.....	85
4.3 Análise dos dados: a divisão do sujeito entre o enunciado e a enunciação.....	87
4.3.1 A enunciação pelo modelo do nó borromeano.....	87
4.3.2 Enunciados e identificação.....	89
5 O neoliberalismo e as estruturas psíquicas.....	90
5.1 Masculinidade contemporânea: ainda um <i>risco</i> de feminilização?.....	90
5.2 O corpo enquanto objeto.....	96
5.3 Neoliberalismo e psicose: o corpo enquanto suplência.....	109
5.3.1 Sobre a psicose <i>ordinária</i>	112
5.3.2 Uma breve noção de suplência.....	116
5.3.3 O corpo enquanto suplência imaginária.....	120
5.4 Neoliberalismo, discurso da ciência e narcisismo.....	133
Considerações finais.....	140
Referências.....	147
Apêndice.....	155
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	155
Entrevista 1 - Igor.....	157
Entrevista 2 – Léo.....	184

Introdução

Em “A new kind of beauty”¹, Phillip Toledano registrou imagens de pessoas que se submeteram a intervenções estéticas. Algumas questões o guiaram, tais como: o que seria uma nova forma de beleza; o que definiria um novo padrão de beleza seria o momento histórico ou as mãos de um cirurgião; estaremos caminhando para o paroxismo de produzir novos modos de subjetivação a partir de modificações na carne?

O que as lentes do fotógrafo registraram foram imagens que – longe de tentarmos tatear qualquer critério de valor sobre os padrões estéticos que margeiam o feio e o belo – marcam os corpos com intervenções excessivas. Seja os implantes de próteses de silicone, botox, *lifting* ou lipoaspiração, o que sobressalta aos olhos é a radicalidade das intervenções. Em alguns casos tal radicalidade não permite mais distinguir os limites entre um corpo masculino ou feminino. Afinal, o que esta própria indistinção entre os gêneros pode querer nos dizer?

Na mídia, frequentemente aparecem casos de pessoas que acabam colocando a própria vida em risco a fim de alcançar um modelo ideal de corpo, como é o caso do norte americano Justin Jedilica. Ele, durante uma década, se submeteu a mais de 90 intervenções cirúrgicas a fim de se tornar parecido com o boneco *Ken*, namorado da boneca *Barbie*. Ao total, Jedilica gastou mais de 200 mil dólares e ainda não se diz satisfeito com o corpo. O rapaz de 32 anos relatou que não irá parar com as cirurgias, apesar de ter sido advertido pelos médicos por já

¹ Algumas imagens do livro podem ser encontradas no site: <http://www.mrtoledano.com/a-new-kind-of-beauty>

estar correndo risco de vida. Ele afirma ser esse o preço a ser pago por “querer ter um corpo perfeito”².

Jedilica parece ser um representante paradigmático dos extremos produzidos pela contemporaneidade. Apoia-se em um ideal de perfeição do corpo sem que, necessariamente, tenha sua orientação sexual questionada por isto, o alargamento do imaginário parece em nada tocar qualquer problemática simbólica. Um boneco tomado enquanto modelo corporal parece denunciar um tempo em que as idealizações do eu se virtualizam e perdem lastro com a realidade. A identificação se dá não em uma relação dialetizável com o outro, mas com um padrão de perfeição estética inimaginável.

Em 2012 o Brasil ultrapassou o número de cirurgias plásticas feitas nos Estados Unidos e já é o maior consumidor mundial em número de procedimentos. Entre 2009 e 2012 o número de intervenções estéticas cresceu 120%, tendo sido realizadas mais de 1,5 milhão só no ano de 2012³. Anteriormente vista como um privilégio das mulheres, a intervenção estética ganhou cada vez mais espaço entre o sexo masculino. De acordo com o *site* da própria Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), os fatores que contribuíram para este aumento do número de cirurgias foram: marketing pessoal, rejuvenescimento, melhoria da qualidade de relacionamento entre casais, facilidade para o pagamento da cirurgia com linhas de crédito e crediário e maior aceitação da vaidade entre os homens nos últimos tempos⁴. Procedimentos que anteriormente poderiam até mesmo questionar a orientação sexual de um homem, hoje já ocupam considerável fatia do mercado das técnicas de embelezamento estético. Como exemplo temos o implante de prótese peitoral de silicone masculina, ou ainda

² Recuperado de <http://saude.terra.com.br/homem-faz-90-cirurgias-plasticas-para-ficar-parecido-com-ken,f7d87115d0f6a310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html> em 17/11/2013.

³ Recuperado de <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/08/numero-de-cirurgias-plasticas-no-brasil-cresceu-120-entre-2009-e-2012.html> em 28/11/2013.

⁴ Recuperado de: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/blog/> em 18/11/2013.

nas nádegas, que em 1997 correspondia a apenas 2,2% e, em 2012, pulou para 6,2% dentre os homens⁵.

Ainda de acordo com levantamento da própria SBCP, nos últimos cinco anos houve um salto de 5% para 30% do número de homens que se submetem à cirurgia plástica com finalidade não reparadora, mas sim estética. Durante a Jornada Paulista de Cirurgia Plástica que ocorreu entre maio e junho de 2013, 88% dos médicos afirmaram ter percebido o aumento no número de homens que se submeteram à cirurgia⁶.

Em solo tupiniquim, as cirurgias mais procuradas por homens são: em primeiro lugar a cirurgia de pálpebras, justificada pelo fato de que, com o avançar dos anos, as pálpebras ficam com excesso de pele e mais frouxas; em segundo lugar está a cirurgia de nariz, que geralmente é operado devido ao desvio de determinado padrão estético, por serem grandes, desproporcionais, pequenos ou tortos; em terceiro lugar está a lipoaspiração que serve para melhorar o contorno da região da cintura, que acumula gordura com o passar dos anos; em quarto lugar está a cirurgia facial ou *lifiting* que tem por finalidade tornar o ar mais jovial, retirando o excesso de pele e rugas que se acumulam com o passar da idade⁷.

A partir dos tipos de cirurgias mais procuradas, das entrevistas vinculadas pela mídia com médicos cirurgiões – representantes de Conselhos e Sociedades de médicos que realizam cirurgias estéticas – e também dos próprios resultados de nossa pesquisa, podemos perceber que há um ponto em comum nos discursos relativos à necessidade de uma intervenção cirúrgica. Todos partem do desejo de retroagir no tempo. Parece haver um desejo comum em, imaginariamente, realizar uma intervenção que possa anular a passagem dos anos ou, ao menos, fazer com que ela se torne menos perceptível.

⁵ Recuperado de <http://mulher.uol.com.br/beleza/noticias/redacao/2013/07/26/homens-buscam-na-cirurgia-plastica-solucao-para-a-falta-de-bumbum.htm> em 18/11/2013.

⁶ Recuperado de <http://www.bandab.com.br/jornalismo/aumento-de-plastica-em-homens-e-percebido-por-88-dos-cirurgioes/> em 17/11/2013.

⁷ Recuperado de <http://beleza.terra.com.br/ibope-aponta-as-cirurgias-plasticas-preferidas-dos-homens,82d830f5e0e27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html> em 17/11/2013.

Sabemos que o cuidado corporal estético não é uma preocupação do homem contemporâneo. Sócrates (469-399 a.C.), por exemplo, desconsiderava a existência de uma separação entre corpo e alma. O ideal grego àquela época exigia a prática de exercícios regulares, bem como o desenvolvimento das capacidades intelectuais na Academia. Os diálogos dos filósofos gregos abarcavam uma série de temáticas altamente variáveis, indo desde temas relativos a melhor dieta para manter a boa forma do corpo, música e dança passando por reflexões sobre Ética e Política (CARMO JUNIOR, 2005). Grosso modo, podemos compreender o ideal de masculinidade grega como algo que não dissocia o corpo das propriedades intelectuais.

Embora discípulo de Sócrates, Platão (427 – 347 a.C) percebia a existência de uma dicotomia entre corpo e alma. Para o pensador grego, o lugar do corpo era um pespego ao pleno desenvolvimento da alma. Se esta continha os atributos relativos ao intelecto, o corpo, por ser lugar de apresentação da dor e “conter a morte”, se colocava enquanto um obstáculo à superioridade da alma (CARVALHO; RUBIO, 2001). Assim, o corpo grego era um lugar privado que deveria ser exercitado, cultuado em suas formas, sem desprender-se do desenvolvimento das faculdades intelectuais. Por se tratar de uma construção histórica, expoente do ambiente cultural de determinada sociedade, compreendemos que a incidência dos efeitos da produção deste ideal do corpo sobre a masculinidade grega estava atrelada intimamente à uma masculinidade viril, esportiva, belicosa, mas também fortalecida em seu intelecto pelo estudo da Metafísica, Política e Ética.

Mesmo tendo sido reprimido na Idade Média pelo dogmatismo religioso que sobrevalorizava a salvação da alma em detrimento do corpo, o lugar social deste foi resgatado durante a Renascença. O desprestígio do corpo na era Medieval foi recompensado no decurso do Renascimento e recolocado no centro com a insurgência da razão que possibilitou o aparecimento de práticas a partir de novas pedagogias e que possuíram influência direta sobre

os contornos dos corpos masculinos daquela época. Nas palavras de Vigarello, “o ideal corporal do cortesão aliaria à força uma nova destreza, seus movimentos ajuntariam à eficácia uma estética” (VIGARELLO, 2009, p. 332). De tal modo, a definição estética era a expressão das intervenções não somente sobre o corpo, mas sobretudo, os efeitos subjetivos na montagem do gênero masculino em diferentes épocas da história. O desenvolvimento da estética do corpo estava aliado ao cuidado intelectual e expressavam diferentes modos de manifestação da masculinidade. O gênero condicionava-se pela performatividade de sua função social, o que tornava necessária a resposta que deveria ser dada aos papéis socialmente atribuídos ao gênero masculino. Os iniciados traziam sua própria marca subjetiva nos processos de assunção de uma identidade masculina por meio dos mais diversos exercícios tanto para o físico quanto para o intelecto.

Assim, do renascimento à modernidade a administração do próprio corpo colocava em questão a implicação do indivíduo em seu processo de construção corporal e constituição subjetiva. Este indivíduo racional da modernidade conhece no apogeu do iluminismo a sobrevalorização da razão sobre as paixões da alma. Assim, o racionalismo cartesiano apresenta ao mundo a ideia de um *indivíduo* racional que se assegura do conhecimento do mundo a partir do *cogito*. Porém, não podemos equivaler este indivíduo racional ao sujeito da psicanálise.

É que o sujeito escapole, inclusive, ou melhor, sobretudo, no momento em que articula *eu penso*, pois por mais claro e distinto que seja, essa *eu penso* é um significante, que encontra apenas o caráter evanescente do sujeito, no próprio ápice a que nos conduz. Motivo pelo qual Lacan, a partir da experiência da análise, retoma o *eu penso, eu sou* sob a forma de um *eu penso e eu não sou* (BAAS & ZOLOSZYC, p. 1996).

Assim, é preciso marcar uma distinção que nos será sobremaneira útil ao longo desta tese. Ao nos referirmos à ideia de indivíduo, marcamos a presença deste ser racional, não dividido, do idealismo do *cogito* cartesiano. Este indivíduo que, ao fundar sua possibilidade de conhecimento do mundo sobre a razão nada deixa escapar. Em contrapartida, ao nos referirmos ao *sujeito*, estamos considerando o efeito da cadeia significante. Esta produção que não coincide com o indivíduo cartesiano, uma vez que a partir da entrada na linguagem pode ser contado apenas por sua divisão subjetiva e aparição evanescente (FINK, 1998)..

É em torno deste impasse colocado pela ideia de um *indivíduo* racional cartesiano e da crítica lacaniana a tal modelo, com o conceito de *sujeito*, que esta tese será escrita. A problemática da relação dos modelos de masculinidade e da construção e gestão do próprio corpo, fazem aflorar os impasses relativos ao sujeito que tenta se fazer indivíduo, se assim podemos dizer, ainda que de forma apressada. Afinal, esta pesquisa é a respeito do domínio da imagem do envelhecimento do corpo masculino – representante da castração do sujeito – por meio das tecnologias de modificação da realidade do corpo – representante do indivíduo racional cartesiano. Partimos então de uma primeira hipótese de que as questões que iremos tratar são correlatas a esta busca do controle racional sobre o próprio corpo por meio da administração das técnicas de cuidado de si, promovidas amplamente pelo neoliberalismo.

Anteriormente mais ligada ao sexo feminino, a passagem do tempo também se tornou motivo de assombro entre o sexo masculino na atualidade. O avanço da idade parece colocar em risco a imagem sociologicamente construída sobre o corpo masculino ao longo da história do ocidente, tornando-se uma das novas modalidades de sofrimento ao qual o sujeito *deve* “administrar”.

Esta ideia de um corpo que *deve* ser administrado vai ao encontro das novas técnicas de modificação e embelezamento que têm servido como um fator a mais no processo de retardar as marcas da passagem do tempo. Aparentar-se velho se tornou um dos eixos centrais

das queixas na atualidade e a produção tecnocientífica tem se encarregado de endossar a possibilidade de retardar tais efeitos. Grosso modo, ao *sujeito* castrado, a ideia de um *indivíduo* racional parece responder a partir da ampla variedade de tratamentos.

O neoliberalismo aproveitando-se do constante estado de insatisfação do sujeito com sua aparência incorporou a ideia da administração da vida em torno da qual o sujeito deve se colocar como um empreendedor e gestor do que possa lhe causar sofrimento (LAVAL, 2007). Passados mais de quatro séculos desde que a ciência eclipsou a religião enquanto forma de representação do mundo, aos nossos olhos o neoliberalismo se apresenta enquanto um herdeiro dos tradicionais regimes liberais, porém reinventado de forma *high-tech*. Colocando a submissão do sujeito às leis do mercado, o neoliberalismo resgata a ideia do indivíduo cartesiano readequando-o à realidade de sua divisão a partir das novas relações de consumo.

Tida como uma corrente econômica que eleva a autopromoção e gestão do próprio destino, o neoliberalismo faz um resgate da racionalidade como centro operador do mundo, tendo na meritocracia um dos seus pilares fundamentais. O laço social entre os sujeitos torna-se alicerçado sobre o quanto o sujeito pode encontrar satisfação no empreendedorismo de si, pautando na competitividade representada pelo mercado de capitais. Em suma, o neoliberalismo toma o próprio sujeito enquanto uma mercadoria que possa circular livremente dentro de vários espaços sociais desprovido de algum senso identitário e movendo-se pelo mesmo princípio da sedução da mercadoria. Com isso, pensar um conceito exato que represente apenas um modelo de masculinidade vai se tornando algo cada vez mais distante, uma vez que interessa menos a estabilidade conferida pela identidade que a lógica entre *possibilidade* de consumo – *necessidade* de reconhecimento.

Assim, compreendemos que a crescente preocupação com o corpo atestada pelo aumento da procura por intervenções estéticas coloca em evidência os efeitos do pensamento neoliberal sobre a produção dos ideais de masculinidade de uma época. Se ao longo da

história o corpo tornou-se um dos possíveis locais de expressão subjetiva da masculinidade foi porquê a fantasia subjacente ao desejo em seu deslocamento metonímico, encontra seu limite na imposição da castração. Ora estando os efeitos da ação do tempo na linha de possíveis fantasmas deste sujeito, logo o mercado dos produtos de cuidados estéticos tornou-se seduzido pela tecnociência e capturado pelo capital.

Neste ponto encontramos um marco importante que nos permite refletir sobre possíveis diferenças do uso dos corpos e do lugar do sujeito quando comparamos a antiguidade com o atual contexto regido pelo neoliberalismo. Afinal, qual lugar o sujeito ocupa nestes dois distintos momentos históricos? Em outras palavras, terá o indivíduo empreendedor do atual momento neoliberal a mesma relação que o cortesão da Renascença possuía com seu corpo? Partimos da hipótese que não. Consideramos que há certa hiância entre estes dois modos de subjetivação em que os sacrifícios exigidos para que se possa construir um corpo foram vencidos, ficando o próprio sujeito excluído nos processos de constituição subjetiva.

Distantes de querermos romantizar um passado longínquo com elucubrações que resgatem o ideal viril dos tempos dos romances de cavalaria, nosso trabalho preza por dialogar com as novas modalidades de masculinidade contemporânea ao problematizar a própria relação do sujeito com a castração. Afinal, terão as tecnociências costurado a castração do desejo a partir da inserção do sujeito dentro de uma nova lógica que sobrevaloriza o gozo? Pensamos que esta pesquisa realiza a tarefa de questionar o sujeito naquilo que lhe aparece enquanto efeitos da castração – como exemplo o envelhecimento – a partir de uma modificação estrutural da relação do sujeito com seu desejo e o gozo. Apostamos que as tecnociências, ao vencerem os limites antes estabelecidos pela ausência da infinidade de tratamentos possíveis na atualidade, promoveram o discurso da ciência como o representante de uma passagem para uma nova possibilidade de apreensão clínica menos

pautada no desejo do que na exigência de gozo. A imposição midiática da ditadura do corpo perfeito somada às facilidades de pagamento e constante aperfeiçoamento tecnológico suprem as dificuldades que, por exemplo, os gregos possuíam para alcançar determinado padrão de beleza estético e intelectual. Não há mais a necessidade de um esforço hercúleo (ao melhor estilo *no pain, no gain*) para que se possa chegar a um corpo esteticamente perfeito. Nestes casos o bisturi pode facilmente substituir o halter na construção do corpo idealizado.

Sendo assim, o objetivo de nossa pesquisa é problematizar as modificações na representação da masculinidade na contemporaneidade bem como o modo que a doutrina neoliberal cativa o sujeito com sua proposta de autonomia e liberdade. Trata-se de uma pesquisa que toma o crescente cuidado estético corporal masculino enquanto um dos *efeitos* do neoliberalismo contemporâneo. De tal sorte, cumpre tensionar o pensamento de teóricos críticos à doutrina neoliberal – em especial à ideia do sujeito autogestor empreendedor – com a teoria dos discursos de Jacques Lacan (1969/70), sobremaneira a partir de seus efeitos: o discurso do capitalista e o discurso da ciência. Estes terão importância fundamental para pensarmos a forclusão do sujeito na atualidade e sua substituição pela identificação ao corpo enquanto Ideal.

Feita a apresentação de nossa problemática, a pesquisa está dividida em seis capítulos. No capítulo primeiro, por meio do que chamamos “matriz sociológica”, trabalharemos a problemática da identificação tomando os processos históricos, políticos e sociais que contribuíram para a construção e naturalização de modelos de masculinidade. Dada a naturalização de certos modelos, estes tornaram-se na atualidade um produto mercadológico à mais a ser consumido. Para isto tomaremos o conceito de *performatividade* de Judith Butler (2003) a fim de problematizar a construção do gênero masculino e como este tornou-se um produto a mais a ser consumido pela lógica do mercado neoliberal. Trabalharemos ainda com

dois exemplos do cotidiano que demarcam certa transformação nos modelos de masculinidade tomados a partir de duas revistas de circulação mundial: a *Playboy* e a *Men's Health*.

No segundo capítulo procuramos mapear o modo de funcionamento econômico do neoliberalismo e sua potência em tornar o sujeito um empreendedor de si. A fim de maximizar sua satisfação e minorar o sofrimento o sujeito do mundo neoliberal busca criar um modo de funcionamento próprio que preza pela sustentação de sua autonomia em relação a possíveis determinantes familiares. Autocentrado e como uma espécie de gestor empresarial, este sujeito procura a todo custo a autopromoção de si, mesmo que por vezes pagando um alto preço para isto. Para traçar tal panorama nos utilizaremos de autores reconhecidos que conjugam três campos do conhecimento: economia, filosofia e psicanálise. Este capítulo está reservado para nossa análise dos seguintes autores e suas respectivas obras: Roland Gori com *L'individu ingouvernable* (2015); Christian Laval e *L'homme économique* (2007); Pierre Dardot & Christian Laval em *La nouvelle raison du monde* (2009); e Dany-Robert Dufour com *Le divin marché* (2007).

No terceiro capítulo tensionamos a problemática neoliberal com a teoria dos discursos de Jacques Lacan, em especial seus dois principais desdobramentos: o discurso do capitalista e o discurso da ciência. A possibilidade de imaginariamente retardar os efeitos sobre o corpo nos conduz a pensar os limites que a ciência pode suportar em momentos de eminência da ruptura do laço social. Em outros termos, na atualidade, determinadas modalidades de discurso se oferecem como *locus* privilegiado no qual os sujeitos se alocam para estabelecer relações com o outro que colocam em risco a própria ideia de laço.

Este tipo de discurso foi nomeado por Lacan como discurso do capitalista. Ainda que não formalizado enquanto um quinto discurso – em referência aos quatro outros estabelecidos ao longo do *Seminário XVII* (1969/1970) – tornou-se conhecido em 1972 na assim denominada Conferência de Milão (LACAN, 1972). Para nossa pesquisa, tal artifício de

análise nos permite pensar o próprio limite que a alteridade encontra ao tornar – tanto o escravo quanto o mestre – assujeitados por uma forma de gozo que não encontra mais a impossibilidade e nem a impotência enquanto limite, aqui já apresentados a partir da ideia do indivíduo cartesiano. Temos a ilusão de existência do laço social, um pseudolaço segundo Soler (2011), que valoriza soberania o uso dos corpos enquanto forma de afetação e reconhecimento por parte do outro.

Problematizando tal discussão incluímos o controvertido discurso da ciência que, segundo Gaspard (2012), tem se tornado o discurso hegemônico nos dias de hoje ao conjugar com uma mesma ideologia consumista, representada pelo discurso do capitalista. Assim, veremos que o produto da tensão organizada ao redor das ideias apresentadas no capítulo segundo e debatidas à luz da teoria dos discursos de Lacan culmina na produção de um *homem econômico empreendedor de si mesmo crente no Mercado neoliberal*.

O quarto capítulo apresenta o percurso metodológico pelo qual nos lançamos a fim de atingir nossos objetivos. Como consideramos que a busca por um determinado padrão corporal se tornou uma problemática contemporânea também masculina, entrevistamos homens que se submeteram a intervenções médicas com finalidade estética, não reparadora. Acreditamos que estes sujeitos representem modos de subjetivação contemporâneos que estão intimamente relacionados à promessa neoliberal de autopromoção e autogestão que tomam o empreendedorismo empresarial como modelo de regulação do desejo.

A escolha de tais sujeitos se deu por considerarmos as transformações que a masculinidade sofreu ao longo de diversas décadas ter produzido distintas possibilidades de representação do gênero masculino no mundo. Estas estão em íntima conexão com a possibilidade de tornar o próprio corpo um bem consumível. Numa espécie de arena que coloca estes homens em condições competitivas buscando a todo custo burlar a inevitabilidade da castração, aqui representada pelo envelhecimento e pela morte.

A escolha por pesquisar homens que se submeteram a intervenções estéticas justifica-se, sobretudo, por duas razões: primeiro pela relevância da novidade do tema dentro do campo da psicanálise. Em segundo lugar por conseguirmos pesquisar a partir de histórias reais, do cotidiano, alguns dos efeitos do neoliberalismo sobre as atuais formações subjetivas, o que torna o trabalho mais rico, uma vez que extrapola o campo unicamente teórico.

O método de investigação utilizado foi a análise psicanalítica do discurso desenvolvida por Gaspard, Silva Junior, Dunker, Assadi & Doucet (2010). Tal método, inspirado na proposição do nó-borromeano de Lacan, presa por interpretar os acidentes da enunciação a partir dos registros Real, Simbólico e Imaginário. Somado a este método, também analisamos os resultados a partir da psicanálise, com especial atenção ao que toca o campo das representações da masculinidade, do que pertence à estrutura da doutrina neoliberal e da teoria dos discursos de Lacan.

No quinto capítulo temos a discussão após a análise das entrevistas que realizamos. Apresentamos o debate sobre os resultados em quatro subseções: a) a masculinidade contemporânea; b) o neoliberalismo e o discurso do capitalista em torno da estrutura neurótica, a partir do caso de Igor; c) o neoliberalismo e a produção de um corpo a partir de um possível caso de psicose, o jovem Léo; d) o narcisismo contemporâneo e o lugar do discurso da ciência diante do envelhecimento.

O sexto capítulo traz nossas considerações finais. A partir do que abordamos ao longo da pesquisa, nos utilizamos do que Freud estabeleceu em torno do processo de desfusão pulsional para pensarmos as possíveis consequências no âmbito cultural.

Dada a devida introdução, nossa hipótese de trabalho foi que a fantasia masculina contemporânea, de superação das marcas do envelhecimento, toma apoio no discurso neoliberal uma vez que este está organizado sobre os andaimes do discurso do capitalista e da ciência.

1 | Panoramas da masculinidade

1.1 | Do modelo hegemônico ao contemporâneo

Procurar por uma definição que possa comportar a polissemia sobre o que é masculinidade demanda por um trabalho hercúleo. Nossa intenção não é de compreender os matizes sociológicos já levantados até hoje sobre tal conceito. O fato de as modificações estéticas ganharem um amplo mercado entre os homens nos leva a refletir sobre a relação entre o conceito de masculinidade e de corpo na história recente do ocidente. A prioridade neste capítulo será tencionar o lugar do corpo dentro de duas distintas correntes teóricas que, segundo Haywood & Mac An Ghail (2003), aparar possíveis arestas sobre tal conceito, a saber, o materialismo e o assim denominado, pós-estruturalismo.

A partir do marxismo, do legado dos movimentos feministas e da influência dos discursos institucionais, a corrente materialista tenta compreender como a ocorrência de tais movimentos sociais e discursivos alteraram a dinâmica da vida social ao produzir modelos normativos dominantes para o conceito de masculinidade (AMBRA, 2013). Aqui, temos como principal expoente os estudos de Connel.

Servindo-se do conceito de “hegemonia” de Gramsc, Connel pensa a masculinidade enquanto um constante estado de tensão e busca por dominação. Segundo o autor, o conceito de masculinidade trata de

uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar em ‘masculinidades’ (CONNEL, 1995, p.188).

Por ‘configuração de prática’, devemos reconhecer distintas ações práticas estabelecidas pelos homens que os colocam, quando comparados entre si, em diferentes patamares de masculinidade. Grosso modo, seria como se houvesse homens “mais homens” que os outros, estabelecendo entre si diferentes graus de masculinidade. Uns estariam mais perto de um determinado ideal que outros. Connel & Messerschmidt (2013) ressaltam ainda que o sintagma “masculinidade hegemônica” foi originalmente formulado em oposição à “feminilidade hegemônica ou enfatizada” como forma de reconhecer a assimetria entre a posição masculina e a feminina em um sistema patriarcal de divisão de gênero. Assim, podemos perceber que algumas masculinidades possuem um maior peso que outras, abrindo precedentes para que tal concorrência possa resultar em determinado valor de mercado.

Concordamos que para cada época o peso do termo *hegemônico* traz implícita a ideia de uma metanarrativa sobre um ideal de masculinidade capaz de, por meio da tradição, garantir o que “é ser homem” em uma determinada sociedade. O que os sistemas liberais falharam foi justamente em garantir esta narrativa como algo que pudesse garantir a estabilidade destas mesmas identidades de determinadas épocas.

Connel parece agradar aos ouvidos dos teóricos materialistas e mesmo dos – assim nomeados por Forth (2008) ‘pós-estruturalistas’ – ao afirmar a polissemia do substantivo ‘masculinidade’. Isto porque ambas correntes de pensamento consideram a existência de distintos tipos de masculinidade. Ainda que o materialismo considere a existência de uma hierarquia que as diferencia e as remete à determinada norma, ela reconhece a existência de variações dentro deste padrão. O mesmo ocorre com a corrente pós-estruturalista ao propor a

inexistência de um padrão normativo, em torno do qual diferentes masculinidades se imporiam.

Ao construir a referência a um ideal, este modelo estabelece determinado padrão que serve como forma especular de identificação para os demais. Trata-se de um sistema que permite destinos mais plurais à masculinidade e também a emergência de discursos que legitimam outras possibilidades de expressão ao sexo masculino. Neste modelo a tradição ganha contorno em uma espécie de narrativa que pode garantir o lugar do homem dentro de uma lógica mercadológica. Através desta torna-se possível objetualizar comportamentos e modos de afetação que podem facilmente vir a ser consumidos, à guisa do que aconteceu com os movimentos de contracultura da década de 70, por exemplo.

Um dos efeitos do modelo de masculinidade hegemônica é sustentar isto que o capitalismo acaba por capturar e mercantilizar nas relações sociais. Ora, a ideia de um modelo ideal de masculinidade que se impõe aos demais tem como efeito a criação de padrões de comportamento que servem à estabilização de um referencial de masculinidade. Este foi justamente o caldo de cultura profícuo ao surgimento e proliferação de incontáveis emblemas fálicos criados e socialmente acoplados ao sexo masculino. Explorados pelo marketing, estes emblemas fálicos – tais como carros, charutos, bebidas alcoólicas – invariavelmente vinham acompanhados por mulheres, fazendo alusão à virilidade, *status* e poder, encontrando no *establishment* pós Segunda-Guerra norte americano sua legitimidade. O consumo destes símbolos fálicos garantia um lugar de maior proximidade ao ideal mais viril de masculinidade.

Embalados pelos movimentos de contracultura de fins da década de sessenta, o consumo destes *gadgets* viralizaram mundo a fora e as representações do universo masculino se proliferaram, especialmente ao serem capitalizados pela cultura *pop* que marcou o fim da década seguinte. O marketing, acompanhado por esta capacidade ímpar da ciência em

produzir o que anteriormente não existia, criou novas demandas de consumo a ponto de a mercantilização do próprio corpo tornar-se um meio de ter sua masculinidade reconhecida. O alcance das práticas de mudança estética e promoção do corpo masculino atestam a variabilidade do que pode vir a ser um emblema fálico e como o próprio conceito de masculinidade tornou-se consumível.

Passemos agora a outra compreensão sobre o conceito de masculinidade que tem na linguagem seu universo de composição de sentidos e nos permite deixar em segundo plano o imaginário a respeito da hegemonia de um ideal de masculinidade. Em contraposição às ideias de Connel há a corrente de pensamento nomeada por Forth (2008) como ‘pós-estruturalista’. Aqui, distintamente do materialismo apresentado por Connel, o significante ‘hegemônico’ não possui qualquer sentido de existência pois a masculinidade passa a ser vista sob lentes de maior grau. Esta corrente conserva a independência entre o significante *masculinidade* e qualquer significado *a priori* ao termo, tomando a realidade enquanto construção discursiva e social.

Para nossa pesquisa, nos apoiaremos na corrente de pensamento ‘pós-estruturalista’, especialmente representada por uma de suas herdeiras filosóficas⁸: Judith Butler, em especial por sua teoria sobre gênero e *performatividade*. Longe da pretensa de aprofundar a obra da autora, nos deteremos apenas sobre o essencial de seu pensamento para que o leitor possa melhor acompanhar nosso percurso relativo à discussão entre masculinidade, performatividade e corpo.

Butler evidencia a *repetição* enquanto forma de produção cultural e modo de problematizar o próprio conceito de identidade. Desta maneira, não se trata de um gesto particular, mas de “uma repetição e um ritual, que atinge seu efeito através de sua

⁸ Em especial destaque Jaques Derrida e Michel Foucault

naturalização no contexto de um corpo” (2006, p. xv). A respeito da performatividade, Butler afirma que

o gênero é essencialmente performativo, e sob duas acepções complementares. De um lado, o gênero não se expressa por ações, gestos ou discursos, mas a performance produz retroativamente a ilusão de um núcleo interno ligado ao gênero. Por outro lado, a performance do gênero produz retroativamente a ilusão de uma essência ou de uma disposição masculina ou feminina. O gênero é produzido pela função performativa da linguagem: eu sou assujeitado(a) ao gênero ao qual a linguagem me designa (MERCADER, 2005, p. 15).

O que nos interessa manter, desde este ponto de nossa escrita, é o caráter mimético dos atos performativos que acabam por tornarem-se substancializados; naturalizados por efeito retroativo. Se há algo que a psicanálise, desde seus primórdios, nos ensina é sobre o desencontro entre o enunciado e o ato de enunciação. Ao tratarmos a problemática da substancialização de dois universos que constringem os sexos a determinado padrão comportamental e dissermos do “homem” ou da “mulher”, dizemos também “implicitamente todos os tipos de outras coisas: ideias totalizantes, pré-julgamentos e os estereótipos que são estreitamente ligados a cada uma das etiquetas do sexo; e, sem que o saibamos conscientemente, tudo isso vem imediatamente à mente” (HURTING, 2005, p. 36).

Através da performatividade compreendemos que a polissemia do universo masculino em sua relação com o corpo esteve historicamente restrita a práticas que afirmassem ideais viris masculinos e de supremacia quanto ao sexo feminino. Por meio de atos performativos a relação do homem com seu próprio corpo altera-se durante a história. Na Grécia antiga o ideal viril estava pautado na bravura, coragem e destreza. Já na idade média o ideal masculino remetia ao homem santo e puro, embora a realidade o tornasse um pecador. No Renascimento temos o oposto do ideal da idade média, com uma representação do homem enquanto uma máquina de saber, conhecer e produzir. Hoje, temos um ideal que se tornou

múltiplo e regulamentado por leis que valorizam mais a acumulação e o consumo do que a própria produção.

Por meio da teoria da performatividade, Butler (2006) situa o homem em relação à própria história do mundo a partir da substancialização de dois universos baseados na divisão binária do gênero. Os atos que compõe um universo *para* o sexo masculino e outro *para* o sexo feminino segue determinantes históricos e tem como efeito criar matrizes de inteligibilidade pautada no binarismo. Ora, a mudança nos padrões comportamentais da relação do sexo masculino com o próprio corpo desnuda a naturalização que os atos performativos criam ao dividir o real do sexo em apenas dois. Ao apropriar de práticas de cuidado estético anteriormente reservadas unicamente para o sexo feminino, a polissemia do universo masculino contemporâneo se expande. Esta expansão invariavelmente acarreta modificações no laço social, sobretudo em um tempo que privilegia o consumo em detrimento de outras formas de reconhecimento.

A forma de reconhecimento de determinadas masculinidades que atravessam a relação do sujeito com o próprio corpo se dão *na e pela* via da linguagem, uma vez que são as mãos da história que dão o contorno do laço social. Na seção seguinte nos dedicamos a tomar alguns exemplos do cotidiano que ilustram como a linguagem produz discursos que modificam a relação socialmente estabelecida com o conceito de masculinidade na recente história do neoliberalismo.

1.2 | Da *Playboy* à *Men's Health*: alguma coisa está ‘fora ordem’?

A história produz modificações nas representações de modelos de masculinidade que se atualizam na contemporaneidade ao tornarem-se mais pluralizados e incrementados no neoliberalismo. Assim, tomaremos dois fatos do cotidiano que ilustram a mudança da relação do sexo masculino com o conceito de masculinidade e com o próprio corpo, extensivamente explorados pelo marketing e pela publicidade.

Em meados de novembro de 2013 uma curiosa reportagem veiculada pela revista *Playboy* chamou atenção devido à disparidade do conteúdo que ela sempre foi reconhecida por veicular. A notoriedade mundial deste veículo de comunicação e entretenimento se fundou, prioritariamente, sobre o público masculino. A história da beleza e nudez feminina do século XX certamente perpassa a narrativa deste veículo de publicidade de corpos, que segue a lógica mercadológica de produção e consumo imagético. Não há sombra de dúvidas que a *Playboy* foi, definitivamente, um dos maiores propagadores de um ideal de beleza a ser avidamente conquistado tanto por homens quanto por mulheres.

A reportagem⁹ que tem como título “A Constituição do Homem Livre”, sai em defesa de uma masculinidade *sufocada*, nos dizeres da própria publicação. Idealizada por uma agência de publicidade, a campanha apresenta o slogan “o homem nasceu para ser livre” como modo de protestar contra a *opressão* que o homem vem sofrendo nos últimos tempos. A ação publicitária surgiu a partir dos próprios leitores (do sexo masculino) da revista que frequentemente se queixavam de estarem *perdendo espaço* enquanto protagonistas no cenário social. Aproveitando-se para vender a ideia de que a liberdade deve ser reconquistada – na edição histórica e comemorativa dos 60 anos da revista – a ação não economiza na força apelativa. Estes, além de curiosos, remetem a algumas questões diacrônicas à proposta da revista. Vejamos alguns apelos espalhados nas dezesseis páginas deste “especial”: “nós, homens, nascemos para ser livres”, “a liberdade é o nosso maior patrimônio”, “adoramos ver

⁹ Recuperado de: <http://www.adnews.com.br/midia/o-homem-nasceu-para-ser-livre-diz-playboy-em-novo-posicionamento> em 18/12/2013

uma bela bunda passar”, “com a mão também é gol”, “como casamento dá trabalho, deveríamos receber um mês de férias por ano”. E, para completar o “cardápio de gentilezas”, o publicitário idealizador da campanha afirma que a campanha surgiu para agradar aos homens e, quanto às mulheres, “podem protestar quanto quiserem. Se fizerem isso nuas, melhor ainda”¹⁰(*Sic*).

O apelo publicitário parece ter-se perdido no tempo ao buscar o retorno de algo que já está mais que assegurado à grande maioria das mulheres do ocidente: não ser mero objeto de satisfação masculina. Quanto ao cliente, trata-se de uma publicidade anônima, que não almeja a venda de um produto direto e legítima por uma “causa”. Diferentemente de um apelo publicitário para a venda de qualquer outro objeto, a campanha não versa criar demanda de consumo. A mensagem é diretamente para o maior nicho de mercado da revista: o sexo masculino representado por um pensamento ideológico que tenta ser resgatado.

A generalidade do apelo não economiza em seu arsenal para atingir a todos os homens. Sejam os impotentes – fazer a parceira gozar com a mão; casados – férias de um mês; ou os que transbordam sua ‘potência’ – ver a bunda passar; a *Constituição* parece estar inserida em um descompasso histórico de seu atual contexto. Os slogans da campanha remetem a um tempo anterior à atual história do homem, pois resgata a objetualização da mulher passiva e do libertário homem ativo. Ideias de um passado não muito remoto na história, quando o corpo da mulher era indubitavelmente o objeto princeps do desejo masculino.

Outra publicação do grupo *Abril*, a revista *Men's Health*, existente desde fins da década de 80 nos Estados Unidos, e de meados dos anos 2000 no Brasil, ganha hegemonia

¹⁰ Recuperado de: <http://revistaforum.com.br/blog/2013/12/revista-playboy-faz-campanha-motivada-pela-masculinidade-sufocada/>

cada vez maior entre as publicações dedicadas ao público masculino¹¹. A revista trata de assuntos relacionados ao corpo, à saúde (enquanto sinônimo de beleza), sexo (melhoria do desempenho sexual), alimentação (dieta e quantificação de calorias), finanças, relacionamentos, moda e poder. Curiosamente uma revista para o público masculino e que muito pouco utiliza o mais tradicional produto publicitário já criado: o corpo feminino. As matérias que ressaltam o público feminino parecem mais se preocupar em resguardar alguma virilidade masculina do que valorizar o outro sexo. O corpo feminino dá lugar ao corpo masculino enquanto objeto de exaltação e consumo.

Não é todo dia que a figura nua feminina é trocada em anúncios publicitários por corpos masculinos atléticos, depilados e por receitas de alimentação saudável. Alguma coisa parece estar “fora da ordem”! Tratar-se-ia de indícios de uma espécie de crise ou apenas uma das formas de leitura para um fenômeno que acompanha toda a história do corpo masculino objeto do consumo contemporâneo? Ainda em tempo, cabe lembrar que a preocupação com o corpo masculino não é algo novo. No século XIX, como nos lembra Forth (2008) – recuperando os ensinamentos de um certo Dr. Foy – um homem saudável apresentaria

uma aparência divertida e leve, pele macia, tez fresca, características calmas e amáveis, andar ereto, uma estatura graciosa, um passo certo e robusto, corpo e mente em sintonia, doce e tranquilo, funções corporais regulares, um bom apetite, digestão rápida, excreções proporcionais, boa respiração, circulação regular, inteligência em harmonia com a ocupação habitual, bom caráter, paixões tranquilas (FOY *apud* FORTH, 2008, p. 67).

Ou seja, não é de hoje que *ser um homem* não é uma simples tarefa como uma aparente tendência natural possa querer nos conduzir a crer. O resgate que a *Men's Health* faz sobre os “ensinamentos” para uma possível masculinidade e virilidade já estão presentes na própria história do conceito de gênero, como atesta o trabalho canônico de Forth, *Masculinity*

¹¹ Recuperado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Men%27s_Health em 18/12/2013.

in the modern West. Ao longo da história do Ocidente percebemos momentos em que a supremacia ou, quiçá, a própria noção da existência de *um gênero masculino*, parece ser questionada e, ao mesmo tempo, resgatada por manuais de conduta que procuram normalizar determinado espectro de ações e condutas. O que assistimos no momento atual é justamente uma maior capitalização desta possibilidade de reconquista da masculinidade acompanhada por um novo estágio do capitalismo mais agressivo e globalizado.

O que gostaríamos de destacar a partir dos exemplos acima é esta dupla articulação entre *crise* e *solução* que vemos sobressair no exemplo das duas revistas. Curiosamente oriundas de um mesmo grupo empresarial, temos no exemplo acima a criação de uma demanda – notificada pela suposta crise que os homens sofrem ao serem oprimidos. Já na publicação da *Men's Health* o que se destaca é a captura de um novo nicho de mercado com a possibilidade de a masculinidade contemporânea poder receber os mesmos cuidados que anteriormente estavam conferidos somente às mulheres, redimensionando a relação do conceito de masculinidade com o próprio corpo.

1.3 | A polissemia do masculino

“A ordem ‘seja homem’, tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é, talvez, tão natural quanto se pretende”. E continua: “um lugar de doloroso sofrimento... um brinquedo do acaso... um teatro de angústia e desesperança” (BADINTER, 1992, p.14-15 [tradução nossa]).

Os estudiosos de origem anglo-americana foram os primeiros a se darem conta da tensão criada pela noção de masculinidade na história do ocidente. Já no início dos anos 90, os *men's studies* somavam mais de 200 departamentos espalhados ao redor dos Estados Unidos. Tal preocupação parece ter ocorrido pela obstinação em torno da virilidade que faz parte da própria identidade – pela história, cultura e arte – daquele país. O questionamento da naturalização dos sexos ganhou espaço em diversos campos do saber e colocou na berlinda a supremacia do gênero masculino sobre o feminino.

De acordo com Foucault (1988) o termo *sexualidade* surgiu somente ao longo do século XIX. Toda a diferenciação estabelecida entre homens e mulheres levava em consideração outros atributos que não aqueles que criaram um acoplamento entre sexualidade, desejo e padrões específicos de comportamento para um determinado gênero.

Segundo Laqueur (2001), até o início do século XVIII o sexo ou o corpo eram meros epifenômenos do gênero, sendo este uma categoria primordial e cultural. “Ser um homem ou uma mulher era antes de tudo uma categoria, um lugar na sociedade, um papel cultural, e não um ser biologicamente oposto ao outro” (BADINTER, 1992, p. 20 [tradução nossa]). Por quase dois milênios, o papel de supremacia cultural que o homem possuía sobre a mulher parece ter lhe servido enquanto afirmação política de uma posição privilegiada. Os equívocos da interpretação do *one-sex-model*¹² puderam nos ensinar que de fato o sujeito é um ser pulsional, empurrado a uma condição cultural cuja salvaguarda é a linguagem.

A transformação do modelo que priorizava apenas o sexo masculino como forma de pensar a partilha dos sexos de maneira binária, sofreu seus ataques justamente nas sociedades cuja efervescência cultural permitia à mulher uma maior liberdade. Foi na França e na

¹² Modelo que toma a anatomia sexual masculino enquanto padrão para o desenvolvimento de ambos os sexos.

Inglaterra que os primeiros movimentos de contestação da masculinidade e do patriarcado se fizeram ouvir¹³.

Nos interessa ressaltar como o modelo liberal de organização econômica aos poucos torna-se mediador das formas de laço social que se estabelecem e como isto altera a própria dimensão da relação do sujeito com o próprio corpo e padrões de comportamento. Como veremos no capítulo seguinte, tal forma de relação com o corpo ganha uma importância ainda maior na transição do modelo neoliberal de gestão econômica e da própria vida que se torna gerida aos moldes de um padrão empresarial de maximização dos ganhos. Acompanhar a história da masculinidade no ocidente permite abrir um furo no momento em que a masculinidade se torna capitalizada e consumida.

As mudanças dos componentes imaginários relativos ao gênero masculino marcam diferentes épocas na história. Os movimentos que simbolizavam a decadência do homem burguês moderno já idealizavam os efeitos que as práticas de alteração simbólica do corpo e do comportamento poderiam causar na supremacia política do *one-sex-model*. Durante a Revolução Francesa, na última década do século XVIII, a temática da *Igualdade, Liberdade e Fraternidade*, expressava a luta social composta pelo absolutismo, de um lado, contra o clero e a nobreza, de outro. Menos por razões sociais que econômicas, os movimentos sociais que buscavam reduzir os privilégios da monarquia sobre os religiosos, foram afetados por reivindicações dos movimentos de contestação da exclusividade do poder concedido ao

¹³ As *Preciosas*, por exemplo, foi a primeira expressão do movimento feminista na França. O movimento propunha soluções feministas para a emancipação das mulheres e colocava em xeque todos os valores tradicionais masculinos presentes na corte do rei Henri IV, em meados do século XVII. O movimento ganhou ainda mais expressão (e aqui há um particular interesse para nosso trabalho) quando os homens aderiram ao movimento. Adotando comportamentos semelhantes aos das mulheres e gosto refinado, vestiam-se com perucas longas, plumas e cores extravagantes – o que parece ter sido capitalizado no momento atual permitindo novas formas de expressão ao mesmo tempo em que o cuidado com o corpo masculino gera divisas e faz girar o capital. Eram sujeitos cortesões, delicados e que serviam como ponto nevrálgico para se pensar os estereótipos de gênero do homem rude e tirânico que habitava o domínio anglo-saxão (*Ibid*). Corroborando Badinter, Forth (2008) ressalta o constante temor social perante o risco de feminilização dos homens pertencentes à burguesia europeia. Um novo padrão de masculinidade vai, de maneira sorrateira, coexistindo com o modelo viril das classes operárias, sem que isso fosse percebido como um conflito ou qualquer tipo de disputa por uma posição hegemônica sobre os demais.

homem. Neste terreno o liberalismo e o utilitarismo ganham um terreno profícuo com o alargamento da polissemia do masculino, ainda que estivessem presentes as metanarrativas que conferiam lugares distintos ao sexo masculino e ao feminino. A *feminilização* social, o ‘risco’ da homossexualidade e a contestação dos valores burgueses, serviram como profícuo caldo de cultura e contestação ao absolutismo da monarquia francesa, o que produziu ecos na representação social da hegemonia masculina. Cabe ainda acrescentar as transformações advindas da crescente migração da população rural e o processo de urbanização dos homens com seus costumes e hábitos, o que ampliou os modos de vida mais civilizados e menos hostis ao longo do século XIX (HAROCHE, 2011). Com o passar do tempo, percebemos que as diferenças entre padrões de masculinidade dentro de uma mesma sociedade (burguesia, camponeses, clero, etc) servia mais enquanto diferença entre classes sociais do que a tomada de um modelo hegemônico como parâmetro mensurável.

As problemáticas concernentes à masculinidade também tiveram seus precedentes em solo norte-americano. O impulso dos *men’s studies* nos Estados Unidos foi acompanhado desde seu início pela primeira onda do movimento feminista¹⁴, que emergiu em fins do século XIX na terra do Tio Sam – época em que a intervenção do Estado sobre a economia permite maior flexibilização das relações sociais e uma paulatina transformação destas por meio da capitalização dos hábitos, costumes e relações entre os sujeitos.

Os movimentos de emancipação da mulher garantiram novos direitos políticos, como o sufrágio universal, direito à instrução e ao trabalho fora do lar e o próprio direito a propor

¹⁴ O discurso proferido em 1851 no estado de Ohio pela escrava negra alforriada Sojourner Truth, que levou o nome de *Ain’t I a woman?* (E não sou uma mulher?), já apontava a temeridade do sexo masculino em permitir que as mulheres gozassem de direitos mínimos. Por meio de um discurso metafórico, Sojourner afirma que o homem livre e branco estaria ‘entre um falcão e uma águia’ ao se referir às problemáticas concernentes pelo regime escravocrata de um lado e, por outro, pelos direitos negados às mulheres. Na história do povo norte-americano o movimento feminista se confunde também com a luta pela liberdade dos escravos, o que talvez tenha servido para atemorizar ainda mais o imaginário masculino daquela época. A luta não tratava meramente de uma questão de diferença de direitos entre os sexos, mas perpassava uma diferença político-social que opunha negros e brancos.

saídas aos impasses sociais, não mais tendo o sexo masculino como parâmetro para pensar o feminino. Por outro lado, um crescente movimento de criação de estereótipos masculinos fez-se notar. Já no século XX, a imagem do caubói e personagens como *Tarzan*, incrementavam o imaginário social a respeito do posicionamento masculino dentro da sociedade. Especialmente nos Estados Unidos, onde o risco de ‘feminilização da cultura’ amedrontava o patriarcado, cada vez mais incentivou-se práticas que recolocassem o homem em seu “devido lugar de superioridade”. Desta forma, vários estereótipos foram utilizados para reafirmar o gênero masculino enquanto representação de força e bravura (BADINTER, 1992).

Tais práticas parecem ter servido mais a um modelo de aprisionamento sobre o que é ser um homem do que a uma possível liberdade para o sexo masculino. Aqui vemos claramente uma espécie de “paixão pela identidade” ser paulatinamente construída, reificada e capitalizada. Mais que garantir um lugar para o gênero masculino, os movimentos que afirmam papéis sociais concernentes a cada um dos sexos acabam por materializar a existência *d(o) homem*. Em contrapartida, afirmam também a existência *d(a) mulher* como se houvessem identidades correspondentes à cada um dos pares cromossômicos XY ou XX.

Retomando a problemática da decadência da supremacia do gênero masculino durante a era moderna, podemos afirmar que a primeira Grande Guerra, colocou fim – ao menos momentaneamente – à “crise da masculinidade” do início do século XX e, teve na perseguição aos judeus, uma espécie de alibi para o resgate de uma suposta masculinidade perdida (FORTH, 2008; 2011). Com a convocação do sexo masculino para o *front*, as mulheres retornaram ao cuidado do lar e dos filhos, cumprindo um antigo papel socialmente constituído. Novamente, como no início da era moderna, o chamado para a guerra recolocou a mulher na função de maternagem (BADINTER, 1992).

Ao se criar categorias pré-estabelecidas que afirmam a diferença de lugares sociais para homens e mulheres, naturalizou-se formas estereotipadas que lentamente vão sendo

desconstruídas. Consonante pensar a pluralidade possível ao gênero masculino, consideramos que o crescimento de práticas de cuidado com o corpo e técnicas de embelezamento, são a expressão de uma espécie de *projeto* que teve seu início há mais de quatro séculos. Na atualidade, dada a conjuntura de dissolução das antigas representações sobre masculino e feminino, entreabre-se um momento para a existência de polissubjetividades. Estas caracterizam-se pela possibilidade de existência a partir da identidade não mais fixada a determinados modelos identitários, podendo ter múltiplas formas de existência sem que isto coloque os sujeitos em conflitos tipicamente neuróticos, oriundos dos processos de escolha que envolvem assumir determinadas perdas (ROCHA, 2014).

O atual culto ao corpo e práticas que retificam o posicionamento subjetivo perante o outro é um exemplo desta vivência polissubjetiva em que o sujeito pode assumir sua preocupação com o corpo sem que isto coloque em risco o reconhecimento de sua sexualidade, por exemplo. Como exemplo podemos citar o fenômeno metrossexual, cujo vocábulo é oriundo da ligação das palavras metropolitano e sexual. Surgido a partir do final dos anos 90, serve para designar os homens urbanos, geralmente que vivem em grandes cidades, que são excessivamente preocupados com a aparência, moda, alimentação e que despendem grande quantidade de dinheiro para tais cuidados, o típico público consumidor da *Men's Health*. Tal fenômeno se dá justamente em uma sociedade pós-industrial, quando a imagem passa a ter valor de consumo, como bem apontam as pesquisas citadas em nossa introdução, que revelam o aumento do número de práticas de intervenções estéticas entre o público masculino. Assim, os discursos dominantes representados pela medicina e o marketing, souberam capturar o que anteriormente pertencia ao universo unicamente feminino, adaptando-as a demandas produzidas pela lógica neoliberal.

Assim, passemos agora à compreensão sobre como o neoliberalismo deixou de ser apenas um modo de regulação econômica para alcançar outros limites da vida, como a transformação da relação do sujeito com o próprio corpo.

2 | O sujeito neoliberal: um empreendedor de si crente no Mercado

A separação entre corpo e espírito nasce em meados do século XVI com Descartes, ao conferir um valor próprio ao corpo comparando-o à uma máquina. A descoberta da anatomia transformou a relação do sujeito com o próprio corpo a ponto de dar-lhe *status* mercadológico. Esta forma de racionalidade maquina ganhou supra importância para o modelo de economia liberal que passou a lucrar com a fragmentação do corpo e acúmulo do capital (Le Breton, 2010).

A dessacralização da união entre corpo e espírito permitiu que o sujeito deixasse de *ser* para *ter* um corpo ou, sob outro ponto de vista, não se tratou “de uma passagem romântica do ser um corpo, visto que este é sempre de uma ordem imaginária, para se ter o corpo. O que acontece é que este corpo perde sua tessitura simbólica para ganhar certo alargamento imaginário” (GORI, 2015, p. 37). Estas transformações, como bem retoma Foucault (1988) se deram pelo menos durante quatro distintos momentos históricos da relação do sujeito com o próprio corpo. Primeiramente uma relação ainda mítica com o corpo, por volta do século XVII, que passaria do sublime ao abjeto enquanto *locus* de suplícios ou penas. O descarte do corpo se devia menos à sua relação contraproducente que por qualquer consideração sagrada ou profana.

Com o desenrolar da história temos, no momento seguinte uma nova forma de compreensão sobre o corpo. Este poderia ser descartado, representado pelo que ficou conhecido como “biopoder”. Este, especialmente representado pelo *Direito de Gládio*, conferia ao soberano o direito de decidir sobre a continuidade da vida ou não. O que não poderia ser reformado, resgatado ou recuperado mereceria a pena capital. Já por volta do

século XIX tem-se a faceta mais sutil do controle e da administração dos corpos, em que o biopoder passa a ser exercido em prol da vida. Enquanto representante das ciências ortopédicas, o saber deveria ocorrer sobre os corpos de modo a garantir a máxima potencialidade da vida. “A velha potência da morte em que simboliza o poder soberano é agora cuidadosamente recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 1998, p. 131).

Por fim, o corpo enquanto “objeto da razão”. O corpo que vai ganhar autonomia pelo discurso da modernidade e que a partir do século XX passará a algo que aqui nomeamos como *mercado da gestão de si*. A máxima autonomização do corpo após a Segunda Grande Guerra será acompanhada pelo processo de capitalização do mesmo. Este, passará a ser ofertado enquanto um bem a ser consumido tanto a homens quanto a mulheres. Como bem recorda Dufour (2007), se o biopoder ainda encontrava no próprio corpo e na ciência da época algum limite, o acúmulo de um saber “psi” e o alargamento do saber científico permitiu a máxima potencialização destes corpos, indo para uma concepção menos humana que maquínica da subjetividade.

A construção de uma nova verdade sobre o corpo e a possibilidade de ir além do que biologicamente possa ser ofertado com o avanço do saber científico, ampliou os horizontes sobre os limites do que pode um corpo. A cirurgia estética, a possibilidade de redesignação do sexo, a hipertrofia sobre-humana com o uso de esteroides e anabolizantes por exemplo, tornaram o corpo capitalizável submetido à forma de gestão neoliberal da vida, isto é, como parte de um empreendedorismo empresarial.

Desta forma, no presente capítulo veremos como o neoliberalismo criou novos modos de subjetivação que podem afetar a relação do sujeito com o próprio corpo e determinar uma nova composição do laço social entre os sujeitos. Para isto trabalharemos a partir de quatro autores principais que consideramos de admirável relevância por conjugarem três importantes

campos do saber: economia, filosofia e psicanálise. São eles: Roland Gori e a obra *L'individu ingouvernable* (2015), Christian Laval com *L'homme économique* (2007), Pierre Dardot & Christian Laval com a obra *La nouvelle raison du monde* (2009) e Dany-Robert Dufour com *Le divin marché* (2007).

2.1 | *L'individu ingouvernable*: quando o neoliberalismo conjuga a pulsão

A partir das considerações de Gori (2015), procuramos relacionar o que do neoliberalismo – enquanto modo de funcionamento não só econômico mas também social – tensiona a condição pulsional de cada sujeito. A aposta do autor trata da impossibilidade de um acerto de contas entre o automatismo das ações voltadas à produção do indivíduo empreendedor e a liberdade que o neoliberalismo ideologicamente exige do sujeito¹⁵. Passemos aos fatos.

Antes de avançarmos, pensamos ser recomendável retroceder minimamente na história para compreendermos o que foi o liberalismo que vigorou até o século XX. Nascido a partir da crise do mercantilismo que punha em xeque o pleno funcionamento do capitalismo, o modelo liberal ganhou força de expressão especialmente durante a revolução francesa, datando, porém, seu início por volta da idade média e conhecendo seu pleno desenvolvimento durante a revolução industrial e auge do *Taylorismo*.

¹⁵ É de suma importância guardarmos as devidas diferenças entre os conceitos de *indivíduo* e *sujeito*. Tal como apresentado na introdução, quando nos referirmos à ideia de *indivíduo* estamos remetendo à ideia do sujeito cartesiano, racional e autocentrado. Por outro lado, ao nos referirmos ao *sujeito*, estamos tratando do sujeito do inconsciente, o sujeito cindindo da psicanálise.

Tendo como principais pressupostos o livre comércio, a garantia de direitos civis, liberdade individual e a propriedade privada, este modelo vigorou especialmente durante a revolução industrial inglesa. Assim,

entendemos aqui por ‘liberalismo’ a ideologia, a visão do mundo, as práticas de poder em cujo nome os governos liberais tentam impor durante todo o século XIX, na Europa, as políticas fundadas sobre as liberdades públicas, as liberdades econômicas e uma certa confiança no ‘indivíduo que busca seu interesse’. Estas construções liberais do social durante o século XIX revelaram-se diversas e variadas, mas elas têm em comum *certo individualismo filosófico*. Individualismo filosófico cujas construções liberais do social e do político são resultados, e de onde, no fim das contas, elas tiram sua legitimidade. (GORI, 2015, p. 69-70 [itálico do autor]).

Porém, este modo liberal de governar perdeu força e começou a dar ares de sua falência ao não impossibilitar o crescimento das desigualdades sociais. O final do século XIX é profundamente marcado pela pauperização da crescente população urbana, levando ao aumento do proletariado e acúmulo da riqueza nas mãos de uma pequena burguesia industrial. A contradição se deu no exato momento em que o ideal de liberdade individual esbarrou nas normas convencionais que distribuía as condições de ascensão à riqueza e ao poder somente aos que já detinham os bens de produção. Este *individualismo filosófico* que compreende os preceitos liberais sobre a redução da intervenção do estado sobre o coletivo e que depois continua durante o neoliberalismo, criou a ideia de um sujeito que é por si o responsável único por seu sucesso ou fracasso. Este, é um atual ferrenho defensor da meritocracia e estabelece uma espécie de gestão contratual da vida e das relações sociais tal como veremos.

Para Gori a crise do liberalismo apoia-se justamente na contradição entre uma igualdade formal própria à ideologia liberal, e uma igualdade real, que não é observada na prática. Assim, o liberalismo foi responsável por criar uma ilusão de suposta liberdade e que aos poucos minou a fé na razão e no Estado enquanto formas de baliza para a estrutura subjetiva. A fragilidade do laço social se dá no momento mesmo da queda de metanarrativas

que poderiam sustentar um local para o sujeito no meio social (ROCHA, 2007). Ser livre, na ideologia liberal, significou uma espécie de restrição da democracia pela própria democracia, uma vez que a exploração do trabalho do outro e a expropriação dos bens de uso é algo que se tornou democraticamente previsto a partir dos próprios ideais da doutrina liberal.

Esta prática liberal cuja austeridade utilitarista coloca o sujeito sob o domínio do individualismo filosófico conduziu à quebra do “verniz humanista de nossa civilização sob os golpes das crescentes crises econômicas, financeiras sociais e morais” (GORI, 2015, p.34). Ao que o neoliberalismo assistiu à derrocada de metanarrativas sobre as identidades sexuais, ele propiciou o surgimento de uma nova metanarrativa. Não mais uma discursividade restrita ao sexo, mas relativa ao próprio corpo. Com o avanço da tecnociência e a disseminação de suas descobertas por efeito da globalização, criou um mercado que demanda incessantemente a conquista de um Eu idealizado. Aqui, o mercado se apoia no marketing e na propaganda enquanto aliados para balizar esta nova metanarrativa que instaura uma diferente modalidade de controle dos sujeitos. Assim,

a persuasão, a propaganda, a publicidade não são a coação da dominação pela violência, eles existem por meio de outras formas. É a palavra compartilhada na pluralidade de seus seres, e das culturas, que permite a criação de um *mundo comum* no seio do qual nasce o político (*Ibidem*, p.47).

Para Gori a entrada na linguagem e a conseqüente produção de um sujeito político são tentativas de regulação por meio dos laços sociais da condição ingovernável própria ao pulsional. Tal objeto pulsional, nomeado por Lacan enquanto objeto a^{16} , acaba encontrando formas de nomeação dentro dos atuais modos de economia neoliberal. Um bom exemplo de tentativa de circunscrever o objeto pulsional dentro de uma lógica mercadológica foi o

¹⁶ Não iremos adentrar a especificidade da teoria lacaniana sobre o conceito de objeto a uma vez que isto escapa aos objetivos deste trabalho. Para tal recomendamos vivamente a leitura do *Seminário 10 – A angústia* (1962/1963) que circunscreve a investigação de tal conceito.

processo de produção inaugurado pelo *Taylorismo*. Neste, o sujeito ao agir enquanto autômato, abstêm-se de visualizar outras realidades que não admitam a produção enquanto objetivo último, o que supostamente possa permitir alguma forma de dominação da energia psíquica.

Psiquismo e coletivo acabam conjugando um mesmo *modus operandi*. Se a pulsão tende sempre ao silenciamento das tensões psíquicas, o autômato trabalhador possui uma mesma lógica de gestão da vida, em que entrega seu corpo a um funcionamento maquínico, gerando divisas e consumo. Levando às últimas consequências o exemplo do automatismo, podemos pensar nos totalitarismos, como por exemplo o nazismo, que retira do sujeito a capacidade reflexiva e o insere numa espécie de engrenagem a partir da qual ele passa a ser reconhecido dentro de determinada coletividade sob os auspícios de uma liderança. Não querendo reduzir uma problemática tão complexa tomamos aqui apenas uma fração do totalitarismo enquanto mero exemplo do alcance psíquico do funcionamento autômato.

O problema central desse funcionamento é que este autômato esbarra na ideia de liberdade defendida pela doutrina neoliberal. Assim, a liberdade torna-se obstruída pelo colapso a que conduz o automatismo.

Aí se encontra a solução aos enigmas singulares e coletivos que constitui o abandono às forças de destruição de si e dos outros: o caráter ‘novo’ da vida se vê sacrificado para responder às necessidades reais ou imaginárias de ‘adaptações’. Para além das normas sociais e técnicas que as exige, estas ‘adaptações’, que procedem mais do automatismo que da inovação, se alimentam pela fonte de certas tendências do psiquismo. [...] Estas tendências provêm da aspiração do psiquismo de reduzir à nada a excitação do vivente. A isto a psicanálise nomeia por ‘masoquismo primário’ esta reivindicação do organismo psíquico (mas também coletivo) de um ‘estado de estabilidade inorgânica’ (*Ibidem*, p. 59).

O autor denomina por “totalitarismo cultural” este estado de estabilidade e de sacrifício do que é novo e que ganha força no neoliberalismo. Esta espécie de necessidade

adaptativa tornou-se marca crucial na contemporaneidade, movimento que faz com que os sujeitos busquem individualizarem-se cada vez mais, tornando o próprio corpo uma possibilidade de fazer valer sua condição individualizada e reconhecida perante o outro.

Ao pensarmos sobre como podemos imaginarizar a meritocracia defendida pelo neoliberalismo e como se dá este “totalitarismo cultural” do qual fala Gori e tão presente nos mais diversos discursos da atualidade, imediatamente recorreremos ao que foi apresentado no capítulo anterior a respeito da ascensão da revista *Men's Health*, do grupo *Abril*. Ora, não é exatamente este o modelo de subjetividade que, ao promover determinado modelo de masculinidade, ganha considerável alargamento imaginário sobre a independência do sujeito quanto a fatores externos sobre a possibilidade de governar a própria vida? A divisão subjetiva introduzida pela castração, do limite imposto pelo envelhecimento dos corpos por exemplo, encontra aqui um primeiro exemplo sobre a tentativa de supremacia do resgate da ideia de um indivíduo que tem plenas condições de construir seu próprio corpo, sobrepujando a natureza por meio do avanço tecnocientífico.

Segundo a tese de Gori “o indivíduo¹⁷, mais que nunca aparece fluido, em movimento, indeterminado, e tensionado entre o vazio de sua existência social e a plenitude de sensações” (GORI, 2015, p. 75). Um movimento que o autor passa a observar na contemporaneidade é justamente o crescente aumento de comunidades, cujo funcionamento se dá a partir da coletividade e reconhecimento de ações e comportamentos comuns. Estas passam a criar modos de identificações que se entregam a determinados líderes. Tomando a expressão “era das multidões”, de Gustave Le Bon, Gori firma que tais multidões “os exime [os sujeitos] a exigência de ter que pensar e julgar, e é aí que elas são temíveis, porém socialmente eficazes” (*Ibidem*, p. 88). Uma espécie de alma coletiva “feita de impulsividade, irritabilidade, incapacidade a raciocinar, ausência de julgamento e espírito críticos, exagero de sentimentos

¹⁷ Cabe ressaltar que, diferentemente de nós, o autor não faz uma precisão quanto aos termos indivíduo e sujeito. Consideramos que o uso que o mesmo faz de *indivíduo* aproxima-se com nossa ideia de *sujeito*.

primitivos produzidos pelas impressões imediatas e superficiais que fazem nascer a sedução dos líderes” (*Ibidem*, p. 89).

Cabe recordar que esta sedução dos líderes não nos diz sobre algo novo. Na própria história recente do último século temos a emergência de regimes totalitários, como o nazismo e fascismo, e seus respectivos efeitos. Freud (1921) desde muito tempo nos alertava sobre a destituição subjetiva a que estamos sujeitos diante do poder de um líder. O que há de diferença quanto ao aparecimento e sedução de tais líderes contemporâneos é que seu poder de sedução apoia-se na mensuração do gradiente de eficácia e reconhecimento que ele possa me conferir.

Se a liderança nazi está fortemente centrada na figura de um sujeito, a contemporaneidade permite que ela se multiplique e que atinja todas as esferas da vida. Isto torna-se facilmente observável ao considerarmos a proliferação de jovens que surgem cotidianamente nas mídias sociais e que utilizam de canais de comunicação via internet, tal como o *Youtube* por exemplo, para disseminarem uma série de saberes e práticas sobre a vida e forma de gestão desta. Os líderes se multiplicam, se escondem sob o véu da admiração social enquanto cercados por promessas de práticas de bem-viver. A regulação pulsional torna-se dever do sujeito que, enquanto empreendedor de si, estabelece uma forma contratual de existência empresarial.

2.2 | *L’homme économique*: do sujeito ao indivíduo empreendedor de si

Para esta seção, nos debruçaremos sobre o pensamento de Christian Laval e de Pierre Dardot. Nosso objetivo é demonstrar como o conceito de utilitarismo desenvolvido ao longo do século XVIII centrou o sujeito enquanto responsável único pelo sucesso ou fracasso de seu projeto pessoal. Para isto trabalharemos a partir da perspectiva de que ao tornar-se um gestor de si também se torna um empreendedor solitário que tem na mensuração do prazer a medida de seu ato. Tal percurso se alinha ao que viemos desenvolvendo até agora se considerarmos que o corpo passou a fazer parte de uma importante fração a ser administrada, quando muito, esta fração tornou-se a própria representação do todo empreendedor.

Segundo Laval (2007), a grande problemática das sociedades ocidentais foi tomar suas formas de produção, consumo, serviços, ideais, desejos, modos de sentir, sofrer, afetar, enfim, tudo o que é relativo ao humano, como instâncias universais. Em outros termos, o pensamento ocidental tornou-se o parâmetro para mensurar o resto do mundo. Para o autor tal consideração soa como patética, tornando o ocidente uma figura autocentrada e, supostamente, um modelo de relações humanas que deve ser valorizado em detrimento dos demais.

Assim,

a aspiração ao bem-estar material é dada como o único destino humano concebível, o homem, ele mesmo, é apresentado como incansável pesquisador de sua máxima vantagem pessoal em todas as circunstâncias de sua existência e não há domínio desta existência que não possa ser visado enquanto maximizador de uma satisfação individual. Esta crença é empurrada hoje pelo paroxismo que nós chamamos neoliberalismo. O Mercado parece ter se tornado o grande Significante absoluto, fonte de toda dádiva e modo de resolução de todos os males públicos e privados (*Ibidem*, p. 10).

Novamente temos uma concepção sobre o neoliberalismo que liga o homem a um estado de existência individualizada que tem no máximo de satisfação o seu ponto alto. Tal lógica é fruto do que o utilitarismo definiu enquanto forma de satisfação durante o auge do

liberalismo. O conceito de utilitarismo foi definido por Jeremy Bentham e Stuart Mill e objetivava uma espécie de quantificação que pudesse definir os modos de agir dos sujeitos dentro de uma determinada coletividade. Enquanto princípio liberal, o utilitarismo cria uma espécie de padrão de mensuração da ação humana. Esta deve ser sempre condicionada ao bem-estar coletivo que deve ser sobreposto ao interesse individual.

O avanço do liberalismo e a expansão de seu alcance pelo mundo, como demonstrado na seção anterior, não garantiu que o capitalismo se desenvolvesse de forma a minorar as desigualdades sociais. Se o princípio liberal previa que o capitalismo seria autorregulado a partir da assim denominada *mão invisível* do mercado, a prática demonstrou enorme disparidade. O crescimento das desigualdades e o acúmulo do capital nas mãos de uma pequena parcela da população levaram a uma relativização sobre o que deveria ser o bem-estar coletivo, visado pela lógica utilitarista.

Com isso o princípio do utilitarismo alcança um modo de funcionamento perverso, ao objetualizar as relações humanas e, sobretudo, os próprios sujeitos. Nesta perspectiva, o que poderia ser considerado enquanto um valor intrínseco à relação entre os sujeitos, numa perspectiva coletivizada de trocas e consideração pela alteridade, torna-se mais um bem a ser contado e consumido. Laval considera que

o essencial talvez não está na ideologia reinante, uma vez que esta pode oscilar, mas sim nas mudanças subjetivas introduzidas por uma certa forma de sociedade que, ao considerar os indivíduos somente dentro de uma lógica econômica, os transforma em sujeitos desdobrados. De um lado o ser econômico, o *homo oeconomicus*, é o puro sujeito senhor de suas escolhas e, de outro, é um simples objeto utilizável; de um lado o mestre supremo dos valores e, de outro, uma frágil 'unidade de valor' na grande contabilidade social. Esta liberdade individual, bastante particular, da escolha e do consumo, é irmã da subjugação econômica (*Ibidem*, p.15).

Os princípios de organização coletiva introduzidos pelo neoliberalismo norteiam-se por toda ação que possa resultar em consumo, haja visto a decisão sobre o que será o bem-

estar coletivo ter ficado nas mãos daqueles que detém os meios de produção. Se para Gori (2015) a problemática neoliberal evidencia o conflito entre automatismo e liberdade, Laval (2007) a desloca para a problemática da contabilidade à que o sujeito adentra ao tornar a própria existência um objeto a mais a ser contabilizado pelo mercado.

Assim, laços humanos passam a contar enquanto bens comerciais que seguem o princípio da utilidade econômica (*Ibidem*). Ora, se o que interessa é a lei do mercado em que o sujeito dimensiona suas ações a partir do grau de satisfação que possa gerar para si em detrimento do coletivo, toda ação visará o aumento exponencial de sua satisfação. Deste modo, satisfação torna-se sinônimo de lucro, o que permite à lógica utilitarista abarcar as mais diversas instâncias da vida do sujeito estabelecendo relações contratuais com o outro.

Diante de tal cenário um dos possíveis efeitos será certa turbulência no próprio conceito psicanalítico de *sujeito*. De acordo com Laval,

o reino das quantidades às quais nós somos nomeados se confunde com a ideia dominante da máxima felicidade humana. E o homem, ele mesmo, é transformado em ‘produto consumível’ como chegam a atestar as formulações em uso hoje em dia nos ‘recursos humanos’ e de ‘capital humano’ (*Ibidem*, p.11-12).

Assim, temos uma modificação na própria ideia de ‘capital humano’¹⁸. Se antes este termo estava restrito às habilidades e competências de um trabalhador, hoje em dia o termo ganhou maior abrangência. De uma condição interna intrínseca aos valores que um sujeito possa agregar à uma organização, passou-se à externalidade de como este sujeito apresenta seu próprio ser.

Aproximando o pensamento de Laval com a teoria psicanalítica de Lacan, podemos encontrar no conceito de *latusa* alguma ressonância no campo psíquico sobre as

¹⁸ O conceito de capital humano foi originalmente pensado por Gary Becker, representa o calculo custo /benefício investido na educação.

consequências de tal modo de funcionamento contemporâneo. Extraído a partir de *alethéia*, expressão consagrada por Heidegger para designar a verdade enquanto sinônimo de desvelamento, juntamente do termo *ousia*, referente ao ser. Lacan utiliza-se da ironia para consagrar seu neologismo ao referi-lo às quinquilharias técnicas, aos *gadgets* da vida contemporânea criados pela ciência como forma de obliterar a falha estrutural deste ser (CASTRO, 2012).

E quanto aos pequenos objetos *a* que vão encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que o governa, pensem neles como *latusas* (LACAN, 1969/70, p. 153).

Trata-se de uma sociedade de consumo em que o próprio ser tornou-se produto consumível tanto quanto todos os demais (LACAN, 1972). Um produto consumível, por isso uno, indivisível. Se tal como cunhou Freud o conceito de inconsciente remete à ideia de *sujeito, divisão*, estes novos modos de subjetivação contemporâneos parecem conduzir a um projeto anterior à própria modernidade que resgata a ideia do *indivíduo*. Podemos dizer que o conceito metafísico de indivíduo que remete à ideia de um ser racional, autônomo e que tem no pragmatismo seu mote de intervenção na realidade flerta com a ideia de mensurabilidade de toda ação da teoria de Laval. Segundo o mesmo autor o que deve ser mensurável no próprio sujeito é sua própria sensibilidade.

Ao resgatarmos esta ideia de *indivíduo* em oposição ao *sujeito*, compreendemos que parece haver uma espécie de curto-circuito no laço social em que

a economia política pode bem ser amoral, como a reivindicam os economistas, ela não é senão normativa, na medida em que o indivíduo não deve mais obedecer a uma Lei moral que lhe indica o bem e o mal, mas operar um cálculo justo que saiba integrar as limitações de todas as ordens (orçamentais, legais, sociais, políticas, etc) lhe permitindo maximizar sua satisfação. A teoria econômica contribui, deste ponto de

vista e em seu domínio, ao longo trabalho de substituição de um regime normativo à outro (LAVAL, 2007, p.185)

Deste modo, o neoliberalismo cria uma espécie de instrumentalização do desejo que deixa de obedecer a predicados éticos relativos à singularidade do inconsciente e morais, relativos à coletividade. Esta representação imaginária de um indivíduo autônomo cujos conflitos podem ser resolvidos a partir do ajustamento da conduta previsto no cerne do utilitarismo tem como efeito o indivíduo *empreendedor de si*. Quanto a isto Laval se coloca algumas questões:

o que tornou então o homem econômico? Chegando à idade madura, terá ele mudado desde as formações iniciais que marcaram seu nascimento? Em sua forma contemporânea, ele não findou de ser contável e o gestor de suas penas e seus prazeres, de seus custos e de suas vantagens (*Ibidem*, 332-333).

É justamente neste momento mesmo que vemos a ideia do empreendedor meritocrata tomar fôlego e cair numa espécie de gosto popular, rompendo os limites dos espaços empresariais para engrossar o tom dos discursos capazes de agregar sem, no entanto, garantir o laço social. Em *A nova razão do mundo* (2009), Dardot e Laval situam o neoliberalismo não mais enquanto uma doutrina econômica que prevê a abolição do papel do Estado. A ideologia de que o Estado desaparece, na verdade esconde a “transformação do Estado em uma grande empresa totalmente curvada ao princípio geral da competição e orientada para a expansão, a sustentação e, em certa medida, a regulação dos mercados” (*Ibidem*, p. 12). O Estado não só não desaparece como fica à serviço das empresas tornando-se ele mesmo empreendedor.

Ainda segundo os autores, a crise deste modelo encontra-se menos devido à ausência de regras que à falência de certos tipos de modos de regulação. A ideia de autogestão não alcança somente os limites do Estado, mas adentra à própria subjetividade.

A empresa aparece como uma forma universal de ação, espelho válido para o sujeito individual como para os grandes conjuntos sociais. O discurso normativo se curva para reforçar os prestígios acordados à gestão empresarial, modo de conduta que deveria tornar-se o hábito do indivíduo ocidental como ‘gestor de sua vida’. O indivíduo, segundo a representação dogmática de hoje em dia, é agora visto como uma empresa tendo de gerir os riscos, a buscar a informação estratégica, a maximizar sua satisfação em tudo em que ele se encontra. Porém se cada homem é convidado a tornar-se uma empresa, esta integra todas as dimensões da condição humana: ela pretende gerir não somente seu tempo de trabalho e a utilização de suas competências físicas e intelectuais, mas também suas pulsões, seus desejos, seus valores, sua educação, até sua ética. O Estado é conhecido como um grande sujeito coletivo tal como uma empresa, que convém modernizar segundo as regras e o espírito de racionalização do regime normativo *new look*, como a OCDE ou a Comissão Europeia, sustenta como prioridade educativa a difusão do espírito empreendedor (LAVAL, 2007, p.333).

Este indivíduo autogestor aparece quando as práticas disciplinares sobre o corpo encontram seu limite na própria condição física dos corpos. O fator “psi”, ressaltam Dardot e Laval (2009), foi o que impulsionou uma nova era de que é possível ir além do que o corpo pode. O modelo que subdividia os corpos em prol do uso nas empresas já não podia mais responder às necessidades do utilitarismo. De fato, o mundo globalizado maximizou o lucro juntamente com as novas facetas do capitalismo, como no capital especulativo por exemplo.

Dardot e Laval apresentam uma nova representação sobre o corpo para o mundo atual. “O princípio de utilidade repousava sobre a ideia de que tudo o que pertencia à potência corporal e, então psíquica, devia servir ao máximo, sem nada sobrar” (DARDOT & LAVAL, 2009, p. 438). O corpo, por inteiro, devia estar sob as rédeas do biopoder foucaultiano. Porém as coisas mudaram, uma vez que a própria natureza do corpo impõe limite ao gozo e à performance, o que tornou-se inaceitável.

O corpo é agora o produto de uma escolha, um estilo, uma modelagem. Cada um é contável a partir de seu corpo, que se reinventa e transforma de seu próprio jeito. É o novo discurso do gozo e da performance que obriga a se dar um corpo tal que ele possa ir sempre além de suas capacidades atuais de produção e prazer (*Ibidem*).

Esta aparente independência do sujeito – agora imaginarizado enquanto indivíduo, uno e racional – em relação à sua determinação pela linguagem é o que pretendemos ter apresentado. Trata-se, grosso modo, da passagem de uma representação do ser enquanto sujeito, cindido, atravessado pela condição castrada do Outro, para uma nova representação não dividida, um indivíduo autônomo, performático, empreendedor, que venceu por meio da meritocracia e tornou-se um autogestor que aparenta fazer consistir uma condição não castrada do Outro. Esta espécie “de racionalização do desejo está no coração da norma da empresa de si” (*Ibidem*, p. 414).

Este corpo que passa a ser mensurado enquanto mercadoria disponível ao uso e maximização do lucro é orientado a partir da produção de uma nova espécie de “religião”. Veremos a seguir como o Mercado passa a guiar a ação humana e orientar as práticas relativas ao que deveria ser o bem comum, tornando-se o Significante mestre da doutrina neoliberal.

2.3 | *Le divin marché*: o Mercado como religião

Em *Le divin Marché* Dufour (2007) apresenta a problemática neoliberal a partir do cotejamento entre Mercado e religião. Não economizado em termos comuns ao léxico religioso, tais como catecismo, Providência, crença, dogma, lugar de culto, breviário, etc, o autor apresenta logo de início a ideia de que hoje em dia não podemos mais falar em ateu, uma vez que o Mercado se tornou a nova forma de culto da qual ninguém escapa. Tal

evidência se faz especialmente por sua característica de onipresença e onipotência, permitindo a crença em um Outro totalitário, não castrado e que tudo pode prover.

“Eu nos vejo como potencialmente assujeitados a um novo Deus, uma nova divindade perversa uma vez que no lugar de interditar, ela nos dá as rédeas: ausência de regulação moral, *laisse faire*”. E completa: “nós estaríamos sob a dependência de um novo Deus com contornos sádicos, o Divino Mercado, que nos diria: Goza!” (*Ibidem*, p. 20) – eis aí a tese forte da obra. Esta nova divindade, pelo que vimos até agora, criou uma intrincada rede de dispositivos que materializou a existência humana em torno de objetos consumíveis e sempre insatisfatórios, tornando o próprio corpo um objeto a mais em tal cadeia.

Para Dufour, o neoliberalismo possui como um dos principais efeito a produtividade de subjetividades que se colocam enquanto crentes fervorosos. O liberalismo criou um clima propício à crença que a liberdade – aspiração última do desejo humano – caminha acoplada ao consumo. Ser livre é ser inexpugnável em sua capacidade de consumir. Tal articulação discursiva em torno da ideia de liberdade conseguiu aprisionar os atuais modos de subjetivação em narrativas de individualismo, – para daí retomarmos a ideia de *indivíduo* tal como descrito na seção anterior –, relacionando-s a partir de uma nova forma de religião: o Mercado. Superar determinadas metanarrativas que ladeavam a subjetividade em torno de um ideal que fazia corresponder realidade biológica e gênero permitiu ao homem um passo a mais em sua história. Porém, liberto de tais narrativas, precisou criar novas ordenações que lhe possibilitassem balizar seu desejo e a maneira de se alojar no laço social.

Tal processo teria no reconhecimento da individualidade – a partir da qual o sujeito poderia ser autor de sua própria história – não mais o monopólio da família tipicamente burguesa enquanto forma de mensuração da moral e dos costumes. No entanto, segundo a tese de Dufour, a história sofreu uma espécie de curto-circuito que teve como efeito a rápida passagem do projeto de conquista da *individualidade* para a glorificação do *individualismo*. O

que está em jogo é menos um processo de possível emancipação do sujeito que “este individualismo é suscetível de virar um narcisismo de má qualidade” (DUFOUR, 2007, p. 24).

Assim, a individualidade deixa de ser cumprida enquanto sinônimo de autonomia. O fracasso do projeto moderno de alcançar certa individualidade conduziu o homem a um egoísmo que flerta com uma forma de totalitarismo do sujeito consigo mesmo. “O individualismo¹⁹ nos faz sair das exigências tirânicas do pequeno ego a fim de se encontrar em outro lugar, enquanto o egoísmo não procede que de uma defesa absoluta do eu” (*Ibidem*, p. 29). Esta defesa do sujeito se dá em decorrência por um incremento dos processos de afirmação da identidade e afastamento do outro, em que o consumo se torna uma tentativa de lidar com o desamparo.

A possibilidade de mitigar o desamparo através do consumo retirou o sagrado de sua invisibilidade, pluralizando-o sob a forma dos já citados *gadgets*, incansavelmente consumíveis. Para Dufour, estes permanecem remetidos à condição de não burlar a castração, engendrando uma espécie de engano vicioso. Em outras palavras, o Mercado dita a lógica do consumo que oferece uma série de objetos que jamais poderão amortizar o desamparo. Por sua característica sempre renovável, tais objetos são de ordem insatisfatória o que demanda um novo objeto a ser consumido. Cria-se um estado de constante insatisfação ao que o Mercado responde com um novo objeto numa espécie de *neofilia*²⁰, para tomar emprestado um termo utilizado por Melman (2005).

De acordo com Dufour, o “chefe” contemporâneo não está mais centrado na figura de determinado soberano, representado pelos ideais do Eu como estabelecera Freud, mas sim na possibilidade de manutenção do Eu ideal, tal como uma imago primitiva,

¹⁹ Cabe ressaltar que o autor utiliza o termo individualismo para o que nós chamamos individualidade. Devemos tomar isto em consideração durante esta seção a fim de não confundir com as considerações anteriores.

²⁰ Paixão sempre renovada por tudo aquilo que seja novo.

exibido em suas apetências supostas e suas satisfações esperadas, sustentado em comum pelos membros da tropa. Toda economia do desejo supondo uma elaboração simbólica do que exatamente se quer desaparece aqui, estamos em plena economia do gozo – basta identificar-se ao objeto (DUFOUR, 2007, p. 55).

É precisamente esta economia de gozo, submetida às leis do Mercado, o que sustenta o que nenhuma forma de religião consegue bancar. O passo a mais que o neoliberalismo alcança enquanto doutrina econômica é o impacto psíquico de transformar a relação do sujeito com a realidade, identificando-o a um bem consumível. Se o liberalismo buscava na produção uma espécie de bússola para a transformação da história, o neoliberalismo otimiza tal conceito de produção transformando o sujeito em um produto consumível. Dufour encontra neste processo a garantia que o Mercado pode oferecer ao sujeito na medida em que o produto é a materialização da salvação. O triunfo da *religião do Mercado* sobre as demais formas de religiosidade consiste em dessacralizar o divino e pulveriza-lo em objetos renováveis ao alcance de todos.

Dufour avança sua tese ao propor uma curiosa leitura sobre o que seria um *stade du miroir télévisuel*, ou um “estádio do espelho televisivo”, em tradução livre. Apoiando-se no texto de Jacques Lacan *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949), o autor propõe uma espécie de torção na leitura do texto, contextualizando-o para a atualidade. Quanto ao original de Lacan, nos interessa apenas uma breve consideração a fim de acompanharmos Dufour, sendo que: a) o estádio do espelho é marcado por um processo de alienação a partir de um equívoco, um engano; b) ocasionado pois, diante do espelho, o sujeito recebe sua imagem de forma invertida à qual permanece aderido; c) o que o leva ao impossível de tudo dizer sobre si, uma vez que tal saber resta velado sob um equívoco; d) e que a produção da autoimagem será garantida a partir do assentimento do olhar de um outro.

No caso um adulto, cujo olhar a criança procura numa espécie de anuência e concordância da imagem de si.

Feitas tais considerações, passemos à proposição de Dufour. Resgatando o modelo do Panóptico, proposto por Bentham em fins do século XVIII o autor sugere uma forma modificada de tal arquitetura. Utilizada enquanto arranjo arquitetônico para um modelo ideal de vigilância penitenciária, o Panóptico permitia que apenas um vigilante conseguisse monitorar os passos de todos os presos sem que estes pudessem vê-lo. Tal dispositivo foi profundamente analisado por Michel Foucault que esmiuçou os limites desta arquitetura para estudar as relações de poder que se estabelecem dentro de uma sociedade. Nos interessa aqui esta ideia de “ser visto sem que se veja aquele que de longe observa”. Pois bem, na esteira do pensamento de Bentham, Dufour propõe pensar este *estádio do espelho televisivo* não mais a partir da lógica do sujeito diante do espelho, mas sendo observado frente a uma câmera de vídeo. Se no *estádio do espelho* como proposto por Lacan existe uma inversão da imagem na qual o sujeito se aliena ao receber a própria imagem de maneira invertida, aqui ele não passa por esse processo de inversão. O resultado é que ele deixa de se reconhecer ao ver-se em uma gravação de vídeo registrada pela câmera.

Segundo o autor,

sabe-se de fato que a reação inicial de alguém que se vê pela primeira vez em vídeo, é de dizer que aquilo que se vê não se assemelha a si mesmo. Em suma, ele não se reconhece. Ele não reconhece esta íntima adesão de si a si autorizado pela confusão de direita e esquerda como no *estádio do espelho*. São os outros que o reconhecem. No *estádio do espelho audiovisual* [o autor utiliza de forma indiscriminada o termo *televisivo* e *audiovisual*] tanto procurado hoje em dia, nós podemos dizer que são os outros que me dizem (me ditam) quem e o que eu sou. Eu me vejo na câmera como os outros me veem. Eu me vejo como um outro entre os outros, um outro que eu devo gerenciar, de forma impessoal, *como se fosse eu* (DUFOUR, 2007, p. 61, [Itálico do autor]).

Para o autor a fascinação em olhar o outro na contemporaneidade liga-se a uma transposição que o sujeito realiza por identificação, passando a viver virtualmente a própria vida numa espécie de gestão de um *como se*. Destituído do benefício da confusão que o estádio do espelho lhe oferece, ele se torna presa fácil da sedução dos objetos de desejo. Considerando que sua obra data de 2007 – quando as redes sociais ainda não possuíam o mesmo alcance de hoje – Dufour não dimensiona o poder da internet e da virtualidade das novas formas de vida²¹.

O alcance do poder da mídia é problematizado por meio da capacidade de produção de uma tropa virtual, em que todos passam a seguir os mesmos mandamentos ofertados de forma arbitrária, porém não sem a lógica própria ao Mercado. Como afirma o autor,

você vê, a televisão, como uma grande lata de sardinha²²: ela não necessita mais te ver para te olhar²³! Desde que você a olha, é ela quem te olha e que te conduz, junto de seus congêneres da grande tropa virtual, sobre os mesmos objetos manufaturados que foram fabricados para satisfazer todos as necessidades egoístas (*Ibidem*, p.65).

Ao contrário do Panóptico de Benthan, aqui ninguém é visto, mas há um olhar que recai de forma indiscriminada por este Outro que se torna onipresente nas mais diversas instâncias e de forma rizomática nos meios midiáticos. Esta espécie de empuxo a ser tomado pelo olhar do Outro ressoa no substrato pulsional. Neste ponto, uma possível chave de

²¹ Por exemplo, a facilidade de captura de informações dos usuários para gerar uma grande oferta de objetos, bens, viagens, etc, a partir das pesquisas em sites de busca, certamente contribui para incrementar a virtualização da própria existência.

²² Dufour não cita de onde extrai tal metáfora, porém acreditamos se tratar da mesma história infantil contada por Lacan enquanto pescava junto com outro garoto, de nome Joãozinho e apresentado no *Seminário XI* O brilho que refletia na lata de sardinha seria este olhar do grande Outro, esta fenda que o sujeito busca incansavelmente tamponar com o objeto *a*, cuja sustentação encontra-se representada no *savoir-faire* com a castração no amor.

²³ “Elle non plus n’a pas besoin de te voir pour de regarder!” O autor utiliza de forma indiscriminada os verbos *voir* e *regarder*, o que pode causar certa confusão ao traduzirmos diretamente do francês. Optamos por deixar reservado o termo ver como uma atitude passiva, ligada a habilidades fisiológicas da visão, enquanto olhar como algo ativo que se refere à pulsão ligada às habilidades sensitivas, afetivas e sociais.

compreensão sobre o valor do olhar na contemporaneidade pode ser alcançada sob a pena do pai da psicanálise.

Em *A pulsão e seus destinos*, Freud (1915) destaca a plasticidade da pulsão. Neste texto o autor apresenta a ideia sobre quatro possíveis modos de lidar com o excedente pulsional. Dois são os que nos interessam²⁴: 1) reversão em seu contrário – expressa a partir do par passividade / atividade, especialmente observável na relação ambígua entre o masoquismo/sadismo e escopofilia/exibicionismo; e 2) o retorno em direção à própria pessoa – que possui íntima relação com o destino anterior colocando o próprio sujeito como objeto meio para a descarga pulsional. Quanto a este Freud afirma que

se torna compreensível se considerarmos que o masoquismo é um sadismo que se voltou contra o próprio Eu, e que o exibicionismo inclui a contemplação do próprio corpo. A observação analítica não deixa dúvidas quanto ao fato de que o masoquista também frui da fúria contra sua pessoa e de que o exibicionista também frui do próprio desnudamento. O essencial nesse processo é, portanto, a troca do objeto com a invariância da meta (FREUD, 1915, p. 37).

Assim, o objeto da pulsão é móbil na teoria freudiana podendo deslizar de uma materialidade à outra, ao passo que a meta não se altera, sempre buscado o apaziguamento da tensão. Nos interessa esta passagem de uma condição ativa (escopofílica) para a posição passiva (exibicionista) do olhar. Assim, Freud particulariza três fases da excitação para o destino final da pulsão, quais sejam:

(a) o olhar como uma *atividade* dirigida a um objeto alheio; (b) o abandono do objeto, o retorno da pulsão de olhar para uma parte do próprio corpo, e com isso a reversão para a passividade e a designação da nova meta: ser contemplado; (c) a introdução de um novo sujeito, a quem a pessoa se mostra, no intuito de ser observada por ele (*Ibidem*, p. 41, [Itálico do autor]).

²⁴ Os outros dois são o recalque a sublimação.

Existe uma espécie de ciclo que deveria ocorrer desde um estágio auto-erótico preexistente ao desenvolvimento citado logo acima. Freud em os *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) resgata o autoerotismo prévio ao desenvolvimento psicosssexual, quando o corpo do sujeito é apenas uma massa polimorfa sem zonas erógenas localizáveis. Toda a extensão do corpo do bebê se mostra passível de servir enquanto fonte e destino final à pulsão. O que acontece no caso analisado aqui do *retorno à própria pessoa* é que Freud sustenta que

também mal se pode duvidar que a meta ativa surja antes da passiva, que o olhar anteceda a ser olhado. Entretanto, uma divergência significativa em relação ao caso do sadismo está no fato de que a pulsão de olhar apresenta uma fase anterior àquela designada em (*a*). É que a pulsão de olhar é autoerótica no início de sua atividade, ou seja, ainda que tendo um objeto, ela o encontra no próprio corpo. Só mais tarde ela é conduzida (pela via da comparação) a trocar esse objeto por um que seja análogo no corpo alheio (fase *a*) (*Ibidem*).

Chegamos a um ponto espinhoso sobre as implicações de tal substrato psíquico, sobremaneira primitivo, encontrar ressonâncias na vida adulta a ponto de promover uma regressão do olhar a um nível tão arcaico. Não terá o Mercado encontrado um anteparo privilegiado no olhar em tempos que vigora uma sociedade exibicionista?

Cabe notar que a mobilidade pulsional leva o sujeito a exhibir-se ao outro passivamente, ainda que exista uma força interna ativa que o conduz a fazê-lo. Ou seja, existe um processo ativo em exhibir-se aos olhos do outro, uma vez que busca cativar o olhar para si. Como ressalta Freud ao tratar a temática da pressão da pulsão, “toda pulsão é uma parcela de atividade; quando se fala de modo descuidado de pulsões passivas, essas nada mais seriam que pulsões com uma *meta* passiva” (FREUD, 1915, p.25 [itálico nosso]). Daí certa dificuldade em separar este par ativo/passivo, uma vez que tal separação é mais esquemática do que de fato pertencente à natureza da pulsão.

Assim, como conduzidos a considerar a condição da reversão da pulsão para refletirmos sobre a divinização do Mercado. Lançamos mão de tal questionamento pois nos interessa analisar os possíveis fatores psíquicos que entram em jogo, deixando o sujeito em condição de fácil captura pelas ofertas do Mercado.

Cabe ressaltar que neste mesmo texto Freud é bastante preciso quanto a pluralidade do objeto de satisfação da pulsão e sobre o quanto este objeto pode ser variável e modificar-se conforme as condições da realidade. É justamente neste ponto que a tese de Dufour problematiza o alcance do mercado. Nesta seriação de elementos que satisfazem a pulsão e seu correspondente no exibicionismo, torna-se infinita a quantidade de objetos consumíveis, investidos, desinvestidos e constantemente renovados afim de amortizar a condição desamparada.

Pois bem, acreditamos que a pulsão escópica encontra na reversão a seu oposto e no retorno sobre a própria pessoa um lugar frequente na atualidade por lidarmos com o alargamento das possibilidades de reconhecimento do eu. Estas se dão por meio do incremento da tecnologia e dos recursos virtuais que permitem a divulgação do eu de forma instantânea. Se pensarmos o *boom* que as mídias sociais (tais como *Facebook*, *Instagram*, *Snapchat*, *Twitter*, etc) experimentaram nos últimos anos, percebemos o quanto a imagem tomou um lugar excessivamente privilegiado na cultura contemporânea.

Curiosamente, além de primeiro lugar no mundo como o país que mais realiza cirurgias plásticas, o Brasil é o segundo país com maior número de usuários que entram diariamente no *Facebook*²⁵ e o país que mais utiliza redes sociais na América Latina²⁶. Longe de querermos reduzir uma prática à outra, tais índices servem como ilustrativos do quanto as

²⁵ Recuperado em 13/10/2016, de <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html>

²⁶ Recuperado em 13/10/2016 de: <https://canaltech.com.br/noticia/redes-sociais/brasil-e-o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-na-america-latina-70313/>

práticas exibicionistas contemporâneas caíram no gosto dos brasileiros enquanto apelo por reconhecimento.

Passaremos agora à compreensão sobre como o *discurso da ciência* promoveu o avanço tecnocientífico e tornou o consumo da estética corporal um ideal que captura o olhar movido pelo capitalismo neoliberal.

3 | Neoliberalismo e teoria dos discursos: o corpo *latusa*

No capítulo anterior apresentamos um conjunto de construções teóricas sobre o atual momento sócio-histórico. O neoliberalismo e seu alcance rizomático sobre as mais variadas dimensões da vida nos conduz a tensionar as implicações intrasubjetivas e o valor do corpo enquanto regulador do laço social.

Antes de adentrarmos à tal problematização, convém fazermos um ajustamento quanto à diferenciação entre *sujeito* e *subjetividade*. Gaspard & Silva Junior estabelecem esta diferença apontando que

a subjetividade é o que através do cultural e da instituição (especialmente a linguagem) coincide, a partir do corpo, o biológico e o social. Enquanto o sujeito é identificado, segundo Lacan, ao corte (fading, aphanisis, fenda, corte, elipse), a subjetividade é o modo do ser (do sujeito) (GASPARD & SILVA JUNIOR, 2014, p. 93).

Apesar da difícil separação, é importante considerar o que é próprio à condição castrada dado o atravessamento da linguagem na produção do sujeito e o que seja próprio à condição histórico e material da subjetividade. Askofaré (2009) acrescenta que se há fala sempre haverá sujeito. Já a subjetividade é “uma forma histórica e determinada de traços, de posições e de valores que os sujeitos de uma época têm em comum, em suas relações com o Outro, como discurso” (Ibidem, p. 170).

Assim, ao tratarmos a teoria dos discursos a partir de agora a subjetividade está referida ao sujeito enquanto efeito da cadeia significante em um determinado momento histórico. Nos interessa sobretudo as implicações subjetivas do aprimoramento da técnica

e suas consequências através do que ficou conhecido pelo sintagma *discurso da ciência*.
Passemos aos discursos.

3.1 | Prolegômenos à teoria dos discursos

O estabelecimento da teoria dos discursos na obra de Lacan (1969/1979) encontra-se no *Seminário XVII*, conhecido como *O avesso da psicanálise*. Ainda sob os efeitos do Maio de 68, Lacan dedicou o seminário a uma contundente leitura do laço social fazendo especial uso de matemas e da teoria marxista, em especial referência à mais-valia. Tomando o corpo enquanto lugar privilegiado que sofre os efeitos da forma em que se funda o laço social, tomaremos a teoria dos discursos pela ressonância do assim chamado *discurso da ciência* na superação dos impossíveis nas quatro formalizações da teoria dos discursos.

Assim, “no discurso da ciência, trata-se de um modo específico de presença da ciência na cultura, na qual ela parece colaborar com a reprodução da ideologia, encobrendo contradições e silenciando formas de mal-estar que colocam em xeque o modo de organização social” (BEER, 2015, p.68). No nosso caso o corpo esculpido é a forma como a ciência aparece na cultura enquanto modo de silenciar o mal-estar advindo do envelhecimento que tange o real imposto pela inevitabilidade da morte – o corpo ideal oferecido pela *Men’s Health*.

Trataremos o lugar do corpo e sua forma peculiar de aparecimento em cada um dos discursos margeando o saber científico e suas consequências para a subjetividade.

3.2 | A estrutura dos discursos

Para Lacan todo discurso é uma forma de aparelhagem do gozo que determina o laço social fundado na linguagem. Dito de outra maneira, o discurso é uma maneira de manter os sujeitos em relação dentro de um mesmo contexto social, permitindo-lhes aí se alojar e regular suas modalidades de gozo (Gaspard, 2012).

Para a escritura dos discursos, Lacan tomou uma estrutura quaternária, também denominada quadripartite. Esta possui quatro locais fixos, estando reservados dois à esquerda e dois à direita, separados em patamar superior e inferior. À esquerda encontramos no quadrante inferior a *verdade* – enquanto o que funda o discurso e impossível de ser completamente representada. Logo acima temos o *agente* (ou semblante) enquanto aquele que coloca em movimento o circuito do discurso, responsável pela determinação de todo o processo. Entre a *verdade* e o *agente* Lacan situa uma barra, dando a ideia de uma impossibilidade de equivalência ou representação entre estas duas instâncias. Do lado direito da estrutura encontra-se o *outro* (ou gozo, ou saber, ou trabalho) enquanto meio, seguido logo abaixo da *produção* (ou perda, ou mais de gozar) que “faz eco à mais-valia de Marx” (Gaspard, 2012, p. 359). A estrutura dos discursos pode ser observado na Figura 1, logo abaixo.

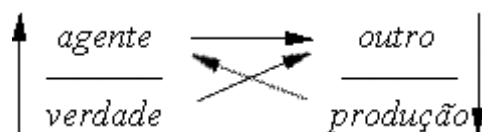


Figura 1. Estrutura dos discursos

Cada um dos lugares mantém uma relação com o elemento seguinte a partir de setas que direcionam em sentido horário o circuito do discurso. Cabe salientar que o circuito é orientado sempre na mesma direção, não havendo qualquer ligação direta entre o lugar da produção e o lugar da verdade.

Cada discurso será preenchido por letras da chamada ‘álgebra lacaniana’. São eles: o sujeito barrado pelo significante (\$); o objeto *a* (*a*), condensador de gozo, mais de gozar e também causa do desejo; o significante-mestre (S1) que servirá à ordenação dos outros significantes; e por fim o saber (S2) constituído na cadeia significante. Cabe ressaltar que “a barra da primeira fração de cada discurso representa a interceptação da apreensão de qual é a verdade em causa em cada laço social” (QUINET, 2009, p. 33). Já a barra da segunda fração relaciona-se à produção oriunda do trabalho do outro (*Ibidem*).

3.3 | Os quatro discursos

Os quatro discursos são estabelecidos em referencia aos três impossíveis de Freud: *governar* (discurso do Mestre/Senhor – DM), *educar* (discurso Universitário – DU) e *psicanalisar* (discurso do Analista – DA), ao qual Lacan acrescenta o impossível de *fazer desejar* no discurso da Histórica – DH. Para cada um dos discursos podemos pensar o lugar do corpo enquanto uma espécie de envelopamento da pulsão. Algo de inassimilável que escapa à significação e que pode ser traduzido em cada um dos discursos enquanto um dos impossíveis tal como pensado por Freud.

Assim os quatro discursos serão organizados da seguinte forma:

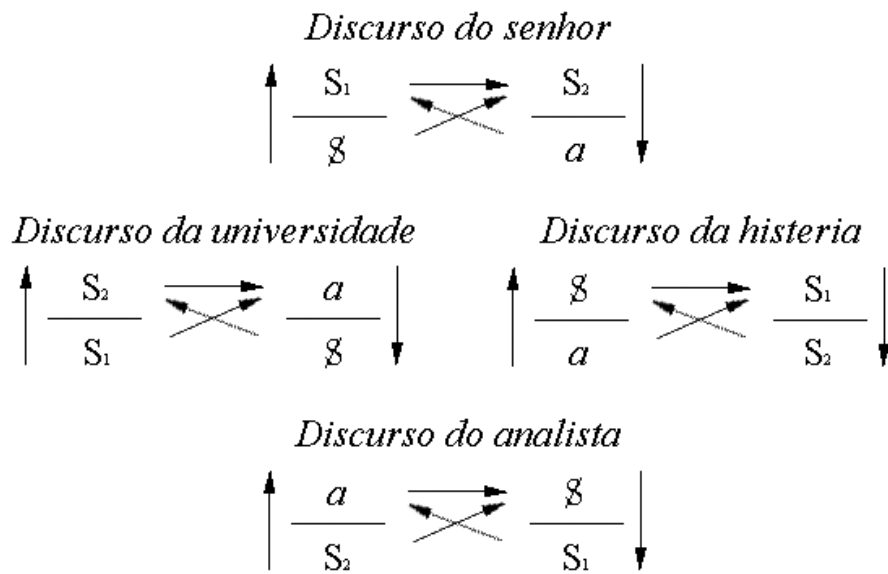


Figura 2 – Estrutura interna dos quatro discursos

Bousseyroux (2012), conforme a Figura 3 logo abaixo, nos lembra que além da estrutura quadripartite dos matemas ainda temos uma estrutura tetraédrica que aponta aquilo que não pode ser representado ou, totalmente aparelhado, pelo discurso: a impossibilidade e a impotência.

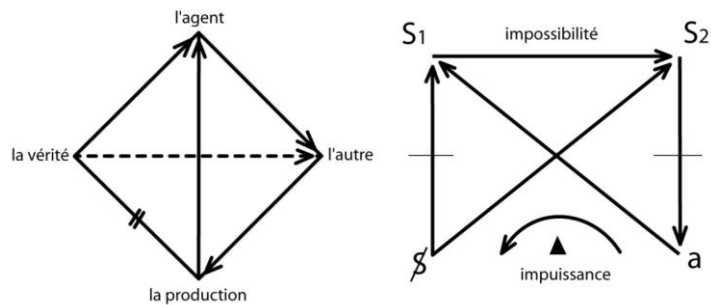


Figura 3 – modelo do tetraedro extraído de Bousseyroux (2012, p. 186).

Na linha de cima temos a impossibilidade que indica a relação que se estabelece entre o agente e o outro. Esta relação é modificável conforme cada um dos discursos. Pacheco Filho (2015), aponta a leitura que Lacan extrai dos impossíveis enunciados por Freud a partir dos matemas. Assim, no discurso do senhor/mestre/amo, a impossibilidade do significante mestre (S1) tudo ordenar sobre o saber do escravo (S2) estabelecendo o laço tal como o impossível de *governar* de Freud. Quanto ao corpo, é o que bordejia o impossível de governar da pulsão, o que não pode ser transposto pelo limite do envelhecimento. Grosso modo, é o real da morte expresso enquanto um impossível.

No discurso Universitário trata da impossibilidade de dominação pelo saber (S2) do objeto (*a*), representado pelo impossível freudiano de *educar*. É este ponto que nos interessa para discutirmos posteriormente o lugar de destaque do saber sobre o corpo e das práticas concernentes à modificação estética do corpo. O impossível diz do não completamente esculpido pelas formas de saber, pela ciência que avança, mas que invariavelmente encontra uma barreira à possibilidade de completa adequação do corpo ao ideal da cultura.

Quanto ao impossível acrescentado pelo próprio Lacan trata do fazer desejar, representado pelo discurso Histórico e pelo furo que o sujeito (\$) denuncia sobre a impossibilidade de esgotar completamente o saber sobre o seu sofrimento (S1). O corpo se aloja ao lado da impossibilidade de fazer-se meio de gozo do outro, de realizar o desejo de tornar-se pleno desejo do outro. Furo este apontado no discurso da histórica enquanto signo de insatisfação na relação de mestria que é incansavelmente buscada para que possa ser sempre destituída.

Finalmente o impossível de tudo *analisar* diz da impossibilidade de existência de uma narrativa que possa tudo dizer sobre a verdade do sujeito. O rochedo da castração se depara com o lugar de fazer-se objeto que o analista se encontra (*a*) ao causar no analisante (\$) o desejo por meio do esvaziamento dos significantes e sem lhe oferecer alguma forma de

obliteração da angústia. O corpo pode ser considerado enquanto a impossibilidade de reduzir o gozo à produção ou ao esvaziamento de um saber.

Merece destaque o fato de que a aresta que liga o sujeito ao outro indica a condição de impossibilidade diante da qual Lacan alerta que, mesmo sabendo do impossível da completa dominação, ainda assim governa-se, educa-se, seduz-se e analisa-se (QUINET, 2009; PACHECO FILHO, 2015).

Em relação à aresta que liga a *verdade* à *produção* temos duas contrabarras (\\) no tetraedro e um pequeno triângulo negro na figura que representam a *impotência*, indicando a barreira de gozo. Tal impotência aparece no Seminário XVII ocasião em que afirma “a verdade, já lhes enunciei um dia, num arroubo lírico, que era a irmãzinha querida da impotência”. E ainda “ só que, no nível dessa segunda linha, não existe nem sombra de flecha. E não apenas não há comunicação, mas há algo que obtura” (LACAN, 1969/70, p. 166). Uma espécie de “proteção da verdade” cuja produção jamais pode alcançar. A barreira de gozo é um justo recurso utilizado por Lacan para indicar a separação entre a verdade do Sujeito e a produção à qual todo discurso chega sem jamais tamponar a castração em que a verdade somente aparece sob a forma de um meio-dizer.

Assim, dados os matemas e o tetraedro podemos compreender a leitura dos discursos da seguinte forma:

- Discurso do Mestre (DM): Lacan extrai a partir dos seminários de Alexandre Kojève uma leitura peculiar do conceito de dialética de Hegel. O cerne da questão trata a relação entre o senhor e o escravo da qual o autor utilizará para expor a particularidade da relação entre os dois lugares. Neste discurso o mestre (S1) é aquele que coloca em marcha o discurso obliterando sua própria castração (\$). O escravo, no lugar do outro (S2), detém o saber (*savoir-faire*) que o mestre não pode alcançar. Por isso a relação pressupõe um mestre alienado ao saber do escravo. O efeito da produção é algo ao qual não lhe pertence (a) e nem

nunca pertencerá (mais de gozar) colocando em andamento o circuito necessário à produção. O produto não toca a verdade do senhor devido à barreira da impotência (\backslash) de tudo poder representar, a barreira de gozo. O que o discurso escamoteia na relação entre a verdade e o mestre é que existe um sujeito que sustenta o governar ($\$ \rightarrow S1$) cuja *lei* encarna no mestre como representante da dominação.

- Discurso da Histórica (DH): ao realizarmos um quarto de volta teremos uma nova disposição dos elementos do tetraedro. Extraído a partir das observações clínicas sobre as pacientes de Freud, o DH tem como efeito colocar em evidência a falta no Outro. Assim, o discurso histórico visualiza a possibilidade de obturar a própria castração ($-\phi$) colocando-se na posição de objeto *a*. Fazer-se objeto do desejo do Outro poderia leva-lo da condição barrada à não-barrada (A), encontrando aí a resolução ao enigma do próprio desejo.

O lugar do agente do discurso é o sujeito em sua condição castrada ($\$$) que interpela o mestre (S1) para que este produza um saber (S2) que será, todavia, insuficiente dada a impossibilidade de tocar a verdade enquanto causa do sujeito (*a*). O mais-de-gozar (*a*) encontra-se abaixo do agente na posição de verdade que incita o sujeito a interpelar o mestre.

- Discurso do analista (DA): mais um quarto de giro e temos a produção do discurso do analista. Produção que opera diametralmente de forma invertida em relação ao discurso do mestre. No discurso do analista seu lugar é sustentado a partir do semblante de um suposto saber (S2) que o permite ocupar a posição de agente enquanto objeto. Lacan reserva um lugar privilegiado a este discurso pela possibilidade de, ao interpelar o sujeito ($\$$), atingir o significante mestre (S1) enquanto produção. Aqui, ao contrário do DM, a produção não serve ao acúmulo mas ao esvaziamento do significante-mestre (S1).

- Discurso Universitário (DU): Para esta modalidade de discurso o laço é estabelecido sobre um saber suposto (S1) e garante uma posição hierárquica frente ao outro com a produção de

um saber. Por vezes Lacan dá a entender que esta seria uma nova forma a partir da qual seria possível encontrar o DM na contemporaneidade. A fragilidade deste saber está representada no matema pela posição que o sujeito (\$) ocupa, o que denuncia sua divisão através de uma aparente revolta ou sintoma por ser tratado enquanto objeto *a*. Um dos efeitos deste discurso é a burocratização do saber que se torna instituído na posição de verdade (S1).

3.3.1 | O sujeito neoliberal e o corpo produzido pelo *discurso da ciência*

Nesta subseção pretendemos tensionar o que foi anteriormente apresentado sobre a teoria de Roland Gori, Christian Laval, Pierre Dardot e Dany-Robert Dufour ao longo do capítulo dois com a teoria lacaniana dos discursos.

Se a subjetividade condiz com um determinado contexto histórico que relativiza as contingências e problemáticas que concernem o gozo do sujeito, este precisa se sustentar enquanto um corpo coletivo dentro de uma sociedade. Assim,

nada pode negar (e as publicações sobre este tema dentro e fora do campo psicanalítico são abundantes) que as diferentes modalidades de ‘fazer sustentar os corpos juntos’ se encontram confrontadas à colusão de uma ideologia administrativa e consumista (*discurso do capitalista*) de uma parte, e, de outra, de um discurso em processo de tornar-se hegemônico, o *discurso da ciência* (GASPARD, 2012, p. 362 [itálicos do autor]).

Destarte, podemos esquematizar da seguinte maneira o eco da teoria dos discursos que reverbera sobre nossa montagem do “*homem econômico empreendedor de si mesmo crente no*

Mercado neoliberal”, apresentado ao longo do capítulo segundo, e que se faz comandar pelo discurso da ciência e do capitalista.

O discurso do mestre antigo trata do comando da ordem de produção em que o escravo, alienado de seu saber, produz *latusas* que enquanto um mais de gozar enriquecem o senhor. Por outro lado, é também o reservatório libidinal próprio à posição objetalizada do escravo em sua ânsia de recuperar o lucro. Esta prática esvaziada de sentido é o que Lacan refere-se enquanto produtora de uma espécie de *vergonha* (LACAN, 1968/1969) decorrente de sua visita à linha de produção da FIAT. Na ocasião, ele percebe os operários envolvidos em um modo de produção maquínico e alienante em que não se reconhecem naquilo que fazem. A mesma situação é magistralmente ilustrada em *Tempos Modernos*²⁷, de Charles Chaplin, em que o automatismo da atividade laboral tem como efeito a assimilação do próprio operário a ponto de, em determinado momento, ele ser literalmente engolido pela própria máquina.

Este modo de produção liberal representante do discurso do Mestre antigo encontra sua insuficiência no momento mesmo em que o saber passa a se autonomizar enquanto um produto a ser, ele próprio, consumido. O saber que encontraremos na forma de otimizar a administração que o sujeito realiza é uma produção a mais nesta seriação de saberes sobre si. Se tomarmos a lógica interna a este funcionamento veremos que ela flerta com a ideia do *homem econômico empreendedor de si mesmo* apresentados por Laval e Dardot (2009). O sujeito econômico que prevê riscos e benefícios, que toma o outro enquanto um competidor potencial é diametralmente proporcional à versão “paranoicizada” do sujeito que detém um *conhecimento* unívoco ao invés de um *saber* duvidoso.

²⁷ CHAPLIN, C. *Tempos modernos*. Título original: *Modern times*. Preto & Branco, legendado. Duração: 87 min, Warner, 1936.

Convém esclarecermos, ainda que brevemente, o que compreendemos por *discurso da ciência* e como ele afeta a subjetividade de uma época. Gaspard (2012) alerta sobre o risco de confundirmos a ciência moderna com o que denominamos por discurso da ciência. Para o autor a ciência moderna nasce a partir do questionamento da escolástica. O *fazer ciência* desta época liga-se estritamente à possibilidade de generalização e universalização do saber. Data deste período a produção de um fazer científico ligado ao surgimento das universidades de direito e medicina, ao que Lacan nomeia discurso Universitário.

Lacan, ao longo do *Seminário XVII* não estabelece *um* discurso da ciência, uma vez que ele compreendia que a ciência está presente em todos os discursos. De tal maneira, “a expressão ‘discurso da ciência’, trata de capturar os efeitos produzidos sobre os modos de relação dos corpos atravessados pela linguagem e, então, no laço social pela profusão de instrumentos e *gadgets* produzidos graças ao mercado” (GASPARD, 2012, p. 364).

Assim este sujeito enquanto um *empreendedor de si mesmo* e que busca a autogestão

sob a influência de novas palavras de ordem do discurso da ciência (inovação, prevenção, verificação, segurança, avaliação, experimentação, etc.), o sujeito, deslocado do lugar da verdade que ele ocupava no discurso do mestre se encontra sob a obrigação de uma *auto-fundação*, ou mesmo de uma *autocelebração de si* que abrem frequentemente à uma desordem e levam à procura e *práticas compensatórias* (GASPARD, 2012, p. 365 [grifos nossos]).

Gostaríamos neste ponto de estender esta procura por práticas compensatórias àquelas que envolvem o cuidado estético com o corpo, objetalizando-o à condição de *latusa*. Para um país tropical como o Brasil a exposição maciça de corpos bronzeados e torneados, as práticas esportivas ao ar livre, a exaltação do corpo durante o carnaval, etc, contribuem para a congruência de práticas e hábitos de vida que valorizam sobremaneira o sentido estético. Assim, a subjetividade de nossa época irá encontrar uma série de “práticas compensatórias” que alargam o imaginário quanto à possibilidade de um corpo perfeito.

A partir de uma rápida busca na internet vemos como o saber (S2) descola-se da subjetividade e se torna autônomo. Como exemplos podemos citar as dietas para a perda de gordura ao alcance de “todos”; os slogans das clínicas de cirurgia plástica que permite alcançar o “corpo dos sonhos”; o uso de softwares em *smartphones*, em que basta o sujeito instalar um aplicativo e simular os resultados de uma cirurgia plástica; os recursos da própria medicina que por meio de softwares permitem projetar os resultados de uma intervenção estética; os fóruns para debate sobre uso de suplementos alimentares e anabolizantes de maneira indiscriminadas; o crescimento de *experts* em hipertrofia muscular e etc que lutam diariamente para serem vistos e ganharem popularidade via redes sociais, *Youtube*, etc.

Assim, por discurso da ciência compreendemos uma série de práticas que se multiplicam de forma rizomática em nossa cultura. Estas, especialmente por privilegiarem a virtualidade dos atuais meios de comunicação, inflam o imaginário sobre possibilidades de silenciar o sofrimento oriundo do destino natural da vida: a morte. Um ponto importante a ressaltar é o modo sutil deste discurso se fazer presente em nossa cultura. Não existe uma espécie de “autonomização de um discurso da ciência” uma vez que ele depende do laço social supostamente existente pelas outras modalidades de discurso. O que é percebido é justamente a forma particular de cada discurso utilizar-se da ciência enquanto uma ideologia sob a qual se abriga a promessa de uma salvação.

Esta relação de consumo de *gadgets* à livre disposição torna o sujeito um “crente na ciência”, expressão utilizada pelo próprio Lacan ao longo do *Seminário XVII*. Esta disseminação do discurso da ciência em nossa atual sociedade produz modos de exclusão da subjetividade, uma vez que em seu lugar advém o sujeito da certeza científica, aquele que não é tomado em sua divisão, mas em sua ilusão de unidade. A constante melhora do corpo em busca de um determinado ideal se prolifera e se disfarça na sutileza e constância dos anúncios

de possibilidades infinitas de controle e intervenção sobre os corpos através do avanço tecnocientífico.

Ao se aproximar do fim do século XX e perceber o ritmo deste avanço, Lacan propõe uma diferenciada leitura sobre o discurso do mestre na contemporaneidade, uma vez que a produção de objetos nunca antes imaginados chegou a um ponto paroxístico. Estes serão capitalizados e modificarão a relação que os próprios sujeitos estabelecem entre si, chegando ao ponto de riscar o laço social do mapa. Neste momento Lacan altera os elementos da estrutura do matema e propõe o polêmico *discurso do capitalista*.

3.4 | Discurso do capitalista: o mestre moderno e a tirania da beleza do corpo que se consome

Se vimos anteriormente que o *homem econômico empreendedor de si mesmo* sustenta-se a partir da interpenetração do discurso da ciência nas demais estruturas de discurso, passaremos à compreensão da segunda parte da sentença – *crente no Mercado neoliberal*.

Ao longo do *Seminário XVII* Lacan apresenta a ideia de que sua época estava marcada pela emergência de uma nova forma de discurso do mestre, o discurso do capitalista, discurso do mestre moderno ou ainda discurso do mestre pervertido. Sem uma formalização tão precisa como no caso dos outros quatro discursos, Lacan o formaliza apenas em 1972 à ocasião de uma alocução na Universidade de Milão, na Itália. Enquanto uma variante do discurso do Mestre, sua formalização tornou-se conhecida como *Discurso de Milão*.

O discurso do capitalista, tal como apresentado na Figura 4 logo abaixo, pode ser obtido a partir de uma torção das posições entre S1 e \$ e da modificação no sentido das flechas em que no primeiro quadrante toma agora o sentido descendente e a ausência da ligação direta em agente e outro, na primeira linha. Não sem efeito, veremos como tal processo implicará a relação que o sujeito estabelece com o próprio corpo alçado à categoria de *latusa*, tal como observado ao tratarmos o discurso da ciência. Tais implicações referem-se a) quanto à castração, podendo tratar-se de sua forclusão (a.1) ou de um discurso cínico sobre a mesma (a.2); b) a promoção de um laço *associal* por meio da fetichização e objetualização do corpo enquanto coisa; c) a produção da falta a gozar a partir da contabilização do mais-de-gozar; d) a superação do matema da fantasia $\$ \diamond a$ – sujeito barrado desejo de a – na relação com o corpo por meio da ilusão em que $\$ \equiv a$ – sujeito barrado congruente à a .

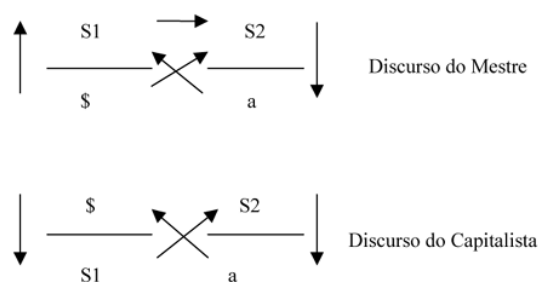


Figura 4 – Do discurso do Mestre ao discurso do Capitalista

Quanto à forclusão da castração (a.1),

com o reposicionamento das flechas, a circulação entre os quatro lugares no algoritmo torna-se contínua ($\$ \rightarrow S1 \rightarrow S2 \rightarrow a \rightarrow \$...$). Não há uma posição inicial nítida, como o agente nos outros discursos. O movimento é uniforme: não há mais a disjunção de impossibilidade entre o agente e o outro. Nenhuma posição está isolada, cada termo alimenta outro e é alimentado por outro: não há mais a disjunção de

impotência entre a produção e a verdade (CASTRO, 2012, p.3)

“Isso não poderia andar melhor, mas justamente isso anda muito rápido, isso se consome, isso se consome tão bem que se consuma” (LACAN, 1972, p. 10). É aqui que o sujeito de Dufour (2007) crente no *Mercado* encontra respaldo para fazer de sua existência um modo de relação desenfreado com a realidade, cuja crença está pautada na possibilidade de consumir tudo o que o Mercado tem a oferecer, enquanto *latusas*. Trata-se, por exemplo, da possibilidade de assimilação do corpo ideal promovido pelo discurso da ciência a partir da forclusão do Outro.

Assim, desaparece a limitação ao gozo, uma vez que há a composição de um circuito fechado, “um discurso sem perda; sem entropia” (BRUNO, 2010, p. 209, apud PACHECO FILHO). Em todos os outros quatro discursos analisados o lugar do agente mantém-se acessível tanto quanto o do outro e o da produção, mas não o da verdade. No entanto, com a inversão no sentido das flechas, a verdade perde sua proteção, tornando-se acessível ao “tudo-saber”, efeito último do discurso Universitário.

Uma outra chave de leitura possível do discurso do capitalista e seu efeito sobre a castração é tomar o cinismo (a.2) enquanto modalidade de laço social privilegiada. Cinismo “é o nome correto dessa posição subjetiva que é capaz de sustentar identificações socialmente disponibilizadas, ao mesmo tempo em que ironiza toda e qualquer determinidade (por reconhecer seu caráter descartável)” (SAFATLE, 2008, p. 138). Ora, se por um lado o discurso do capitalista aponta para a não incidência da castração do sujeito, tornando-o um autômato que incansavelmente consome numa posição de onipotência, por outro lado o cinismo seria uma forma de reconhecimento da castração. Esta se daria pelo uso do artifício cínico e da ironia, em que o reconhecimento da castração se dá de maneira cínica,

dissimulada, na forma de um consumo desenfreado que, por si só, é o próprio reconhecimento da castração.

Ainda de acordo com Safatle, “o cinismo pode ser compreendido como a posição subjetiva possível para um sujeito que internalizou a Lei sob a figura de um supereu que exige que as condutas sejam pautadas a partir da lógica do *gozo puro*” (*Ibidem* [Itálico do autor]). Apostando no declínio das metanarrativas, o autor propõe que o sujeito encontraria no artifício do cinismo uma maneira de sustentar esta exigência do supereu. Para isto, tanto aquele que enuncia quanto o que recebe a mensagem estariam ao lado de sustentar uma lei que se sabe inoperante e que vigora por meio da exigência de um gozo irrestrito.

Quanto ao laço social b) é o “único discurso que faz laço *associal*, porque seu laço ignora a perda ligada à barreira do gozo, em sua função de barrar a passagem da produção do discurso à verdade” (BOUSSEYROUX, 2012, p. 187).

Com a mudança da relação entre o sujeito e a verdade, temos um sujeito da *onipotência* à medida em que o discurso nasce nele mesmo $\$ \rightarrow S1$ e foraclui o Outro enquanto tesouro dos significantes. A onipotência se dá exatamente à medida que o próprio sujeito se crê governar o significante-mestre. Assim,

quando os significantes se relacionam a partir desta posição, temos o fenômeno de ilusão $S1 \rightarrow S2$. Fenômenos de ilusão pois nós temos nesse segundo momento do discurso do capitalista a ilusão que ele [o sujeito] outra vez comanda a relação entre os significantes não só no sentido de achar que é o autor da linguagem quanto no sentido de que ele comanda no sentido de supor que ele é capaz de fazer produzir objetos inéditos, sem se dar conta de que nesta ilusão ele produz um objeto que o coloca a serviço desta maquinaria. O preço que se paga de não ser dividido é ser escravo de um discurso, já que a máquina se alimenta de forma exaustiva e sem interrupção (DIAS, 2016 comunicação oral Lacuna – Ciclo de debates: Escritos hoje - violência – 19/10).

O efeito é a c) produção da falta-a gozar e sua subsequente contabilização. “Produzir para consumir, e consumir para que a produção faça sentido. Produzir e consumir gera a falta

a gozar. E, principalmente, não só de um lado” (SOLER, 2011, p. 58). Assim o senhor e o escravo subjugam-se à condição do *proletário*, enquanto aquele que se encontra destituído do laço social. Tanto um quanto o outro contabilizam o lucro: um pelo desejo de possuí-lo e, o outro, de possuir sempre mais e jamais perder. É o que afirma Lacan no *Seminário XVII*: “Alguma coisa mudou no discurso do mestre a partir de certo momento da história (...) o importante é que, a partir de certo dia, o mais-de-gozar se conta, se contabiliza, se totaliza” (LACAN, 1969/70, p. 169).

Por mais contraditório que possa parecer a contabilização do mais-de-gozar produz exatamente uma falta a gozar já que as *latusas* são produzidas com a principal função de manter o desejo insatisfeito. O corpo que se possa alcançar será sempre testado, estimulado, questionado enquanto sua perfeição. Os padrões estéticos do ideal afetam o desejo tornando-o um a mais a ser contado na insatisfação do sujeito. O corpo *latusa* cumpre a função exata da experimentação de novas práticas que possam conduzi-lo a um determinado padrão que precisará, já no momento seguinte, ser superado.

Trata-se de uma forma de superação do matema da fantasia $\$ \diamond a$, para uma relação de ilusão com o corpo, em que $\$ \equiv a$. Com a forclusão da castração e o circuito se retroalimentando, o discurso do capitalista cria a ilusão, tal como supracitado por Mauro Mendes Dias, em que o sujeito castrado pode encontrar no consumo das *latusas* a cura para o seu mal-estar. A disjunção da relação entre o $\$$ e o objeto a do matema da fantasia é posto de lado por uma idealização da relação com o objeto.

Se antes a fetichização da relação entre os seres humanos estava circunscrita às referências simbólicas que ditam que um ser ‘valha mais’ que o outro (pertencer ao ‘sangue azul’, por exemplo), no discurso do capitalista o valor circunscreve-se ao âmbito da relação entre as coisas (PACHECO FILHO, 2015). Podemos ilustrar isso com o exemplo do sem número de “homens bonecos” que surgem por todos os cantos do mundo. Inspirados pelo

boneco *Ken* vários tem se colocado em risco²⁸ na busca deste ideal estético, tal como apresentamos na introdução deste trabalho.

Fazer-se *latusa*, enquanto ele próprio um bem a mais a ser contado, seria imaginariamente equivaler ao objeto através da identificação. Trata-se da substituição metonímica acelerada de objetos que tem como efeito produzir uma espécie de impedimento à reflexão em que

nosso sujeito mergulhado no discurso capitalista é aquele que nada quer saber da experiência do impossível. Com seu desejo governado / ordenado / causado pelos objetos – mercadorias – pelas *latusas* cuja construção é viabilizada pela ciência – ele é aquele para quem não existe nem o real, nem o inconsciente: aquele que ‘não quer saber nada disso’; aquele que constrói ao redor disso a barreira da sua “paixão da ignorância” (PACHECO FILHO, 2015, p.37-8).

Para nosso exemplo, a encarnação de um personagem como do boneco *Ken* ilustra qual dimensão se perde junto à forclusão da castração: a dimensão subjetiva e a capacidade reflexiva. A realização da fantasia impossibilita perceber que o próprio objeto ao qual almejam é condicionado pela economia (SOLER, 2011) que aqui nomeamos enquanto uma nova religião: o Mercado.

Para a mesma questão, tal como apresentamos anteriormente enquanto outra possibilidade de leitura, podemos pensar a dimensão cínica. Com o mesmo exemplo, os homens que constroem seus corpos à imagem de *Ken*, acabam por se tornarem eles próprios um personagem que busca silenciar seu mal-estar a partir da construção de um ideal. Por outro lado, há uma espécie de efeito-retorno, quando o sujeito torna-se aprisionado em tal circuito. Para a forclusão da castração podemos pensar o cinismo como uma espécie de

²⁸ Como exemplo podemos observar o caso do comissário Rodrigo Alves de 32 anos que após uma grave complicação cirúrgica quase perdeu parte do rosto chegando ao risco de morte. Passado susto o modelo já pensa em nova cirurgia, conforme o site de entretenimento *Ego*. Fonte: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/04/ken-humano-esta-livre-de-bacteria-e-ja-pensa-em-nova-plastica-diz-amigo.html>

alternativa que, sobretudo, reconhece sua insuficiência. O índice de insatisfação constante com o próprio corpo é a medida do quanto o discurso cínico não pode sustentar o ideal almejado.

Assim, pela exclusão do Outro, do inconsciente, o sujeito encontra na dimensão dos objetos oferecidos pelo Mercado sua fonte de salvação em um circuito que não faz baliza ou que permita outras manobras ao desejo que não sejam aquelas que visam o consumo.

4 | PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 | Dos sujeitos da pesquisa

Ao analisarmos as questões próprias à constituição de modelos de masculinidade na contemporaneidade, nos chamou a atenção a crescente preocupação que o sexo masculino tem apresentado a respeito da própria imagem. O aumento do número de cirurgias plásticas e interesse em produtos dedicados à estética masculina e as novas formas de reconhecimento da masculinidade, especialmente após o surgimento do fenômeno metrossexual, nos pareceu um índice de mudança ocasionado pela influência do avanço científico e do neoliberalismo.

Alinhados com às pesquisas do LATESFIP²⁹, passamos a considerar que tais índices pudessem apontar algo que traduziria um dos modos de gestão do sofrimento em tempos de economia neoliberal. A escolha pelo público masculino nos pareceu relevante por representar uma mudança paradigmática de um modelo social que antes atribuía somente ao sexo feminino a necessidade de adequação do corpo a um ideal socialmente construído e maciçamente reafirmado. O aumento da preocupação estética por parte dos homens nos remeteu ao que o discurso do capitalista demonstra efetivar na prática; que no neoliberalismo o mundo torna-se mensurável a partir das relações de consumo. O triunfo do discurso da ciência ao realizar uma inversão em que ao invés de voltar-se para descobrir o que ainda não foi desvelado, privilegia criar aquilo que anteriormente não existia (LACAN, 1969/1970).

²⁹ Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP, sob coordenação dos professores Christian Dunker, Vladimir Safatle e Nelson da Silva Junior

A partir disso, foram realizadas cinco entrevistas com homens entre vinte e sete e setenta e cinco anos. Os participantes foram escolhidos aleatoriamente a partir da indicação de uma médica com especialidade em cirurgia plástica, com experiência de mais de vinte anos na área e que fazia parte do corpo clínico de um hospital público de notório reconhecimento nacional. Inicialmente a proposta seria pesquisar homens que tivessem se submetido somente a cirurgias plásticas que, de certa forma, fugissem aos padrões mais comumente procurados (cirurgia de pálpebras, *lifting* facial, nariz e lipoaspiração). Assim, iríamos pesquisar apenas homens que, por exemplo, tivessem colocado prótese peitoral, de nádegas, bíceps, panturrilha, etc, ou que buscassem obsessivamente a perfeição de um corpo a partir de um exagerado número de intervenções já realizadas. Nossa justificativa para a escolha deste público pautava-se na hipótese de que estes sujeitos seriam os representantes de um mal-estar tipicamente contemporâneo relativo à mercantilização do corpo masculino, o que poderia colocar na berlinda o próprio conceito sobre masculinidade e os efeitos da impossibilidade de conquista do ideal estético. Acreditávamos que tais sujeitos pudessem representar o curto circuito que o discurso do capitalista provoca ao promover o consumo incessante de objetos sempre insuficientes, fazendo do próprio corpo um *gadget* a ser contabilizado.

No entanto, após conversas informais com médicos especialistas em cirurgia plástica, percebemos que a pesquisa correria o sério risco de ficar circunscrita a homossexuais uma vez que, de acordo com os próprios médicos, eles eram responsáveis pela maior parte do público que faz cirurgias que não são comumente realizadas. No caso de termos um público composto somente por homossexuais não se trataria de um conflito atualizado por modalidades de sofrimento oriundas de recentes transformações sociais. Tratar-se-ia de questões em torno de processos de identificação, desejo, escolha objetual, etc, que se conjugam e se confundem, escapando a nosso objetivo maior, relativo ao alcance do neoliberalismo nos atuais modos de subjetivação e estabelecimento do laço social.

De tal modo, ampliamos o público a ser pesquisado e acrescentamos as intervenções estéticas de um modo mais geral, que não somente as cirurgias plásticas. Assim, os cinco entrevistados foram submetidos a algum tipo de intervenção médica unicamente com finalidade estética e aceitaram participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A).

O próprio médico cirurgião fez o contato inicial via telefone com o paciente explicitando o interesse dos pesquisadores. Em razão do vínculo de confiança pré-existente entre o médico e o paciente, acreditamos ser melhor que este contato inicial fosse feito pelo próprio cirurgião. Tal procedimento visou garantir ao máximo o anonimato e a não exposição daqueles que não desejassem participar da pesquisa. Após este contato prévio e de posse dos dados dos possíveis interessados, os pesquisadores fizeram contato telefônico para agendar uma apresentação mais detalhada da proposta da pesquisa e marcar as demais entrevistas para a coleta de dados. A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevista aberta, transcorrendo conforme eram apresentados os temas no decorrer da própria entrevista.

As entrevistas foram limitadas entre um a três encontros com cada sujeito, em um ambiente seguro, confortável e que favorecesse a comunicação. Todas elas foram audiogravadas e, posteriormente, transcritas literalmente e na íntegra a fim de analisarmos os dados colhidos e preservar maior fidedignidade aos relatos.

No momento da transcrição, todos os participantes tiveram seus nomes codificados e as entrevistas audiogravadas e transcritas foram apagadas e destruídas após análise dos dados para preservar a integridade e sigilo dos participantes.

4.2 | Da escolha do método

Para esta pesquisa adotamos duas modalidades de análise. A primeira diz respeito ao ato da enunciação e a segunda ao enunciando, sendo esta divisão apenas esquemática e a análise foi realizada como um todo. Quanto à primeira modalidade de análise, nos inspiramos em um método de uma pesquisa anteriormente conduzida pelo professor Nelson da Silva Junior, em parceria com o professor Jean-Luc Gaspard da Universidade de Rennes 2, na França (CAPES/COFECUB, Processo nº 609/08). Trata-se de um estudo sobre Marcas Corporais Auto-Infligidas à luz do Laço Social Contemporâneo que foi realizado em cooperação internacional com o *Laboratoire de Psychopathologie et clinique psychanalytique* da Universidade Rennes 2, na França. Nessa pesquisa, tratou-se de examinar as funções das tatuagens e escarificações na economia psíquica dos jovens adultos e suas relações com o laço social (DOUCET; GASPARD; SILVA JUNIOR & CARVALHO, 2008). Quanto ao enunciando, nos valeremos da pesquisa de doutorado de Silva (2012), sobre tatuagens e identificação, sob orientação do professor Nelson da Silva Junior.

A adoção de um ponto de vista psicanalítico em pesquisas acadêmicas impõe gargalos diante dos quais não devemos recuar. Entre eles, podemos citar a problemática do registro e da generalização da singularidade dos sujeitos da pesquisa. Tal problemática é imposta especificamente por um dos instrumentos utilizados, a saber, uma entrevista aberta, cujo objetivo é o de apreender *in vivo*, por assim dizer, o sujeito em seus acidentes discursivos, eventualmente seus confrontos com os impossíveis do dizer. A modalidade de entrevista aberta, quando conduzida por um psicanalista, assemelha-se em sua forma às entrevistas preliminares do início de um processo de análise.

Considerando a amplidão de conhecimentos originados a partir da análise do discurso – sendo tomada pela psicanálise – tal empreitada parte da já reconhecida possibilidade de interlocução entre estes campos na produção de novos saberes (DOUCET *et al.*, 2008).

Sob nosso entendimento, a psicanálise contribui à análise do discurso de uma dupla maneira. Quanto ao enunciado, ela evidencia de que modo o enodamento do sentido

remete ao percurso do sujeito que se constitui como significante através do seu próprio discurso, através das suas ancoragens, os seus desvios, das suas insistências, suas repetições, os seus escapes, ou seja a partir da repetição significativa, em sua versão semântica e sintática (GASPARD *et al.*, 2010, p. 370).

A segunda contribuição da psicanálise à análise do discurso diz respeito à enunciação, uma vez que a mesma jamais se reduz àquilo que se enuncia em um discurso (LACAN, 1966).

Quanto à função das intervenções estéticas, ao que pode ser apreendido a partir da análise semântica e sintática dos discursos, apreendemos o que está para além da mera intervenção nos corpos. As funções singulares dos procedimentos estéticos ultrapassam, em muito sua atribuição estética relativa a determinado padrão de beleza. Tais intervenções servem à reorganização do cotidiano, dos laços sociais, dos vínculos afetivos, das demandas de trabalho, quanto à percepção de si e a temporalidade do sujeito (SILVA, 2012). Deste modo, alguns conteúdos foram especialmente repetidos e ganharam significação a partir do próprio ato de enunciação. Nem somente o conteúdo dito e tampouco o ato do dizer; toda enunciação traz um enunciado enquanto representante do meio-dizer da verdade de cada sujeito e é justamente sobre esta amarração que nossa análise pretendeu se debruçar.

4.3 | Análise dos dados: a divisão do sujeito entre o enunciado e a enunciação

Ao que diz respeito à estrutura fundamentalmente bipartite de uma análise psicanalítica do discurso, parece-nos indispensável sublinhar que se o *sujeito do enunciado* se inscreve num giro formal, o *sujeito da enunciação* emerge apenas de uma série de encurralamentos. “É nos encurralamentos do nó, o que no nó determina os pontos triplos, é no aperto do nó que o sujeito condiciona-se” (LACAN, 1974/75). As manifestações do *sujeito do inconsciente* devem, com efeito, conceber-se a partir destes pontos que bloqueiam assim “o giro ao redor” e por onde encontra-se obstruído o entrançamento do sentido (autorizado por passagens sucessivas através do nó borromeano). Nossa pesquisa será baseada em duas modalidades de análise: a) pela via do nó borromeano e do momento da enunciação e b) pela via do conteúdo enunciado e sua estreita relação aos três processos de constituição psíquica, vistos previamente no capítulo dois.

4.3.1 | A enunciação pelo modelo do nó borromeano

Utilizando de um modelo análogo ao pensado por Lacan (1974/75) para analisar o entrelaçamento dos três registros real, simbólico e imaginário, Gaspard *et al.* (2010) nos apresenta uma proposição topológica que serviu como guia para análise dos discursos que foram produzidos pelos entrevistados. Neste modelo, o *sujeito do enunciado* é conduzido pelo

que, no modelo do nó borromeano é denominado *trança do sentido*. A interpretação deste modelo nos conduz à observação dos “desequilíbrios, nos fracassos ou nas surpresas do processo de enunciação, [onde se manifesta] *o sujeito do inconsciente*” (GASPARD, et al, 2010, p. 374).

Assim, em “um discurso intencional em que o sujeito apresenta-se como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que excede seu querer, e que se manifesta como um acidente, um paradoxo, ou mesmo um escândalo” (LACAN, 1957/58, *apud* GASPARD *et al.*, 2010, p. 374). A desarticulação da cadeia significante pode ocorrer de tal maneira que aquilo que o sujeito diz pode tornar-se incompreensível, flutuante ou paradoxal, e tal descontrole acompanha-se, por vezes, de descargas motoras ou afetivas. Além da linguagem falada, tal evidencia se manifesta nos momentos de desconforto, esmaecimento da voz, mudança de postura, desvio do olhar, etc. Aqui serão tratados os desvios da lógica cronológica da narrativa ou da temporalidade gramatical que por vezes o sujeito confunde no ato da enunciação. Tais processos evidenciam justamente os pontos em que a identificação ao Outro, em especial ao ideal, se mostra frágil.

Colocando este método de processamento dos dados na forma escrita (transcrição das entrevistas, inventário dos enunciados, etc.), é possível ao investigador “requestionar o que resulta em primeiro lugar do efeito da linguagem como tal, em outros termos, da função simbólica” (LACAN, 1970/71, *apud* GASPARD *et al.*, 2010).

4.3.2 | Enunciados e identificação

Para este tipo de análise nos valeremos do enunciado, presente nos conteúdos expressos pelos participantes da pesquisa. No entanto, não nos limitaremos ao que o entrevistado diz, uma vez que tal discurso trata meramente de um campo imaginário de sentidos coesos. O que nos interessa aqui é a entrelinha, a contradição que é expressa, porém não percebida, alcançada a partir da análise e processamento dos enunciados. Tal análise é feita somente após exaustiva leitura e releitura do material encontrado, seguida da interpretação dos dados. Este aspecto se torna frágil se somente contabilizarmos o número de repetições de determinadas ocorrências dos enunciados (como mais comumente feita em alguns processos de análise de conteúdo) ou tratarmos apenas de uma análise linguística da enunciação.

Todo o processo de análise ocorreu em torno da problemática da identificação e como esta se manifesta nas relações objetivas, no enlaçamento afetivo e social, na constituição e ressignificação dos ideais na vida adulta.

5 | O neoliberalismo e as estruturas psíquicas

Para nossa matriz de análise das entrevistas consideramos a forma como os discursos circunscrevem a estrutura neurótica e a psicótica. Primeiramente analisamos o lugar da masculinidade dentro dos discursos. No momento seguinte utilizamos o caso de Igor para pensar o discurso do capitalista e seu alcance no neoliberalismo e na ideia do sujeito autogestor de sua própria vida. Em seguida analisamos o saber médico na posição de mestria quando tensiona o discurso da ciência. Finalizando o espectro neurótico procuramos pensar a relação com a castração representada pela angústia de envelhecer e da morte. Ao final de nossa análise reservamos um caso que nos chamou a atenção pela possibilidade de pensar a construção de um corpo ideal enquanto um modo de suplência imaginária ao Nome-do-Pai na estrutura psicótica – o caso de Leo, um jovem homossexual.

5.1 | Masculinidade contemporânea: ainda um *risco* de feminilização?

Dentro de nossa análise observamos uma modificação na relação imaginária que permite maior aceitação das intervenções estéticas pelo público masculino. Anteriormente enquanto prática quase exclusiva ao sexo feminino, o cuidado com o corpo torna-se socialmente aceito e até mesmo estimulado, sobremaneira pelas próprias esposas e filhas. Tal

como afirma um dos entrevistados, que nomearemos³⁰ como Igor, quando questionado sobre o início das intervenções estéticas

Igor: Eh, elas [esposa e filhas] foram primeiro, foram primeiro... e... minha filha foi primeiro.... fazer os seios, né. [...] E depois foi a minha filha mais velha que fez lipo, né, fez lipo, depois a minha esposa também fez lipo [...] Eu falei: “porra, eu to aqui”, falei ah, da licença né! Não sou motorista não (risos) (*Sic.*)

Ao que outro participante, Bruno, acrescenta

Bruno: Assim, eu nunca tive muita preocupação. Eh... daí... mas a minha esposa começou a fazer cirurgia plástica e tal... e daí eu vi a oportunidade de... de... tirar, é... aquelas bolsas [nos olhos] que me causavam um certo mal-estar.

Tiago: Então você chegou até a cirurgia por meio da sua esposa...

Bruno: É eu acho que sim, eu acho que ela é o grande vetor, assim... (*Sic.*)

Também quanto aos demais entrevistados, a influência de esposas e namoradas foi algo recorrente. Uma espécie de “contágio” que estes homens sofrem por parte dos familiares, algo próximo a uma “autorização imaginária” para que possam incorporar o uso das práticas estéticas ao cotidiano.

Trata-se de um novo campo semântico ao vocábulo “masculinidade”, no que pode ser especialmente destacado ao tensionarmos as novas práticas à orientação sexual. Tal como afirma Antônio, de setenta e cinco anos, quando questionado sobre a possibilidade de ter realizado alguma intervenção estética quando jovem

Antônio: An? Não, nunca nem se quer passou pela minha cabeça. Até porquê, na época que era jovem, isso no mínimo, seria interpretado como uma pessoa afeminada, gay ou coisa parecida. Com certeza que seria.

³⁰ Todos os participantes tiveram seus nomes modificados a fim de evitar possíveis identificações.

Tiago: Você também talvez pensasse isso...

A: Não sei se eu pensava (interrompe) eu nunca pensei nisso na verdade.... mas talvez se eu visse um amigo fazer, talvez eu pensasse a mesma coisa (13 min). A gente é fruto do meio, né. Como todo mundo aceita né, a gente é o coletivo que nos influencia muito. Mas nunca, nunca pensei nisso.

Há um coletivo que se altera e, com ele, as referências possíveis a determinadas identidades de gênero, tal como afirmado pela teoria da performatividade,

o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2013, p. 24).

Apesar desta *unidade do sujeito* não aparecer contestada em nossas entrevistas, percebemos, pela fala de um dos entrevistados, a existência de uma espécie de mensuração entre práticas possíveis daquelas que possam criar instabilidade à identidade a ponto de a linguagem ser convocada para um novo campo de significação. Tal como segue:

Carlos: E eu acho importante o cara se arrumar, entendeu... é... ai depende de cada um, se vai ser que nem os *metrossexuais*, né... depende de como o cara vai se ver... se passa um pouco, eu particularmente acho que esses caras acabam *extrapolando*, né. Então eu acho legal se vestir bem, colocar um perfume quando vai sair com a namorada, com a esposa... eu não acho nada demais... porém se passa muito, aí nós estamos num país machista né, aí... você sabe como funciona né, vão dizer “ah... esse cara é gay, e tal” (*sic* [itálicos nossos]).

Através desta espécie de “mensuração” do cuidado estético passível de ser aceito, cria formas de inteligibilidade para nomear o meio em que está inserido. Ao mencionar o metrossexual como aquele que extrapola um determinado limite e que por pertencer à “nossa sociedade machista” (*sic*) pode ser designado como homossexual, percebemos a tentativa de criação de universos semânticos distintos que possam acolher diferentes tipos de

masculinidades. Estas, sob a pena de Butler são afirmadas enquanto práticas performativas enquanto “o veículo pelo qual efeitos ontológicos são estabelecidos” (BUTLER *apud* KNUDSEN, p. 76).

O principal efeito ontológico que podemos destacar – não somente a partir da fala de Carlos mas também de recortes da realidade – é a presença contemporânea do homem metrossexual, amplamente cultuado pela já referida *Men's Health*. Mais que a possibilidade de criação de uma nova narrativa, o metrossexual figura o efeito temporal sobre a criação de formas de inteligibilidade em que a identidade de gênero torna-se inflacionada por efeitos imaginários. No caso metrossexual estes servem para designar o homem metropolitano preocupado com sua aparência, alimentação, moda, etc. Uma forma de nomear uma masculinidade que incorporou hábitos tradicionais ao gênero feminino desde o início do século XX, mas que não coloca em questionamento a orientação relativa à escolha objetal heterossexual destes homens.

A definição de gênero, portanto, trata de atos que se repetem no e através do corpo. As modificações que ele sofre na contemporaneidade são exemplos de produção de novas identificações,

sinais exteriores que, postos em ação, estabilizam e dão visibilidade ao corpo, criando um estilo corporal que tanto é intencional como performativo, ou seja, o gênero tornaria real e produziria aquilo que nomeasse ou atuasse sobre (COSSI, 2011, p. 88).

O corpo é justamente a superfície sobre a qual a inteligibilidade sobre a existência de dois gêneros possíveis foi historicamente construída. É o que nossa pesquisa investigou por esta espécie de “apropriação” das práticas de estética corporal pelo sexo masculino. Sem que isto contribua à desconstrução das identidades de gênero estabelecidas, os relatos oferecem um panorama de como determinados usos dos corpos reservaram lugares distintos às

realidades do sexo masculino e feminino. O liame entre o que seja “coisas de homem” ou “coisas de mulher”, mostra-se sensivelmente mais tênue, menos refém de formações imaginárias que de atuações simbólicas. Inclusive a fragilidade deste limite passa a ser autorizada quando, por exemplo, encontramos meios midiáticos que acabam incentivando o desaparecimento destas fronteiras – vide a própria *Men’s Health*.

Outro fato observado foi a presença de algumas defesas que possam justificar a demanda por outras intervenções. Por exemplo Bruno, ao justificar uma cirurgia de redução das bolsas que se formaram logo abaixo dos olhos:

Bruno: Não... assim... inclusive, no meu trabalho eu tirei licença. E eu falei o seguinte, que meu olho tava caindo, que tava complicado até pra enxergar... dei uma desculpa, até pra enxergar...

Tiago: Mas estava te atrapalhando enxergar?

B: Não, foi como uma desculpa... e aí eu fiz... algumas pessoas elogiaram, “nossa, ficou bom...” (*Sic*).

Ao que Acrescenta Igor:

I: [...] é que o problema da minha pele é que a, a minha pele ela é muito... é... pele branca... ela é... estoura muitos vasos, muitos vasos, ficam visíveis, fica feio [gagueja bastante ao enunciar] [...] porque nossa pele da família é uma porcaria. Meu pai teve problema de câncer de pele, tá! São verruguinhas que vão aparecendo na nossa idade.

Discursos que marcam a presença de defesas para a tomada da decisão de iniciar o tratamento estético e que revelam o quão difícil ainda parece ser assumir a decisão em iniciar o tratamento. Talvez por colocar em risco a estabilidade do gênero ao qual se identificam, tais práticas ainda não podem ser completamente assumidas. Ao realizarmos um corte sobre a *história da masculinidade* no ocidente tal impasse parece cumprir determinada função ao questionar o sexo masculino da divisão binária de gêneros.

A transformação do modelo que priorizava apenas o sexo masculino como forma de se pensar a partilha dos sexos de maneira binária, sofreu seus ataques em sociedades cuja efervescência cultural permitiu à mulher uma maior liberdade. Foi na França e na Inglaterra que os primeiros movimentos de contestação da masculinidade e do patriarcado se fizeram ouvir. *As Preciosas*, por exemplo, foi a primeira expressão do movimento feminista na França. O movimento propunha soluções feministas para a emancipação das mulheres e colocava em xeque todos os valores tradicionais masculinos por volta de meados do século XVII. A agitação ganhou ainda mais expressão quando os homens aderiram ao movimento. Adotando comportamentos semelhantes aos das mulheres e gosto refinado, vestiam-se com perucas longas, plumas e cores extravagantes. Eram sujeitos cortesês, delicados e que serviam como ponto nevrálgico ao estereótipo de gênero do homem rude e tirânico que habitava o domínio anglo-saxão (BADINTER, 1992). Corroborando Badinter, Forth (2008) ressalta o constante temor social perante o risco de feminilização dos homens pertencentes à burguesia europeia. Uma nova expressão da masculinidade foi, de maneira sorrateira, coexistindo com o modelo viril das classes operárias, sem que isso fosse percebido como um conflito ou qualquer tipo de disputa por uma posição hegemônica sobre os demais.

Encerrando esta seção, gostaríamos de recuperar as palavras de Badinter que parecem responder à necessidade destas defesas ainda hoje, se considerarmos que “a ordem ‘seja homem’, tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é, talvez, tão natural quanto se pretende”. E continua: “um lugar de doloroso sofrimento... um brinquito do acaso... um teatro de angústia e desesperança” (BADINTER, 1992, p.14-15).

5.2 | O corpo enquanto objeto

Para esta discussão apresentamos o caso de Igor (a transcrição completa da entrevista encontra-se nos anexos, a partir da página 132) que havia acabado de completar sessenta e um anos um dia antes da realização da entrevista. De origem humilde, tornou-se um bem-sucedido empresário no ramo moveleiro na região do ABC Paulista. É casado com uma mulher dez anos mais jovem, com quem tem duas filhas. Igor é ainda avô de duas jovens garotinhas.

O relato de sua história se assemelha ao enredo de um filme, em que ele é o personagem principal que vence as adversidades, disputa e conquista várias mulheres, sobreviveu a dois tiros em decorrência de uma discussão no trânsito, tira “racha” de carro na rua e que não deixa de ser um homem generoso com a família. Uma história contada com entusiasmo de quem construiu um pequeno império na vida apesar da origem humilde e demais adversidades.

Igor iniciou as intervenções estéticas a partir da influência das filhas e da esposa, uma vez que era ele quem as levava até o consultório médico até que, segundo ele: “eu falei: ‘porra, eu estou aqui’, falei ah, da licença né! Não sou motorista não [...] ai de motorista eu passei a cliente” (*sic*). E assim ele deu início às práticas de cuidado estético na região da face com o objetivo de “combater o envelhecimento, evitar as rugas e esticar a pele” (*sic*). Ao ser questionado sobre quais procedimentos havia realizado, retirou seu telefone celular do bolso e começou a ler os nomes e a data em que os havia realizado. De forma bastante entusiasmada foi lendo os nomes dos procedimentos tais como aplicação de botox, peeling facial, ácido hialurônico até o momento em que fez uma “esculpida em toda a face com uma cirurgia plástica no ano de 2010” (*sic*).

Igor apresenta uma relação de consumo com a indústria da beleza em que os procedimentos estéticos entram enquanto um elemento a mais a ser contado na seriação de seus bens tais como apartamentos na praia, casa em Orlando (EUA), casa em Campos do Jordão, jet-sky, carros esportivos e motos Harley-Davidson. O fato de carregar o nome de todas as intervenções estéticas consigo em seu telefone nos dá a dimensão do quanto estas servem para transformar a relação que o mesmo tem com seu corpo em uma relação de customização de um bem de consumo.

O consumo de intervenções estéticas se dá de forma espiral, em que a contabilização de suas intervenções transforma um procedimento médico em um bem mercadológico que segue os princípios descritos por Marx em *O Capital* (1867/2012). Sem querermos aprofundar na teoria marxista, tomaremos emprestado apenas o que nos interessa para compreendermos como um processo estético pode ser transformado em um bem equiparável a um objeto de consumo.

Segundo Marx, as mercadorias possuem um *valor de uso* que satisfazem necessidades humanas, não importando tratar-se de necessidades reais que surgem a partir de determinado órgão ou se satisfazem unicamente a *fantasia*. Possuem também um *valor de troca*, que corresponde à medida social da mercadoria nos processos de troca. Por fim há o *trabalho* envolvido para que a mercadoria seja produzida.

Porém não se trata apenas da relação de diferenças entre estes três componentes. Marx nos lembra sobre a possibilidade de expressão do *valor* de uma mercadoria apenas por meio de seu *equivalente*, “a mercadoria, na forma relativa, oculta o próprio valor, que só se apresenta no corpo do equivalente; isto é, representa-se nele” (GRESPLAN, 2006, *apud* PACHECO FILHO, 2015, p. 32).

Para o exemplo de Igor vale notar que em raros momentos ele comenta sobre o valor pago nas cirurgias³¹. O equivalente aparece na forma de reconhecimento por parte dos demais e, em especial, em ocultar que está se submetendo a alguma forma de tratamento estético. Assim, segue o relato sobre uma das aplicações de botox:

Igor: Eh, e já tava marcando e feio... comecei a fazer [aplicação de botox] e melhorou... porra, assim da noite pro dia e cada dia fica melhor... entendeu? E fica melhor! E fazer coisas que... ninguém perceba. Né, hoje... [engasga procurando palavras] meus amigos aqui embaixo [do prédio] ninguém sabe!

Tiago: Ah, o pessoal com quem você...

I: [Interrompe o que eu estava dizendo] Com quem eu convivo, ninguém sabe! “Pô Igor, que que você faz?” “Porra, você tá cada dia mais jovem! Eu vejo você, ta cada dia mais jovem... Pô, o quê que você faz?”

T: Ah, eles comentam.

I: Comentam! Eh, então a gente acaba brincando, eu falei: “É namorada nova rapaz, isso aí é namorada nova... tem que se cuidar!” Então as vezes acaba brincando, mas não tem nada a ver. Não, eu sou muito fiel à minha esposa!

T: E o que o senhor diz nesses momentos assim em que eles comentam sobre a diferença... que está mais jovem...

I: Porra, isso é uma satisfação, uma satisfação! Olha só, a gente (interrompe) todo mundo envelhece... tudo envelhece... mas tem que saber envelhecer... então a... eu falo, pra mim o que não pode envelhecer é a alma, é o espírito de, de (gagueja) de... o... o corpo não tem jeito, agora se eu puder retard.. [gagueja], retardar um pouco, por que também não?

Merece ser notado como Igor reproduz um discurso que é bastante utilizado pelo marketing ao equiparar bem-estar emocional com estratégias dedicadas para evitar o envelhecimento. Neste momento seu discurso é bastante contraditório e compreendemo-lo enquanto expressão do conflito apresentado anteriormente por Gori (2015) ao apresentar as contradições de alguém que perde em sua tessitura simbólica para ganhar em alargamento imaginário. Assim, o discurso ganha uma tonalidade falaciosa, em que o sujeito precisa afirmar algo para desmentir-se logo no momento seguinte, revelando aí a falácia em obliterar

³¹ É digno de nota que isso talvez deva-se ao fato de não haver estabelecido uma relação transferencial muito intensa com Igor uma vez que o encontro ocorreu em apenas um dia e ainda a partir de uma demanda do pesquisador.

sua condição castrada em vistas de se fazer um indivíduo; uma substância racional e autogestor de seus atos.

O desejo de garantir um lugar enquanto um suposto autor de sua própria história, desprovida de passado e apartada de uma fração considerável da realidade (por exemplo em poder assumir o envelhecimento) permite ao sujeito a construção de inúmeros roteiros para a própria vida, sempre em vistas de recuperar sua ideia de unidade. Quanto à liberdade que a doutrina neoliberal empresta ao sujeito é justamente este pequeno romance cotidiano o qual o sujeito possa contar a si próprio numa espécie de engano de menor gravidade, uma vez que o discurso não provoca maiores estragos. Esta é a oferta da liberdade mínima questionada por Gori que o neoliberalismo oferece de maneira fantasiosa, mas sem lastro com a realidade que possa lhe conferir algum valor.

Igor comemora ao perceber que “Quer dizer que o que eu fiz e o que eu achei que devia fazer, eu to, eu to me sentindo feliz porque eu estava certo! Eu não errei!” (*sic*). Trata-se da busca pela *medida exata* do comportamento do assim denominado “homem econômico” (LAVAL, 2007) em que cada atitude tomada é sempre mensurada enquanto uma medida de valor que deve lhe conferir determinado prazer. A satisfação no relato do reconhecimento de sua aparência mais jovial e de sentir que “não errou” desvela mais uma das possibilidades de cálculo do modo de autogestão da própria vida. A meritocracia neoliberal aparece nestes momentos em que o sujeito aparenta assenhorar de seus méritos, como autor único dos destinos de sua existência. O limite imposto pelo envelhecimento do corpo imaginariamente vai para a berlinda graças ao avanço tecnocientífico representado pelo alcance do discurso da ciência naquilo que se faz enquanto efeito no discurso médico.

Se Lacan (1969/70) toma a produção de *latusas* como exemplo do alcance do discurso da ciência no meio social, seus efeitos não poderiam deixar de atingir o próprio corpo do vivente ao mercantiliza-lo. Tomamos o reconhecimento da jovialidade de Igor como uma das

formas de expressão da produção de um corpo enquanto *latusa* que possa ser consumido. Uma vida que tenta burlar os efeitos da presença do Outro enquanto marca da diferença, enquanto representante da castração à qual ele vai embelezando, maquiando, disfarçando imperfeições sem que ela deixe de sinalizar sua presença pela constante insatisfação com a própria aparência.

Assim, percebemos que o *valor de troca* aparece naquilo que flerta quanto ao reconhecimento social do sujeito por seus pares. O prazer extraído em ocultar a realização do botox soma-se à satisfação em sentir-se aceito pelo grupo mais jovem. Todas as sextas feiras ele e seus amigos se reúnem para a “sexta alegre” (*sic*) ocasião em que vão para seu apartamento (que ele faz questão de designar como “sede” em alusão ao tamanho do apartamento localizado em uma cobertura de um bairro nobre da cidade) para conversar, beber, cozinhar e comer. O reconhecimento e busca de aceitação aparece em dois momentos que merecem maior destaque, ao dizer do relacionamento com os amigos

Igor: “nós somos tudo de igual pra igual, eles sentem falta no dia em que eu não estou presente, tá! Eh... senão eu estaria com uma, com uma, uma [gagueja] com um aspecto bem mais velho.... então você já não consegue... se juntar com os... mais jovens (*sic*).

E nas reuniões de sua fábrica e com os genros

Tiago: Uma forma de você se sentir mais à vontade de estar com eles...

Igor: Não de eu sentir mais à vontade não... porque eu sempre me sinto a vontade em qualquer lugar, entendeu? Eh... é de você saber que você está... que você se sente aceito naquele grupo, né. Você foi aceito no grupo. Tanto isso nas reuniões que eu faço na fábrica... nas reuniões com fornecedores... hoje, por exemplo, o meu relacionamento com, com meus genros... é de igual pra igual, como se fosse da mesma idade.

Ao todo, Igor já realizou mais de vinte procedimentos durante dez anos de tratamento estético. Não muito diferentemente dos demais participantes, a questão de sustentar uma aparência mais jovial é o plano ao qual ele parece manter-se mais fortemente atado, tal como podemos observar

Igor: Muita gente me pergunta quantos anos eu tenho. Eu digo: “sessenta e um!”
“Nossa, sessenta e um?!” Eu vou no teatro, no teatro eu levo... eu compro meia, né!
Vou na luta, UFC, eu pago meia! Eu tenho direito com sessenta anos, né meu! [risos]
Aí eu apresento os documentos pra provar que tenho sessenta. Então isso é gostoso,
isso é gostoso [se empolga]. Isso é gostoso!

Trata-se da captura pelo plano do imaginário de um dos efeitos do discurso do capitalista. Este apelo ao imaginário podemos compreendê-lo enquanto uma possível resposta “a despeito de certa homogeneização da subjetividade contemporânea operada especialmente pelos meios de comunicação de massa e os novos suportes tecnológicos, é uma busca identitária sempre mais angustiante a que se encontra confrontado cada indivíduo” (GASPARD, 2012, p. 367). No caso de Igor, pode-se dizer que esta busca identitária aparece no contorno deste personagem que ele vai criando, dando corpo, em torno da ideia de um sujeito que tudo pode.

Dá o discurso do capitalista ser o modo privilegiado de inserção do sujeito em um contexto de ausência de laço social. Vale lembrar que o conceito de discurso em Lacan foi estabelecido em torno de um impossível nomeado por Freud como mal-estar. Por discurso compreendemos o aparelhamento de gozo em decorrência à presença da barreira da castração, enquanto impotência de tudo saber sobre a verdade do sujeito. É justamente neste plano imaginário que o discurso do capitalista faz girar a demanda de Igor, identificado a um ideal ao qual ele procura dar consistência demandando constante reconhecimento por parte do outro.

A ideia do homem econômico, autogestor e empreendedor de Laval e Dardot (2009) apresentado no capítulo segundo encontra eco no caso aqui apresentado, conforme nos apresenta Castro (2012). Para este, ao analisarmos o sentido das setas no discurso do capitalista, “o sujeito (\$), na posição do agente, parece comandar os significantes-mestres (S1), na posição da verdade” (CASTRO, 2012, p.4).

Trata-se, no caso de Igor, de um sujeito que na posição de agente busca comandar e orientar o que possa determina-lo (S1). A seta que sai de S1 para S2 coloca o outro, no caso aqui a médica responsável pela produção de um objeto (*a*), que no caso do discurso do capitalista “conjugua-se como um artefato técnico e mercantil” (*Ibidem*). Ou seja, o consumo das cirurgias se dá uma ordem mercantil, cujo reconhecimento se dá no gozo que Igor revela ao contar sobre o impacto que causa nas demais pessoas.

A partir de mais um quarto de volta nos elementos do discurso do mestre temos a produção do discurso da histórica que é um dos discursos que toca a *impotência*. De uma forma geral, podemos situar esta forma de discurso como uma das formas de organização da relação que o sujeito pode facilmente encontrar na contemporaneidade dada sua condição de estar constantemente insatisfeito com o próprio corpo. Assim, o discurso do capitalista ganha força no atual momento neoliberal por lidar com um sujeito em sua condição histericizada. A promessa de satisfação ofertada pelas *latusas* do contemporâneo dá ao sujeito a ilusão de poder ter o objeto fálico ao qual almeja a sujeito histórico almeja. A ilusão aqui é posta no momento em que ele acaba por identificar-se ao objeto tornando-se o objeto que satisfará o gozo do outro.

Vale notar que a queixa de todos os entrevistados dizia respeito sobre o desejo de camuflar as marcas oriundas da ação do tempo. Ora, é exatamente em torno de um desejo de ser tomado pelo outro, de provocar o desejo no outro, que o sujeito passa a orientar suas ações em sua ânsia de ser um autogestor – ou mesmo um investidor – que pode expandir seu *capital*

de beleza física. Se por um lado o discurso do capitalista faz girar as engrenagens que colocam o sujeito na posição de tudo poder, ao foracluir a castração, seu retorno se dá na posição insatisfeita, tal como no discurso histórico que sempre denuncia a impotência. No nosso caso ela aparece a partir da queixa de insatisfação com o próprio corpo, com as marcas da ação do tempo, etc. Aparece ainda – no caso dos sujeitos que têm o boneco *Ken* como ideal – na perda da dimensão do risco quando se queixam de *ainda* não terem alcançado o modelo corporal buscado. Outro exemplo é a desconsideração pela realidade ofertada por meios midiáticos, retomando aqui o caso da *Men's Health* que parece desconsiderar qualquer outro prazer ofertado pela realidade que não relacione à realização de um corpo escultural.

Trata-se de pensar o discurso histórico como modalidade privilegiada de entrada do sujeito que busca produzir *um mestre sobre o qual ele possa governar* (LACAN, 1969/70), aqui representado pelo lugar do médico na relação médico-paciente. É pela via do discurso histórico que o sujeito interpela o outro (S1) para a produção de um saber (S2) – para a aplicação do uso da técnica e produção de um novo corpo. Este corpo que envelhece e deixa seus rastros através de rugas e marcas de expressão é exatamente a presença do real, jamais simbolizável, e que se anuncia pela impotência entre *produção* (S2 – o corpo após a intervenção da técnica) e *verdade* (objeto *a* – reservatório pulsional que incita o sujeito (\$)).

Igor parece estar em acordo com estas modalidades de sofrimento neurótico contemporâneo. “Esse lugar aparentemente privilegiado do sujeito, que se crê autônomo, está ligado ao narcisismo, o qual encontra terreno especialmente propício para florescer na sociedade de consumo” (CASTRO, 2012, p.4). O narcisismo deste sujeito supostamente autônomo, flerta com o substrato escópico da pulsão – tal como discutimos no capítulo segundo. Os modos de subjetivação contemporâneos passam pelo crivo da sedução pela imagem, uma vez que têm seu correspondente psíquico galgado na condição pulsional que privilegia o retorno do olhar sobre o próprio sujeito.

Isto que Igor nomeia por “satisfação enorme” (*sic*) no momento em que é percebido pelo outro enquanto alguém mais jovem é o emolduramento da fantasia sobre a qual a religião do Mercado – tal como postulado por Dufour (2007) – pode atuar. Tocar o narcisismo do sujeito contemporâneo é o artifício que a insatisfação promovida pelo discurso do capitalista alcança, colocando-o numa incansável busca por reconhecimento.

Este apelo ao gozo não é algo inédito no modo de regulação da economia capitalista. Assim, as mercadorias são providas de fantasias que estimulam o gozo, sendo “uma rede de significantes que remetem, por exemplo, à busca de aceitação e de prestígio social, fornecendo coordenadas externas que contextualizam cada mercadoria” (CASTRO, 2012, p.5). É curioso notar que, ainda que Igor afirme inúmeras vezes “não precisar provar mais nada para ninguém” (*sic*), ele afirma sentir-se melhor ao perceber-se mais jovem e poder ser assim aceito pelos mais jovens. A contradição no discurso nos mostra mais uma vez a divisão do sujeito.

Lacan (1972) afirma que o discurso do capitalista produz a degradação do laço social ao transformar cada indivíduo num sujeito despossuído, em proletário. Proletário no sentido de nada possuir, nem mesmo o capitalista, que possa ser oferecido ao outro enquanto suporte à castração. Assim, “a ideologia que prevalece neste semblante de discurso corrói de fato todos os laços sociais (fabricação de dejetos e resíduos de todas as espécies). O discurso do capitalista é um discurso sem ética que exila o sujeito de seus laços significantes” (GASPARD, 2012, p.363).

Assim, ao transformar o próprio corpo em *latusa*, se busca equivaler ao lugar de objeto *a*. A impossibilidade de tal equivalência é desmascarada por este modo de relacionar-se que o sujeito encontra em que o laço social se torna destituído do que Lacan denomina “coisas do amor”, em que

o que distingue o discurso do capitalista é a *Verwerfung*, a rejeição; a rejeição fora de todos os campos do simbólico com aquilo que eu já disse que tem como consequência a rejeição de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado ao capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, as coisas do amor, meus bons amigos. Vocês veem isso, hein, não é pouca coisa! (LACAN, 1972, p.49).

Ou seja, no sentido em que o laço social se degrada, Igor identifica-se a um ideal narcísico que demanda o olhar do outro sobre si enquanto véu da própria castração. O corpo enquanto objeto fetiche, mais no sentido marxista que freudiano, serve de conforto narcísico à morte, aqui representada pelas marcas da idade. É aqui que o “deixar de lado as coisas do amor” encontra eco no sujeito “provedor da família, bem aceito e bem relacionando com todos” (*sic*) cujo corpo faz parte do enredo montado por si mesmo para dar vida a um personagem. Ao contrário da alteridade temos um discurso marcado pelo excesso de identificação e identidade, que busca excluir a diferença.

Badiou define o amor como uma

experiência de uma possível passagem da pura singularidade do acaso para um elemento que possui um valor universal. Tendo como ponto de partida algo que, reduzido a si mesmo, é um encontro apenas, quase nada, aprendemos que é possível experimentar o mundo a partir da diferença, e não só da identidade (...) ele nos conduz ao campo de uma experiência fundamental daquilo que é a diferença (BADIOU *apud* PRUDENTE, 2015, p.210).

A diferença à qual refere-se Badiou é o que marca a entrada do sujeito na linguagem. Por outro lado, a identidade (marca presença constante no discurso de Igor) é justamente o que reúne um conglomerado de identificações que se tornam excessivas na medida que demandam um lugar de não possibilidade de perda. A necessidade de ocultar e o gozo que extrai daí é o que sinaliza a presença do Outro, do semblante que despotencializa o laço social.

Para designar esta forma particular de relacionar-se, típica do discurso do capitalista,

Colette Soler forjou um termo: o *narcinismo* (*narcisismo* + *cinismo*), uma forma de pseudolaço social para designar o individualismo que toma conta dos tempos atuais. Narciso, uma figura já bem conhecida e incorporada por Freud à psicanálise para designar, *grosso modo*, aquele que tem por causa somente a si mesmo e o cínico que designa o sujeito devoto apenas aos próprios gozos. Soler busca designar um cinismo que não possui nada em si de subversivo, mas sim uma espécie de cinismo de má qualidade que não busca qualquer espécie de causa estrangeira a si. “Uma situação da civilização a qual os sujeitos não têm diante deles como projeto senão o sucesso pessoal, a promoção pessoal ou a derrota” (SOLER, 2011, p. 62). Um nome para designar este “individualismo a um só tempo louco e forçado” (*Ibidem*) que Igor sustenta ao seriar seus bens materiais e colocar-se como um objeto a mais.

Na mesma esteira de pensamento, podemos pensar o cinismo a partir do campo da filosofia, enquanto uma possível chave de leitura para compreendermos como o sujeito lida com a castração na contemporaneidade. Tal como apresentado no capítulo terceiro, o *cinismo* é a posição subjetiva que sustenta identificações que estejam socialmente disponibilizadas e aceitas ao mesmo tempo em que *ironiza* qualquer senso de determinação (SAFATLE, 2008). Novamente podemos tomar o ocultamento e a satisfação que Igor possui ao ser reconhecido como mais jovem justificando para isto que “está de namoradinha nova” (*sic*), mesmo não condizendo à realidade. É uma posição subjetiva que “nega reflexivamente aquilo ao qual se vincula, criando assim um universo social ‘carnavalesco’ de *aparências reflexivas*, ou seja, *aparências postas como aparências* (*Ibidem*, p. 138, itálicos do autor]). Mais que esta ‘brincadeira’ que Igor promove ao se utilizar da ironia para justificar as modificações estéticas, seu discurso toca a contradição e precisa do cinismo para criar um enredo em que “não precisa provar mais nada para ninguém” (*sic*) e que ao mesmo tempo “ser bem aceito por todos” (*sic*).

Trata-se de uma forma de compreensão sobre como o neoliberalismo afetam o

cotidiano no sentido mais vulgar, mais banal, do sujeito permitindo-o ser socialmente reconhecido. Destituir este senso de determinação torna-se um recurso possível para sustentar o homem desprovido de passado ao qual Laval e Dardot (2009) colocam como o autogestor da própria vida.

Não se trata de tomar o cinismo e a ironia enquanto problemáticas particulares do discurso do capitalista. Pelo contrário. Ironia e cinismo são recursos da linguagem que servem ao funcionamento e modulam todos os outros discursos. Não há como o mestre dominar e fazer o circuito funcionar no discurso do mestre, o burocrata mercadorizar o saber no discurso universitário e a histórica seduzir e fazer falhar seu mestre no discurso da histórica sem que tais modos privilegiados de uso da linguagem estejam presentes nas narrativas que se constroem. A modificação que ocorre aqui é em torno da instrumentalização que se faz do uso de tais artifícios a ponto de emperrar o processo reflexivo sobre o próprio desejo e a impossibilidade de haver um giro discursivo, haja visto a superação da impotência no circuito fechado do discurso do capitalista.

O corpo que se torna um produto no mercado de técnicas de embelezamento é um exemplo da legitimação de um discurso que promete um ideal já o sabendo impossível, apesar do suporte social que sustenta tal identificação, como aponta Safatle (2008). É a sutileza da presença do discurso do capitalista nos meios de comunicação *mass media* que emperra a capacidade reflexiva daquele que se coloca à disposição de servir-se da “falta-a-gozar” (Soler, 2011).

Em um texto bastante preciso ao qual recomendamos vivamente a leitura, Soler apresenta a tese de que no discurso do capitalista “quando a mais-valia é a causa do desejo de toda uma economia, isso engendra o que ele [Lacan] chama ‘a produção extensiva, logo insaciável, da falta a gozar’” (SOLER, 2011, p. 58). É precioso salientar que esta falta a gozar não coincide com a produção extensiva da castração. Lacan (1972) é enfático ao mostrar que,

dado o circuito fechado do discurso do capitalista, o efeito último deste será a forclusão da castração. Quanto à esta, “ através do amor Lacan mostra o valor da falta e, curiosamente, vincula o amor à castração” (MILLER, apud PRUDENTE, 2015, p. 211). Assim, o amor desvela a castração e tem seu suporte nela. O que está em jogo não é o suporte que a falta, ela mesma, possa implicar no desejo, mas a falta de gozo e seu impacto sobre a subjetividade. A mais valia, ao conjugar-se com o objeto *a*, faz das *latusas* meros semblantes de amor, sempre desqualificados em sua potência de satisfazer o desejo do sujeito, porém potentes em apontar a falta a gozar. Assim, a tese de Soler sobre a falta-a-gozar é que ela se mostra no discurso do capitalista, uma vez que “um discurso que exclui as coisas do amor também exclui a castração” (PRUDENTE, 2015, p. 211).

Assim, temos a impressão de que o caso de Igor demonstra como o neoliberalismo pautado na autogestão, na meritocracia e na autopromoção, na destituição do passado e ilusão de um presente autorreferente são sustentados no discurso do capitalista por meio do alargamento do imaginário preterindo os recursos simbólicos da fala e da ação. Compreender o uso que Igor faz das técnicas de modificação do corpo nos permite acompanhar como a indústria da beleza pode mercadorizar o corpo ao torna-lo esta mais-valia congruente ao objeto *a*, ($\$ \equiv a$).

Muito pouco foi dito sobre a relação de Igor com a profissional que realizou os procedimentos estéticos. Por merecer especial destaque e ter sido algo recorrente em todas as entrevistas, trabalharemos tal problemática mais a frente.

5.3 | Neoliberalismo e psicose: o corpo enquanto suplência

Ao longo das entrevistas encontramos um sujeito que faz um uso bastante particular de seu corpo. Trata-se de um jovem homossexual de vinte e sete anos que chamaremos de “Léo” (a transcrição completa da entrevista encontra-se nos anexos, a partir da página 159). A intervenção estética de maior impacto físico e psíquico foi uma cirurgia plástica para colocar prótese peitoral masculina. Além do mais, ele destaca que já gastou bastante dinheiro em cuidados estéticos, cremes hidratantes, tonificantes, além de seguir dietas alimentares rigorosas e uma média de duas horas diárias na academia. Relata que faz pausas em seu trabalho apenas para refeições e que sua rotina está restrita ao trabalho e as idas à academia.

Léo é proprietário de uma rede de salões de beleza onde trabalha de segunda a domingo, de dez horas da manhã às dez horas da noite. Este ritmo de trabalho intenso, desde a infância até os dias de hoje, lhe proporcionou uma confortável situação financeira o que lhe permitiu aos poucos “construir um corpo” (*Sic*) e passar a se reconhecer. Segue um pequeno diálogo sobre seu estranhamento quanto ao próprio corpo:

Léo: Tipo assim eu tava com... eu me sentia que eh... [pausa] que aquele ali não era eu, aquele ali era uma fase [balança os braços e fica bastante confuso] aquele ali ainda não era eu, eu tava em transformação, eu ia mudar muita coisa.

Tiago: Como assim?

L: Não, eu... quando as vezes eu me olhava no espelho, eu olhava assim, eu não, não sentia que aquele ali era o Leonardo, entendeu? Eu olhava pro espelho eu falava assim não, mas esse não é o Leonardo que eu desejo, que eu quero que seja, entendeu? (*Sic*).

Ele justifica esta dificuldade em se reconhecer pois, naquela época, seu corpo era muito magro, a pele seca e com muitas espinhas. Os dentes eram cariados e separados, o que demandava desde os cuidados mais básicos aos mais refinados.

A família de Léo é de origem muito humilde. Seus pais eram garis e ele teve que começar a trabalhar quando ainda era criança recolhendo papelão e latinhas pelas ruas. Durante toda a entrevista destacou seu desejo de sair desta condição de extrema pobreza, que contrastava com a falta de ambição de seus pais. Queixa-se de que o pai não lhe deu apoio quando decidiu se tornar cabelereiro. De acordo com Léo “ele [o pai] jamais me apoiou em ser cabelereiro pois existe um preconceito comum contra a profissão, né... pois todo cabelereiro é gay” (*Sic*). Além disso, relata uma completa indiferença de seu pai desde sua infância.

Léo construiu um ideal que vetoriza sua estrutura subjetiva, composto por riqueza financeira e um corpo reconhecidamente belo. No começo de sua vida profissional foi auxiliado por outras pessoas em melhor condição financeira e com certo prestígio que trabalhavam em salões de alta classe social. No processo de construção de seu ideal, Léo responde a um Outro que o olha do exterior e que se manifesta no olhar dos outros. Este Outro é sempre vigilante e tirânico quanto aos cuidados com sua aparência física. Esta vigilância aparece sob as perseguições que lhe acompanham o tempo todo, especialmente na forma de um olhar que o observa em cada detalhe de seu corpo e de seus hábitos. Segundo ele, “toda vez que você chega em um lugar, qualquer lugar, a pessoa repara em você dos pés a cabeça, repara em você, na sua roupa, repara no seu cabelo, repara na sua pele, repara tudo!” (*Sic*). A perseguição do olhar dá consistência ao corpo que ele constrói.

Trata-se de uma espécie de “aplicação prática” do *stade du miroir televisuel* de Dufour (2007), em que o sujeito tem sua vida controlada a partir de um referencial unicamente externo. Retomando o autor, afirmamos que “são os outros que me dizem (me ditam) quem e

o que eu sou. Eu me vejo na câmera como os outros me veem. Eu me vejo como um outro entre os outros, um outro que eu devo gerenciar, de forma impessoal, *como se fosse eu*” (DUFOUR, 2007, p. 61, [Itálico do autor]).

Assim, neste modo de autogestão da vida, o corpo de Léo lhe serve enquanto uma espécie de material que ele vai moldando conforme as demandas externas. Aqui percebemos como este artifício privilegiado pelo neoliberalismo – que toma o olhar do outro, que julga, omite opiniões, faz competir e autogerir a própria vida – triunfa ao criar um corpo para um sujeito que, a nosso ver, apresenta um modo de funcionamento psicótico. Por ora coloquemos uma pedra de espera sobre a questão da estrutura clínica de Léo deixando tal discussão para mais adiante. Restemos sobre sua caracterização.

Quanto à sua sexualidade, Léo se afirma homossexual e que não há qualquer problema em ser aceito como homossexual pelos outros, desde que se tenha bom *status* social e boa aparência física. Por outro lado, diz que se ainda hoje tivesse a mesma aparência e condição financeira desfavorável como antes, não seria bem aceito pelos outros, pois “Gay bom é gay rico! Gay pobre não presta! Gay pobre só presta pra ser pessoa espancada na rua ou humilhar, enfim... se expor ao ridículo, eh... usar drogas, enfim, esse tipo de coisa” (*Sic*).

Léo ainda se demonstra bastante apreensivo quando fala sobre o futuro. Ele afirma que evita realizar diversas atividades ao ar livre devido ao risco de envelhecer em decorrência dos efeitos do sol sobre sua pele. Durante todo o tempo ele demonstra uma preocupação, quase obstinada, em evitar o que seria uma forma de agressão contra seu corpo, em especial seu rosto, dando especial destaque sobre o medo dos sinais da ação do tempo. Ele considera o rosto como “a coisa mais preciosa que possui” (*Sic*) e já tentou fazer aplicações de *botox*, sendo convencido pelo médico a desistir por ter apenas vinte e sete anos.

Quanto à apresentação de Léo, finalizamos com uma fala precisa que, em paralelo a outras questões levantadas orientou nossa leitura sobre este caso deveras peculiar. Para

precisar sua problemática ele afirma que “se eu não fosse gay eu não teria nada disso” (*Sic*). Léo utiliza tal sentença para assegurar que todas as modificações, aí incluída a prótese peitoral, foram realizadas em decorrência de sua sexualidade. Diz, sem titubear, que sua condição homossexual o conduziu a isto uma vez que pessoas heterossexuais não reparam nos outros, na beleza dos corpos, a forma de se vestir, na expressão do rosto, etc.

Para a compreensão sobre o caso de Léo passaremos à hipótese de se tratar de uma psicose que se manifesta de forma ordinária e o significante “gay rico escravo da beleza” faz a função de suplência imaginária. Naturalmente, todos os diagnósticos estão sujeitos à discussão e alteração. Em situação clínica eles possuem um funcionamento experimental, que sempre está sujeito à sua adequação à realidade e eficácia na condução. A partir de duas entrevistas e análise da fala, assumimos aqui que o sujeito Léo se enquadra no que que descrevemos como uma psicose ordinária a partir de elementos discursivos que podem se alterar. Mas, apenas um processo analítico prolongado poderia dar mais consistência à nossa hipótese diagnóstica

5.3.1 | Sobre a psicose *ordinária*

O termo psicose ordinária foi utilizado pela primeira vez por Jacques Allain-Miller em decorrência de discussões clínicas que ocorreram entre os anos de 1996 a 1998. Somente na ocasião da terceira conversação, a Convenção de Antibes, é que o termo se tornou estabelecido pela primeira vez (MILLER, 2006), não sem deixar de provocar certo mal-estar em torno de seu uso dentro do campo psicanalítico ainda hoje. Assim, a partir desta ocasião, incluíram-se os seguintes casos: psicose compensada, psicose não desencadeada, psicose

suplementada, psicose medicada, psicose em análise, psicose em terapia, psicose que evoluciona e psicose sintomatizada (como a de Joyce) (*Ibidem*).

Toda a discussão em torno da criação desta categoria, se é que assim podemos denomina-la, ocorreu em razão da dúvida constantemente presente entre vários clínicos sobre o que poderia desencadear uma psicose. Tal dúvida concernia os casos de manifestações psicóticas que não se apresentavam sob a forma dos fenômenos elementares (delírios desencadeados e automatismo mental) e distúrbios da linguagem, classicamente necessários à clínica lacaniana dos anos cinquenta. Na prática, tratava-se da dúvida recorrente sobre o porquê de vários sujeitos passarem a vida sem manifestações tipicamente psicóticas e, ao mesmo tempo, apresentarem narrativas que deveriam incluir o desencadeamento de uma psicose. Miller (2006) enfatiza que a psicose ordinária não se trata de uma categoria de Lacan, mas sim uma categoria clínica lacaniana que pode ser formulada a partir de seu último ensino, o que fomenta ainda mais um maior mal-estar entre psicanalistas, em especial ao que toca o particular de cada Escola.

Pois então quais seriam os sinais que caracterizariam uma psicose ordinária? Longe de finalizar qualquer categorização, iremos trabalhar com a ideia de que “a clínica da psicose ordinária participa da mesma estrutura [da psicose], e que ela não deve diferir da psicose clínica senão pela descrição de suas manifestações e por seus modos originais de estabilização” (MALEVAL, 2003, p. 3). E mais evidentemente na psicose ordinária serão os “índices de não extração do objeto *a*, falhas discretas da capitonagem, problemas de identidade e prevalência das identificações imaginárias” (AVDELIDI, 2016, p.243).

Estes índices colocam em evidência uma questão crucial ao tratamento clínico: a convergência entre a aparição do sintoma e o gozo real.

Não teríamos dúvida que os mecanismos imaginários que dão a sintomatologia não funcionam de maneira autônoma: eles são articulados à economia de gozo. Nestas formas mais elaboradas deste processo de estabilização, as identificações imaginárias aparecem em conexão com o real (MALEVAL, 2003, p. 54).

Ou seja, há uma conexão do sintoma e da identificação imaginária com o real do corpo. É um índice bastante importante uma vez que há sujeitos em que o sintoma pode conduzi-los à uma significativa adaptação social, uma vez que existe uma resposta ao gozo do Outro no campo social. Para o caso de Léo é relevante perceber sua adaptação social ao trabalho fortemente ligada às identificações pelas quais passam o reconhecimento pelo outro. Afora isto, temos ainda o índice principal que trata do estranhamento ao próprio corpo, o qual trabalharemos em minúcias mais à frente.

A discussão em torno da hipótese diagnóstica que coloca Léo enquanto um psicótico, clinicamente sob uma manifestação ordinária, é sustentada por autores como Tironi (2010) por considerar sobremaneira o enfraquecimento das tradicionais formas de classificação na atual conjuntura de perda de referência de Um operador universal. Para a autora,

Em uma época em que as categorias sofrem uma perda de potência pela falência de um operador universal, as classificações perdem igualmente consistência. É no contexto dessa crise que se justifica a noção de psicose ordinária, que acolhe as soluções encontradas pelos sujeitos psicóticos, um a um, diante das dificuldades que experimentam na construção de laços sociais estáveis, por exemplo. [...] ao que Éric Laurent chama das psicoses ordinárias de ‘psicoses na época da democracia’, pois neste momento cada um tem a possibilidade de apresentar seu estilo pessoal e de tratamento do gozo na estrutura psicótica” (TIRONI, 2010, p. 5).

O que torna-se evidente é que as transformações sociais acarretam também mudanças nos arranjos subjetivos que possam ocorrer em cada estrutura. Lacan não titubeou em pensar as determinações sociais sobre a estrutura do sujeito ao afirmar que “o Édipo, todavia, não

pode manter-se indefinidamente em carta nas formas de sociedade nas quais se perde cada vez mais o sentido da tragédia” (LACAN, 1960, p. 827).

Dizer que na Europa vitoriana de Freud os ideais funcioassem como elementos moderadores de determinados modos de gozo não faz do tempo atual uma espécie de “registro melancólico” de um passado áureo e perdido. Pelo contrário, a marca do tempo atual – e com isso o conceito de psicose ordinária nos parece ganhar força – é de uma passagem da clínica da interdição marcada pela castração do desejo para uma clínica que promove a função do mais-de-gozar, uma vez que “o objeto *a* está cada vez mais em evidência. No lugar do ideal que temperava o gozo, houve uma multiplicidade de ideais distintos que não produzem identificações subjetivas que não sejam débeis” (TIRONI, 2010, p. 7).

Se, tal como afirmamos ao longo deste trabalho o neoliberalismo encontra sua personificação social na montagem do *homem econômico autogesttor e crente no Mercado*, seu alcance clínico parece também promover algumas novas possibilidades de apreensão clínica, tal como compreendido pela psicose ordinária. Ao tensionarmos a teoria dos discursos com o conceito de psicose ordinária, encontramos uma interessante consideração a a partir de Brousse (2009). Segundo a autora,

Como o discurso do mestre muda no curso da história – o que é uma forma de dizer que o laço social muda – o mundo que nos fala e de onde nós falamos, muda também. Às grandes rotas do simbólico mudam. Como consequência, os sintomas que de certa forma complementam o discurso, os sintomas que revelam a potência do que nós chamamos gozo, correspondentes a cada discurso, mudam também (BROUSSE, 2009, p. 11).

Vimos que o discurso do mestre moderno tende a tornar-se o discurso da ciência (GASPARD, 2012) entendida como as manifestações da ciência e seus efeitos sobre diferentes práticas discursivas, tal como a medicina, por exemplo. O conceito de psicose ordinária parece ganhar, para nossa pesquisa, maior reverberação no momento mesmo de passarmos à leitura sobre o alcance estrutural com o conceito de psicose ordinária.

Léo está implicado por um processo de identificações maciças que nos põe diante da necessidade de lançarmos mão de alguma teorização em torno da noção psicanalítica de suplência. Cumpre perceber que isto toca os traços sobre os quais se edificam os ideais, ao mesmo tempo que possui uma íntima ligação ao gozo a partir do sintoma (AVDELIDI, 2016).

5.3.2 | Uma breve noção de suplência

Para melhor compreendermos o conceito de suplência convém fazermos um pequeno retorno sobre a clínica psicopatológica clássica em que, desde Clérambault, a forclusão do Nome-do-Pai (P0) tem como desdobramento a aparição dos fenômenos elementares. Estes, anteriormente ligados exclusivamente aos distúrbios de linguagem e atividade delirante, ganham certo alargamento na atualidade (MALEVAL, 2003; AVDELINI, 2016), sendo classificados como:

a) fenômenos chamados de “automatismo mental” – conceito de Clérambault que permite agrupar na sintomatologia do paciente tudo o que é vivido como proveniente do exterior: pensamentos, ordens, vozes vividos como alheios, impostos de fora e que

decidem a conduta do sujeito; b) fenômenos que concernem a corpo, tais como experiência de decomposição corporal, de despedaçamento, de estranheza e relação ao próprio corpo; c) relatos de experiências inefáveis, a saber, vivências místicas de certeza absoluta, de comunhão com o todo (ZBRUN, 2010, p. 4.).

Tais fenômenos estariam presentes no momento denominado pré-psicose, período que antecede o desencadeamento. Maleval (2003) ressalta que o estudo dos fenômenos elementares chega mesmo a se confundir com a estrutura psicótica, ela mesma, uma vez que para Lacan não é possível haver a existência de psicose sem a presença dos fenômenos elementares. Vejamos:

Os fenômenos elementares não são mais elementares que o que está subjacente ao conjunto da construção do delírio. São elementares como o é, em relação a uma planta, a folha em que se poderá ver um certo detalhe do modo como as nervuras se imbricam e se inserem – há alguma coisa de comum a toda planta que se reproduz em certas formas que compõem sua totalidade. Do mesmo modo, estruturas análogas se encontram no nível da composição, da motivação, da tematização do delírio, e no nível do fenômeno elementar. Em outras palavras, é sempre a mesma força estruturante, se é possível assim nos exprimirmos, que está trabalhando no delírio, quer o consideremos em uma de suas partes ou totalidade. O importante do fenômeno elementar não é portanto ser um núcleo inicial, um ponto parasitário, como Clérambault se exprimia, no interior da personalidade, em torno do qual o sujeito faria uma construção, uma reação fibrosa destinada a enquistá-lo envolvendo-o, e ao mesmo tempo integrá-lo, isto é, explica-lo como dizem frequentemente (Lacan, 1955/5956, p. 29).

A observação dos fenômenos elementares, desde a clínica de Clérambault até os dias atuais, são um efeito da forclusão (P0) do nome do pai. Esta, implica a impossibilidade de que a significação fálica ($\Phi 0$) ocorra, o que não quer dizer a ausência por completo dos significantes. O que ocorre, diferentemente da neurose, é que com a forclusão do nome do

pai, a função paterna que poderia amarrar a significação dos significantes primordiais ao elemento fálico fica desaparecida (LACAN, 1958).

A *zerificação* da significação fálica ($\Phi 0$) está ligada a problemas de significação e não do significante (MALEVAL, 2003). É isto o que Miller (2006) recupera enquanto índice diferencial referente à psicose ordinária, separando-a da assim chamada “verdadeira” psicose e colocando os fenômenos elementares desaparecidos por detrás do arranjo que o psicótico pôde fazer antes que tais elementos viessem a ser percebidos. Lacan (1957) já havia tratado da distinção dos fenômenos ligados à forclusão do Nome-do-Pai (P0) dos fenômenos ligados à *zerificação* da significação fálica ($\Phi 0$). O avanço proposto por Miller será considerar a condição *ordinária* de vida na qual o psicótico pode mergulhar sem que seja percebido como tal. Diferentemente dos transtornos de linguagem – percebidos na paranoia sob a forma de alucinações verbais e imposição do pensamento – ou ainda do esfacelamento do corpo – como na esquizofrenia – a tese que Miller defende é que nos casos da psicose ordinária os fenômenos elementares estejam aparentemente ausentes devido à suplência realizada por um determinado significante à forclusão do Nome-do-Pai. Para Maleval (2003), nos casos em que o delírio se apresenta de maneira mais elaborada, como na paranoia, por exemplo, ele mesmo serve enquanto suplência à suplência faltosa do Nome-do-Pai.

A temática sobre os mecanismos de suplência e compensação imaginária estão presentes desde o início do percurso de Lacan pelo campo das psicoses, ainda no *Seminário III*. Desde este tempo o autor afirma existir a possibilidade da compensação primitiva à $\Phi 0$ pelo que ele denomina “uma série de identificações puramente conformistas” (LACAN, 1955, p. 232). Maleval (2003) remarca que a diferença entre a suplência e a compensação é que esta faz referências a imagens, servindo enquanto modo de “Compensação imaginária ao Édipo ausente” (*Ibidem*, p. 218). Por outro lado, a ideia de suplência “designa um meio utilizado para manter juntos os elementos da cadeia borromeana” (MALEVAL, 2003, p. 17)

Com o avanço dado por Miller ao ensino de Lacan, Maleval (2003) considera possível pensar a própria inscrição do Nome-do-Pai enquanto uma das possíveis formas de suplência imaginária. Ou seja, a ideia de que um significante toma o lugar do outro paternal, não insuficiente “como no caso da fobia de Hans, mas o Nome-do-Pai enquanto sua falta sob o modo da forclusão: P0” (ASKOFARÉ, 2009, p. 115).

A particularidade desta última clínica de Lacan, a clínica dos nós, não se encontra no apoio à metáfora paterna, mas sobre as formas de amarração do nó borromeano. Com isso, “resulta uma generalização da forclusão da referência. A favor deste enfoque, a função paterna aparece como um quarto termo, ligado à nominação, capaz de suplementar os três outros e de lhe articular de maneira borromeana” (MALEVAL, 2003, p. 17). Assim, o psicótico encontra uma distinta possibilidade de suplência que não se faz pela incidência da castração. “A forclusão do Nome-do-Pai [e com isto também a função da função paterna e a articulação borromeana] marca a carência desta suplência paterna, a qual pode, entretanto, ser compensada por outras formas de suplência, em algum tipo de suplências de segundo grau que implicam uma certa degradação de sua função” (*Ibidem*).

Esta degradação de sua função será percebida pela fragilidade do enlaçamento dos três registros do nó borromeano. No caso da psicose ordinária “uma amarração se opera, mas não de forma borromeana [...] A suplência se ancora em uma função de limitação que opera sob o gozo sem chegar a equivaler à castração. Com isto, resulta que ela falha em fazer valer o falo enquanto elemento simbólico” (*Ibidem*, p. 18). De tal sorte configura-se enquanto características principais de uma suplência a invenção singular que realiza função de pacificar do gozo e que ao mesmo tempo mantém o traço da falha a qual ela remedia. Mas afinal, qual será a especificidade da suplência enquanto operadora da função de nó?

5.3.3 | O corpo enquanto suplência imaginária

Gostaríamos agora de localizar o lugar do corpo enquanto suplência imaginária no processo de organização psíquica de Léo. Ao que nossa análise pode alcançar, passamos a considerar o modo particular de lidar com o próprio corpo sob a hipótese de uma possível suplência à suplência do Nome-do-Pai.

Chegamos a tal hipótese, ainda que passível de questionamentos dado o pouco contato que tivemos com Léo³², a partir da relação aderente que ele estabelece com o olhar do outro, o que parece servir enquanto uma forma de “compensação por identificação conformista” conforme, identificado no *Seminário III* de Lacan (1955/56), se pensarmos as relações de identificação ou enquanto suplência imaginária, se considerarmos a partir do enlaçamento dos três registros do nó borromeano (LACAN, 1976) a período final do ensino do psicanalista francês. Léo afirma que os olhares de suspeita e desaprovação desapareceram após passar por um momento de “evolução pessoal e profissional” (*Sic*). Esta “evolução” aumentou a partir do momento que realizou a cirurgia para colocar sua prótese peitoral. Após isto, afirma que tudo em torno de seu corpo mudou. Ele ganhou dez quilos, o que fez com que sofresse considerável transformação e passou a fazer outras constantes modificações em sua aparência com tratamentos estéticos menos invasivos. Vale ressaltar que antes da realização da cirurgia ele já havia tentado ganhar alguns quilos, porém sem obter êxito. Isso nos serve enquanto índice que marca a possibilidade de deslocamento do sujeito dentro de determinada ordem discursiva. Em nada altera o fato de ter ou não a prótese peitoral para que conseguisse ganhar

³² Foram realizadas apenas duas entrevistas com Léo. Cabe ressaltar ainda que o contato com Léo surgiu devido ao interesse dos pesquisadores e não a partir de uma procura espontânea comum à situação clínica. Assim, faz-se sobremaneira importante guardarmos certa ressalva sobre as considerações do diagnóstico. Dito isto, o que procuraremos colocar sob as lentes de nossa análise será o uso particular que Léo faz do próprio corpo, bem como tensionar tal uso com a teoria apresentada nos capítulos iniciais deste trabalho.

alguns quilos em seu peso. As alterações que realiza no corpo o coloca em outra posição subjetiva diante do Outro.

Durante a entrevista ele se afirma enquanto “um escravo da beleza” e, quando questionado sobre o que seria isso, diz que

Porque você tá... tá sempre preocupado em estar bem arrumado... se aquela roupa tá legal ou se você tá bem arrumado, ou se você tá bonito... então é uma coisa que é... eu me preocupo se eu vou sair de [interrompe]... se eu vou pra academia se eu tô arrumado... se a roupa que eu tô usando, se tá bonita se tá combinando, enfim... é um... é ser, é ser escravo querendo ou não da beleza. Eu trabalho com beleza mas eu também sou um escravo dela também... porque eu tenho a necessidade todo dia de uma rotina muito grande, todo dia levantar eh... ir pra academia, que já é uma coisa movida à beleza... então eu sacrifico duas horas de sono a mais, mas eu sacrifico ela pra poder... pra poder tá melhor comigo mesmo, então aí depois é lavar o cabelo, é hidratar a pele é... fazer o tratamento que tem que ser feito, eh... procurar uma roupa que combine, é passar um perfume legal... aí ir pro salão trabalhar o dia inteiro... e depois a noite é a mesma coisa... comer uma coisa, não comer outra... dá vontade de comer uma coisa, mas não pode comer porque aquilo vai te fazer mal... então isso eu creio que é ser escravo da beleza. Então a gente paga um preço alto por querer chegar num... [breve pausa] numa perfeição que não existe.

Ainda que longa, tal passagem mercê destaque. “Ser um escravo da beleza” parece funcionar como uma possível suplência a partir da qual um corpo pode advir e assim construir uma nova significação ao Nome-do-Pai faltante. Cumpre notar que Léo pode sustentar a suplência de um modo mascarado por detrás de seu trabalho. Assim, acaba por criar uma construção imaginária em que, por trabalhar com a beleza, ser belo torna-se um imperativo!

O psicótico ordinário é aquele que “gostaria muito de dar crédito à efetividade da linguagem, do laço social, da lei de troca mas não pode devido à carência da metáfora (e seja qual for o modo de suplência), jogar com os semblantes e se implicar subjetivamente (GASPARD, 2010, p.20). Para Maleval (2003) as suplências servem como meio de fazer barragem a um gozo invasor. Léo dá testemunho deste gozo invasor quando se refere ao olhar do outro. Aqui, o olhar cumpre uma dupla função: ao mesmo tempo que o invade é o que dá consistência e permite a localização do gozo do Outro. Léo escapa a ser tomado em sua

totalidade pelo gozo do Outro ao construir um corpo que serve enquanto armadilha que captura o olhar do Outro. A forclusão do Nome-do-Pai aparece no momento em que este Outro surge sem mediação, sem representação em um campo simbólico. O ato da cirurgia expressa uma operação no real algo que encontra-se foracluído no simbólico.

Léo nos mostra como a fragilidade do nó faz entreabrir lacunas quando ele se olha no espelho no momento pós-operatório e observa o real de seu corpo. “Bateu um arrependimento porque eu olhei a cicatriz, eu vi o machucado, e eu senti que eu tinha violado o meu próprio corpo, que eu estava me agredindo, então quando eu olhei no espelho nas primeiras semanas, eu arrependi amargamente do que eu tinha feito” (*Sic*). A ausência da amarração dos três registros a partir da referência fálica (-φ) coloca o sujeito em uma ligação sobretudo imaginária ao Outro e ao eu ideal, construído enquanto suplência. A não extração do objeto *a*, do deixar cair, pede a criação de um objeto real para dar consistência ao próprio corpo do sujeito.

A relação especular de Léo será mediada pela constante necessidade de se olhar no espelho. Sobre isto, Maleval (2003) recorre ao pensamento de Abély (*Appud* MALEVAL, 2003) nomeado como “signo do espelho”. Ainda que pouco estudado após os anos de 1930, “o signo do espelho consiste no fato de o sujeito se mostrar muito preocupado por sua imagem que ele examina longa e frequentemente diante de superfícies refletoras (*Ibidem*, p.28). Abély afirma a existência deste signo em diversas psicopatologias como a melancolia e a demência precoce, ao que Maleval acrescenta as psicoses ordinárias.

A propósito da sexualidade de Léo, “A forma mais discreta do empuxo à mulher se traduz pela aparição de uma crença homossexual, o que o sujeito concebe como uma atitude passiva e feminina” (MALEVAL, 2003, p28). O empuxo à mulher, no caso de Léo, surgiu por meio de duas situações: 1) seu desejo pelo implante peitoral aparecer a partir da identificação a mulheres que fizeram cirurgias plásticas e 2) o sentimento de “poder” que ele diz perceber

em tais mulheres. A perturbação de ter um corpo masculino *ou* feminino o coloca diante de um impasse tipicamente edipiano do qual o sujeito psicótico localiza-se somente a partir de uma ex-sistência. A saída psicótica mantém o masculino *e* o feminino com a não-diferenciação entre as posições masculina e femina. A ligação que ele estabelece entre “poder” (*Sic*) e a prótese de seio nas mulheres parece ser um índice da possibilidade de fazer (ex)sistir a castração, colocando-a velada sob a imagem dos seios femininos.

A homossexualidade com seus traços de identificação a um poder feminino parece servir à esta identificação à sexualidade, como também signo da forclusão da castração. Neste caso, é preciso retomar o lugar do desejo do pai quanto à sua profissão e sua sexualidade: “meu pai assim, ele nun... [interrompe], ele nunca me apoiou em querer ser cabelereiro, por ter um certo preconceito com a profissão, né... por todo cabelereiro é gay, enfim, até que falar para os amigos ‘que que seu filho é? Ah, seu filho é cabelereiro!’” (*Sic*). Trata-se de uma forma de ordenamento vindo da figura paterna que compõe a criação imaginária de um traço que Léo tenta construir. Cumpre notar que não se trata de uma identificação à pessoa real de seu pai, mas a uma voz mandatária que o captura alienado à obscuridade do desejo do Outro – não barrado, totalitário. Por estar foracluído o Nome-do-Pai não pode servir enquanto resposta ao desejo materno (representado aqui por este Outro primordial), colocando Léo sob os auspícios da face mortífera de um gozo invasivo.

Miller (2009) toma emprestada a ideia de Lacan que considera poder reconhecer a psicose “por uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida do sujeito” (LACAN, 1957, p. 565) para pensar sobre uma tripla externalidade que se demonstra em desordem; uma externalidade social, corporal e subjetiva.

Quanto à primeira, a externalidade social, Miller pergunta a respeito de qual seria a identificação do sujeito à uma função social ou profissional. Cabe notar que o autor destaca que os sujeitos parecem ter uma “desconexão” do mundo. Ou seja, não possuem uma conexão

mais profunda com a família, trabalho, amigos ou qualquer outra forma de relação que os ligam ao Outro. Quanto a Léo temos um caso particular de suplência que realiza uma espécie de semblante de laço social. Nós o consideramos bastante particular pela descrição por meio da qual ele suporta o laço social e da, assim chamada, “identificação social positiva”. Ou seja, “no momento em que os sujeitos investem muito de seu trabalho, em sua posição social, quando possuem uma identificação muito intensa à sua posição social” (MILLER, 2009, p. 16). Léo possui boas relações sociais com outras pessoas em seu trabalho e, sobretudo, uma confortável situação financeira. É exatamente quanto a isto que Miller (*Ibidem*) denomina por identificação social positiva. Além disso, o autor destaca o extremo valor simbólico do trabalho no mundo de hoje, o que reverbera ao considerarmos o que vimos a respeito do atual modelo neoliberal de regulação da economia e que, invariavelmente, toca a subjetividade.

Lacan (1973/74) no período mais tardio de seu ensino o Nome-do-Pai a partir de certa pluralidade de possibilidades de amarração dos três registros. Segundo o autor “em nossa época o Nome-do-Pai é o fator de ser nomeado, de ser atribuído a uma função, de ser *nomeado para*” (*Ibidem*, p. 65). É esta construção imaginária de ser um jovem belo, gay e reconhecido em seu trabalho e riqueza financeira que permite a Léo ascender à condição ser *nomeado para*. Aqui a construção que o mesmo faz serve enquanto suplência por meio do qual ele pode, ainda que minimamente, localizar o gozo no campo do Outro por meio de nomeações realizadas durante o processo de assimilação do seu ideal de beleza e status. Esta amarração é possível somente a partir de uma nova narrativa em que o significante “gay, rico e escravo da beleza” amarra os significantes que lhe permitirão construir um corpo próprio. Maleval (2003) afirma que a pluralização do Nome-do-Pai “abre novas perspectivas sobre a riqueza das soluções encontradas por numerosos sujeitos para suprir a função paterna” (*Ibidem*, p.65).

Cabe aqui refletirmos sobre de que modo as formas de enodamento do nó encontram suporte em uma sociedade que, para recuperar a tese de Dufour (2007), privilegia o Mercado enquanto uma forma renovada de religião. Esta espécie de “fé” que Léo demonstra no alcance de suas modificações corporais e no processo de construção de um corpo, quase que de forma autônoma, são cada vez mais popularizados no neoliberalismo. Consideramos que Léo encontra suporte no meio social em que está inserido e que, muito provavelmente, isto lhe permite afastar-se do risco do desencadeamento de uma psicose. Léo encontra na realidade formas de reconhecimento, formas de estruturar-se no campo da linguagem e que se faz reconhecer por meio do trabalho árduo e que, afinal de contas, é o que o mantém na lógica consumista, a ponto de tornar ele mesmo um produto.

A propósito da segunda externalidade, a corporal, Miller (2009) estabelece o corpo enquanto o Outro do sujeito. O autor toma a afirmação de Lacan (1949) segundo a qual o sujeito não é um corpo, mas ele o possui, para então compreender os artifícios necessários à construção de uma imagem corporal. Léo é o típico sujeito que faz o que Gaspard (2012) nomeia por *práticas compensatórias*, a partir de seu processo de “evolução” (*Sic*) do qual a prótese passa a funcionar enquanto um “acessório a mais” (*Sic*), tanto para seu corpo quanto para ser usado perante o risco de ser tomado pelo Outro totalitário que se faz presente em decorrência de P0. Este “acessório” serve para dar contorno a um corpo que anteriormente era sentido como estrangeiro. Cabe lembrar que quando ele era mais jovem tinha dificuldade em se reconhecer ao olhar para o espelho, tal como afirma “Não, eu... quando as vezes eu me olhava no espelho, eu olhava assim, eu não, não sentia que aquele ali era o Leonardo, entendeu?” (*Sic*). Aqui, observamos outro índice de estarmos diante de uma estrutura psicótica, ainda que estabilizada. Ao tomarmos o texto lacaninano *O estádio do espelho como formador da função do eu* de 1949, localizamos uma problemática correlata à passagem do primeiro tempo, imaginário, para o segundo tempo, simbólico.

Léo, ao relatar certa perplexidade e momentos de hesitação em que se observa diante do espelho, ainda em sua juventude, mostra algumas falências no processo de identificação imaginária ao outro. Consideramos este outro como a figura paterna que, quando aparece em seu discurso, aparece sempre enquanto uma figura frágil, um tanto quanto débil e que reaparece nos momentos em que parece negar a presença de Léo no mundo por sua condição homossexual. A ausência da possibilidade de identificação, ainda que “tomado no equívoco da identificação espacial” (LACAN, 1949, p. 97) indica a não assunção da imagem de um corpo próprio, circunscrito ao Nome-do-Pai.

A construção da suplência imaginária “gay, rico e escravo da beleza” inscreve-se enquanto um substituto ao Ideal no lugar do nome do pai, produzindo-se um substituto para o lugar da lei, tal como veremos mais a frente a partir do Esquema I.

Vale ressaltar que a construção sobre a qual Léo se estrutura é vacilante. Enquanto suplência do significante do Nome-do-Pai, o significante que vem substituir a inscrição fálica mostra certo afrouxamento do nó que mantém os três registros quando o sujeito olha o efeito radical sobre seu corpo após a realização da cirurgia de implante peitoral. Ao falar sobre como foi o momento pós-operatório Léo afirma que

bateu um arrependimento porque eu olhei a cicatriz, eu vi o machucado, e eu senti que eu tinha violado o meu próprio corpo, que eu estava me agredindo, então quando eu olhei no espelho nas primeiras semanas, eu arrependi amargamente do que eu tinha feito [...] aquele corpo ainda magro mas com uma prótese masculina, aí eu olhei e falei... eu sentia assim ‘olha o que eu fiz comigo, eu não precisava ter feito isso’ (*Sic*).

Esta espécie de reencontro é o momento em que a sustentação via suplência imaginária derrapa. Aí podemos perceber que o significante que faz suplência ao Ideal acaba por conduzi-lo a um estado melancólico, uma vez que “ a invenção singular que opera uma

pacificação do gozo conserva um traço da falha a qual ela remedia” (MALEVAL, 2003, p. 18).

Ao tomarmos a leitura de tal fato a partir das discussões estabelecidas anteriormente em torno do discurso do capitalista, poderemos supor a aparição de uma espécie de retorno daquilo que é objeto da supressão: a castração. Ora, o sujeito em posição de agente no discurso do capitalista cujo efeito último é a forclusão da castração, colocando-a a seu serviço, numa espécie de instrumentalização do gozo. Em outros termos poderíamos dizer que a suplência imaginária que Léo constrói – utilizando-se para isto de seu próprio corpo – faz funcionar de maneira ininterrupta seu modo de posicionar-se diante o outro de modo a realizar o Ideal que substitui o P0.

Este episódio que marca o pós-operatório de Léo ilustra o que Dufour (2007), Laval (2007) e Gori (2015) esforçam-se por mostrar sobre as falências da oferta do discurso neoliberal enquanto forma de regulação do laço social. Léo acaba por alojar-se a partir de um ‘pseudolaço’ com o outro que, ao excluir a castração (e com isso as “coisas de amor” – tal como apresentado em nossa argumentação prévia), necessariamente deve ser autônomo, autêntico e, em última instância, não castrado. O que o neoliberalismo oculta é que este sujeito somente se sustenta a partir de uma espécie de adesão ao outro enquanto um ideal / inimigo que deve ao mesmo tempo ser alcançado e obrigatoriamente superado.

A descrição que Dufour (2007) nos apresenta do *estádio do espelho audiovisual* ilustra a maneira pela qual Léo passa a ser notado diante dos outros. Em uma espécie de circuito em que ele torna o próprio corpo um objeto que captura o olhar do outro, Léo se mantém estruturado, vivendo do que supostamente advém deste Outro. Uma espécie de *como se* que acaba por falhar quando a realidade o convoca a sustentar com a própria carne, diga-se de passagem, um modelo ideal que não apresenta lastro com a realidade.

Retomando o que já foi supracitado, “no estádio do espelho audiovisual tanto procurado hoje em dia, nós podemos dizer que são os outros que me dizem (me ditam) quem e o que eu sou” (DUFOUR, 2007, p. 61). Esta ditadura que vem do outro passa a ser incorporada pelo sujeito enquanto um imperativo, retirando-o de qualquer capacidade reflexiva. Convém retornarmos um pouco na história que Léo nos apresenta e lembrar que se trata de alguém que, quando mais jovem, apresentava problemas em se reconhecer ao se olhar no espelho e que a busca por referenciais é algo recorrente em sua história de vida.

Por passar horas diante do espelho em decorrência de sua profissão, é possível que sua imagem no espelho cumpre a função de um efeito de duplo gerado pela imagem que observa refletida. O que o discurso do capitalista oculta é que o circuito passa a funcionar com autonomia, de forma muito rápida como se estivesse sobre rodas – para retomar os próprios termos de Lacan (1972) –, chegando ao ponto em que o sujeito se torna, ele mesmo, consumido por esse duplo imaginário e Ideal.

Para concluir a análise do caso de Léo em torno desta problemática da externalidade em desordem de Miller (2009), temos a externalidade subjetiva. A vacuidade, o vazio, é um dos principais índices para a psicose ordinária. Para preencher esta vacuidade, o sujeito colocará a dimensão dialética do Outro de lado, enquanto objeto de descarte. Em outras palavras, o sujeito perde a dimensão do erro e privilegia a suposta certeza de seu pensamento, mesmo que sofra as consequências mais funestas. No caso de Léo, observamos esta dimensão quando ele reconhece seu sofrimento sob o significante “escravo da beleza” e ainda assim continua com seu projeto de “evolução” corporal, mesmo com todas as privações necessárias para atingir seu objetivo.

Assim, a análise do relato de Léo à luz da teoria de Miller nos permite considerar que ele faz uma construção bastante ímpar sobre a qual procura aglutinar e relacionar alguns significantes que possam dar-lhe sustentação e a partir dos quais possa se apropriar de alguma

narrativa. Ao que nos parece, Léo construiu para si a condição de ser um *jovem homossexual, belo, rico e escravo da beleza*. A sustentação para tal construção encontra apoio nos discursos que o tocam quando, ao nos oferecer um exemplo ímpar sobre o *homem econômico* de Laval, ele faz as constas do que necessita sacrificar em prol de uma espécie de bem maior a ser alcançado; a resposta ao Ideal que surge em decorrência da forclusão do Nome-do-Pai.

Em resumo, os significantes que ele encontra à oferta lhe permitem se distinguir em uma externalidade socialmente reconhecida (pois pode ser *financeiramente* distinguido em seu trabalho como cabelereiro); uma externalidade corporal (a *juventude* e a *beleza* que estampam seu corpo); e por fim uma externalidade subjetiva (a *homossexualidade* e a *riqueza* enquanto possibilidades de sustentação do laço social).

Neste ponto, encontramos certa reverberação no caso de psicose de maior reconhecimento na teoria psicanalítica: Daniel Paul Schreber. Sem nos alongarmos nos meandros do texto freudiano, podemos nos ater apenas à função que o corpo parece servir à Léo cumprindo função análoga à “mulher de Deus” enquanto significante Ideal que substitui o Nome-do-Pai, tendo como efeito a produção de um substituto para o lugar da lei. Lancemos mão do Esquema I, apresentado em *De uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose*, de 1957/58.

permite a localização de Léo a partir da construção de um belo corpo masculino, com característica que reafirmam os componentes característicos do modelo corporal masculino – como no caso da ostentação de um peitoral proeminente, forte e que remete à virilidade – ainda que a partir de sua identificação ao sexo oposto.

A proporção que fica resguardada entre os quatro termos do Esquema I (i,m,M,I) “organiza o campo da realidade, ainda que sem a extração de um objeto de gozo que enquadraria a realidade” (JACINTO; COSTA, 2011, p.52). A função de suplência serve para indicar este algo a mais que é extraído da própria condição do significante de não se prestar a uma significação prévia, mas que no caso da psicose surge enquanto processo de obturação de uma possível falta. O efeito será a não extração de um objeto, o que remete Léo à sua condição “escravizada” a este olhar que o persegue, mas que ao mesmo tempo o sustenta o localiza diante o desejo do outro. O Outro, ao ter seu objeto de gozo localizado a partir do Ideal do corpo de Léo torna-se menos terrificante, ainda que não dialetizável.

Uma questão capital que convém destacar é a relação de Léo com o saber, o que nos remete à teoria dos discursos. A aquisição de uma representação imaginária – ainda que tangenciando um pseudo-simbolismo – do corpo abre a possibilidade do sujeito ordenar uma relação ao saber da qual não será possível senão pela existência de um certo intervalo entre S1 e S2. Gaspard (2010) afirma que para existir a crença a um saber é preciso qualquer coisa que possa faltar na cadeia significante. É isto que o discurso Universitário oferece ao ocupar o lugar de agente no discurso. A produção de um discurso que possa totalizar um determinado saber somente é possível por um momento prévio de reconhecimento de uma falta de saber. A crença é a representação da possibilidade de adquirir um saber que faça ligação entre os significantes S1-S2-...Sn.

É para responder à falta ao ser do Outro que a constituição de um saber será possível. De outro lado, para o sujeito psicótico não há um enigma constitutivo ao qual é preciso

responder. “A descrença coloca em função [...] se afasta ela também da propensão particular que alguns sujeitos psicóticos têm a se confundir com uma hipernormalidade, a ‘se holofrasear’ aos enunciados do discurso corrente” (GASPARD, 2010, p. 20). O outro está sempre lá, o que a figura da holófrase destaca pela ausência de um intervalo entre S1 e S2. Para o psicótico trata-se de um desacordo com o enigma que impedirá o sujeito construir um saber sobre a representação do próprio corpo.

Léo parece “vestir-se” de um corpo que cumpre uma função de armadilha ao olhar do outro a fim de dar-lhe materialidade. Assim, a possibilidade de construção de um saber sobre si torna-se turvada. A compensação aparece nos momentos em que ele considera possível viver somente colado a um Ideal. Em outros termos, ele parece não apresentar condição de construir um saber sobre o ser. A impossibilidade de jogar om os semblantes, tal como afirma Gaspard (2010), não o permite o benefício da dúvida e, assim, construir um saber sobre seu ser. Vemos no caso de Léo que não ha intervalo entre S1 e S2 para construir um saber, o que o conduz à conclusão de poder viver sob o signo de um *gay, rico e belo*. Léo encontra-se impedido de incorporar a representação de seu próprio corpo.

Incorporação é o nome da operação pela qual se realiza, se efetua o corpo do *falasser* enquanto esta operação assegura a passagem do simbólico no organismo convertido em corpo. Como consequência, uma vez tendo sido incorporado, o corpo do simbólico torna-se incorporal, assim o simbólico mantém o corpo, atestando que o simbólico é o corpo – agrupamento e articulação (ASKOFARÉ, 2010, p. 62).

É como se o corpo não o pertencesse uma vez que Léo não alcança esta representação incorporal de seu corpo. A necessidade da materialidade de um corpo *belo* nos mostra o impedimento do reconhecimento do corpo simbólico. Numa espécie de deslocamento de um significante que possa representar seu corpo, este é substituído pela materialidade real. Trata-

se da “substituição de um elemento real, r , pelo significante; ou seja: r/S ” (*Ibidem*, p. 112), operação análoga à substituição do Nome-do-Pai pelo Ideal.

A partir da noção de suplência na teoria psicanalítica abre-se um novo campo problemático: a questão da identificação ao objeto e suas consequências clínicas. Se a suplência abre um novo campo de possibilidades de enodamento entre os três registros, as identificações maciças fazem retornar um antigo problema: a circulação pulsional que deixaremos para o capítulo último, nas considerações finais.

5.4 | Neoliberalismo, discurso da ciência e narcisismo

Em todas entrevistas, em especial na de Igor e de Léo, podemos observamos que existe uma condição narcísica que é tocada por um saber. Este, se oferece enquanto uma espécie de promessa de resgate narcísico que aparece sob a forma de discursos sobre a saúde e o bem-estar. Para esta última seção analisaremos o lugar deste saber médico ao tensionar o narcisismo dos entrevistados. Nossa análise partirá do lugar do discurso da ciência na organização de vida neoliberal.

Iniciaremos com a fala de um dos entrevistados.

Ela [a cirurgiã] entrou em primeiro lugar na Pinheiros [Faculdade de Medicina na USP], se formou em primeiro lugar. Foi uma das melhores alunas que já passaram por lá. Pela Faculdade de Medicina da USP [FMUSP], em Pinheiros né, uma Faculdade brilhante. Eu fiquei muito feliz de fazer a cirurgia com ela (*Antônio, 75*).

O discurso da histórica é aquele que evidencia a castração, em que a queixa é sempre orientada para marcar a falta no outro, mas que tem como efeito desvelar a própria castração. O DH é justamente o avesso do discurso universitário e “faz objeção ao totalitarismo perverso

do saber, seja ele qual for” (QUINET, 2009, p.37). No discurso universitário a dominante é este saber que se torna burocratizado.

No fragmento acima extraído a partir da fala de Antônio é especificamente esta forma de burocratização do saber que vemos aparecer. Uma forma de saber que possui autonomia, que serve enquanto insígnia fálica. Funciona como se o fato de a cirurgiã ser proveniente da FMUSP servisse como espécie de indumentária, enquanto um signo de um saber dominante que valida uma discursividade.

No caso de nossos entrevistados a condição de insuficiência do saber da cirurgiã plástica que realizou os procedimentos não é evidenciada. Pelo contrário, há uma constante valorização e uma espécie de relação fetiche com a mesma. Quanto a este lugar de prestígio e proximidade à médica, em sua posição de mestria, é digno de nota o lugar que, por exemplo, Igor procura mantê-la. Ao ser questionado sobre de que modo conheceu a médica que lhe operou ele respondeu, prontamente já me interrompendo, que

Ah, a doutora já nem é doutora, né, ela é uma amiga nossa [...] Nós nos conhecemos por intermédio de uma outra amiga... faz alguns anos... e de tanto ir, conversar, hoje a gente acaba convidando ela pra um, um, [gagueja] aniversário ou pra alguma coisa (*Sic*).

Igor não é diferente dos demais pacientes quanto ao valor que confere à proximidade da relação com a médica. O entusiasmo na fala de todos os participantes ao enaltecer as competências da formação só não é mais notório do que quando se gabam de alguma relação de maior proximidade. Assim, esta de “vestimenta de saber” serve como uma espécie de manto sob o qual a posição de mestria se coloca para tornar-se hegemônico.

Lacan no *Seminário 17* (1969/70) por vezes aproxima o que ele chama de discurso do mestre moderno tanto ao discurso universitário quanto ao discurso do capitalista. Tal variação

é mais perceptível neste *Seminário*, uma vez que na *Conferência de Milão* (1972) a fórmula do discurso do capitalista já se encontra bem definida, sendo diferenciada apenas do discurso do mestre. Uma chave de possibilidade para minorar esta confusão demanda que se localize a variação do lugar e do estatuto do *saber* nos discursos.

Ao discutir esta modificação do lugar do saber, Lacan parece seguir certa vereda teórica marxista cujo percurso já aparece no *Seminário 16* (1968/69) em que ele iguala o saber ao que chamamos de valor (e aqui cabe lembrar a teoria marxista sobre a atribuição de valor em sua forma *relativa* tal como apresentamos anteriormente) em que esse [o valor] às vezes se encarna no dinheiro, não se esquecendo que o saber também vale dinheiro.

No processo de atribuição de um valor de troca, cuja medida está na base de seu reconhecimento social, deve-se considerar o trabalho envolvido no processo de fabricação da mercadoria. Ora, é exatamente a expressão do valor deste trabalho que os enunciados dos entrevistados supracitados expressam no momento em que enaltecem a formação da cirurgiã e a proximidade com a mesma. Em torno do saber médico e do lugar de reconhecido prestígio social cria-se uma relação de fetiche em que o reconhecimento do *trabalho* agrega-se ao *valor de troca* na produção do corpo-mercadoria.

E o que distingue o modo capitalista de outros modos de produção não é o fato em si da produção de mercadorias, mas sim o fato de que o “ser mercadoria” constitui o caráter dominante e determinante dos seus produtos, com a implicação adicional de que o próprio trabalhador somente aparece como um vendedor de mercadorias (o seu trabalho) e, ele mesmo, como mais uma mercadoria entre as outras (lembre-se da expressão, muito apropriada, “mercado de trabalho”) (PACHECO FILHO, 2015, p. 31).

Trata-se de uma modificação da relação que o sujeito constrói com o próprio corpo por meio de discursos que alternam a relação entre mercado e corpo. O sujeito torna-se mais “valorizado” *por tabela*, como diríamos em um português bem claro. É como se as insígnias

fálicas que conferem uma posição privilegiada ao saber da médica também os tocasse de forma tangencial. Como se obtivesse um determinado valor a mais por terem sido operados por alguém que advém de uma instituição amplamente reconhecida.

Quanto à mestria que ocupa o saber médico damos especial destaque à uma contradição que Igor acaba trazendo. Quando discorria sobre os procedimentos que havia feito ele afirmou que

Aí num momento depois dessa cirurgia que eu fiz [gagueja bastante] ... ela [a médica] nunca induziu a nada! Nunca a nada! E a doutora nunca quis fazer coisas que as pessoas notem que você fez. Tem que fazer sem as pessoas notarem que você fez algum procedimento (*Sic*).

Para logo em seguida afirmar: “Aí quando eu vou lá é: ‘vou fazer isso daqui!’ No laser lá, que ela tem o laser, né! Vou lá pra fazer isso aqui! Mas chega lá na hora... ‘Então, doutora, e aí?’ ‘Ah se você quiser pode fazer isso e fazer isso!’ ‘Ah, então manda bala!’” (*Sic*). Ainda que não pareça de forma manifestamente evidente, a médica acaba por sugerir alguns procedimentos que são imediatamente acatados.

Vejamos o que acontece. Em todas as entrevistas o que ficou evidente é o receio de envelhecer, algo que toca o narcisismo e os coloca diante da inevitabilidade da castração, representada pelo envelhecimento e pela morte. Em uma sociedade marcada pela exaltação narcísica em que os próprios corpos se tornam *latusas* consumíveis, é necessário considerar o lugar do impacto da castração nestes modos de estruturação subjetiva. Consideremos algumas falas:

Ficar velho, mas não ficar aquele velho repugnante... ninguém gosta né, na minha opinião, ninguém gosta de uma pessoa muito velha, muito desarrumada, muito malcuidada... eu penso isso (*Antônio, 75*)

Sim, acho que é muito importante... você tem... ir bem arrumado e tem um aspecto bom. Enfim, ficar velho é horrroso. Pode ter certeza! (*Antônio, 75*)

As vezes eu deixo muito de me divertir por me preocupar muito com o sol, com ficar exposto com medo de que esse envelhecimento ocorra precocemente, então assim... eu me privo de muitas coisas pra que isso não aconteça. (*Léo, 27*)

B: Então [sorri um pouco consternado] eu acho que... [pausa] acho que existe [sorri novamente] acho que isso aí é geral. Eh, as pessoas não se conformam muito ‘ah, to envelhecendo’, se olham no espelho e tal... então eh...[pausa] eu prefiro me olhar no espelho e... fiz a cirurgia, fiz o *botox* e estou um pouco melhor do que estaria... eu prefiro [interrompe] eu me comporto assim, eu tenho um... essa aversão que todo mundo tem... [sorri]

T: Você percebe isso...

B: Sim...

T: Um certo... qual seria a palavra que você utilizaria sobre sua relação com o tempo?

B: Um certo inconformismo... acho que é uma palavra boa

T: Inconformismo com a passagem do tempo...

B: É... com as marcas do tempo que ficam no seu rosto, principalmente [sorri consternado], principalmente (*Bruno, 53*)

Se você não estiver bem fisicamente [interrompe], aparência! Você em parte é rejeitado! ‘É velho, haha... é isso, é aquilo, é...’ [abaixa o tom da fala com ar de desdém]. Entendeu? (*Igor, 61*)

A rejeição às marcas da ação do tempo é evidente em todos os discursos. Esta espécie de horror diante da ação do tempo fica ainda mais evidenciada quando notamos a popularidade que o *botox* ganhou entre o sexo masculino. O narcisismo em risco acabou por demandar possíveis formas de solução em uma sociedade que parece ter criado uma verdadeira aversão a tudo o que remeta à velhice.

Trata-se do momento de triunfo do discurso da ciência. Lembrando não se tratar de uma formalização como os demais discursos, mas sim uma forma de manifestação da ciência dentro da cultura (BEER, 2015), o que permite um alcance rizomático muito maior. O discurso da ciência encontra na contemporaneidade a exposição de uma certa fragilidade narcísica em que o sujeito é desafiado a se autogerir, tal como vimos anteriormente com Dardot e Laval (2009) mas que, invariavelmente, irá se deparar com o “rochedo da castração”

em suas mais diversas formas. Seja pela falência da autogestão da felicidade via psicotrópicos, do corpo ideal desejado e insaciavelmente satisfeito ou da presença das marcas do tempo que despertam um intenso mal-estar subjetivo, a ciência é sempre invocada a responder as atuais dores do corpo e da alma.

Em *O mal-estar na civilização* (1930) Freud é incansável em tentar nomear as diversas formas pelas quais o ser-humano é convocado a responder com algum antídoto diante do mal-estar oriundo da condição castrada. No mesmo texto o autor também nos apresenta algumas possíveis fórmulas supostamente capazes de remediar o mal-estar, mas que não o aniquilam. Para a relação do homem com a passagem do tempo é incontornável, porém não para os preceitos do neoliberalismo e do uso que o mesmo faz da ciência.

Gaspard (2012), tal como apresentado no capítulo terceiro, nos fala sobre as palavras de ordem do discurso da ciência que produzem como efeito um sujeito “à procura de práticas compensatórias” (*ibidem*, p.365) buscando auto-fundação ou mesmo uma autocelebração e que encontram no atual cenário neoliberal um solo fértil, pronto para a proliferação de discursos e práticas que excluem a subjetividade em prol de uma existência em que discursos se tornam hegemônicos por abrigarem formas de organização coletiva como a que segue:

Eu acho que a gente deve aproveitar tudo que a modernidade oferece, a gente deve aproveitar... hoje vive-se mais porque a gente tem mais recurso, dentro da medicina, tem muita medicação... você pode tomar uma série de precauções em termos de tomar remédio para isso, para aquilo, tomar vitaminas, uma série de coisas para se manter, né, não engordar em demasia, né... eu acho que isso é importante, é saudável... qualquer coisa que possa ajudar eu faria para me sentir melhor (*Antônio*, 75).

A ciência torna-se este algo impessoal, que despreza o tempo, que é sedutora e que gera um gozo pelo simples fator *neofílico*³³ em que coloca como uma espécie de obrigação

³³ Termo utilizado por Melman (2005) em referência à sedução contemporânea por tudo aquilo que aparece como novidade.

atrair-se pela novidade: “vamos tá fazendo, tudo que é coisa nova vamos tá fazendo...” (*Igor, 61*). É a forma discursiva que produz a *latosa* lacaniana de uma forma dissimulada e que coloca o sujeito conjugado ao objeto. Ao ser questionado sobre a relação que possuía com o próprio corpo Igor responde da mesma maneira que Laval (2007) estabelece em seu texto sobre o *homem econômico*: “É o meu dia a dia! Tem uma coisa moderna... vamos lá, vamos trocar [ao falar sobre seu corpo e sobre como lida com as coisas que possui]!! Por exemplo, agora tô querendo comprar uma casa em Orlando” (*Igor, 61*).

Entre as mãos do mestre moderno, o discurso da ciência se faz “meio de gozo”. Toda produção de conhecimento se vê submissa aos princípios da eficácia e da performance. O saber que era *o instrumento* da dominação do político sobre o econômico (*discurso do mestre antigo*), agora tornou-se *questão principal* de uma confrontação econômica generalizada a serviço exclusivo das tecnociências e da engenharia financeira (GASPARD, 2012, p. 365 [Itálicos do autor])

Encerramos este capítulo com esta citação que, de certa forma, localiza os discursos que observamos tanto nos sujeitos tipicamente neuróticos quanto para o que supomos tratar-se de um caso de psicose ordinária. Indiferentemente da estrutura, a doutrina neoliberal oferece abrigo a estas espécies de “operários de si” que dedicam-se a tentar reparar a fragilidade de um narcisismo que facilmente se fere no imaginário contemporâneo. De maneira rígida encaram a vida autofundando-se sobre andaimes que descartam o passado e atiram-se à predação do saber, pela maneira rizomática que o discurso da ciência passa a tocar qualquer entrelinha da vida.

Considerações finais

Quanto à masculinidade, observamos que tal conceito ganhou um destino mais plural, diversificando os diferentes modos de expressão nos quais ela pode se encontrar. A expressão da masculinidade, a partir de práticas de modificação corporal, tornam-se socialmente aceitas com maior facilidade, especialmente após o fenômeno metrossexual ter surgido nos anos dois mil. O que fica patente diante de tal fenômeno é também a possibilidade de tornar a própria subjetividade masculina um produto a mais em sua lógica de mercado, tal como pode ser constatado nas publicações da revista *Men's Health*. Um verdadeiro exemplo do alcance da reificação e massificação da estética dos corpos que se torna capitalizável.

A masculinidade torna-se uma forma de expressão da própria subjetividade, algo como uma possibilidade de criar uma estilística à própria existência a partir do uso do corpo. A pesquisa constatou maior aceitação entre os entrevistados a respeito do cuidado estético. No entanto, parece ainda haver certa mensuração sobre o que é considerado aceitável ou não. Chama a atenção que a exploração do corpo enquanto um bem de consumo seduz o imaginário especialmente quanto às promessas de vencer a ação do tempo.

Dentre os entrevistados não houve questionamento quanto à sexualidade dos mesmos. O cuidado estético corporal é visto como algo que pode fortemente servir à manutenção da condição jovial. Isto desvela um dos maiores fantasmas contemporâneos que assombra boa parte dos homens. A castração se mostra por meio da insegurança a respeito do destino do próprio corpo e põe em evidência uma forma antiga de vivenciar o mal-estar por nos tornarmos seres culturais. Se em 1930, ao escrever *O mal-estar na civilização*, Freud pensava o destino da natureza dos corpos estar remetido à constante fonte de sofrimento, por não

podermos lutar contra a finitude do biológico, a contemporaneidade trata de rerepresentar a tese freudiana com nova roupagem. Sob o augúrio de uma sociedade que desenvolve um certo gosto pela intolerância contra tudo o que possa se referir ao que é velho, o próprio corpo tornou-se mais um objeto de descarte quando aparenta não ter mais nada a oferecer. Pela impossibilidade do descarte remodela-se o corpo, disfarça-se os sinais de expressão e oculta-se marcas que o tempo traz. Tudo em prol de uma maior aceitação social perante o outro.

Destta forma a pesquisa corrobora o pensamento de Butler ao apresentar o ato performativo enquanto aquele que, por meio das intervenções que buscam a jovialidade, afirmarem um padrão de masculinidade que se vincula às técnicas de estética corporal. Estes novos padrões correlatos ao gênero masculino mostra o quanto a abertura a novas práticas que concernem os gêneros estão intimamente relacionadas às condições históricas e não à realidade orgânica da divisão dos sexos.

Em nosso trabalho procuramos desenvolver a ideia a respeito destes novos modos de subjetivação que o neoliberalismo acabou por produzir. Vimos que o discurso do capitalista e o discurso da ciência se tornaram hegemônicos na cultura atual especialmente pela contumaz reificação dos processos de identificação.

Quanto ao discurso da ciência, um discurso que tende a tornar-se o discurso do mestre contemporâneo, percebemos o discurso médico enquanto um organizador que naturaliza as práticas que garantem um lugar de destaque ao saber médico. A soberania desta forma de discurso foi observada a partir dos discursos que naturalizam as práticas que passam a restringir o campo de escolha à uma espécie de lei: “se existe determinada tecnologia para melhorar o corpo é necessário utiliza-la” Assim, algo da ordem da contingência torna-se uma necessidade, quase que uma obrigação. Lacan alertava sobre o risco de exclusão da subjetividade nos processos em que a tecnologia é colocada acima do poder de decisão do sujeito, uma vez que esta fica subjugada pela demanda de novas espécies de “necessidades”

que passam a ser naturalizadas, como por exemplo a luta por ocultar os efeitos da passagem do tempo no corpo.

Pela via do discurso do capitalista, percebemos que ao alocar o corpo no rol das *latusas*, há a criação de uma ilusão de que os sujeitos é que governam o próprio destino. Apresentado enquanto nova forma de assombro ao imaginário masculino contemporâneo, o corpo, que torna-se objeto de consumo, fetichiza a relação com o outro numa espiral em que a sustentação do desejo se perde no giro da demanda, criando uma maior dificuldade em escapar às amarras da alienação ao desejo do outro. Afinal, à quem destina-se este corpo belo e jovial sofridamente almejado e jamais conquistado?

O pensamento de autores como Laval, Dardot, Dufour e Gori ganham fôlego ao dialogarem com a teoria dos discursos de Jacques Lacan a fim de compreender esta subjetividade contemporânea. Um sujeito que almeja autonomia, mas que se vê insistentemente obrigado a se autopromover dentro de uma arena onde cada um é colocado em estado de constante competição com o outro.

Nossa pesquisa constatou que em uma sociedade de performances, ganha aquele que possui os mais vastos mecanismos que possam garantir esta espécie de autofundação por meio da imagem. O uso que se faz do outro torna-se cada vez menos erotizado, menos crivado pela plasticidade da fantasia e mais pela necessidade constante da presença do objeto. Este corpo que se empresta enquanto objeto – *latusa* – torna-se consumido, aceito para sobreviver em um contemporâneo que vive sob o signo da religião do Mercado.

Assim, destacam-se modos de subjetivação que parecem escarnecer o laço social por meio da instrumentalização de determinados usos da linguagem, em especial o cinismo. Longe de ser uma modalidade de uso da linguagem exclusiva da contemporaneidade, percebemos que o neoliberalismo promove a exaltação do cinismo enquanto mediador de discursos. A reduzida ou quase ausente implicação do sujeito naquilo que se diz ficou

evidente nos momentos em que alguns entrevistados são convocados a responder ao outro. Pela posição que este outro acaba ocupando no lugar de estrangeiro, ainda que semelhante, instrumentaliza-se determinados modos de uso da linguagem que vai destituindo sua posição de sujeito do discurso para tornar-se objeto de captura do desejo do outro. A sedução do olhar ganha alargamento imaginário, uma vez que o modo de se relacionar com o outro torna-se crivado pelo desejo de ser consumido enquanto um bem imagético.

Mas afinal, qual o peso cultural sobre tais processos que insistem em buscar modelos de identificação em corpos que deliberam contra o envelhecimento? Quais os riscos para uma sociedade que valoriza a identificação em detrimento ao uso erótico dos corpos? Freud (1915) nos ensina que o processo de identificação, ao dessexualizar a energia libidinal concentrada sobre o ideal, favorece um tipo de sublimação quando a libido abandona seus objetivos sexuais. De acordo com Silva Junior, após 1920, “o termo dessexualização vem agora carregado com um sentido negativo, o de diminuição da potência das pulsões de vida para se fundirem à pulsão de morte” (SILVA JUNIOR, 2003, p. 35). Assim, após o ato sublimatório, o componente erótico não possui mais a potência de reunir toda a agressividade com a qual estava combinado, e esta torna-se livre sob a forma de uma certa inclinação a destruir e agredir (FREUD, 1920). A defusão pulsional traz consigo um certo mal-estar geral à própria cultura.

É aqui que o *indivíduo desgovernado* de Gori (2015) ganha potência. É na natureza das pulsões de vida e de morte que o autor fundamenta sua tese para descrever um sujeito impossível de ser governado, impossível de ser domesticado tal como na apresentação do “homem econômico” de Laval (2007). O problema que se põe agora com a dessexualização das pulsões é que “quanto mais a identificação substituir o investimento objetal, abrindo caminho para a sublimação, tanto mais destrutiva a pulsão de morte em uma cultura” (SILVA JUNIOR, 2003, p. 35). Em outros termos, quanto mais os sujeitos se identificam ao objeto,

mais livre estará a pulsão de morte. Assim, “quando o gozo se mostra não estar mais tomado na montagem dinâmica da fantasia, as pulsões correm o risco de desconectar e de liberar a pulsão de morte” (MALEVAL, 2003, p. 27).

Independente de se tratar de uma estrutura neurótica ou psicótica, aqui melhor representados por Igor e Léo, teremos um risco à dinâmica psíquica quando lidarmos com mecanismos que reificam os processos de identificação. O que o neoliberalismo acaba por financiar é a existência de modelos de funcionamento subjetivo cujo ideal se impõe de maneira tirânica e que presam pela deserotização da vida. A *religião do Mercado*, ao massificar os processos de idealização e possibilidade de alcance de todos a tudo o que esteja disponível promove a substituição do investimento no objeto, haja visto a substituição de sua condição “romântica” em troca da identificação ao mesmo.

A vida cotidiana, ao virtualizar os objetos de satisfação, desvia significativamente para o interior do sujeito o vetor da satisfação libidinal. A marca de um bem de consumo vende não mais um produto, mas uma identificação a um grupo idealizado, o que significa, na economia libidinal da subjetividade contemporânea, uma tendência culturalmente definida para a substituição do investimento objetual por uma identificação com o objeto. Assim a masturbação, as fantasias, as narrações imaginárias, enfim, a intermediação imagética dos objetos de satisfação pulsional, por um lado, e a substituição dos investimentos de objeto por identificações, por outro, trazem consigo uma obsolescência das formas de satisfação da passionalidade agressiva e pré-genital (SILVA JUNIOR, 2003, p. 35).

Ainda temos o papel destes processos de identificação que tocam os dois casos cuja análise privilegiamos. Ao tomarmos a condição narcísica de Igor percebemos, sem muita dificuldade, que o mesmo se encontra aprisionado num processo de autocelebração de si, em que há a constante busca em cativar o desejo do outro em torno de tudo o que ele possa ofertar, ainda que usando para isto o próprio corpo. O caso de Igor coincide com o que Laval, Dardot, Dufour e Gori pensam a respeito do posicionamento do outro diante do sujeito

neoliberal. O outro é tomado em sua dimensão de inimigo, de estrangeiro, alguém que se torna um competidor no terreno das conquistas e da meritocracia.

O posicionamento autocentrado de Igor desvela a face da exigência do sujeito consigo mesmo para que possa sempre destronar o outro, supera-lo ao mostrar-se em um lugar de soberania e competitividade. Igor demonstra um dos efeitos produzidos pelo neoliberalismo: seu poder em inflacionar o imaginário e despotencializar o simbólico, percebido por meio das contradições em seu discurso nas mais variadas tentativas de pertencer a determinados grupos sociais, ainda que tentando sustentar sua aparente despretensão em ser aceito.

Quanto ao caso de Léo pudemos perceber como o uso da tecnociência, aqui sob a forma do saber médico, lhe serviu para a construção de um corpo lhe servindo enquanto suplência. Por meio de um significante que substitui a inscrição do Nome-do-Pai, o jovem pode manter-se estruturado a partir de amarras imaginárias que vetorizam seu lugar no mundo através de um significante deveras peculiar: o gay rico e escravo da beleza. Assim, as regulações sociais que passam pelo crivo das relações de consumo alcançam um estatuto bastante particular quanto à forma do uso do corpo.

Como foi observado a partir do Esquema I, Léo se coloca no lugar de objeto do gozo do Outro. “Este Outro não sendo barrado pelo significante da castração, inclui o gozo, na medida em que não há a extração do objeto *a*, condensador de gozo” (JACINTO; COSTA, 2011, p.53). A não extração do objeto *a* aparece nos vários momentos em que Léo faz de seu corpo este objeto *a* ser ofertado enquanto *latusa*, num espaço social que está sempre apto a acolher tal oferta ao mesmo tempo em que demanda pelo contínuo melhoramento de si.

Deste modo, nosso trabalho abordou as problemáticas oriundas do modo de funcionamento neoliberal e seu poder de orientação das narrativas atuais. Pensar a problemática do homem contemporâneo estruturado sobre um narcisismo que, muito

comumente, se mostra pedante por reconhecimento nos conduziu a perceber uma problemática cultural que se coloca ainda mais sombria.

Ao pensarmos os possíveis desfechos à defusão pulsional e a forma privilegiada da identificação a modelos Ideais, nos deparamos com um ambiente propício a destituição do saber que exija algum jogo erótico com a alteridade. O discurso científico tomado pelos interesses da religião do Mercado produz sujeitos eternamente insatisfeitos, ávidos por reconhecimento e adoecidos pela ilusão de sua autofundação.

Referências

AMBRA, P. E. S. *A noção do homem em Lacan: uma leitura das fórmulas da sexuação a partir da história da masculinidade no Ocidente*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2013.

ASKOFARÉ, S. Da subjetividade contemporânea. In: *A peste*, São Paulo, 1 (1), p. 165-175, jan/jun, 2009.

ASKOFARÉ, S. Do corpo... ao discurso. *TransForm. Psicol. (Online)*, São Paulo , v. 3, n. 2, p. 84-92, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176106X2010000200006&lng=pt&nrm=iso>. Aceso em 14 fev. 2017.

BADINTER, E. *XY: de l'identite masculine*. Paris: Editions Odile Jacob, 1992.

BAAS, B & ZALOSZYC, A. *Descartes e os fundamentos da psicanálise*. Rio de Janeiro : Revinter, 1996.

BEER, P. A. C. *Questões e tensões entre psicanálise e ciência: considerações sobre validação*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BOUSSEYROUX, M. Práticas do impossível e teoria dos discursos. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade*. V. 4, n.1/2, pp. 183-194, 2012.

Brousse, M.-H. La psychose ordinaire à la lumière de la théorie lacanienne du discours. In *Quarto – Revue de psychanalyse publiée à Bruxelles*, 1, (94-95), pp. 1-13, 2009.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARMO JUNIOR, W. *Dimensões filosóficas da educação física*. Rio de Janeiro_ Guanabara/Koogan, 2005.

CARVALHO, Y; RUBIO, K. *Educação física e Ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001.

CASTRO, J. C. L. Consumo contemporâneo e discurso do capitalismo. *Lumina Revista do Programde de Pós-Graduação em Comunicação*. Universidade Federal de Juiz de Fora, 6 (1), pp. 1-7, 2012.

CONNEL, R. W. *Masculinities*. 10ª. Ed. Cambridge, UK: Polity Press, 1995.

CONNEL, R. W. & MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*. Florianópolis, 21(1), jan-abril, pp. 241-282, 2013.

COSSI, R. K. *Corpo em obra: contribuições para a clínica psicanalítica do transexualismo*. São Paulo: nVersos, 2011.

DARDOT, C & LAVAL C. (2009). *La nouvelle raison du monde : essai sur la société néolibérale*. Paris : Éditions La Découverte.

DIAS, M. M. Comunicação oral à revista Lacuna – *Ciclo de debates sobre os Escritos hoje - violência* – 19/10/2016.

DOUCET, C.; GASPARD; J-L; SILVA JUNIOR; N. S.; CARVALHO; S.M. Estudo das marcas corporais na modernidade: sustentar a causa do desejo. *Lat-Am. Journal of Fund. Psychopath. Online*. São Paulo, v. 5, n.2, pp. 143-152, 2008.

DUFOUR, D-R. *Le divin marché: la révolution culturelle libérale*. Paris: Denoël, 2007.

FINK, B. *O sujeito lacaniano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FORTH, C. E. *Masculinity in the modern West: gender, civilization and the body*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

FORTH, C. E. (2011). Masculinities et virilités dans le monde Anglophone. In: COURBIN, A.; COUTRINE, J-J.; VIGARELLO, G. *Histoire de la virilité* Tome III: La virilité en crise? XXe-XXIe siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1905.

FREUD, S. As pulsões e suas vicissitudes. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol XII, pp. 129-162. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1915.

FREUD, S. Para além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol XVIII, pp. 17-90. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1920.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol XVIII, pp. 77-154. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1921

FREUD, S. O Mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol XXI, pp. 81-177. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1930.

GASPARD, J.L.; SILVA JUNIOR, N.S.; DUNKER, C.I.L.; ASSADI, T. C. & DOUCET, C. Psicanálise e análise do discurso: elementos para uma investigação futura. *A peste*, v. 2, n. 2, pp. 361-378, 2010.

GASPARD, J-L. Nouveaux symptomes et lien social contemporain. In JODEAU-BELLE & OTTAVI, L. *Les fondamentaux de la psychanalyse lacanienne: rères épistémologiques, conceptuels et cliniques*. Rennes - France: PUR, 2012.

GORI, R. L'individu ingouvernable. Paris : Éditions Les Liens qui Libèrent, 2015.

HAYWOOD, C. & MAC AN GHAIL, M. *Men and masculinities: theory, research and social practice*. Buckingham: Open University Press, 2003.

HAROCHE, C. Antropologies de la virilité: la peur de l'impuissance. In: COURBIN, A.; COUTRINE, J-J.; VIGARELLO, G. *Histoire de la virilité*. Tome III: la virilité em crise? XXe-XXIe siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

HURTING, M-C. À l'aune des rapports de domination. Les automatismes das les façons de penser les hommes et les femmes. In: Mercader, P. *Le sexe, le genre et la psychologie*. Paris: Harmattan, pp. 35-52, 2005.

JACINTO, R. R. & COSTA, A.M.M. Considerações sobre o conceito de estabilização nas psicoses. *Arquivos brasileiros de psicologia*. Rio de Janeiro, v 63, n. 2, pp. 49-57, 2011

KNUDSEN, P. P. P. S. *Gênero, psicanálise e Judith Butler – do transexualismo à política*. São Paulo, 153p. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

LACAN, J. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu' elle nous est révélée dans l' expérience psychanalytique. In: *Écrits*, Paris: Seuil, 2006. Originalmente publicado em 1949.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. in *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, pp.537-590, 1998. Originalmente publicado em 1957.

LACAN, J. A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 692-703, 1998. Originalmente publicado em 1958.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 807-842, 1998. Originalmente publicado em 1960.

LACAN, J. *Écrits*. Paris: Le Seuil, 2006. Originalmente publicado em 1966.

LACAN, J. *Le Séminaire, livre 3: Psychoses*. Paris: Le Seuil, 2008. Originalmente publica em 1955/1956.

LACAN, J. *Le Séminaire, livre 16: d' un Autre à l' autre*. Paris: Le Seuil, 2010. Originalmente publicado em 1968/1969.

LACAN, J. *Le Séminaire, livre 17: l' envers de la psychanalyse*. Paris : Le Seuil, 1969/1970.

LACAN, J. *Le Séminaire, livre 23 : le sinthome*. Paris : Le Seuil, 1975/1976.

LACAN, J. *Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan*. Inédito. Aula de 12/05/1972.
LACAN, J. *O seminário, livro 21: RSI*. Inédito, 1974-1975

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAVAL, C. *L'homme économique : Essai sur les racines du néolibéralisme*. Paris : Gallimard, 2007.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papyrus, 2010.

MALEVAL, J-C *Eléments pour une appréhension clinique de la psychose ordinaire. Séminaire de la découverte freudienne 18 et 19 janvier*. Cours à l' Université de Rennes 2, Rennes - France, 2003.

MALEVAL, J-C (2010). Le concept de forclusion du Nom-du-Père. In : JODEAU-BELLE, L. & OTTAVI, L. *Les fondamentaux de la psychanalyse lacanienne: repères épistémologiques, conceptuels et cliniques*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes., pp. 53-66, 2010.

MARX, K. *O capital*. São Paulo : Saraiva, 2012. Originalmente publicado em 1867.

MELMAN, C. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

MERCADER, P. Sexe et genre en psychologie: enjeux et problèmes. In: MERCADER, P. (Org.) *Le sexe, le genre et la psychologie*. Paris: Harmattan, pp. 9-34, 2005.

MILLER, J.-A. Effet retour sur la psychose ordinaire. In *Quarto – Retour sur la psychose ordinaire*, (94/95) Bruxelles : École de la Cause freudienne, pp. 40-51, 2009.

PACHECO FILHO, R. A. Compra um Mercedes Benz prá mim? *Rev. Psic.* São Paulo, v. 24, n1, pp. 15-44, 2015.

PRUDENTE. S. E. L. *Dimensões da vergonha no avesso da psicanálise: uma contraexperiência política do sujeito*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2015.

QUINET. A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ROCHA, T. H. R. *Modos de subjetivação contemporâneos: considerações psicanalíticas sobre desejo, alteridade e pulsão*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia-MG, 2007.

ROCHA, T. H. R. O que a histeria pós-moderna tem a denunciar? In: AMBRA, P. E. S; SILVA Jr. N. *Histeria e gênero: sexo como desencontro*. São Paulo: nVersos, pp. 215-238, 2014.

SAFATLE . V. P . *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SILVA, G. F. *Um estudo sobre as funções da tatuagem e da identificação à luz da psicanálise freudiana*. São Paulo, 142p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2012.

SILVA JUNIOR, N. A sombra da sublimação: o imperialismo da imagem e os destinos pulsionais na contemporaneidade. *Psychê*, v. 7, n.11, pp. 29-38, 2003.

SOLER, C : O discurso do capitalista. In *Stylus*. Rio de Janeiro, n. 22, pp. 55-67, 2011.

TIRONI, A. C. A psicose ordinária e os inclassificáveis das categorias lacanianas. In *Opção Lacaniana online*, 1, (1), março, pp. 1-11, 2010.

VIGARELLO, G. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, A., COUTRINE, J-J. & VIGARELLO, G. *História do corpo: da Renascença às Luzes, vol 1*. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 303 – 400, 2009

ZBRUN, M. A clínica diferencial das psicoses e as psicoses ordinárias. In: *Opção Lacaniana online*, 1, (3), novembro, pp. 1-9, 2010.

Apêndice

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **A Masculinidade na cultura neoliberal: as intervenções no corpo e seus discursos segundo a Psicanálise**, sob responsabilidade de Tiago Humberto Rodrigues Rocha (doutorando em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e Nelson da Silva Junior (professor do Departamento de Psicologia Social da Universidade de São Paulo).

Nos últimos anos, um número cada vez maior de homens tem se interessado em realizar algum tipo de intervenção corporal com finalidade estética. Desta forma, um número significativo de pesquisas médicas tem buscado ressaltar os benefícios envolvidos em tal procura.

Esta pesquisa se justifica por procurar compreender tal fenômeno a partir da teoria psicanalítica, ao contrário da maior parte das pesquisas que têm caráter exclusivamente médico. Caso aceite participar desta pesquisa, sua colaboração irá contribuir para o avanço do conhecimento na área, podendo outras pesquisas serem fomentadas, bem como favorecer outras pessoas.

Este projeto tem como objetivos: (a) analisar as motivações que levam as pessoas a procurar por uma intervenção estética, como a cirurgia plástica, implante capilar e demais procedimentos estéticos; (b) perceber possíveis mudanças na vida da pessoa que se submete a algum tipo de intervenção estética; e (c) investigar possíveis repercussões familiares e profissionais após a realização de alguma intervenção estética.

Se aceitar participar desta entrevista, você deverá responder a uma série de perguntas, sob a forma de entrevista que deverá ser, necessariamente, audiogravada. Tal procedimento visa garantir o máximo de fidedignidade ao que você disser e também para o momento de análise das informações coletadas.

É possível que mínimos desconfortos possam acontecer no momento da entrevista, porém, garantimos o total sigilo das informações que serão por você oferecidas. Para maior segurança, os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Sua identidade não será em nenhum momento identificada na pesquisa, ficando a seu critério a escolha de um pseudônimo para o momento da transcrição das entrevistas, caso queira. Caso não o escolha, o pseudônimo será escolhido pelos pesquisadores responsáveis pela pesquisa. Garantimos ainda que todos os dados estarão ao alcance somente dos pesquisadores responsáveis pelo projeto e que qualquer publicação do material fornecido será feita somente em meios científicos e acadêmicos, onde a garantia do sigilo da identidade e informações fornecidas deve ser primeiramente respeitada. Fica ainda garantido o direito de você interromper a entrevista a qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer penalidade. Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa garantem o oferecimento de quaisquer esclarecimentos necessários.

Uma cópia deste consentimento informado será arquivada pelo prazo de 05 (cinco) anos junto ao Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob responsabilidade do Prof. Dr. Nelson da Silva Junior, um dos responsáveis por esta pesquisa. Outra cópia será fornecida a você.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Caso decida-se por não participar, ou por não submeter-se a algum procedimento que lhe seja solicitado, nenhuma penalidade será imposta a você. Você receberá uma cópia desse termo, bem como a possibilidade de lê-lo, assinado pelo responsável pela pesquisa, onde constam a sua identificação e telefone de contato, caso seja de seu interesse procurá-lo para quaisquer esclarecimentos.

Pela presente assinatura, concordo em participar do referido estudo, respeitando as disposições anteriores. Recebi uma cópia deste Termo e a possibilidade de lê-lo.

Tiago Humberto Rodrigues Rocha
Responsável pela pesquisa
Rua Arminda, 89, ap. 93, Vila Olímpia
CEP 04545-100 – São Paulo-SP
E-mail : tiago~~hrr~~@hotmail.com / Tel : (34) 9923-5447

Nelson da Silva Junior
Responsável pela pesquisa

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome do participante

Assinatura

Data

Entrevista 1 - Igor

“Igor”, Empresário, 61 anos.

T: Bom, você me perguntou como eu conheci a Dra. Sandra... (médica cirurgiã plástica do HC que indicou alguns pacientes) bom, eu fui ao HC para procurar por algum médico que pudesse indicar homens que tivessem feito algum tipo de intervenção estética, apresentei o projeto e ela me retornou com alguns nomes de pessoas que haviam manifestado disponibilidade para participar

I: (Me interrompe) Ahh, a doutora Já nem é doutora, né, ela é uma amiga nossa que....

T: Ahh (1 minuto)

I: Nós nos conhecemos por intermédio de uma outra amiga... faz alguns anos... e... de tanto ir, conversar, hoje a gente acaba convidando ela pra um, um, um (gagueja) aniversário ou pra alguma coisa... e no final minha filha acabou fazendo uma intervenção com ela, ah... a outra filha também, a minha esposa também e aí entrou.... bom, já que vai todo mundo eu também vou, né!

T: Elas foram primeiro?

I: Eh, elas foram primeiro, foram primeiro... e... minha filha foi primeiro.... fazer os seios, né.... acho que foi a mais nova primeiro.... que ela tinha, que ela tinha pouco seio, tinha, tudo mais (fala muito baixo)... falou de colocar um tipo de coisa de... eu falei: “vai... não tá bem vai!” né. E depois foi a... eu fui a.... foi a minha filha mais velha...acabou fazendo um... (2 minutos) (breve pausa e hesitação) ah, ai ela teve alguma intervenção por causa de, de, de (hesitação) de estar com os seios meio deformados, sabe, mais alto mais baixo, né... e tava meio gorda, tava precisando emagrecer, fez lipo, né, fez lipo, depois a minha esposa também fez lipo... e minhas filhas pararam, porque, normal, acertou tudo que tinha que acertar, então vai... e a minha esposa foi lá e eu que fui levando né...

T: Ah, você ia com elas...

I: Eu falei: “porra, eu to aqui”, falei ah, da licença né! Não sou motorista não (risos)

T: Sei... e qual a idade das suas filhas?

I: Eh... minhas filhas tão uma com (pensa) trinta e... um, trinta e dois é... e a outra ta com uns 36 já.

T: Ok, e vc ta...

I: Meia um.

T: Meia um...(3 minutos) e aí nessa ida com elas... você foi mais com sua esposa... como foi isso?

I: Eh, essa daí começou... começou (pausa para pensar) em dois mil e... oito... foi quando eu comecei! (diz uma palavra que não pude compreender) na doutora ficou... minhas filhas, minha esposa de, de, de (gagueja) uns dois anos anteriores ou três anos anteriores, né... Eu comecei mesmo depois de uns três ou quatro anos.

T: Que elas tinham ido?

I: É.

T: Então elas foram por volta de dois mil e cinco, por aí... E essa primeira vez que o senhor foi o senhor fez o que?

I: Não, foi (balbucia e gagueja) tava fazendo... foi fazer um botox, eu falei, vamos lá, vamos fazer também (a construção desta frase foi confusa e de difícil articulação)

T: Botox...

I: É, então começamos com botox, né... É, de botox, depois teve umas... a parte de ácido... eu tenho os nomes aqui, é que eu fui marcando, né... mais ou menos, no olhomêtro (nesse momento “I” tira o telefone celular e começa a procurar pelos nomes dos procedimentos que havia feito e anotado em um bloco de notas do telefone)... Aliás, minto, minto... não foi em dois mil e oito não... foi um laser, eu fiz um laser dos lados porque eu tenho a.. (rapidamente começa a se justificar...) é que o problema da minha pele é que a, a minha pele ela é muito... é... pele branca... ela é... estoura muitos vasos... é, muitos vasos, ficam visíveis, fica feio e nessa aí eu tive, eu tive antes de, de (gagueja)... de fazer eu tive... eu passei por dois, três dermatologistas... até um cara, um cidadão, que falava que era, que era bom... cara falou: “pô, você bebe?” eu falei: “Não!”... por que tá me perguntando, né?! (murmura algo muito baixo) Porque ele bebe, ele bebia, né... e também era todo vermelho, né, de, de (gagueja) dos vasos estourados... eu falei: “não” ele falou: “é, isso é de beber” “que de beber?! Eu bebo socialmente, de final de semana”... ele falou: “não, isso é... normal de gente branca de descendente de italiano (5 minutos)... de alemães, e tal...” Eu falei: “pô, tudo bem... mas tem como amenizar, né. Você tem metodologia, você estuda pra isso, né!” “Eh, é pra passar esse creme, usar o protetor e tal” eu falei: “Tá bom...” Mas eu descontente com essas (aponta para a região das têmporas) ... que ela estoura né... ela vem aqui e estoura,, estoura... e vai estourando... Então eu comecei a fazer esse laser... em dois mil e três aliás, minhas filhas começou antes, começou antes... eh, eu falei: “então vamos fazer, vamos fazer esse laser!” E começou a secar, começou a dar resultado!

T: Elas foram sumindo...

I: Começou a sumir... Começou a sumir... foi sumindo... meu rosto hoje estaria... vermelho por completo (fala um pouco enrolada) aqueles, aqueles, ácidos que você já deve ter visto, né, pros vasos estourados... isso envelhece muito a pessoa... então isso me incomodava, me incomodava então eu peguei e fiz essa daí e depois eu comecei a fazer um pouco de botox, eh... (breve pausa) aí o botox começou também em dois mil e três (6 minutos) (volta a ler a lista dos procedimentos feitos no telefone celular) depois eu fiz o preenchimento... o preenchimento com ácido... que fala (pausa para tentar ler o nome do ácido no telefone) ácido hialurônico, sei lá o que que é isso aqui... então de, de, de preencher alguns pontos, né. Eh... a parte que fica um pouco mais vazia, de fazer um preenchimento, tá, isso que eu fiz em 2006 (até aqui mantém-se lendo a lista do procedimentos e as datas no telefone celular), em 2008, 2011, 2012, em 2013... eh... depois foi o quê? Foi a “esculpida” (não consegui compreender o nome dito, nem no momento da entrevista e nem durante a escuta da mesma) em 2008...

T: (Eu não compreendi o que ele havia dito e interrompo) Fez qual?

I: (Ignora a pergunta e continua dizendo) E fiz uma plástica na face em 2010.

T: (Eu volto a insistir no nome do procedimento anterior) Você disse “esculpida”... o que é isso?

I: Eh... eu não sei qual o nome que ela, que ela dá... Ela deu o nome, eu marquei... ah, eu vou falar, eu fiz o... (7 minutos) ah, é uma parte de laser... eh (breve pausa) tem aquela de passar um ácido, de, de (gagueja)... parecia das bruxas, né... pra trocar mesmo a pele... tanto é que eu

fui pra Campos do Jordão na época eu falei: “vamos direto pra Campos do Jordão que... ninguém vai notar que nós fizemos porque era o dia das bruxas... e... é, ninguém vai entender bulhufas (risos), e vamos pra lá, deixa eu ficar no meu reduto lá”... eu fiquei o final de semana todinho lá, porque tava feio, horrível... mas deu um resultado também legal...

T: Qual o efeito que essa tem? É tipo um peeling?

I: É, é tipo um peeling, mas é o mais forte...

T: Descama a pele...

I: Descamava mesmo, né... e deu resultado, então eu fui vendo que tudo que eu estava fazendo estava dando resultado... bom, então... vamos tá fazendo, tudo que é coisa nova vamos tá fazendo... até eu vi que minha pele tava caindo muito (passa a mão na região abaixo dos olhos e têmporas) de cair aquela pele pesada... aquela pele caída, então eu fiz uma, uma... uma cirurgia da face mesmo, (8 minutos) eu fiz a... (pausa) a... (pausa) sobancelha, eu fiz o... (pausa) eu fiz tudo! (Neste momento a empregada doméstica entra servindo café)

I: (Dirigindo-se à empregada doméstica) “Chama a Vera [esposa] aqui por favor” ela vai saber te explicar mais... (A empregada doméstica diz que Vera está no andar de baixo ocupada com uma terceira pessoa) Bom... então fui vendo resultado, fui vendo resultado de uma coisa, de outra, fui fazer, vai lá fui fazer um botox, vai lá passar um ácido, vai lá secar uma veinha de novo, que a minha todo ano tem que secar... (9 minutos)

T: Essas que foram as primeiras...

I: Ela vai passando, ela vai aparecendo, estoura uma, estoura duas, vou lá tem que fazer... aí nas mãos, eu tinha muitas manchas, eu tava com muitas manchas, então aqui você vai envelhecendo (me mostra as costas das mãos) você olha pra mão, você fala: “não, porra, né!” aí fui tirando, tinha muitas, muitas manchas mais pesadas, agora tem pouca... bem clarinha agora estão... estender a mão, aí, porra! Então, falaram disso aí também, comecei a fazer também... fiz uma vez, fiz duas aplicações até hoje... sumiu!

T: É tipo uma descamação...

I: (Me interrompe) É a laser, a laser! Eh... a...

T: No rosto o senhor também fez laser?

I: Fiz laser, algumas vezes.... o laser pra veinha

T: E também a aplicação de botox...

I: A aplicação de botox eu fiz todo ano!

T: Todo ano o senhor tem feito desde...

I: É, o botox tenho feito...eh... bem dizer é de seis em seis meses, né... tem que fazer. Porque ele dura bastante, dura legal... então faz uma nova que apareceu... numa outra expressão que aparecer e vai fazendo... né... e repondo aquela (10 minutos) Eu tenho uma, uma... (coloca a mão na testa e faz uma pausa enquanto pensa no que vai dizer) marca muito forte... então tem que aplicar aqui que tem um veio muito forte (aponta para a testa) que eu tenho aqui... É... e já tava marcando e feio... comecei a fazer e melhorou... porra, assim da noite pro dia e cada dia fica melhor... entendeu, e fica melhor. E fazer coisas que... ninguém perceba. Né, hoje... (engasga procurando palavras) meus amigos aqui embaixo (do prédio) ninguém sabe!

T: Ah, o pessoal com quem você...

I: (Me interrompe) Com quem eu convivo, ninguém sabe! “Pô Igor, que que você faz?” “Porra, você tá cada dia mais jovem! Eu vejo você, ta cada dia mais jovem... Pô, que que você faz?”

T: Ah, eles comentam...

I: Comentam! Eh, então a gente acaba brincando, eu falei: “É namorada nova rapaz, isso aí é namorada nova... tem que se cuidar!” Então as vezes acaba brincando, mas não tem nada a ver... Não, eu sou muito fiel à minha esposa!

T: E o que o senhor diz nesses momentos assim em que eles comentam sobre (11 minutos) a diferença... que ta mais jovem...

I: Porra, isso é uma satisfação, uma satisfação! (pausa para beber o café) Olha só, a gente (interrompe) todo mundo envelhece... tudo envelhece... mas tem que saber envelhecer... então a... eu falo, pra mim o que não pode envelhecer é a alma, é o espírito de, de (gagueja) de... o... o corpo não tem jeito, agora se eu puder retard... retardar um pouco, por que também não?

T: Hmm...

I: An... é... pra estar mais (interrompe), então ju (interrompe) em parte hoje eu convivo com... nós temos aqui um pessoal que a gente se encontra no prédio que faz a ‘sexta alegre, né, hoje mesmo ia ser um dia... a sexta alegre são pessoas de... eu to com sessenta, sessenta e um, esse pessoal tá.. tem quarenta e cinco, esse pessoal tem quarenta e três, tem quarenta e seis, então, quer dizer são quinze, quase vinte anos mais novo que eu (12 minutos...) e nós somos tudo de igual pra igual, eles sentem falta no dia em que eu não estou presente... tá. Eh... senão eu estaria com uma pre... com uma, uma (gagueja) com um aspecto bem mais velho.... então você já não consegue... se juntar com os... mais jovens.

T: Uma forma de você se sentir mais a vontade de ta com eles...

I: Não de eu sentir mais a vontade não... porque eu sempre me sinto a vontade em qualquer lugar, entendeu?! Eh... é de você saber que você tá... que você sente aceito... naquele grupo... né. Você foi aceito no grupo. Tanto isso nas reuniões que eu faço na fábrica... nas reuniões com é... a... fornecedores... hoje, por exemplo, o meu relacionamento com, com meus genros... é de igual pra igual, como se fosse da mesma idade, é que eu (gagueja) eu vejo muito o que é o passado, dos meus pais (13 minutos) tá... então existe um mundo diferente do, do, do (gagueja) do jovem até dos trinta pros de sessenta, né, são mundos diferentes, não se mistura então na época, os velhos eram na idade deles dos cinquenta, pô, cinquenta, quarenta e cinco já tavam se aposentando, já tavam se aposentando e iam pro bar jogar dominó! Entendeu?! Quarenta e cinco hoje... a gente tá aqui com sessenta e tamo no pique do, como se fosse dos trinta... e o que é mais importante, que eu acho... você sentindo bem, estando bem... em relacionamento, com tudo isso faz bem pra alma, isso faz bem pro espírito, isso até doença vai embora... até doença! Que a pessoa começa a se entregar (14 minuto) é, porra, ta velho... então começa a se entregar... Vai reformar a casa, vai pintar a casa “Ah, pra quê, vou morrer”... né... ah, pra quê?! Isso aí você já deve ter visto um monte disso... “Ah, pra quê, vou fazer...” E gente jovem... em parte meu pai foi assim... meu pai quando se aposentou, meu pai atuou muito, trabalhou muito, mas chegou num momento que ele deu uma parada... é, “ah, não sei o quê... amanhã eu vou morrer”... e nessa brincadeira foi vinte e poucos anos... ele podia ter curtido esses vinte anos...

T: Ele já é falecido...

I: Já é falecido... ele podia ter curtido esses vinte anos e curtido... porque tava “ah, vou fazer o quê”... então são a cabeça dos velhos... então eu procuro fazer que nem a minha esposa, você vê, ela ta, ta, ela ta sempre... bem, tá... se cuida é... então você... é... isso se relaciona a

amigos... são amigos que você fala de, de, de política, você fala de coração, você fala dos assuntos atuais... né, então tudo isso ajuda (15 minutos). Se você não estiver bem fisicamente (interrompe) aparência! Você em parte é rejeitado! “É velho, haha... isso, isso, é...” (abaixa o tom da fala com ar de desdenho). Entendeu?

T: E em algum momento o senhor chegou a passar por isso? Assim, de se sentir um pouco rejeitado...

I: Não, eu enxerguei isso um monte...

T: O senhor o quê?

I: Eu vi isso...

T: Ah, enxergou...

I: Enxerguei demais... então falei comigo: “não vai ser isso”... comigo não quero que aconteça isso... Então no momento de (gagueja) de tá com a doutora Sandra... e... bom, por que não?! Eu falei “vamos lá” até eu falei: “agora eu to jovem” eu, eu... fiz uma intervenção dessa da face foi a, a... essa foi violenta (referindo-se à cirurgia)... meu neto quando me viu falou assim: “vô, mas ta certo isso?” (risos) Que foi... uma intervenção que eu fiz em 2010...

T: Que foi a cirurgia...

I: Foi a cirurgia mesmo (16 minutos)

T: Foi uma só?

I: Foi uma só! Eu fiz tudo, então aqui eu puxei toda (puxa a pele do roso para trás) tá... porque... teve que cortar tudo aqui por trás (passa os dedos atrás das orelhas) e trazer tudo e esticar! Foi Show! Mas na hora você vira um... um traste né! Valeu a pena... valeu a pena é... de, de, de...de fazer. Então pra mim é... eu falei: “ta caindo” porque eu vi, eu vi dos meus irmãos... meu irmão mais velho... porque a nossa pele da família é uma porcaria... é... meu pai teve problema de câncer de pele, tá! São verruguinhas que na idade nossa vão aparecendo... tira no laser e vai... agora me apareceu uma... tá... pequenininha, aqui, uma (me mostra as costas da mão) pequenininha... é, então eu vou lá e oh, já tem (interrompe) já tá marcado com ela (referindo-se à médica) eu vou lá e tira no laser e tiro, que senão amanhã, tem que ser no bisturi... tá, então quer dizer... com a idade isso vai acontecendo (17 minutos)... então eu vou tirando... vamos fazendo, então não é por uma questão de vaidade... de, de, de... não... eu querer competir... eu to com sessenta e um... eu sei que você hoje tem trinta, entendeu... tem uns vinte e poucos... por que eu querer ser (gagueja) eu querer ter a tua idade?... não! Muito pelo contrário! Eu quero poder conversar contigo de igual pra igual! Porque eu vi muito isso acontecer com muitos idosos é a... em casa... por exemplo, eu mudei... eu mudei pra cá, vai fazer... vão fazer três anos já mais ou menos... eu to com a minha casa antiga até hoje... e a minha casa é uma casa moderna! A casa que eu morava é moderna, com piscina e tudo tá... Casa moderna! Só que ela tá velha... quando eu sai de lá. Hoje eu entro naquela casa... parece que eu to entrando na casa dos meus pais... parece que eu to entrando na casa do meu sogro e qualquer outra pessoa. Eu falei “uma coisa que parou no tempo!” Parou no tempo! Amanhã, numa casa dessas, você vai morrer e acabou... teus filhos vão lá cada uma vai pegar meia dúzia de fotografia de cada uma... “não essa aqui eu fico, não, isso aqui eu fico, eu fico...” e levam embora, depois jogam fora também, depois some, acaba, e foi! Acabou o tempo! E a primeira coisa é passar nos cobres a casa, dividir o dinheiro e ir pra Nova York pra gastar... é, é assim que funciona as heranças da vida... Eu falei assim pra mim “não!”, eu quero (interrompe) eu to sempre... eu não gosto de nada velho... eu vou troco, faço a reforma, na casa eu vou lá e faço a reforma... fábrica, eu vou lá e mudo! Casa de praia, eu vou lá e mudo!

Eu quero estar... porque eu gosto! Não é querer... é que eu também gosto! Então é por isso... ah, não é de... a parte de se cuidar (19 minutos)... é que a minha cabeça também é assim!

T: Pelo que eu entendi um pouco do que o senhor faz com o corpo é o que também faz com...

I: (Me interrompe) É o meu dia a dia! Tem uma coisa moderna... vamo lá, vamo trocar! Por exemplo agora to querendo comprar uma casa em Orlando! Aí um amigo meu perguntou: “Pô Igor...” ele teve lá agora, voltou agora, que é do nosso grupo... “Pô Igor, eu tive lá... não vale a pena comprar, não vale a pena comprar... vale a pena você alugar, você vai lá, você aluga a casa, você fica... fica mais barato” eh, eu sei disso... dando um exemplo, mesma coisa em Campos do Jordão, tem uma casa em Campos do Jordão... se eu não tivesse essa casa em Campos do Jordão, eu nesses dez anos... eu teria ido, acho... uma, duas vezes... eu me sinto na obrigação de ir! Porque eu tenho a casa, tenho que cuidar dela! Me sinto na obrigação de ir (20 minutos) e isso me faz bem! Hora que eu estou lá isso... os olhos da minha esposa brilham! Adora Campos do Jordão! Então isso é minha satisfação! Isso é satisfação... Quer dizer é... é... eu ter a casa lá eu estou sendo obrigado a ir pra cuidar e também pensando no futuro dos meus netos... dos meus filhos, por que quem não gosta de numa idade tua de estar em Orlando? Todos! Eh.. eh... eu gosto, a minha esposa gosta, meus netos gostam, minhas filhas gostam, meus genros gostam... Então tendo a casa, vai ter a obrigação de sempre estar alguém lá! E vou ajudar na formação dos meus netos... tá. Amanhã vão começar a falar inglês antes do tempo, até... Eu não falo! Até hoje! Eu não tive oportunidade! (Gagueja e tem dificuldade em continuar a fala) Eu não tive a, a, a parte financeira pra que eu pudesse fazer essas coisas... Hoje eu tenho como fazer e tenho como patrocinar pros meus netos, né! Então, por que não fazer?

T: Que idade tem eles?

I: Meus netos, meus netos... Eu tenho neto de, de oito indo pra nove, e... outro de seis.

T: Dois só?

I: Dois. Não, e tem a netinha que veio agora que tá com... quatro, quatro meses.

T: E os outros dois são meninos?

I: Os dois são meninos, é!

T: E você tem duas filhas... não tem outro filho?

I: Não, são só as duas.

T: Você estava dizendo é...me chamou a atenção isso... parece que não teve oportunidade de fazer, por exemplo, um curso de inglês anteriormente...

I: Não, porque olha só, eu tive que trabalhar muito... meu pai, por exemplo, meu pai foi muito trabalhador, eu levantava seis, sete horas da manhã pra trabalhar e trabalhava até as seis. Eu trabalhei muito. De segunda a segunda!

T: O que que você fazia? (A partir deste momento Igor passa a falar do trabalho. Sua postura modifica e fica mais calmo, mais centrado e passa a gaguejar menos durante as respostas.)

I: O que eu fazia... eu comecei a trabalhar com treze anos, com treze anos... eh... eu fui tapeceiro, tapeceiro, sai da tapeçaria com quinze... já sabia fazer quase tudo que era a época da tachinha ainda... eu sai e fui pra Volkswagen, fiz o Senai na Volkswagen foi uma, a minha grande escola, né... eu fiz o SENAI, eu fiz estágio em mecânica na Volkswagen, eu sai depois da Volkswagen, que eu peguei lá em primeiro lugar, segundo lugar no estágio em mecânica... mas ai eu pensei... isso não é legal, isso não é pra mim! Eu gosto, eu faço... de tudo que fiz eu sempre gostei... mas não é isso que eu quero. Saí, meu pai quase me mata. Meu pai falou: “pô,

agora você tá lá, você vai estudar, vai ser um engenheiro, vai ser tal e vai pegando posto na Volkswagen, amanhã vc.... você pode até ser diretor!” Mas não era isso... E comecei a ver dentro da, da... (gagueja) dentro do que eu tava trabalhando sempre um querendo tomar o lugar de outro, não amanhã esse cara se aposenta, eu vou querer pegar o lugar dele, vai passar, dois, três, cinco anos daqui a pouco esse cidadão não sai, quem sabe o cargo seja meu... Então você tá almejando ou para que ele morra ou que ele se aposente... eu falei: “Não é a minha linha!” Não é a minha linha! Eu falei: “eu não gosto de esperar, eu não gosto de ficar olhando o local de ninguém”. Aí eu saí e meu pai quase me mata. Aí voltei na tapeçaria, voltei pra tapeçaria (interrompe) mas aí eu falei: “Pô, mas eu quero fazer mais alguma coisa”... e sábado e domingo eu comecei a trabalhar de bico em vendas de móveis, então sábado e domingo... então sábado e domingo (24 minutos) eu trabalhava de bico e ganhava uma porcentagemzinha pra poder tirar pedido eh... num final de semana eu cheguei a ganhar quase o que eu ganhava na tapeçaria o mês inteiro... porra, legal!

T: Você trabalhava de vendedor...

I: Não, é... primeiro tapeceiro, depois Volkswagen, sai da Volkswagen e depois voltei pra tapeçaria, e sábado e domingo (interrompe) a tapeçaria é de segunda a sexta, e sábado e domingo eu trabalhava de vendedor.

T: Vendendo móveis...

I: Sim, vendendo móveis... e nessa de vender móveis eu comecei a ganhar eu falei: “Pô, passou... eu vou ficar de vendedor!”

T: E aí vc estava com que idade?

I: (25 minutos) Ah... dezessete... E olha, não me faltava tempo pra, pra... pra minha balada não, viu! (Risos) Eu chegava em casa era quatro, cinco da manhã e... meu pai percebia, ele levantava e falava: “vamos, te ache... tá saindo?” Eu não podia falar pra ele que tava chegando... né, “vamos lá, lava o rosto”, tinha que lavar o rosto no tanque... né, ele lavava o rosto lá no tanque, eu tinha também que lavar... aquele frio danado... “Vamos lá, vamos comigo” né... eu descia e ia trabalhar. Me diverti muito, me diverti muito, mais do que você possa imaginar... e trabalhando, também. Sempre trabalhando, né. Eu nunca fiquei vagabundo...mas me diverti, me diverti, acampeei muito na minha vida é... o... o que você pode imaginar... o que você pode imaginar... andei com gente ruim, com gente boa... (26 minutos) tudo o que você pode imaginar... Eu tive muita liberdade cm meus pais, de fazer o que eu quisesse. Mas sempre... meu pai sempre falou: “vamos trabalhar!” Fui trabalhando, trabalhando, tava em dias de sábado... e fiquei de vendedor, eu fui gerenciar uma loja pra um amigo, gerenciei uma loja... eh... passou um momento eu falei: “Pô, tá na hora de eu abrir a minha loja”. Ai apareceu uma oportunidade, que meu pai comentou que não, não (gagueja seguido de uma breve pausa) que meu pai também tinha móveis, só que meu pai tinha uma sociedade grande, era uma sociedade grande e não tinha como crescer. Ele comentou “pô, não querem um ponto que apareceu... (27 minutos)” Eu falei: “opa, não querem?! Pera aí, eu vou lá!” Fui lá conversar com o homem. Eu falei: “Oh, eu vi lá que a Planalto [nome da loja de móveis de que o pai era sócio] não ta querendo, mas eu to interessado! O sr. alugaria pra mim?” “Você... quem que você é?” Ai eu falei: “Filho do Horácio...” “Ahhh, tá! Teu pai sabe?” Eu falei: “não, acho que se falar com ele não tem problema nenhum...” “Uai, se teu pai aprovar a loja é sua!” E um monte de gente querendo a loja... que era aqui na ‘Arubatuba’ (nome de uma rua). Eu falei: “pô, vou falar com o meu pai” ai meu pai falou: “pô, você tem certeza do que vai fazer? Você não tá bem lá de gerente?” Eu falei: “Pô, mas não é o que eu quero ainda... não é o que eu quero”. “Então tá bom”. Meu pai me deu o maior apoio, levantei dinheiro em banco, levantei dinheiro no outro banco, sem registro em carteira, sem nada... que assim, meu pai não me deu um centavo porque não tinha pra dar, senão teria dado. Meu pai

me deu nome e crédito! E foi mais do que se tivesse me dado dinheiro, entendeu?! Ah... fornecedores... nesse meio também... “ah, filho do Horácio?! Você.... pega o que você quiser” (28 minutos) E assim foi... então montei a minha loja, montei a segunda loja, fui diretor do Sindicato é, da... (gagueja) do nosso, da Indústria... é... saí de diretor, eu montava feira de móveis... eu que montava feira de móveis pro Sindicato... que era tradicional que aí nós tínhamos em Diadema. Nós tínhamos... em Taubaté... tinha três feiras por ano... eu que montava e o pessoal só me ajudava. Até que eu falei: “deixa eu montar o meu!” Aí eu montei o ‘Laqua Móveis’ que eu estreei o ‘Laqua Móveis’ na Centenário do Sul [nome de uma rua], Shopping Vozes, Shopping São Geraldo... é um empreendimento, o Laqua Móveis é uma área grande onde tem vários lojistas... é um shopping dentro do shopping (29 minutos). É uma feira, tipo uma feira... Então lá no Shopping Vozes, no Shopping Vozes eu tenho lá cinco mil metros dentro do shopping.

T: Essa área é sua...

I: É minha e eu subloco para outros lojistas. Eu também sou um lojista, eu faço parte dos lojistas.

T: Ao mesmo tempo em que o senhor aluga, o senhor também tem uma loja lá...

I: Exatamente, eu sou inquilino de mim mesmo.

T: Entendo... e também tem uma fábrica de móveis...

I: E a fábrica de móveis.

T: A fábrica e a venda...

I: A fábrica e a venda. Assim, minha fábrica só produz pra mim, não produz pra terceiro. E revendo muitas mercadorias, eu também revendo e trago mercadoria de fora... eu importo também direto. Por exemplo, eu cheguei agora da China faz um mês, tá... fui pra Singapura, eu fiz um circuito de feira, né... Singapura, China, Inguazu... então, foi eu e minha esposa porque ela fala o inglês, né... Então tem que ter alguém junto (30 minutos) pra, pra... pra poder negociar. Apesar que lá nos temos também uma pessoa... que fala o inglês e fala o português também, e lá o chinês fala só inglês... mal e porcamente que nem minha esposa fala mal e porcamente o inglês, mas é melhor que eu que não falo nada (risos)... Mas lá a gente já compra direto, já faz importação direto... e já, já há algum tempo pra nossa loja. Então eu tenho hoje dez lojas, doze lojas... Tarantino Indústria e Comércio e design... Então eu trabalhei muito, de trabalhar, trabalhar e trabalhar bastante... Então vai chegar um momento em que eu falei: “eu com trinta e cinco queria parar, vou parar com trinta e cinco”...

T: Já estava bem...

I: É... mas não estava como hoje não... mas eu queria fazer de tudo pra parar com trinta e cinco

T: Alguma razão para ter pensado em parar nessa idade, trinta e cinco?

I: Pra viver!

T: Como assim?

I: Pra viver, eu não vou a... eu não quero esperar a velhice pra viver... na velhice eu não sei o que vai me esperar ou me espera a velhice (32 minutos) é doença, é problema, né.. eu quero viver enquanto novo! Eu vivi até os dezessete, dezoito anos eu vivi! A minha primeira loja eu abri com 21 anos. Aqui na Jurubatuba móveis foi locada... da Jurubatuba eu era o mais novo dentro da Jurubatuba. A turma me chamava ‘o menino lá da Jurubatuba’, né... eu tenho 21 anos e... eu comecei ali. Ai eu falei: “ah, ou, eu não quero esperar... pra falar agora eu vou

pegar a esposa, vou viajar agora é... aposentei!” Não! Eu por exemplo poderia me aposentar... eu nunca fui procurar minha aposentadoria. Não me entra na cabeça aposentadoria (diz esta palavra pausadamente e em alto e bom som). Aposentadoria eu lembro dos velhos! E na, na (gagueja) na praça jogar dominó.

T: Isso não!

I: Não! (33 minutos)

T: Mas aí você pensava em aposentar aos 35...

I: Não, me aposentar não! A parar!

T: Parar!

I: Parar! Parar assim, entre aspas, né. Agora vou dar uma parada, vou dar uma parada, quer dizer, eu continuo fazendo mas vamos... trabalhar menos. Vamos trabalhar menos. Não aquele negócio assim, parar, né. Vou fazer menos (diz as últimas frases em um tom bem baixo, demonstrando certa inquietação). Porque eu era trabalhar de segunda a segunda. Eu trabalhava de segunda a segunda, né. As minhas filhas eu quase não vi elas crescer. No meu tempo era pegar elas na, no, na, no (gagueja) no domingo a tarde é... levar aqui na, na, na (gagueja) na Cidade das Crianças, pra brincar na Cidade das Crianças ou levar aqui na praça Lauro Gomes que tem aqui pra dar milho pras pombas... né... uma vez ou outra que eu fui lá no, no (gagueja).. no Paraguai lá com uma excursãozinha de amigos e levei minhas filhas. Então minhas filhas eu curti em casa. Minhas filhas me adoram, tudo que eu (interrompe) que eu podia levar lá na Praia Grande, que meu sogro tinha um apartamento na praia Grande (34 minutos) era... fugir lá pra Praia Grande num feriado... ou alguma coisa, porque no feriado a gente trabalhava também... que a lojas trabalhavam... mas tinha momentos que não, eram momentos de dar uma fugidinha. Hoje, eu falei: “eu quero amanhã poder curtir”. Então hoje, o que eu posso curtir? Os meus netos (sorri), eu posso curtir hoje minhas filhas (sorri) eu vou curtir, eu vou curtir. Então eu fiz isso... no início, pra não deixar pra fazer isso no final. Pra ter saúde!

T: Mas aí aos trinta e cinco você deu essa parada ou não?

I: Não... pelo contrário... não, isso é (interrompe) passou batido! (Diz a esta frase em tom muito baixo)... Passou batido (sorri um pouco sem graça) Eu comecei a... eu comecei a fazer mais com trinta e cinco!

T: Mais ainda...

I: Mais ainda aos trinta e cinco... mas fazer não... (interrompe). Veja só, meu pai falava a vida inteira: “não ponha o dinheiro na frente, não saia em busca dele, tá! Vá trabalhando, vá trabalhando (35 minutos)! Faça o que você gosta, vá trabalhando, o dinheiro é consequência... ele vem atrás, ele te amarra. Ele te amarra atrás e não te larga. Ele não te larga!” (Inicia uma fala lenta e calma) Você não vê hoje (interrompe) é o que eu falo, você não vê hoje... não vê um, um cidadão bom, bom profissional desempregado... estão todos trabalhando. O que você vê na rua... é o que a gente fala normalmente né, é o vagabundo! É por exemplo eu, eu (gagueja) eu pego os currículos, por exemplo eu vou na Catho (agência de empregos online), que eu pego os currículos pra... vendedor, ou alguma coisa, aí você vê... o cidadão quer hoje é trabalhar três meses, cinco meses, seis meses e receber o seu seguro desemprego e não trabalhar. Isso aí é... não existe a vontade de trabalhar... é... no passado foi feito a multa de fundo de garantia que era pra empresa não demitir, não fazer rodízio de funcionário... hoje quem faz o rodízio é o funcionário... (36 minutos) Patrão pra mim, naquela época, era um respeito... o... “o senhor... o... dá licença...” hoje... o funcionário não... ele quer... ele vem pedir emprego e fala “Ah, só que eu não posso ser registrado não pq eu to recebendo o seguro

desemprego”. Aí eu falo: “então termina de receber seu seguro desemprego e aí então você vem me pedir”. Etendeu? Isso é um... (breve pausa) cultura é, é outra. Não é a minha, a minha cabeça. A minha cabeça foi sempre trabalhar e deixar que o dinheiro vem. Você já viu alguém gostar da segunda feira? (diz sobressaltado) Eu sempre amei a segunda feira! (Enfatiza) Adoro a segunda feira! Como eu adoro o sábado, adoro o domingo... eu adoro a semana inteira! Porque eu faço o que gosto! (mantém o discurso calmo e fala pausadamente). Então você tem que fazer o que gosta não é função do dinheiro, o dinheiro vem atrás, se tiver que vir ele vem! Se tiver que vir ele vem!

T: E pelo que eu estou entendendo, aos trinta e cinco ele acabou vindo mais...

I: Acabou vindo mais porque foi num momento onde que eu fui participar de sindicato, (37 minutos) onde eu fiz maior conhecimento, onde eu conheci muitas pessoas de shopping é... quando apareceu oportunidade de, de , de (gagueja muito) um shopping, eu ofereci, foi oferecido (confusão na fala)... eu, que o contato era eu! Né, eu era tesoureiro do Sindicato... então quem contratava... era eu e o presidente. É e... e foi oferecido pro Sindicato e o Sindicato não quis... “não, o aluguel é alto, não dá e tal...” aí eu falei: “ah, se não pegar...” Aí esse que é hoje meu sócio: “se não pegar quem vai pegar sou eu”. Ele era o vice-presidente. Aí o presidente mandou uma carta dizendo que não tava interessado... então o superintendente recebeu essa carta e me ligou dizendo que era uma pena e que a gente gostaria de dar um destino nessa área... o Shopping Vozes na época era um shopping de mercadoria barata... tinha muita loja vazia (38 minutos)... Então eu e o vice-presidente, que hoje é meu sócio pegamos essa área e ninguém mais quis entrar... meu foco sempre (interrompe) meu trabalho de início de vida foi guardar dinheiro pra aumentar fábrica, aumentar loja... e não comprar um carro novo. Meu carro era carro velho. Hoje eu tenho um carro bom! (39 minutos) Eu nunca fui de comprar um carro ao invés de comprar uma casa. Então sempre foi trabalhar, trabalhar... e a coisa foi acontecendo...

T: Então a partir dos trinta e cinco, pelo que eu estou entendendo, você pensava assim: “vou viver”, mas acabou acumulando um pouco mais de trabalho...

I: (Fica incomodado com o comentário, se reorganiza na poltrona e aumenta o tom da voz) Eh... olha... bom, então vamos lá! Eu falei: “vou viver” foi onde eu (gagueja) eu vivi, mas ainda intensamente (sorri) com o que eu gosto... de fazer! Tá, então... o que que é o viver? Né... ‘vou viver!’ É... tem uns que vivem acumulando dinheiro... que gostam de viver acumulando dinheiro... o meu é trabalhando, é trabalhar! Então eu, eu comecei a viver, sem saber! (40 minutos) Trabalhando... trabalhando no que eu gosto, que nem, eu sempre gostei da segunda! Eu sempre gostei da terça! A maioria odeia né, a segunda feira...

T: E na sua relação de trabalho você falou muito sobre o seu pai... e como foi a sua convivência com ele desde a infância...

I: (Me interrompe e diz) Muito boa!

T: (Eu ainda estava no meio da fala e continuei) que aí você começou a progredir no trabalho...

I: Das melhores! Das melhores... meu pai só não me deu uma educação melhor, não me deu um estudo melhor porque não pôde dar que ele teve cinco filhos. Cuidar de cinco filhos é... pô, ele foi empresário... teve, mas era uma família grande... não tinha... (interrompe) mas nunca passamos fome.

T: Ele trabalhava em quê?

I: Ele teva uma fábrica de móveis. Eh... meu pai era marceneiro, né... ‘tarefeiro’... mas era uma sociedade grande, tinha vinte e três sócios (sorri)... depois no final ficaram com treze. (41

minutos)... Teve lá uma firma muito boa, mas é aquela que... é... criaram política... fi... é... (breve pausa e hesitação). Eu aprendi tapeçaria lá. Né... meu irmão também aprendeu lá. Só que foi criada a política de que ‘filho de sócio, não!’ Porque foi colocado filho de um outro sócio também.. só que esse acabou sendo mandado embora porque ele fez sacanagem na marmitta de um lá... ai meu pai era o responsável e mandou embora. “Não interessa se é filho de quem... você tem que ser o primeiro a chegar e o último a sair. Você tem que trabalhar mais do que os outros” eu falei: “mas por quê?” então tipo “pô, eu sou filho do dono... por quê?” “Pra dar exemplo! Você tem que dar exemplo! Tem que trabalhar é mais!” Né...

T: Ele tinha essa questão do trabalho de uma forma bem...

I: (gagueja) Não... eh... você tem que trabalhar, você tem que trabalhar! Você tem que ser melhor, você tem que dar exemplo. E foi... (42 minutos) eu dei exemplo e... e gostei! Esse, esse que o sócio quis colocar no escritório, não deu em nada... ao invés de ensinar o que a vida (interrompe) estar junto do ser humano, estar junto da fábrica... se relacionar ali né, com o... nível das pessoas, né, dar valor.. e aprontou dentro da fábrica e o encarregado mandou embora. Ai criaram um apolítica: “não, filho de sócio não mais, não mais!” No final a firma acabou, eles foram obrigados a vender... venderam, dividiram o dinheiro pra cada um... e dos filhos dos sócios, de todos esses sócios, o único que ficou nesse ramo de móveis fui eu, né... meu irmão... ele tá no ramo de móveis mas meu irmão é vendedor, um dos irmãos. Foi meu vendedor, foi meu gerente até em Taubaté, tá. Saiu, agora ele tá (43 minutos) em outra loja, ele tá com outro negócio tá de, de vendedor, eu tenho um outro irmão que está com restaurante em Santo André... eu tenho as outras irmãs, uma é aposentada, a outra tá no INSS e trabalhava na COFAP, e eu que me tornei só empresário. Então você tava falando de, de (gagueja) dos pais... (breve pausa) O relacionamento com os meus pais sempre foi... dos melhores. Que nem eu falei, ele não me deixou dinheiro, ele me deixou (gagueja muito e faz uma pausa) nós tivemos o (interrompe)... tive o falecimento do meu pai... faz (breve pausa calculando) três, quatro anos, quatro anos. Meu pai faleceu num mês, minha mãe faleceu no outro! Parece que um estava esperando o outro, né... Meu pai foi de Alzheimer e minha mãe de câncer (44 minutos) Os dois... no final de vida usando fralda, usando tudo... Então tudo o que eu pude bancar pro meu pai, tudo que pode fazer, pros dois, eu fiz! Sem esperar os irmãos.... sem esperar os irmãos!

T: E com a sua mãe, como foram as coisas? Você fala bastante do seu pai, mas e sua mãe?

I: Não, minha mãe (gagueja) não, tudo foi muito bem... Do meu pai e da minha mãe! É que meu pai que colocava, que falava: “fazer isso, fazer aquilo” de, de de.. da vida, né! Sobre o que eu tenho que fazer, tem que ser homem, tem que ser não sei o quê... A minha foi a... (breve pausa) aquela de, de, de... de acompanhar na escola, né, de levar na escola, né... (breve pausa) foi muito boa também. Não tem o que falar não. Tanto é que agora nós fomos fazer... fazer agora o inventário.... meu pai ficou agora no final de vida.... só com uma casa. Essa casa é... foi vendida agora (45 minutos) pro meu irmão mais novo (interrompe). A rua onde eu nasci é a rua que é nome do, do... do meu avô, nome do meu avô. Lá era uma chácara abriu uma rua no meio e foi dado os lotes pros filhos, que eram três irmãos, foi dado pra cada um e meu pai morou lá a vida inteira. Então esse, essa casa é... teve que acertar um documento na prefeitura e foi feito... eu falei (interrompe)... tava número ímpar, né... cinco irmãos! Eu falei... ah, meus irmãos achando que eu ia tentar falar... porra, eu gastei muito com meu pai e com a minha mãe... falar... “ah, vai vender, vendeu, oh, vem cá, vamos dividir dá a parte que eu gastei com o pai e com a mãe e o restante a gente divide!” Eu falei: “não, ao contrário!” Eu abri mão da minha! Né, eu abri mão e falei: “divide vocês quatro. (46 minutos) Vocês precisam muito mais, eu graças a Deus não preciso e é o que o pai e a mãe gostaria!” Né... e dividiu, a minha irmã... meus irmãos, nossa, todos...

T: E como é o relacionamento entre vocês?

I: Nos damos bem... Ah, existe um pouco de ciúmeira de um de... né (gagueja)... daquele que as vezes tem uma condição melhor, o outro não... então vem um pouco essa ciúmeira, né... mas isso é...(coça o rosto e mantém o olhar desviado) não se preocupa, eu não me preocupo com isso... Eu peguei, liberei a minha parte pros irmãos... minha irmã mandou até essa semana: ‘te amo, você é um irmão maravilhoso’ (começa a sorrir) brincadeira, não foi semana agora, foi semana passada... e quem comprou foi meu irmão mais novo. Então eu fiquei feliz... eu falei: “meu pai e minha mãe vão ficar feliz por ter deixado pros irmãos e principalmente porque foi meu irmão mais novo quem comprou” né... que continua ficando... então a felicidade é pra todos, né. É pra todos... (47 minutos) deu lá uns cento e sessenta mil pra cada um... eu falei: “pô, é uma festa pra eles, né...”

T: Então você abriu mão da sua parte...

I: Veja só... eu preciso? Ah, eles precisam? Por que, por que? Sei lá... Né... o importante é você botar a cabeça no travesseiro e dormir e eu sempre tenho é... uma coisa na cabeça, pra mim eu tenho que chegar em casa, botar minha cabeça no travesseiro e dormir. Pra mim dormir eu tenho que falar: “o que que eu aprendi hoje?” Se eu não aprendi nada, meu dia foi perdido

T: Compreendi... voltando um pouco na sua história toda... como foi que o senhor conheceu sua esposa?

I: (Sorri e fica um pouco pensativo) Como é (sorri novamente e coça o queixo)... como eu a conheci...Eh... eu estive no colégio dela (48 minutos), ela estudava no colégio de freira aqui no colégio São Pedro, eh... estive lá com um outro amigo que namorava uma amiga dela... e ela perguntou: “Quem é o rapaz que tá com o Paulo?” que é esse amigo meu. Ai falou: “o Igor” ai ela: “Pô, me apresenta. Me apresenta que ele é bonitinho, tal...” Eu a conheci eu vi a (interrompe)... mas pra mim eu tava muito na balada... eu vi que essa mina era uma menina (gagueja) na hora... parou né. Eu falei: “não é... não é coisa pra mim... pra sair... senão vai acontecer coisa ruim”.

T: Como assim?

I: Porque o meu negócio era balada, meu negócio era zoeira... né, eu vou pegar a menina... uma menina bem criada, espanhola, ficou em casa até os sete anos falando o espanhol e o catalão... (49 minutos) que os pais dela são espanhóis, dando a maior educação. Colocou ela em colégio de freira... pô, uma menina de família. Eu falei: “vai cair na minha mão e... vai virar o bicho!” Né, tanto é que um dia eu fiz ela sair do colégio, que o pai dela não soube... eu falei: “vamos ver se essa menina é boa mesmo...” Saímos, fomos na lanchonete, com uns amigos, tava esse Paulo, e tudo mais, chamei o garçom e falei: “põe duas 51 (cachaça)!” Na época a 51 era boa, hoje é uma porcaria (sorri). Ela falou: “pra que isso aqui?” Eu falei: “ah, uma pra mim e outra pra você”. Ela pegou e ‘tum’, ‘tum’ (faz o gesto como se estivesse virando uma dose de cachaça). Eh... o que faz a paixão tomar uma porcaria dessas, né (risos) Ai eu falei: “não, não é... agora não! Agora não!”

T: Você sentiu...

I: Senti que ela gostava de mim! Gostava... eu tinha certeza! Eu tinha certeza absoluta! (50 minutos)

T: E como ela demonstrava isso?

I: Ah, ela demonstrou, demonstrou com... né. Ai eu me distanciei, que ai ainda era... todo sábado, toda sexta feira... eu tava na balada. Ai teve um período da minha vida (interrompe e

dirige-se diretamente para mim) oh, você não tá falando do botox não tá falando nada, você tá querendo é saber da minha vida (risos)! Ah.... (breve hesitação) ai num período da minha vida eu tava com vinte... vinte e três anos... vinte e três anos... é (nesse momento uma de suas filhas aparece na sala e nos cumprimenta) (51 minutos) Ai eu me distanciei dela, então me aconteceu um episódio que a minha esposa, opa, a minha esposa... (sorri), hoje ela é, né! Ela estava distante, ela estava na Praia Grande passando férias, né... eu levei dois tiros!

T: Tiros?

I: Eu levei dois tiros no peito! Eu levei um aqui no meio da forquilha (me mostra o ombro) que vazou aqui nas costas... e levei outro no meio aqui da forquilha (me mostra novamente o ombro), que eu fui correr e agachei e perfurou o pulmão, perfurou o estômago, lascou a coluna e está junto com os nervos emergenciais! Uma restauração que foi a doutora também que foi de uma cicatriz que foi feita na época... ela fez também essa restauração. Essa bala tá alojada, não pode tirar. Que é uma bala trinta e oito e ela está junto dos nervos emergenciais, corre risco de tirar ela e eu perder as pernas. Então não me deu problema nenhuma (52 minutos), deixa ela lá, quietinha! Então (voltando ao assunto da namorada) ela soube, ela soube que eu tinha levado os tiros... na hora ela: “pai, me leva pra São Paulo, me leva, me leva, eu quero ver ele, eu quero ver ele!” Ela foi em casa, eu tinha saído do hospital... né, que meu pai falava assim: “erva ruim geada não mata” (risos) Aí fui ficando bom, tá... foi meio demorado mas aí... um moleção recupera rápido, né! Como não pegou vasos sanguíneos, não pegou nada, né... só foi furo, então teve que abrir pra dar ponto no pulmão e no estômago, fechou tudo de novo e recuperação. Eu emagreci uns vinte quilos, eu já era magro, eu não era forte como eu sou hoje, né. E ela subiu, foi lá me visitar... ali já, né... então a minha balada já tava chegando no fim, já não tinha mais... mais vontade de, de eh... aí foi (53 minutos)... eu tava com uma outra namoradinha na época... quando eu tava no hospital eu tava com duas namoradas... elas quase se matam dentro do hospital!

T: Além da sua atual esposa, na época ainda tinham mais duas...

I: É (risos). Elas quase que se matam quando se encontraram era um... bom ali então distanciamos de novo, foi passando o tempo... aí logo que eu sai a noite, vai, vamos pra balada! Mas eu falei: “pô, não tá legal, não tá legal” eu não tinha mais vontade de sair. Até que ela pegou e me mandou um recado... eu não lembro direito, acho que foi por intermédio de um amigo nosso meio tagarela: “Ah, a Vera (atualmente é a esposa) tá namorando” Eu falei: “O que?” “Ah, tá namorando, tá namorando com o fulano...” “ah, eu conheço ele. Mas tá namorando mesmo, tem certeza?” Eu tava lá guardando, né!

T: Guardando? (risos)

I: Guardando (risos)... Aí eu liguei pra ela... “ah, onde você tá?!” “Eu to no consultório!” Ela trabalhava no consultório médico... ela tava trabalhando... Eu falei: “Posso te ver?” Peguei e fui ver ela, e tal. Eu falei pra ela: “a partir de hoje você está escalada para ser minha namorada!”

T: Escalada...

I: “Você está escalada para ser minha namorada” (esboça um sorriso) “Ah, mas eu to namorando...” “Se vira! (breve pausa) É agora ou, ou... senão vamos pra outro lado!” Ai eu levava ela lá na... (interrompe) o outro saía e eu chegava! (55 minutos)

T: Ah, você teve que ficar um tempo ali...?

I: Não, é uma semana, dez dias, né (risos)! (A partir deste ponto ele visivelmente se entusiasma ao continuar o relato) Eu chegava.... ele saía eu tava chegando.... por coincidência, não que eu ficava esperando ele sair não... Se ele tivesse lá eu chegava junto lá, né! Aí ela

perguntou pro pai dela: “pai, que que eu faço?” Ele falou assim: “de quem que você gosta?” “Não, eu gosto do Igor...” Ah, porque que ela foi perguntar, porque um, esse outro namorado, era estudioso, era um cara que tava trabalhando... e eu, eu sabia que eu era um tranqueira! (56 minutos)

T: Você sabia...

I: Ela sabia já... Ela sabia que eu era um tranqueira! Que meu negócio era zoeira e tá tá tá... e que não queria compromisso e tudo mais... E nessa dai o pai dela até... ele, um pai rígido (faz um movimento batendo as costas da mão na palma da outra) ele falou: “filha...” ah, e a avó dela também falou: “você tem que ficar com quem você gosta! Não adianta nada um ser estudioso e o outro não! Você tem que ficar com quem você gosta! E vai que... amanhã as coisas podem ser diferentes”. E nessa ela decidiu, ela decidiu e ficou comigo... Aí eu gostei também porque eu tava ainda em dúvida da gandaia e eu tinha que sair da casa dela dez horas, onze horas, eu tinha que tá na rua. Eu não podia ficar mais que onze horas na casa dela. Eu falei: “legal, é a hora que começa a balada” (risos) Dava pra fazer as duas coisas, né! Mas eu não tinha mais pique, eu tava sem pique... (murmura algo baixo) ah... e tal e tal, acabamos ficando noivos e acabamos casando...

T: Teve uma questão também de ela estar com uma outra pessoa...

I: Foi, porque eu tava guardando!

T: Guardando?!

I: É, tipo naquela “é, vou guarda... essa daqui deixa pro futuro. Essa é mulher pra casar, não é mulher pra aprontar!” (57 minutos) Né, não é mulher pra aprontar. É mulher pra casar! E na época eu tava naquela de, de (interrompe) e ou, eu vi que ela é bonita, é (breve pausa)... bom, eu falei: “não é! Na minha mão vai virar...”

T: O que você achava que iria virar?

I: Ah, vai... é porque ela se, se apaixonou... e mulher na hora que se apaixonou, moço, se cair na mão de um tranqueira, né, acabou!

T: Mas você achava que aí você passaria a deixar de gostar dela?

I: Não! Ao contrário, eu podia até gostar! Eu podia até parar, ou podia estragar ela!

T: Ah, você tinha um medo de estraga-la...

I: De estragar... eu falei: “não, eu não posso” eu falei. Deixa lá! Deixa reservada, quem sabe amanhã eu... bom, acaba a balada e eu...

T: É como se fosse uma espera...

I: Isso, uma espera! Deixa lá! E foi o... e foi o que aconteceu... No final nos aproximamos de novo, foi legal e tudo mais, nos casamos e estamos nos dando bem até hoje. Saímos, curtimos, curtimos juntos (58 minutos)... saímos como amigos e vivo bem!

T: Entendo... bom, você comentou sobre a questão dos tiros e isso me chamou a atenção. O que aconteceu na época?

I: Não, dos tiros... é... coisa de moleque né! Coisa de moleque! Muita balada, muita balada... e além disso metido a valente, né! Eu estava indo na casa de uma namoradina é, eu tive muitas, né! Ai eu tava indo na casa de uma, uma namorada, eu tinha pego o meu carro (interrompe), o meu carro pagava até o risco o seguro. É seguro total! Então fui pegar o carro na oficina. Tinha dado um outro... (interrompe) é que eu corria, tirava racha...

T: Ah, você gostava de...

I: (Me interrompe) É!!! (exaltado) Meu, você não tinha... é, eu to falando, tudo o que você pode pensar de tranqueira (59 minutos) tinha! Quer falar de droga? Entrei em todas! (esboça um sorriso)

T: Drogas?

I: Todas!

T: Hmm..

I: Todas que você imaginar na época, todas! Mas eu tive educação! Eu só não virei bandido por causa da educação que eu tive. Porque senão eu teria virado até bandido!

T: E isso com a sua família...

I: Ah, a minha família sabe. Sabe! Minha esposa sabe... ah, minhas filhas (engasga) quase não. Elas sabem que eu fiz zueira, né! Nada em detalhes... Bom, e nessa aí eu tava num sábado, indo pra casa da namorada e eu tinha pego o carro na oficina naquele dia, porque eu já tinha batido ele.

T: Tirando racha?

I: Meu pai falava que eu batia mais que bengala de cego, né? (risos) Eu já dei perda total em carro... entrei dentro da delegacia bêbado, dentro da delegacia com carro e tudo, amassei carro do sargento, farol, muro....(1 hora) de arrebentar tudo! Meu pai não tinha dinheiro, mas me livrou de todas!

T: Ele é quem ia lá...

I: É, ia lá e me tirava... e o delegado era amigo ainda né, conhecido daquela época. “Seu Horácio, seu filho está aqui de novo. Teu filho tá aqui de novo!” (risos) Ele ia, me tirava e tal (murmura bem baixo). Pô, eu queria bater no delegado! Já fui pra dar murro em delegado! Bêbado! Fui pra dar murro mesmo, pra bater no delegado. E o delegado era o delegado mais bravo que tinha em Diadema! Mas então, aí eu estava andando com a namorada e tum, (bate uma mão contra a outra) me batem na lateral do carro! (1h 1min) Bem perto da casa da namorada... aí eu vi o carro descendo, um Volkswagen, e aí eu fui atrás dele porque ele tava querendo fugir. Cerquei ele, eu tava sozinho, eu desci do carro, ele apontou uma arma e estava com uma mulher do lado... eu falei: “não precisa disso não, eu só quero fazer uma ocorrência. Meu carro estava no seguro, eu peguei ele no seguro hoje e eu quero fazer uma ocorrência. Você não precisa pagar nada não, eu preciso é dá ocorrência que o meu seguro paga!” (1h 2min) Ele falou: “ok, estaciona o carro aí na frente”. Eu estacionei o carro e de novo ele fugiu enquanto eu manobrava. Ah... aí eu esqueci da arma (esboça um sorriso). Esqueci da arma! Já viu aqueles filmes de...? (começa a sorrir e a bater uma mão contra a outra fazendo alusão a batidas entre carros) Foi batida na traseira, batida na lateral... eu pensei: “agora é...” eu com meu carro na traseira dele, jogando na lateral até que os carros pararam num beco sem saída, eu desci, tirei ele do volante sem dar tempo pra ele pegar a arma... que eu já nem lembrava mais da arma. E... (volta a bater uma mão contra a outra, em alusão aos socos que deu no rapaz). “Agora você pode ir embora! Agora você pode ir embora” Ah, meu carro estava no seguro mesmo... (1h 3min)

T: Ah, então você socou ele de porrada e...

I: Soquei ele de porrada e falei: “agora você pode ir embora!” Virei as costas e fui pro meu carro e escutei: “você quer morrer!” Que hoje eu falo: “é, eu queria mesmo, pelo jeito, morrer né!” Eu já tinha visto a arma, vou pra cima e enfrento a arma... aí eu lembrei da arma e falei: “puta que pariu!” (breve silêncio) Na hora que ele deu o primeiro tiro, que pegou aqui do lado, eu falei: “não, não é nada disso não, não é nada disso não!” e fui correr. E fui correr pra

cima dele! Eu falei: “não, ele ta com a arma e numa rua sem saída...” Ai ele deu o segundo (tiro), que eu poderia ter tomado na cabeça, foi o que pegou na forquilha, foi o que vazou. Ai eu corri, mas ao invés de correr dele, eu fale: “agora eu já tô... eu corro pra cá, né!” Ai eu corri e cai dentro de uma casa simples de uma mulher (1h 4min) e aí eu caí e não respirava mais que eu já estava com um pulmão perfurado, né... Aí me deu sede, mas eu não podia tomar água por causa da hemorragia, chega uma moça grávida gritando que eu estava morrendo. Aí veio uma senhora pra me dar água mas essa que fez o maior escândalo, foi lá e tirou o copo porque ela sabia que daria problema. Eu não faço ideia de como ela sabia e foi isso o que me salvou! (1h 5min). Ai fui pro hospital, passando muito mal. Foi esse pessoal que me levou... eu tinha três furos, mas sabia que só tinha levado dois tiros.... (vai fazendo o relato bem pausadamente, como se narrasse o roteiro de um filme) e o médico dizendo: “mas você tem três furos e não só dois”... me perguntado meu nome, endereço, etc, etc... (1h 6min) Aí me fizeram a medicação, passei a me sentir melhor e estava achando que já iam me levar para a sala de recuperação... na hora que eu fui ver eu estava na sala de cirurgia. E eu ainda perguntava pro médico: “que que eu to fazendo aqui?” Ah não, antes, antes, o médico perguntou quantos tiros eu tomei, eu disse que foram dois... e eles não acreditavam que a bala tinha ido parar na coluna. Aí tiraram a chapa e apareceu (risos) a bala lá embaixo na coluna... (1h 7min). Aí eu comecei a dizer que não iam me operar, que eu queria meu médico... “eu quero meu médico, ninguém vai me operar não, ninguém vai cortar a minha barriga não” (risos) Que médico o quê?! Eu nem médico tinha (risos). Eh... na verdade eu tava pedindo o meu pai (risos)

T: Pedindo o pai...

I: É, na verdade eu tava pedindo o pai! Que médico? Eu nem tinha médico!

T: E aí, e o seu pai?

I: Não, não, olha... aí o médico disse: “é você quem sabe. Você tem que ser operado de emergência, você tá sem documento, sem nada... eu posso simplesmente me livrar!” Ai eu falei pra ele: “Ah, você tem cara de ser gente boa... mas pô, vai cortar a minha barriga?” Pô, eu tava próximo do carnaval, queimadinho do sol, eu ia pra balada, eu ia pra zoeira... (risos) (1h 8min)

T: Você estava preocupado com...

I: Pô, eu tava preparado pra zoeira!

T: Sua preocupação era o corte ali...

I: É eu tava preocupado em ficar feio e tal... (risos)... mas aí eu acabei de falar isso e já estava dormindo. Acordei com dreno aqui, com agulha enfiada ali, era dreno pra tudo quanto é lado...

T: E quando você acordou e viu essa cena assim... cheio de buraco, e bala e corte e tudo...

I: Pensava em recuperar! E eu tava naquela num quarto, depois eu sai da UTI, eu tava num quarto, que é um quarto tipo semi-UTI. (1h 9min) Então tinham... as pessoas que vinham pra me ver ficavam do lado de fora... naquela época você tinha mais facilidade pra entrar no hospital, né. Então até foram lá uns amigos meus, pra me ver e tal... e ficavam pro lado de fora. Mas aí eu escutei... “eu acho que o Igor dessa ai não escapa não” Eu falei: “o que? Vocês vão ver!” (risos) Na verdade eu falei pra mim mesmo, né... você vão ver! (risos) Ai fiquei na recuperação... Aí tinha um amigo que ia lá pra me ver na recuperação, e era a época que eu tava com duas namoradas e quase deu guerra de as duas se encontrarem.... (risos)

T: E o que você achava disso?

I: Achava tudo festa! Tudo festa! (risos) Eh... moleque.... molecção! Mas eu nem fiquei as... eu fiquei sabendo disso depois, né!

T: Hmm, entendo... pelo que você conta parece que você teve bastante sucesso assim, com as mulheres...

I: Ná... (Silêncio) era, era (gagueja) foi, foi, foi farra (1h 10min) depois que me contaram: “nossa, as duas vão se matar lá fora...” (conta sorrindo) É... essa menina que era da casa pra onde eu estava indo (interrompe), quem cuidava no hospital... a enfermeira chefe era uma, uma freira. Ah, pra quê!... eu comecei a ficar bom... eu tava com corte e tudo mais, a menina lá, eu falei: “Han!” (começa a sorrir e a encenar) Eu me virei, eu já tinha tirado o dreno, eu só tava com sonda, né. A freira, a menina lá... eu falei: “é pra já!” (risos)

T: Você e a freira...

I: Aham! (risos) Não, uma menina que ficava cuidado lá. A freira era a chefe... E aí a freira pegou! (risos) Mas a menina tomou um esfrega, bicho!

T: Você estava junto com a menina na cama no leito na hora que a freira chegou, foi isso?

I: Arram... eu tava virado, não podia vira ainda...

T: E você estava transando com ela...

I: Transando com ela...e eu estava com os pontos na barriga. (1h 11min) A freira chamou atenção... a freira falou um montão pra ela. Que... (murmura como se a freira estivesse chamando a atenção da jovem) Mas eu fui... então, eu tinha vinte e três anos. E eu falo que naquela época meu pai me endossou, mas naquela época eu não tinha convênio médico nem nada. Meu pai tava pensando em me dar um carro, era um Passat... e o que ele gastou no hospital comigo foi o preço do Passat! (1h 12min). Aí o carro foi a conta do hospital, né(risos).

T: Bom, pelo que eu estou acompanhando do que você está dizendo, parece que havia uma certa facilidade com as mulheres...

I: É, que nem eu falo (interrompe)... é, pra mim não tinha falta!

T: Não faltava...

I: Não faltava!

T: E era você quem as procuravam ou eram ela... como era isso?

I: Não, eu nunca fui atrás, eu não ia atrás... vinham, né! E por que? Sei lá... sei lá! Meninão novo... bonito... ou simpático, sei lá o quê. Por que? Então, nunca faltou! (1h 13 min) Não tinha (breve pausa) é... não era, não era um cidadão fresquinho, não era nada. Era normal pra mim... eu era trabalhador e amigo de todo mundo, né. Então eu acho que talvez a facilidade era essa, né. Que que apareciam...

T: E depois assim... o fato de você estar casado não impede que outras mulheres se interessem por você... isso pode acontecer...

I: (Me interrompe) Depois de casado, é claro que aparece e aparece mais!

T: Mais?

I: Sim! E principalmente se você usar aliança, né! Aparece mais...

T: Chama a atenção...

I: Sim, mas eu não uso! (me mostra as mãos) Se mulher ver sem aliança é problema! (esboça um sorriso) Homem casado com aliança não é problema!

T: E ficar sem aliança foi uma decisão...

I: Não, é que uma vez eu enrosquei e a aliança estava toda torta... e aí falei pra mulher: “não vou usar mais não”! (1h 14min) Falei pra minha mulher: “você confia em mim?! Então, não vou usar isso mais não”. Sempre quando eu casei (interrompe) quando eu casei eu falei pra minha esposa: “não seja a minha mulher! (breve silêncio) Tá, nós estamos casando hoje, passando papel passado, mas não seja minha mulher! Seja minha eterna namorada! O dia que sentir poder em mim ou eu em você... acabou! Sejam eternos namorados! Um curtir o outro. Você não pode sentir posse em ninguém. Você não é dono de ninguém. Então você casou, ‘é minha mulher!’, ‘Meu marido!’, não, é teu parceiro, é minha parceira” Ela é minha parceira pra todos os momentos! Os momentos ruins, os momentos bons. Então a gente tem que se entender. Então sejam eternos namorados. O dia que sentir que um é minha mulher (interrompe) Aí o (1h 15 min) pessoal fala: “atrás de um homem tem uma grande mulher!” Não! Ao lado de um homem tem uma grande mulher!

T: Bom, pelo que você disse então apareceram mulheres...

I: Aparece até hoje. Apareceu agora!

T: Agora...

I: (Risos) Principalmente na minha idade!

T: Mas agora... Por quê?

I: Por causa do bolso né! (risos) Agora compensa né... não é por ser bonito, por ser nada (continua rindo)

T: E elas te abordam, como chegam?

I: Ah, como pra você como pra qualquer um outro... Normal... Insinua... dá toque, né... Mas eu não dou bola, eu não dou chance de chegar. Eu não dou chance de se aproximar, tá! Eu isolo. Eu já sei eu já saio fora! Então é... tem funcionários, tem vendedores, tem vendedoras... é gerente que quer se aproximar, que quer... eu já saio fora (1h 16min) Já, já... já corto!

T: Entendo... de alguma maneira você sente que elas...

I: Não, agora... agora eu já não sou mais, eu já não sou mais garotão. Agora a gente já tá velho né, a gente já peida, a gente já ronca... (risos) Agora... é por dinheiro! Tem alguns amigos que tem a namoradinha nova, namoradinha nova né... Porque separou...tem que ter cuidado né, não é assim. Tem amigo que sabem arrumar namorada e colocar no seu devido lugar... tem outros que... que não né! Não é o meu caso, porque eu não tenho olho, olhos pra outra mulher. Eu tenho olhos pra minha mulher, eu tenho olhos para minhas filhas e pros meus netos. Eu não tenho interesse nenhum de, de...interesse nenhum de....

T: Sim, mas não é uma questão...

I: (Me interrompe) Porque se eu tivesse interesse até hoje eu seria pior do que com vinte e três anos (1h 17min)

T: Mas é que é uma questão que de certa forma, enfim, independente da idade ou de qualquer outra questão... pessoas aparecem!

I: Aparece sempre, por algum motivo ou outro sempre aparece. Agora eu vou pegar pra quê? Pra mostrar que eu sou homem, ou pra mostrar que eu sou... eu não tenho que provar nada disso pra ninguém, eu não tenho que provar mais nada na minha vida. Um amigo uma vez até perguntou: “você fez... (interrompe)” até um grande amigo meu... sobre a intervenção cirúrgica... “Igor, eu não acredito, a gente tá sempre junto e eu não fiquei sabendo!” eu falei: “Você não tem que saber de nada! Eh, não tem que saber de nada”.

T: Mas como é... você parece que faz uma questão de que não saibam...

I: Nenhuma!

T: Você prefere que não saibam...

I: Claro!

T: Por que?

I: Não tem por quê! (um pouco exaltado)

T: Te incomoda...

I: Não, muito pelo contrário... (1h 18min) Pra aqueles que eu acho que eu posso falar, eu até falo, tá... como eu tô falando pra você! Tá... pra... pra um nosso aqui (referindo-se aos moradores com quem se encontra às sextas-feiras) ele tá: “pô, pô, eu não tô legal com a minha papa, com a minha papa... (passa a mão abaixo do queixo e pescoço) Eu não tinha, se pegar uma foto minha quando eu era molecão, e tava com quarenta e... quarenta e três anos!” Eu falei: “meu, vai lá na doutora Sandra que ela dá um jeito nessa porra dessa papa aí!” “Ah mas você acha (murmura)...” Eu falei: “Cara, eu fiz isso, isso e isso!”

T: Da papa você chegou a fazer?

I: Não, eu fiz um cordão que põe aqui, é uma coisa nova (puxa a pele do pescoço para trás me mostrando o efeito). É um cordão que passa e puxa, ele fica aqui dentro e depois faz parte do organismo.

T: Que aí o organismo absorve...

I: É que eu tinha... é que a minha pele é pesada, ela cai! A dele não, a dele é de papa mesmo, né! (1h 19min) Tanto que eu fiz uma aqui (aponta para a região perto da orelha) e fiz duas aqui pra levantar um pouco mais! (aponta para outra região mais para atrás da orelha) Que quando nós vamos ficando velho vai caindo né...

T: Foi aquela de dois mil e dez?

I: Não, essa foi a última agora que eu fiz, esses cordão!

T: E voltando a essa questão dos seus amigos aí... em algum momento, algum deles ou até mesmo a sua família chegou a comentar algo do tipo: “pô, mas você fazendo muita coisa... isso é isso, aquilo...”

I: Não, porque veja só... é o que eu falo... eu não tenho vergonha de falar, eu não tenho vergonha de, de, de... (nessa hora o telefone celular de Igor começa a tocar, ele então pede licença e atende a chamada) (1h 21min) E onde a gente tava? (silêncio)...eu pergunto onde a gente tava porque a gente tem que cuidar disso, cuidar daquilo mas também tem que cuidar do cérebro né (risos) não deixar o ‘alemão’ (referindo-se à doença de Alzheimer) encostar!

T: Bom, estávamos falando sobre as mudanças...

I: Bom, das mudanças... eu não tenho nada pra provar pra ninguém... ninguém pagou nada pra mim, quem paga sou eu! Não tenho vergonha (interrompe) aliás tem outro grupo agora que estão se sentindo motivados até a fazer alguma coisa pra se cuidar... Eu falo: “cara, vai lá cuidar é isso é aquilo...” (interrompe) O meu genro, que é novo, molecão... você está com quantos anos?

T: Eu tenho trinta e dois.

I: Então, meu genro tem um pouco mais do que você... Falei: “pô, você tá ficando já... criando umas expressões. (1h 22min) Começa a se cuidar agora! Pra você não ter que gastar um

dinheirão lá na frente, fazer o que eu fiz... que você já vai fazendo então cuida e já começa a se cuidar!” Eu acho que o homem tem que se cuidar também, tanto mulher, num é... por que que a mulher e o homem não podem se cuidar? Qual a diferença?... (breve pausa) Entendeu? (Murmura) pra mim não tem o por quê! O homem tem que começar (interrompe) tem que se cuidar também! O homem tem que ser vaidoso, um pouquinho vaidoso também! Tem que se gostar! Tem que se olhar no espelho e tem que se amar! Primeiro eu vou amar a mim, depois vou amar os outros.

T: E quando você começa a fazer as mudanças em dois mil e dez...

I: (Interrompe e me corrige) Em dois mil e três!

T: Ah, sim, em dois mil e três... bom, você estava com menos de cinquenta... uns quarenta e oito, sete... Nesse começo você teve alguma certa resistência... não, isso não... (1h 23min)

I: (Me interrompe prontamente e diz:) É coisa de... (interrompe) homem não faz isso... (diz sorrindo)

T: É... como você disse, você teve uma criação mais...

I: Não, não... Veja só, eu não... Eu só achei que isso é coisa de mulher ficar fazendo, mulher gosta de ficar bonita, gosta de estar bem... Tanto é que eu incentivei as minhas filhas. Minhas filhas duas cirurgias que ela fez foi eu que falei: “você vai fazer e eu pago!”

T: Você quem falou...

I: Falei: “você vai fazer que eu pago! Eu quero ver você bonita. Eu quero que você se olhe no espelho”... (interrompe) porque minha filha mais velha, por exemplo, ela teve os dois filhos... que detonou o corpo... que a mulher se arrebenta toda, né! Ai eu senti que ela já tava querendo ter outro filho, mais outro filho... de cuidar a... (murmura) ai eu falei: “você quer ser mãe, você quer ser avó, você quer agora só ficar em casa e tudo mais (fala em tom muito baixo) por que você não está se amando, né”. Porque eu via ela se olhar no espelho... que os peitos estavam meio tortos... que tava com um pouco de barriga... Ai eu falei: “é que você não está se amando. Você tem que se amar! Vai lá arrumar esses peitos ai seu, que você (1h 24min) tem aí que eu pago pra você, você vai lá e se cuida!” Ela foi lá e fez o peito. Depois ela foi lá e fez a... faz o corte aqui (coloca a mão na região da barriga)

T: Lipo?

I: Não, não, lipo ela tinha feito primeiro! Ela já tinha feito nas pernas, tal, na barriga, já tinha feito tudo! Mas depois dos filhos né... aí veio, veio, veio os filhos... engordou.... ficou feio e tal... ai eu falei: “vai lá e faz... vai lá e faz o peito!” Ai fez o peito, ela tava legal, ela tava feliz... eu falei: “Por que que você não faz” (interrompe) o que uma amiga dela fez lá... que corta, puxa a pele, muda o umbigo... “ah pai, mas tem que pagar... é muito dinheiro e tal” ai eu (1h 25min) falei: “você vai lá e eu pago! Vai fazer! Você não tem que pensar agora em ter filhos... você tem dois filhos maravilhosos... você não tem que pensar em ter mais filhos nenhum. Você tá querendo ser mãe, ser avó e não tá se cuidando porque não tá se amando mais! Olhe no espelho e se ame! Depois você dá o amor que você tiver pra todo mundo... o que você tiver de excesso!”

T: Você achava que ela estava sendo mãe, avó, mas não estava sendo mulher...

I: Não tava mais sendo mulher... não estava se olhando mais no espelho ... não tava querendo mais se olhar no espelho. Eu falei: “vá se cuidar” Hoje... hoje você vê ela, ela é feliz! Hoje ela se olha no espelho e se ama! Tá com dois filhos maravilhosos e tudo mais... mas não tá pensando mais em ser mãe (interrompe) apesar de ela adorar crianças, adorar tudo e tal... Tá pensando agora em viver! Que, que... então, eu consigo ver esse... sentir esse tipo de coisa

nela. A outra também, eu falei: vai lá fazer que eu pago! Ah, eu acho, meu... nós estamos aí com todas as tecnologias do mundo (1h 26 min)... de coisas sadias então por que não fazer... qual é o problema? Vai se sentir bem? Pô, eu sou muito feliz das minhas filhas se sentirem felizes e eu ser o incentivador!

T: Você fez antes delas então...

I: Não, ela tinha feito antes é... lipo! Elas que fizeram primeiro e depois eu comecei. Foi tipo em dois anos que elas começaram depois eu comecei a fazer. Elas começaram em dois mil. Fizeram Lipo e tal, mas aí depois veio os filhos e tal... né. Então assim... primeiro tem que se amar... se ame! Agora eu, pra mim, eu não fico olhando no espelho pra ver se eu tenho cravo, se eu tenho espinha... Cabelo? Eu não passo gel, não passo nada... meu genro passa gel e tal... Apesar que eu falei pro meu genro: “vai lá cuidar, meu! Vai lá fazer uma coisinha e tal!” “Não, não, não precisa não e tal!” (1h 27min) Porque sem querer eu fiquei sabendo que a doutora... é, a doutora né. Porque quando eu vou lá fazer alguma coisa nela eu falo: “manda a conta pro Felipe que ele é quem vai pagar” Felipe é meu financeiro lá na empresa né... é o meu genro! Aí ela falou: “é, o Felipe teve aqui, fez alguns procedimentos...” Ai eu falei: “Ah vagabundo, ah é?! (risos)” ele foi lá nela então e nem me falou nada. Ele até nem sabe ainda que eu to sabendo que ele esteve lá no consultório dela. Então, pra esses amigos meus que estão aqui eu falo: “meu, tem que fazer, vai lá fazer alguma coisa... se tá te incomodando vai lá e faz!” Hoje se um pneu tá te incomodando, vai lá e faz! Faça! É medo de quê? Não pode é ter medo... é Se você tem medo de um bisturi ou se você tem medo de uma injeção, aí é outro problemas (1h 28min). Eu não tenho nenhum medo disso... é que nem a doutora fala... eu sou quase imune a dor, né!

T: E você disse do seu genro... ele fez o quê?

I: Ele fez botox... botox.

T: E você pretende dizer o que?

I: (Risos) “Ah vagabundo, tá dando o botox? (risos) Fala que é coisa de veado...” que ele fala que isso não é coisa pra mim... isso é coisa de veado ou pra mulher, né! Então... eu sinto feliz em mudar um pouquinho a cabeça do cidadão... né! Então, por que não fazer? Se você tem ali uma reservazinha ... que é... você tem que ter dinheiro também porque vai custando as coisas, né... Então, no começo, quando você vai fazendo, você não vai sentir diferença, porque as diferenças são pequenas. As diferenças são poucas Você vai vendo no decorrer. Por exemplo, o meu, que eu comecei em dois mil e três... (1h 29min) Agora, você pode pegar o meu irmão, pode pegar aquela foto dele que tem aqui... o meu irmão mais novo é dez anos mais novo que eu. Você olha a foto ele aparente ter dez anos a mais. Parece ter dez a mais! Então ai que você começa a falar: “pô, pera aí, deu resultado!” Deu resultado, então pô... isso é legal! Ai retrocedeu... então você começa a sentir o resultado depois de anos, ne então retrocedeu... não é de momento... Que nem o Felipe né, o meu genro... vai se cuidar agora... minhas filhas, vão se cuidando. Que nem minhas filhas, minha filha tem uma pele linda, não tem ruga, não tem nada... mas pintou uma vai lá e ‘tuc’ (faz um um gesto com a mão como se tivesse arrancando a ruga da testa)

T: Entendo... mas pelo que você diz, em algum momento parece que acaba surgindo alguma piada, uma brincadeira...

I: Não, não... Veja, piada de um... pode fazer comigo... “Ah, o Igor, vai fazer?” Eu falo: “o meu amigo, eu não tenho que provar nada pra ninguém!”

T: E em algum momento isso te incomoda? (1h 30min)

I: Nem um pouco! Porque eu falei que eu não tenho mais nada que provar pra ninguém! (Breve silêncio) Já provei que eu sou homem suficiente... pra todo mundo (diz de maneira descontraída) Vou prova o quê...? Agora que tem a (gagueja) eu acabo percebendo que esses que chega (interrompe)... que eu já provei... que já sabem “pô, o Igor realmente não tem nada pra provar...” Acaba a coisa mudando, acaba ficando com inveja de fazer também... “porra, eu podia fazer também!”

T: Você acha que você acaba despertado isso... uma certa inveja nas pessoas...

I: (me interrompe) Sem dúvida! Sem dúvida nenhum! Não foi nem uma, nem duas!

T: Ah, são muitas...

I: Ah... nem uma, nem duas! Que o homem é... o homem.. (gagueja) ele tenta ser naquela é... “o homem, é o macho, o macho não faz isso, que o macho não sei o quê...” Ai ele vê que ele pode fazer e continuar sendo macho (breve pausa) ... que aí... porra, né! “Se eu tivesse dinheiro pra fazer eu faria, é que eu não tenho dinheiro pra fazer...” (1h 31min)

T: Então uma coisa não tem a ver com a outra...

I: Não, não... Então ai você se pergunta: “por que não fazer?” Então pra aquele que eu sinto que eu posso falar... eu vou e falo... Pô, ele tá infeliz com alguma coisa eu falo: “oh, você tá infeliz” (interrompe) Eu não estava infeliz... eu não estava infeliz quando eu comecei a fazer os procedimentos.... Eu estava... bem, já que eu estou levando minha mulher, por que que eu não vou fazer também? Vamos viver o... o futuro!

T: Você tinha uma espécie de um medo do (Igor me interrompe prontamente)

I: Não, não medo! Eu nunca citei medo! Nunca coloquei medo! Medo foi uma coisa que eu nunca tive! (Fala de maneira bem enfática) Eu não tenho medo de morrer, eu não tenho medo de morte. Ter medo disso?... Não, nem pensar! Quer dizer... entendeu, é se cuidar! É se cuidar! Como eu tava levando a minha esposa, levei minhas filhas (1h 32min), eu to lá... por que que eu não vou fazer também? Não, pera um pouquinho... “Oh doutora, e aqui, como é que tá? Aplica aqui também! Vai lá, vai lá. Manda!” (fala como se estivesse conversando com a médica). Aí num momento depois dessa cirurgia que eu fiz (gagueja bastante) ... ela nunca induziu a nada! Nunca a nada! E a doutora nunca quis fazer coisas que as pessoas notem que você fez. Tem que fazer sem as pessoas notarem que você fez algum procedimento. O que é mais gostoso é perguntar: “porra, rapaz, o que que você fez, cara?”

T: Você gosta desse momento...

I: Haha (ri com muita satisfação) Porra, isso é gostoso! Claro que é! É gostoso porque você vê que você está bem!

T: Sim... compreendo...

I: E tá bem, então pô! Quer dizer que o que eu fiz e o que eu achei que devia fazer... eu to, eu to me sentindo feliz porque eu estava certo! Eu não errei!

T: E o que você costuma responder quando dizem: “Ah, você está mais jovem...” (1h 33min)

I: Ah rapaz, isso aí é namorada nova! Acabo brincando mas todo mundo sabe que eu não tenho namorada nova! “Ah, arruma uma namoradinha nova e aí você vai ver como você fica mais novo!” (risos) Que nem lá na praia... eu vivo muito na praia, né. Estou lá quase todo fim de semana. Tenho vários amigos lá de praia que a gente encontra. “Pô Igor, que que você fez? Igor, você está se tratando né? Você está fazendo alguma coisa!” Eu falei: “você quer saber? Você quer ouvir sério? É sério? Então vem cá...” Aí eu conto.

T: Ai você conta...

I: É pô, ohh... na boa! Pô, é legal, é legal, não sei o que e tal, tal, tal... Ah, eu não tenho vergonha de contar... mas não vou ficar contando! Eu não fico contando... me vangloriando o que eu fiz. Não, isso aí é normal. (1h 34min) Se me perguntar... “quantos anos você tem?” Muita gente me pergunta quantos anos eu tenho. Eu digo: “sessenta e um!” “Nossa, sessenta e um?! (breve pausa)” Eu paro em algum local... eu vou (gagueja) eu vou no teatro, no teatro eu levo... eu compro meia, né! Vou na luta, UFC, eu pago meia! Eu tenho direito com sessenta anos, né meu! (risos) Compro meia... Vou lá... na hora... “tá com os documentos?” Ai eu apresento os documentos pra provar que tenho sessenta. Então isso é gostoso, isso é gostoso (se empolga) Isso é gostoso!

T: Você tem um prazer...

I: Não, é o, o (gagueja muito) Vamos falar assim... o prazer... é um prazer. É (gagueja) gostoso saber que o que você veio fazendo no decorrer dos anos aconteceu alguma coisa! Não foi em vão! Tá, não foi uma coisa em vão... (1h 35min). Então isso é satisfação. Não propriamente de eu estar bem, que o que eu entendi... deu resultado! Tá entendendo? Não sei se você entendeu.

T: Hmm...

I: Não é por eu estar bem ou melhor do que os outros, nada... eu vejo, eu falo pro meu irmão: “oh, vai se cuidar, cara!” “Não, ah, mas não sei o quê” Não sei se o cara vai pensar em trocar o sofá de casa ou comprar uma televisão... ah, eu vou comprar, eu comprou... nunca me fez falta, entendeu! Mas acho que em tudo você tem que dar tempo pra você também! Não adianta nada você fazer as coisas se você não se amar. Primeiro você tem que se amar... se você tá feliz do jeito que você tá, muito bem! Palminhas! (bate palma) Parabéns!

T: E esse pessoal com quem você convive na praia aos finais de semana... É da sua idade... são pessoas mais jovens...?

I: (1h 36 min) (engasga e gagueja) Tem a.... tem... tem dos dois... tem dos dois. Inclusive um ontem teve no hospital lá pra tirar a calota craniana pra tirar um... um ... cisto, né. Mas vai pra análise pra ver se não é algo mais grave. Um puta amigo meu de viagem. De viajar juntos, é... mais novo, da idade da minha esposa, cinquenta e dois anos. Sou dez anos mais velho. Bom, pra falar da turma lá tem um, dois que sejam da minha idade ou mais velho e o resto é mais novo.

T: Nós já até passamos do nosso tempo, pra irmos finalizando... nos finais de semana você disse, ao telefone, que “gosta de tocar o foda-se” (quanto fomos marcar a entrevista, em determinado momento Igor utilizou esta expressão referindo-se à sexta feira como início do final de semana e que, a partir do meio dia já não trabalhava mais. A entrevista foi feita em uma sexta feira no período da tarde) (1h 37min) o que seria exatamente isso? (risos)

I: (Risos) Isso aí veio por quê? Um outro episódio que vou te contar que ainda não te contei... Hmm... eu nasci de novo quando eu levei os tiros. Eu ainda era jovem, tá... mas aí eu aprendi a respeitar uma arma... Então o nego pode me xingar dentro do carro que hoje eu não ligo. Eu andei armado muito tempo. Eu andei armado até na sinta!

T: Depois ou antes dos tiros?

I: Depois, depois dos tiros. Mas depois eu nunca mais andei armado. Pode me xingar hoje, pode me dar tapa na cara... eu posso ir no braço com você, mas se você tiver arma, eu não vou te fazer nada. Depois disso aí você vai aprendendo, vai amadurecendo. Vai ficando mais velho a gente vai amadurecendo... (1h 38min) Ai eu tive um episódio que foi (faz as contas mentalmente)... noventa e oito, noventa e seis... eu não lembro mais de cabeça. Eu tive a minha filha sequestrada! A mais velha!

T: Nossa...

I: Foi um sequestro pesado... Ela tava chegando na fábrica. Ela tinha terminado a faculdade, que ela é arquiteta é... aí a mãe ligou pra ela... “Ah, to chegando, to chegando na fábrica” Aí a Vera: “nossa, ela tá com uma voz diferente! Será que ela ficou de recuperação?! (1h 39min) Ela tava tão feliz, parece que tinha passado e tal...” Depois ligou de novo “mãe, eu to chegando!” Ela não tava chegando, ela tava indo! Eles já tinham pegado ela. Aí ela foi no meu escritório: “Igor, tem alguma coisa diferente!” Eh, o sentimento de mãe é rápido, né! Ai eu tentei ligar pra ela, mas ela já não atendia mais o telefone. Aí a pouco eu recebi um telefonema: “oh, estamos com a tua filha e logo mais nós vamos te ligar. Ela está sequestrada!” Eu falei: “O que?” “É isso aí” e desligou o telefone. Aí na hora eu falei pra minha mulher no escritório... falei pra todo mundo... e agora, cacete! Liguei pro meu sócio, expliquei tudo e ele falou: “Vai na antissequestro que eu tenho um amigo lá”. (1h 40min) O meu sócio, eu não frequento a casa dele, nem ele frequenta a minha... a gente só se encontra pro trabalho. A gente sabe que um pode contar com o outro. Então eu saí de casa, né, eu saí... eu falei: “caramba, e agora? Vou ou não vou, vou ou não vou...” e foi naquela... e aí eu que os caras me seguiram... eu na hora me liguei na hora me deu um estalo, pensei: “essa moto aí é dos caras” Eu deixei passar na frente, ele passou, tinha um na garupa, chegou lá ele olhou pra trás. Se olhou pra trás, tem alguma coisa. Não ia olhar pra trás se não tivesse alguma coisa. Então eu fui pra cima. Eu sempre corri muito bem! (1h 41min) Meu carro por exemplo, é um Golf GTI e tá com trezentos e quinze cavalos! Eu mexo em carro, eu gosto de carro...

T: Ah, você gosta de carros...

I: Gosto, gosto... Que as vezes ficam uns moleques querendo brincar e eu brinco também (risos) só pra tirar um ‘sarrinho’... Bom, e nessa aí eu fui atrás pra tentar pegar o cara. Mas o cara tava de moto. Então ele entrou na Anchieta e tal e tal e sumiu. Mas eu marquei a moto. Aí começou a negociação... veio a antissequestro e eles ficaram em casa direto.

T: Ah, então você procurou a antissequestros...

I: Sim, eu fiquei muito feliz. Porque foi uma molecada... tudo da tua idade assim (interrompe) quando eu falo molecada (1h 42min) é por causa da idade, né. Eu falo assim, todos de, de (gagueja)... com pique, né. Mas eu na hora que cheguei na delegacia falei: pô, meu, será que eu to entrando no lugar certo? Tava toda bagunçada a delegacia... tudo uma tranqueira né. Mas fui lá, fui muito bem atendido, aí tinha um menino... um menino chamado Samuel, um japonês, aí veio em casa e tal... E ele falou: “Igor, você não lembra de mim?” Eu falei: “não, não lembro!” Eu tava atordoado, pô! “Sou o Samuel, lá da rua!” Que quando eu casei eu fui comprar uma casinha do BNH, fui morar na rua, ele era da rua, molecão e ele falava: “quando eu crescer eu quero ser polícia”. E ele tava na antissequestro. (1h 43min). Eu falei: “Oh Samuel, rapaz, você bem que falou que queria ser polícia... e agora tá aí, oh!” E foi, no desenrolar.. negociações, negociações... o último telefonema e só ligava no meu celular... “fique com Deus, fique com não sei o quê” (encena como se os sequestradores estivessem falando com ele). E naquele momento eu me senti impotente (fala lenta e pausadamente)! Impotente! Eu não servia pra porra nenhuma! Eu não servia pra merda nenhuma! Eu não era um bosta! Foi nos momentos dessas negociações até o final: nós seres-humanos não somos nada! Não somos nada! Então, nisso tudo eu fui analisando... do que adianta eu ter alguma coisa se nessas horas eu sou impotente? Tá errado! Bom, enfim, o final do filme, nós fomos lá e estouramos o cativoiro. (1h 44min) Eu ia passar o natal e o ano novo sem ver a minha filha. Olha, eu até arrepio (me mostra o braço arrepiado). Eu ia passar o natal e o ano novo, tá! Era uma quadrilha grande de dez elementos sete cumpriram pena. Sete foi pra cadeia, (breve pausa) foram julgados... (breve pausa) entendeu... foram condenados (breve pausa). E parte que ajudou foi a parte da moto que eu descrevi, que eu vi, tá! O meu celular, a forma que eles

pegaram... que eles tavam na captura desse pessoal, a forma que eu desliguei o celular da minha filha... eu tive que ser frio

T: Como assim?

I: A antissequestro falou: “Deliga o celular da filha” Eu falei: “Pô, e se minha filha quiser falar comigo?” “Desliga ele! Eles vão dar outro jeito!” Então eu conduzi tudo da forma que eles falaram (se anima novamente)

T: Como assim desligar o celular da sua filha?

I: De, de... de bloquear. “Bloqueia o telefone da tua filha. O número do telefone da tua filha tu bloqueia!” E foi nessa que eles rodaram. (1h 45min). Porque ele não conseguia negociação comigo mais. Eu falei: “eu quero falar com a minha filha. Quero saber se minha filha tá bem.” Ela tem trauma até hoje do sequestro. E quando chega final de ano aí fica um período... ela começa a entrar quase em pânico. Eh... eu parei a negociação. Falei: “eu quero falar com a minha filha. Eu não sei se ela ta bem ou não”. E nessa ele pegou o telefone e tentou falar comigo e não conseguiu. Aí ele passou o dele. Ele perguntou pra ela: “na sua casa tem bina?” “Não, não tem”... E realmente não tinha. Mas aí a antissequestros já tinha grampeado as duas linhas. Então ele ligou e bateu na hora... ele ficou naquela de falar rápido pra não dar tempo e tal, mas não adiantou. Bate é na hora. (1h 46min). Aí do número do celular foram na casa do cidadão que vendeu o celular, aí já buscou um outro, que foi no outro... família toda envolvida que vão ramificando né... enfim estourou o cativo saiu em todos os canais de televisão, na época ainda era a maior preocupação do governo do Alckmin que eu achei lindo! Ele queria duas coisas na mesa dele quando chegasse de manhã: sequestro e receita de São Paulo. Tinha que botar na mesa dele e se estourasse cativo... tinha que repercutir. Por isso acabaram os sequestros no estado. (1h 47min). Ah, eu até tive lá no julgamento e o cidadão com cinco advogados, do Estado e particular. E na hora me perguntaram assim: “o senhor reconhece algum deles?” “Reconheço sim”. Eu já sabia que era o da moto. Aí o advogado perguntou: “Como você reconhece ele se ele tava de capacete?” Eu falei assim: “eu também sou motoqueiro, eu tenho moto, a gente reconhece nossos amigos, reconhece as pessoas porque está acostumado! Estamos acostumados porque eu também sou motoqueiro! (1h 48min) Ele tava com o capacete aberto e usando um óculos Armani! Inclusive é um óculos que eu sempre quis ter mas nunca tive condição de comprar!” Era pra ferrar a vida do cidadão mesmo! Aí o juiz na hora (bate uma mão contra a outra) socou nele! Ai advogado: “Mas pô” Aí o juiz: “Ele já falou, já reconheceu até o óculos! Não tem conversa!” (risos) O cara tava com cinco advogados, e eu tive que ser firme porque eles estavam tentando livrar uns dois ou três. Mas não vai livrar nada! Não vai livrar nada! (1h 49min). Eu reconheci mesmo o cara. O Cara eu reconheci, eu só acrescentei o óculos! Para ser mais... tá! Mas o cidadão eu reconheci, eu não ia falar que é se eu tivesse dúvida, né!

T: Então a negociação foi feita com você...

I: Foi toda feita comigo! Essa minha filha que veio agora aqui (referindo-se à filha que apareceu na porta da sala para nos cumprimentar), o estresse dela veio no cabelo, que foi caindo bastante e nada fazia parar.

T: Quanto tempo durou o sequestro?

I: Durou... três... três dias!

T: Três dias...

I: Três dias. E eu ia passar o natal e ano novo sem ela. No último telefonema ele falou assim ó: “feliz natal e um próspero ano novo! No ano que vem a gente volta a conversar!” (1h 50min) Então é uma coisa que você se sente impotente e tal. Então você começa a fazer um

balanço da sua vida... dos tiros... depois da filha... então você começa a fazer um balanço. Eu trabalhei muito? Trabalhei muito. De segunda à segunda, que nem eu te falei. Muito bem, eu já consegui o que eu consegui. Pra quê? O que eu conseguir mais agora, eu vou conseguir por conseguir. Porque é automático, eu fui trabalhando e trabalhando... e até hoje. Então vai vir, se o dinheiro tiver que vir ele vai vir. Eu não vou atrás dele. Ele que vem atrás, como sempre veio atrás. Nunca veio na frente! Então eu falei: “eu tenho que carregar bateria aos finais de semana”. Com meus amigos, minha família, com meus netos... Chegou segunda feira, eu bato no peito e falo: “venha. Pode vir o que quiser!” Quando vem coisa ruim pra mim, pra você ter uma ideia, vem duas, três ao mesmo tempo (1h 51min) (breve pausa). Qualquer um outro cai, que eu já vi um monte de gente cair. Eu bato no peito e falo: “Venha!” Bateu uma ruim, eu falo: “Cadê a segunda? Cadê a terceira?” (entusiasma-se) Que eu já sei que vem é duas, três... Pode vir! Venha! Eu sou muito forte pra isso, eu não me deixo abater! Tá, eu enfrento! Eu enfrento tudo! Então eu carrego minha bateria pra eu resolver minhas coisas na segunda, terça, quarta, falei: “Pô, vou deixar a sexta pra viver!” Então na sexta feira eu ligo o botão do foda-se e vou carregar minha bateria. Então eu vou lá e fico com meus amigos, ou vou pra Campos ou vou pra praia... alguma coisa eu to fazendo. E na sexta feira a noite já começa, que a gente encontra e fazemos aqui a ‘sexta alegre, né!

T: Como funciona a sexta alegre?

I: Sexta alegre com meus amigos. Ou a gente vai lá no salão de festas ou vem aqui no meu salão aqui em cima (o apartamento fica na cobertura e tem uma sala ampla), né... que eu falo que aqui é ‘a sede’(risos) Eu pergunto: “vamos fazer na sede ou vamos fazer no salão?” (1h 52min) Eu falei sede pra ficar mais tranquilo pro pessoal... Pra não ter que falar “vai na minha casa!” Porque as vezes pensam: “Pô, sempre na casa do Igor não é legal, né!” Então ‘sede’ muda, né...

T: E o que vocês fazem?

I: Ah, tomamos whisky, batemos papo, tomamos lanche, pedimos uma pizza e ficamos conversando ou... assiste luta quando tem luta do UFC, ou conversa do dia-a-dia, da risada pra cacete...

T: E seus hobbies assim, são praia, Campos... (1h 53min)

I: Ah sim, eu raramente fico em Diadema! Ou eu vou pra praia, pra Riviera, que eu tenho casa lá, né. E meus amigos vão lá. Esse que fez a cirurgia na cabeça é o Roberto... Conhece Riviera?

T: Eu passei por lá algumas vezes...

I: Então, tem aquela entrada... (interrompe) Lá é outro mundo né. É outro mundo! Então lá tem o leilão e ele é dono do leilão. Então ele fazia leilão, mas hoje nem tem mais, é atacado... e é amigo de viajar junto, super divertido, tem um outro amigo muito simples que é dono de uma operadora *trending* que entra em qualquer barzinho e é um cara milionário! Então são meus amigos que lá, nós somos iguais! Lá não tem essa de você tem mais do que eu, eu mais do que você! Lá é todo mundo igual! Lá a gente não mede peso!

T: Medir peso... no sentido de... (1h 54min)

I: Poder! Porque todos os amigos que eu tenho lá, nós conquistamos. Nós não herdamos! Então todos eles sabem dar valor no que tem. Então são uns amigos legais e gente vai pra lá e recarrega, a noite a gente se reúne, vai comer uma pizza... faz uma comida... Eu gosto de cozinhar, de vez em quando eu faço uma macarronada aqui ou lá, um capeletti, comida em geral... (1h 55min) Porque dos homens só eu e meu irmão aprendemos a cozinhar e a gente fica tirando um sarro um do outro... (telefone celular toca e ele atende)

T: Você também comentou sobre carros, e motos...

I: Eu sempre gostei de carro e de moto (1h 56 min). Eu vendi uma agora e tenho uma Cam Am (espécie de triciclo), branca, fizemos importação dela direta... tá aqui na garagem... tava lá na praia e trouxe ela. E eu tinha uma Harley, uma Fat Boy que ganhei da minha esposa, ano dois mil. Mas ela não deixava eu andar, de ciúmes (risos) Então eu nem usava. A moto estava com oito mil quilômetros. (1h 57min) eu pensava: “ah, vão me dar uns trinta e cinco mil nela... não vou fazer nada com isso então vou deixar ela aí guardada”. Aí um amigo meu da loja de móveis que tinha o sonho de ter uma. Então eu falei pra ele: “vamos lá em casa que tenho um negócio para te mostrar”. Mostrei e perguntei: “você gosta dessa?” “Putá que pariu!” “Então, você tava querendo comprar uma, leva! Paga do jeito que você quiser! Pra você eu vendo porque eu sei que vou fazer você feliz!” Levou e me pagou em seis meses, sem juros sem nada... Eu fico feliz, fiz um amigo feliz! Vendi ali por cinco mil a menos ou cinco mil a mais, tanto faz... deixei um amigo feliz! (1h 58min). E ele tá se divertindo, manda fotos quando anda com a mulher.... E agora eu comprei também um buggy pro meu neto, que ele gosta... E meus netos gostam muito de carro, de moto, de buggy. Então nós somos felizes. Então agora que nem com o carro. Saiu o Golf GTI novo, falei com meu genro que entende muito sobre carro.... coloquei um kit no carro, alemão, original e o carro foi pra trezentos e quinze cavalos e mandei blindar. Nunca fui fã de blindar, mas depois do sequestro todos os carros são blindados... Bom, então essa aí é a história... sobre se cuidar, tem que se cuidar mesmo.

T: Bom e tem alguma coisa final que você queira acrescentar? (1h 59min)

I: Ah, acho que não, já falei bastante. Foi bem legal recordar um pouquinho, né! A minha história é bonita né, não é ruim não. Tem umas partes tristes no meio mas é o que fez a gente só amadurecer! Até falo assim: “cada um colhe os frutos dos seus procedimentos, né!” Então não faço maldade, faça o bem que você vai colher seus frutos.

T: Uma última questão, como a doutora Sandra apareceu até a sua família?

I: A partir de uma amiga da minha filha que passou para minha filha, que depois passou para a outra filha aí então para minha esposa e eu estava de motorista! Aí de motorista eu passei a cliente. Então toda vez a gente tá fazendo alguma coisinha lá. Eu já até tenho uma consulta marcada na semana que vem (2 horas). Aí quando eu vou lá é: “vou fazer isso daqui!” No laser lá, que ela tem o laser né. Vou lá pra fazer isso aqui! Mas chega lá na hora... “Então, doutora, e aí?” “Ah se você quiser pode fazer isso e fazer isso!” “Ah, então manda bala! Mas não me fala quanto que é, depois você manda a conta para o meu genro lá, heim!” (genro cuida da parte financeira da empresa) Que se eu souber o valor eu não faço! Se eu souber eu não faço.

T: Então te agradeço muito. Muito obrigado!

Entrevista 2 – Léo

Léo, 27 anos cabelereiro, proprietário de dois salões de beleza. A entrevista ocorreu em um apartamento novo, em fase final de construção.

T: você é daqui de São Paulo, do estado de SP?

L: Não, nasci em Minas Gerais. É sou de Minas. Sou de Turmalina.

T: Onde?

L: Turmalina. É longe viu (risos)

T: Fica ao sul?

L: Eh..., não. Norte de Minas

T: Norte

L: É

T: Perto da Bahia já...

L: É, perto da Bahia. São 15 horas daqui pra lá

T: 15 horas?? É longe... E desde quando você está em SP?

L: Ah, eu vim pra SP tem 25 anos. To com 27, eu vim quando era criança.

T: Ah, você veio quando tinha dois anos.. Nasceu lá e já veio. (1 min.)

L: Só nasci. A minha família mora (interrompe). Hoje mora lá. Por... já ter... trabalhado, feito o que tinha de fazer e retornou à terra natal, né! Mas... minha família toda tá lá.

T: E aqui você morou sempre em São Bernardo?

L: Não, eu morei em São Paulo um tempo, morei em São Paulo uns 5 anos. E depois eu vim pra São Bernardo. Ai desde então eu to, eu to em São Bernardo.

T: Ah, aí nesses 5 anos que você morou em São Paulo você ainda era criança?

L: Já adolescente já. Por que Em meios até a gente se locomo... (interrompe) se ter um lugar fixo pra ficar, né... Mora de aluguel em um lugar, mora de aluguel num outro, então sempre vai... ter aquela oscilação. Mas fixamente mesmo que eu to... eu cresci e nasci mesmo em São Bernardo, porque eu vivo em São Bernardo, né.

T: Ah, entendi. E nesse período você viveu com quem?

L: Meus pais.

T: Com seus pais... Pai e Mãe?

L: Pai e mãe.

T: Ah, e eles agora tão lá?

L: Agora eles tão lá. Recentemente eles mudaram pra lá tem dois anos... que eles tão morando de vez lá.

T: Que eles voltaram...

L: Que eles voltaram de vez. Mas antes eles vinham ficavam 15 dias aqui, uma semana lá, 10 dias aqui, um mês lá... até a gente se adaptar, né. Mas morando mesmo fixo já tem dois anos que eles tão morando lá. (2 minutos)

T: E eles fazem o que lá?

L: São... agricultores! Trabalham com roça, com animal... Eles trabalham com aquela vida de interior mesmo, sabe... Bem simples, bem... vive com o necessário, nada de luxo, nada de a mais. Bem tranquilo.

T: E aqui eles faziam o que?

L: Quando eles trabalhavam aqui? Minha mãe era faxineira, e meu pai era varredor de rua.

T: Ah tah, e aí como é que foi, você foi estudar e... bom, você tem uma condição de vida hoje mais tranquila...

L: Eh, graças a Deus. Acho que devido... eles vir de um lugar muito pobre, da gen (interrompe) de eu ter uma infância muito pobre, isso sempre me motivou a sair dessa vida. A não querer essa vida pra mim... então eu sempre ... sabia que eu queria ter uma condição de vida melhor, não me contentava com aquela condição que eu tinha. Então eu sempre falava pra minha mãe: mãe, eu vou trabalhar, eu vou correr atrás mas... nessa vida a gen (interrompe) eu... não pretendo ficar (3 minutos)

T: Hmm...

L: E...eles fala que garoto sonhador, isso aquilo outro que não ia chegar a lugar nenhum, né, o pai tem muito medo do filho ficar frustrado, mas até então eu disse vou trabalhar, vou fazer o meu melhor pra conseguir, né. Pra conseguir chegar onde eu quero chegar. E aí graças a Deus eu... sempre trabalhei desde criança, desde meus onze anos de idade entregava panfleto na rua, é... (pausa) Já também peguei papelão e latinha na rua quando tinha menos idade ainda... Quando meu pai, meu pai saía pra trabalhar eu e meu irmão a gente saía pra rua pra levantar um dinheiro pra comprar nossas besteiras que minha mãe... não tinha condição (pausa)... e... sempre tive espírito de de guerreiro, de trabalhador, de querer vencer e ai conforme fui fui crescendo, fui pegando mais experiência, fui lendo... cheguei a trabalhar em escritório um

tempo... como operacional, fazia tudo que precisava, arquivo, office boy, banco, tudo... (4 min) foi que eu precisava de juntar dinheiro pra pagar meu curso pra iniciar o que eu queria fazer que era ser cabelereiro, né... então foi nesse primeiro emprego que eu consegui ter o meu primeiro curso.

T: Hmm, vocês está com quantos anos hoje?

L: 27

T: 27... E aí, nessa época do curso você tinha que idade?

L: 16, é, 16.

T: Ah tá, e aí... você disse que seu sonho... sempre quis ser cabelereiro...

L: Eu sempre quis é... (pausa) ser independente. Então assim, o que tava ao meu alcance, e o que eu sabia que ia dar um rendimento rápido, porque meu pai não tinha condição de pagar faculdade, nem cursos técnicos nem inglês nem nada, então é... (pausa) eu sabia que assim, a única coisa que eu poderia cobrar de mim mesmo era da minha mão de obra, o que eu poderia vender... então eu falei assim, não, é isso que vai dar certo, é isso o que eu vou fazer, e... é isso que eu vou... que vai conquistar minha independência vai ser através da minha mão de obra. Então aí foi o que eu comecei a explorar mais, não sabia nada, não entendia nada, sempre tendo um conhecido ou outro da família que é cabelereiro (5 minutos) mas até então, só cortar cabelo pra sobreviver, mas não tem nada além, entendeu? Ai eu comecei a... a explorar isso e buscar os melhores salões. Quando eu comecei a fazer o curso com 16 anos eu já queria entrar nos salões mais tops que existia né (risos) tanto é que eu me sujeitei a trabalhar em um salão grande mas com uma remuneração super baixa só pra poder aprender, poder ter uma... um início na carreira, né. Ai eu trabalhei um tempo até eu conseguir minha independência.

T: Hmm, então você foi trabalhando nos salões grandes, como você disse...

L: É, eu trabalhei em salão grande eu trabalhei só em um, assim que eu tava fazendo o curso na Embezele é... eu saí, nem tinha terminado o curso eu comecei a distribuir meus currículos, né, isso trabalhando no escritório de assistente operacional, eu já comecei a distribuir meus currículos, e... ai quando um salão me ligou, me chamou e me explicou as condições que eles ... quem é aprendiz, tem que fazer isso, isso e isso, a gente paga só isso, só uma ajuda de custo, tal... aí eu abracei né, uma rede grande chamada Jacques Janine, eu entrei e falei, não, eu vou trabalhar e vou fazer o que eu quero fazer. (6 minutos) Lá eu tive oportunidade de observar outros cabelereiros trabalhando, pessoas que tinham 15 nos, 20 anos de profissão, que viajavam pra Europa, Estados Unidos, Argentina, então assim, tudo o que eu podia colher deles, sem ter custo pra mim, eu consegui, porque eu ajudava, ajudava a lavar o cabelo, ajudava a, a, a... organizar o material deles mas o pouquinho que eu tava ali junto com eles eu tava aprendendo alguma coisa, então eu fui trazendo isso pra mim... eu consegui desenvolver um trabalho legal, acreditei na minha capacidade, trabalhei por volta de (pausa) quase dois anos na rede e depois sai pra montar meu salão, meu primeiro salão.

T: Você já saiu e já montou seu salão...

L: Eu sai e já montei o meu, mas era um salão simples (Faz uma expressão de desanimo). Coisa de bairro mesmo, aquela coisa de uma cadeira, um lavatório e um espelho, apenas. Não era um salão, um salão... só mesmo pra você começar a vida, né. Começar a ser independente (7 minutos).

T: Não é onde o que você o de hoje?

L: o de Eldorado, é sim.

T: É o mesmo?

L: É, só que hoje ele se expandiu. Hoje ele conseguiu crescer (muda a expressão e fica mais entusiasmado). Ele tomou forças, né. Que quando eu comecei, eu comecei, eu e minha irmã, que minha irmã também acabou entrando pra área, né... a gente começou a trabalhar juntos. Trabalhamos juntos durante 3 anos só que aí cada um tinha uma cabeça diferente, cada um tinha uma ideia diferente de... do que queria, cada um seguiu o seu caminho. Ai eu continuei no mesmo, no mesmo lugar, no mesmo estabelecimento, e aí eu fui tomando... contratando a equipe, trabalhando, trabalhando com a população da região e fui crescendo, o salão foi crescendo, foi crescendo, foi aumentando... tanto é que eu comecei lá eu tinha uma cadeira e um lavatório e um espelho. Hoje eu acho que eu tenho 17, né. Começou com... (pensa durante dois segundos) acho que uns 25, 30 metros quadrados, hoje é 3 andares e 70 metros quadrados no mesmo lugar, então eu consegui ampliar (8 minutos) e fui depositando todo o meu sonho, eu fui depositando ali.

T: entendi... E aí pelo que você disse o seu pai era agricultor...

L: Não, ele é (me interrompe de forma súbita). Hoje ele é agricultor. Ele era gari, aqui em São Paulo era gari.

T: E assim, ele como gari, você como cabelereiro... há uma certa diferença... de imagem, de profissão..

L: Tem, tem... Com certeza

T: E como foi pra você... você disse que ser cabelereiro era o que estava mais próximo...

L: Isso...

T: E qual a relação que você vê assim da sua convivência com seu pai, sua mãe nessa questão profissional?

L: Na questão... (interrompe) meu pai assim, ele nun, ele nunca me apoiou em... querer ser cabelereiro, por ter um certo preconceito com a profissão, né... por todo cabelereiro é gay, enfim, até que falar pros amigos “que que seu filho é?, ah, seu filho é cabelereiro!” Então ele nunca me apoiou, mas ele também nunca me deu uma palavra pra desistir. Ele simplesmente falava o que eu ia fazer, o que eu queria seguir (9 minutos) mas você via que a pessoa não gostava, mas ele num, nã (tropeça) não se manifestava contra nem a favor... ficava neutro.

T: Hmm, você via que ele não gostava...

L: (me interrompendo) não gostava! Tsc tsc tsc tsc

T: E como você percebia isso?

L: Ah, porque quando os amigos dele perguntavam... o que que seus filhos fazem... ele acabava falando assim sempre o que que meu irmão fazia e não acabava falando o que eu fazia, né, então eu se (interrompe) eu sentia que ele tinha um certo preconceito com a profissão.. então... o fato do filho dele, ah, o filho dele... ah, se o filho dele é cabelereiro é porque era gay... ele sempre evitava falar... Ele falava assim: “ah, o mais velho, o mais velho é metalúrgico, ah, o mais novo tá estudando”. Então nunca contava, né... nunca falava pro pessoal o que que eu fazia.

T: Estudando no caso era o curso que você fez...

L: Mas eu já tava trabalhando já... (risos e meio desconcertado) É porque eu fiz o curso e já comecei a trabalhar... pra poder aprender e, e adquirir mais conhecimento né, porque eu sabia que só o curso que eu tava pagando ali não ia me dar a bagagem que eu precisava... curso te

ensina o básico do básico pra você simplesmente ir começando a carreira, eu aprendi mesmo trabalhando dentro do salão, no dia-a-dia... (10 minutos)

T: Entendo... aí você tem um irmão metalúrgico...

L: Tenho um irmão metalúrgico...

T: E é só ele e você...

L: Não, e tem uma irmã também que hoje ela não é mais cabelereira, mas ela já foi cabelereira, também trabalhou durante 10 anos na profissão, mas hoje ela não, ela não faz mais nada, ela fica só em casa, cuida dos filhos... não continua a jornada...

T: Hmm, e durante o período que seus pais passaram aqui... como foi sua relação com eles? Você disse que havia uma certa resistência do seu pai e tal... como foi da sua infância, adolescência e hoje?

L: Sempre uma indiferença, sempre tratado com indiferença...

T: Por parte dele...

L: Por parte dele! Sempre se sentia... sempre sabia que ele também (interrompe) o fato do meu irmão ser todo machão, de querer sair com ele pra jogar bola, de fazer coisas de peão, enfim... (11 minutos) coisas que eu não queria fazer eu sempre fui tratado com indiferença, mas minha mãe supria isso com carinho e atenção que ela me dava né então, assim, meio que equilibrava né, meu pai me repreendia mas minha mãe acabava... dando carinho, explicando, falando... então eu consegui... nisso aí eu consegui ter um equilíbrio emocional maior, mas... da parte dele foi sempre... foi sempre... cometido, né... Na parte de que o filho mais novo dele, ele sempre omitiu muita coisa.

T: E aí com sua mãe...

L: Nossa, relação 100%... sempre apoiava em tudo, sempre fui sonhador, ela sempre apoiava nos sonhos, tudo que eu falava que eu queria fazer, que eu queria conseguir ela falava: “vai em frente que você vai conseguir” né, “Só você pode ir atrás dos seus sonhos, ninguém pode ir por você”... então ela sempre me deu muito, muito, muito, muito apoio, muito ânimo.

T: Compreendo, e hoje em dia, como é com os dois?

L: Hoje em dia é totalmente diferente, né (com expressão de felicidade)... hoje em dias as coisas mudaram, né...porque... (longo e demorando)... (12 minutos) a sociedade assim, eu acho que até com a família a gente vale o que a gente tem! Então... tudo muda... o tratamento de parentes com você muda... o tratamento de (interrompe), minha mãe sempre me f f f (gagueja) foi sempre a mesma pessoa comigo, desde quando eu não tinha nada até hoje, mas, a... parte assim (hesita) dos outros familiares, hoje em dia eles são mais próximos, hoje em dia eles querem falar que eu sou primo, que eu sou irmão, que eu sou (pequena pausa) filho... coisa que não (interrompe) que não era falada antes, entendeu, hoje em dia eles fazem questão: “Ah vem na minha casa, vem aqui tal dia”. Eh... faz questão de... de fazer comentários que eu faço parte da famílias deles, né. Mas coisas que antes não eram, não acontecia.

T: Sei, então junto com o salão e os ganhos financeiros, veio um certo reconhecimento...

L: Ah, muito, muito grande. Por que... da maneira que a gente chegou em São Paulo, da maneira que (interrompe) da, da condição de vida que meu pai e minha mãe tinha (13 minutos), eh, a visão de todo mundo é o que? Que a gente ia ser a mesma coisa, que a gente ia continuar sendo a mesma coisa, não ia nunca melhorar, não ia nunca poder progredir porque meu pai e minha mãe não tinham condição de oferecer estudo, nem uma preparação

profissional decente para gente conseguir se encaminhar, então eu acho que com essa independência que eu conquistei, eu conquistei a admiração de muitos, né.

T: Hmm, e como foi que você passou do cuidado estético dos outros para você? Digo, enquanto cabelereiro o seu cuidado era com os outros, e como isso chegou até a você? E também como foi isso em relação à sua família?

L: Meu cuidado estético na... minha, minha (balança as mãos e se organiza na cadeira) Então, em relação à minha família, eles... eu... cheguei só a comentar com minha mãe que eu falava que... como a gente trabalha com beleza a gente tem que tá sempre bonito, sempre bem apresentado... e que eu não tinha condição de fazer tudo o que eu queria, mas que quando eu tivesse condição eu faria tudo o que eu queria fazer ...

T: Então isso parece ser alguma coisa anterior...

L: É uma coisa anterior... Porque assim, você sempre quer ser bonito, quer vestir uma roupa (14 minutos) quer que fique legal, quer que as pessoas olhem pra você, quer que te admirem né, querendo ou não isso... ajuda muito na sua auto-estima, né. E eu sempre (interrompe) a minha infância inteira, a minha adolescência eu sempre fui (pequena pausa sorrindo sem graça)... o patinho feio dos feios (ainda sorrindo sem graça) então eu sofri muito trauma com isso né... então era dente torto, muita espinha, era... magro demais, então... eu sempre sentia hmm...(pequena confusão por 4 segundos) eu não me sentia bem comigo mesmo, eu não sentia que eu passava uma imagem legal pra quem, pra quem me via, entendeu?

T: Você acha que de certa forma isso teve um certo peso no que você acabou escolhendo pra sua vida profissional...

L: Ah, com certeza, com certeza porque assim... todo mundo fala: “ah, mas eh, quando a gente é criança, quando a gente é pequeno a gente não leva nada em consideração aí a gente cresce a gente amadurece” Mas não é bem assim, depende do que você passou quando você é criança, você quer melhorar, você quer dar a volta por cima e fazer da mesma maneira que eu fiz com... com a minha vida e coma vida da minha família (15 minutos) que é... é sair do... (pequena pausa) daquela condição precária e ter uma, uma (gagueja) condição financeira mais estável, é a mesma coisa você sair de um, de um corpo de uma pessoa feia, desarrumada e sem condições e se tornar uma pessoa bonita, arrumada elegante, educada, então foi a mesma coisa. Tipo assim eu tava com... eu me sentia que eh... (pensa) que aquele ali não era eu, aquele ali era uma fase (balança os braços) aquele ali ainda não era eu, eu tava em transformação, eu ia mudar muita coisa.

T: Como assim?

L: Não, eu... quando as vezes eu me olhava no espelho, eu olhava assim, eu não, não sentia que aquele ali era o Leonardo, entendeu? Eu olhava pro espelho eu falava assim não, mas esse não é o Leonardo que eu desejo, que eu quero que seja, entendeu? Eu olhava no espelho, eu via um garoto de 47 quilos, com muita espinha no rosto, com os dente torto, com aparelho (descreve estas qualidades lentamente e com pequenas pausas) daquele... daquela maneira. Então assim... eu olhava, eu olhava numa revista (16 minutos) eu via uma pessoa elegante um rapaz bonito e pensava, não, eu quero ser igual esse cara quando eu crescer, quando eu desenvolver, eu quero bonito, eu quero ser atra... atraente, eu quero que as pessoas olhem e falem: “nossa que cara legal, que cara bonito”. Então sempre...trabalhei muito o, eh... a minha imagem. Sempre olhei muito, por trabalhar com a imagem das pessoas eu comecei a trabalhar muito a minha também. Então o que eu podia dar conselho pras pessoas quando elas vinham no meu salão eu comecei a pegar pra mim também. Eu pensava... to dando conselho pra fulano, pra ciclano (começa a sorrir) eu tenho que começar a pegar pra mim também. Pegar os meus próprios conselhos, né... me cuidar mais, me alimentar direito, fazer uma academia,

cuidar mais da pele, esse tipo de coisa, ai...foi de (pequena pausa) 4 anos pra cá que eu comecei a realmente a ser a pessoa que eu queria ser, a me transformar no que eu queria ser.

T: Ah tah, então por volta dos seus 22, 23 anos você começou a fazer algumas modificações no corpo...

L: Pois foi quando eu comecei realmente a ter condição (17 minutos) de fazer isso né, porque antes eu tinha condição só de simplesmente trabalhar. Levantar, trabalhar o dia inteiro, chegar em casa e... comer e dormir então era aquela rotina frequente, até eu conseguir conquistar as coisas que eu precisava conquistar, mas depois que eu consegui ter um independência melhor eu falei, não, agora eu vou investir em mim, eu vou cuidar melhor de mim, eu vou passar na nutricionista, eu vou passar num médico, eu vou eh... consultar um cirurgião, vou ver o que que eu posso fazer pra melhorar a minha auto-estima, pra me melhorar, porque mesmo que eu trabalhava, que eu conseguia eh... atingir os meus objetivos materiais, eu ainda não tava bem comigo...

T: Existia alguma coisa que parece que não era soh...

L: Exatamente, que não era soh... (interrompe) e tipo assim eu li uma coisa uma vez, numa revista, um artigo, que falava assim “que coisas boas atraí coisas boas”, né. Então se você quer ser uma pessoa de sucesso, você tem que agir igual pessoas de sucesso! Se você quer ter sucesso, você tem que começar a fazer as mesmas coisas que as pessoas de sucesso fazem. Então isso também entrou muito na minha cabeça (18 minutos) né, então assim, pô o quê que o pessoal de sucesso faz? O quê que as pessoas né... coisa boa atraí coisa boa, o que seria isso? Eu comecei a sempre colocar isso na minha cabeça.

T: E você buscava de certa forma essas coisas boas... esses modelos assim, onde?

L: Ah, eu pegava muita referência em... pessoas que já (interrompe)... que tem uma história semelhante à minha né, que sempre a gente acaba conhecendo alguém que também veio do interior (nesse momento ele puxa o “r”, como até então não havia feito durante toda a entrevista) que também não tinha nada e que hoje se tornaram grandes empresários, então ao decorrer desses anos de profissão eu sempre conheci uma pessoa ou outra que, que me incentivava ou que falava não, você é novo, você vai correr atrás, você vai conseguir tudo o que você quer, mas tem que ter a cabeça no lugar, então, eu peguei bastante referência nisso aí, mas o que mais pegava mesmo é quando você via um artista na televisão bem arrumado, uma pessoa ali de sucesso, eh... bem sucedido, então aquilo mais que, que eu buscava né (19 minutos), eu falava não, eu quero um dia ser, ter uma vida confortável igual ao fulano, eu quero um dia andar num carro bom, eu quero um dia ser respeitado, eu quero um dia que as pessoas me olhem com admiração, então eu sempre buscava essa imagem...

T: isso vinha geralmente da mídia assim...

L: Da mídia eh... da mídia e da convivência que eu tive por sair de uma periferia e trabalhar logo num salão de alto padrão eu já fui conviver com (interrompe) então eu sai praticamente de um nível social e já fui trabalhar com um nível social totalmente diferente, então aquela desigualdade que eu via, tipo assim, pessoas com muito dinheiro e outras com pouco, aí eu falei assim, não, eu quero aquela vida e não aquela (leve sorriso)... Então por conviver com bastante socialites que iam no salão, que contavam a vida delas, os maridos iam buscar elas e elas acabavam contando... até eles mesmo me contando a história de vida.. então eu me apaguei muito nos meus primeiros clientes desse nível maior, desse nível social maior, então assim, eu me espelhava muito (20 minutos), porque eu olhava como eles se vestiam, como eles se arrumavam, olhava marca de roupa, marca de bolsa, marca de sapato, coisas que eu não tinha conhecimento nenhum, coisa que eu nem sabia... pra mim perfume sempre foi aquele que meu pai comprava no mercado, aquele de apertar e pronto. Pra mim nunca um

perfume era 500, 400, 700 reais... Então quando eu entrei no mundo né... da sofisticação, do glamour, do alto padrão que eu comecei a entender, eu comecei a buscar a, a, em cima deles, né.

T: E essas outras pessoas que você está falando com quem você se relacionava, do seu trabalho, desse outro universo que você acabou conhecendo... você passou a frequentar os mesmo lugares, a sair com essas pessoas, como foi? (22 minutos)

L: Sim, sim, eu passei a adotar os mesmos... eh... os mesmos costumes que elas faziam, né, então se eles iam num restaurante mais legal, eu falava (meio desconcertado) “dinheiro eu não tenho, mas eu quero ir”, aí, não, “vamos sim”... então eu sempre fui muito transparente, eles sempre souberam da minha condição... mas eu era o tipo de pessoa que, quando eu tava lá, por observar muito, ninguém achava que “não, aquele menino não tem dinheiro, aquele menino é... (interrompe e faz breve pausa)” mesmo com pouco eu conseguia me arrumar e conseguia me portar direitinho, eu conseguia ter um comportamento legal... eu conseguia... sentar numa mesa, conseguia ter um diálogo com pessoas... sempre de mais idade do que eu, então eu era sempre o mais novo na turma de todo mundo, então... todo mundo lá com 35, 40 anos e eu lá, com 16, 17 (sorri discretamente)... e o pessoal me levava, falava, “é, é o caçula, o caçula do salão, ele veio com a gente...” então eu sempre olhava aquilo e eu fi (interrompe) pô, eu quero estar com pessoas assim, eu não quero estar com pessoas da minha idade que querem (23 minutos) sair, ir pra balada, querem se acabar, quer ser irresponsável e não ter futuro... eu quero ser o que eles estão fazendo... sair de um restaurante, poder pagar uma conta tranquilamente, eh... sair, pegar seu carro e ir pra casa, essa independência, né, que eu sempre quis pra mim. Quis pular algumas fases da minha... adolescência.

T: E você acha que o fato de você ter conseguido pular algumas fases, como você mesmo disse, você se tornou reconhecido assim... Você associa esse reconhecimento deles a essas mudanças no seu corpo, na sua situação econômica...

L: Não, sim, todos eles me admiram muito, né... eles, até hoje eles conversam, alguns ainda tenho contato, alguns não tenho mais, mas eles sabem da minha situação de hoje né, que hoje eu trabalho bastante, sou bem conhecido na região... que eu to com minha independência financeira, graças a Deus bem resolvida e que... aquele menino se tornou o que ele queria se tornar (leve sorriso e expressão serena) (24 minutos). Muitos sabem e admiram e tiram o chapéu, outros falam assim: “não, não é possível, como que você conseguiu?” né, muitos desacreditam... até mesmo eu desacredito. Da, da proporção que tomou todos os meus sonhos até mesmo eu desacredito porque, até minha mãe falou assim: “nossa mas é, é pouco tempo pra muita coisa” eu falei assim: “não mãe, não é muito tempo pra pouca coisa, é intensidade que eu trabalhei pra tudo acontecer”. Ai ela falou: “não, Deus ajuda, você trabalhou bastante, tá o fruto do seu trabalho aí, mas não esque (interrompe)” ela sempre fala assim: “mas não esquece de onde você veio, não esquece da pessoa que você foi”, eu falei: “não mãe, nem tem como esquecer (começa a rir e diz o restante da frase com um leve sorriso) nem se a gente quisesse dava pra esquecer”...

T: E aí com sua mãe tem mais essas conversas... e com seu pai?

L: Com meu pai assim, eu tenho mais eh... receio de expor minha situação de hoje porque, mesmo independente de tudo o que eu passei quando eu era criança, eu sempre quis poupar minha condição pra(pausa), pelo fato de os outros não pensar que eu to sendo exibido, que eu to sendo metido (25 minutos), eu to querendo mostrar o que eu tenho, então eu sempre, até ele eu poupo um pouco dos meus, dos meus, das minhas conquistas. Então eu conto menos, eu falo menos pra ele. Ele não sabe de tudo que eu já conquistei, ele não sabe do (pausa), dos meus, dos meus méritos... ele sabe de alguns, mas não de todos.

T: E essa imagem que você diz, que você acabou construindo... já existiram momentos de alguma dificuldade em ser aceito em algum lugar, alguma situação de resistência...

L: Ah, sim, com certeza! Porque toda vez que você chega em um lugar, qualquer lugar, a pessoa repara em você dos pés a cabeça, repara em você, na sua roupa, repara no seu cabelo, repara na sua pele, repara tudo, então, eh... (longo) diversos lugares que a gente já foi jantar, ou churrascaria, a gente ia no final do expediente com o pessoal do salão, né, que tinha aquele pessoal já meio caminho andado de vida, todo mundo arrumado, todo mundo bonito, então sempre tinha aquela pessoa que acabava te olhando com um pouquinho de indiferença né (27 minutos), porque igual eu falei por mais que eu sabia me portar, sempre as vezes a pessoa acaba transparecendo, você vê que não tá com sapato de marca, você que não tá com uma roupa de de grife, então a pessoa acaba te desmerecendo, ou acaba fazendo uma piadinha ou outra... aí você acaba se sentindo ali não rejeitado, mas assim... que a pessoa ta... abusando da condição dela. Isso foi uma coisa que.. eu jamais quis pra mim né, que se um dia eu chegar onde eu quero chegar, eu não vou adotar esse comportamento, vou saber, vou saber tratar cada um da maneira correta, sem querer menosprezar ou sem querer me engrandecer na frente dos menores...

T: Mesmo depois de você ter mudado algumas coisas na sua vida, no seu comportamento, no seu modo de agir, de se vestir e tudo mais... algumas vezes você já se sentiu meio que rejeitado?

L: Não! Não! Depois da minha... vamos dizer assim, da minha... evolução, né, profissional e pessoal, depois disso não, depois disso quando a gente chega em algum lugar não tem rejeição (28 minutos)... tem... olhares de.... de... admiração ou de especulação, de querer saber quem é, o que que é, o que faz..., mas em parte de rejeição, não!

T: E como foi surgindo essa questão da cirurgia plástica? (L. tem prótese de peitoral) Você disse que de uns 4 ou 5 anos pra cá é que começou esse desejo de mudar o seu corpo... Como foi todo o processo até chegar a cirurgia e outras modificações que você as vezes já tenha desejado fazer e que ainda não fez ou que fará... como foi esse processo de descobrir o que você gostaria de fazer?

L: Uhum, é que quando eu optei por fazer cirurgia, quando quis fazer cirurgia, era o que eu acho que tava faltando alguma coisa pra conseguir melhorar ainda como pessoa, né. Então as vezes eu me olhava no espelho, colocava uma roupa, colocava outra (29 minutos), colocava um uniforme, colocava um avental, eu não me sentia bem, (interrompe) eu tentava ganhar peso eu não conseguia, eu tentava fazer uma alimentação saudável, também não conseguia, tentava ir na academia e não tinha um pingão de resultado... aí foi quando eu comecei a pesquisar, olhar na internet, ver pessoas que já fizeram... aí cheguei a passar, aí cheguei a... aí comecei a especular alguém que tinha, quem já fez... quanto era... como que eram os procedimentos, e por tá todo dia ali com a mulherada, que todo dia a mulherada coloca um peito, tira outro, coloca um tira outro, todo dia elas... tavam lá no salão... falei, não, a coisa é muito mais simples do que eu imagino né. Não é tão aquela coisa, nossa, perigoso, isso, aquilo outro, então isso foi me encorajando também. Acho que a influência das pessoas também ajudou muito na... (pequena pausa) nessa minha decisão. Então... por tá lá com a mulherada que tá sempre lá fazendo botox, uma plástica, uma outra, eu senti vontade de fazer também pra se (interrompe)... pra sentir aquela (pausa) aquele poder que (30 minutos) elas demonstravam que elas tinham. Eu pensava: “nossa...legal... deve ser muito bom, né” aí ela falou assim: “nossa, você acorda, você já acorda bem, você já tá aí, você já olha no espelho, já põe uma roupa fica perfeita”...e isso me (interrompe) quando eu decidi fazer, ah, isso que me incentivou a... realmente a mudar totalmente a pessoa que eu era. Aí quando eu fiz eu me

senti mais confiante, aí eu consegui melhorar... a minha auto estima, melhorar a minha confiança, eu consegui melhorar tudo!

T: Então, de certa forma, a influência maior veio das mulheres...

L: Veio, veio das mulheres! (esboça um sorriso) Com certeza (pausa)...

T: Do salão, das mulheres...

L: De todo dia eu tá ali com a mulherada que faz os procedimentos elas acabam te incentivando e... eu não me sentia bem, eu achava que era aquilo que eu tava precisando aí eu... encarei, arrisquei e fiz.

T: Tem quanto tempo?

L: Tem 3 anos

T: 3 anos... você já precisou trocar?

L: Não, não troca. É permanente, é permanente!

T: E aí você disse que deu uma melhorada na autoestima (31 minutos)...

L: Melhorou muito... autoestima... aí eu consegui ganhar peso, que era uma coisa que eu não conseguia. Eu fiz a cirurgia eu tinha cinquen, eu tava com cinquenta e um quilos... 51 quilos. O médico até falou: “olha, você tá um pouquinho abaixo do peso. Você tem que melhorar, tal...”. Então isso me incentivou mais ainda a buscar uma academia, a seguir uma alimentação saudável pra, porque eu gostei tanto do resultado que eu falei: “não, se eu me policiar mais, se eu melhorar, eu vou ter resultados melhores”. Então aí, questão de... 4, 5 meses eu consegui é... engordar 10 quilos, melhorar minha aparência... sem intervenção é... (pausa) de vitaminas e nada, somente na naquela disciplina do da daquela pitada que a cirurgia me deu. Assim, não, oh o resultado que deu... então vamos, vamos melhorar.

T: Eu só não entendi assim... qual a diferença do procedimento que você fez antes da cirurgia e depois, pra você conseguir esse ganho de peso (32 minutos)?

L: Eu não então, eu fu (interrompe) não conseguia ganhar o peso, de jeito nenhum eu conseguia ganhar peso, fazia, ia na academia mas não... por você querer o resultado muito rápido, você desistia muito fácil, você queria o resultado não tinha, queria o resultado não tinha, então aí você entrava na dieta de comer um monte de coisas mas também não tinha resultado, então aí quanto eu fiz a cirurgia eu vi o resultado, assim, coisa de 15 a 20 dias.

T: Então também tinha essa questão de poder ser mais aceito na academia...

L: Exatamente, então aí assim, quando eu coloquei eu fui muito mais confiante, eu conseguia ficar mais tempo na academia, eu conseguia conversar com as pessoas que faziam um ciclo de dieta correto, eu consegui seguir uma dieta mais afundo e consegui ganhar o peso que eu precisava (33 minutos)

T: De certa forma a cirurgia foi uma entrada...

L: Sim, com certeza. Acho que foi a entrada pra muita coisa, né. Porque é aquilo que eu falei, eh... que coisas boas atraem coisas boas, então isso pra mim foi muito bom e me atraiu muita coisa boa também. Não só isso, mas isso me deu uma confiança muito grande pra ingressar onde eu queria ingressar, então sempre... aí eu fiquei mais confiante. Fiquei mais confiante, acreditando mais em mim, fiquei me sentindo melhor, então aí isso só me deu força pra eu buscar mais e mais o meu melhor.

T: E com sua família reagiu?

L: Meu pai (sorriso abrupto e logo se recompõe), ele não ficou sabendo, ele ficou sabendo só depois que eu fiz, minha mãe também, só depois que tava (interrompe) operado e já recuperado

T: E eles disseram...

L: Ah, minha mãe chorou, falou que eu era louco, que eu não podia ter feito isso com ela, que eu tinha que ter avisado, que se acontecesse alguma coisa comigo ela tava lá em Minas, ela não sabia... como que isso (interrompe) como que ela ia fazer e meu pai não, meu pai falou: “você tá louco, fazer esse tipo de coisa, você não tava vendo o tanto de problema que tá dando no (35 minutos) pessoal aí?!...” eu falei: “não pai, o que eu coloquei é permanente, não preciso trocar...”

T: E ele sabia que era uma prótese masculina?

L: Sabia... não, ele ficou sabendo depois, quando ele me viu...

T: Ele achou que fosse o quê?

L: Não, porque eu não contei pra ninguém, eu fiz sem falar pra ninguém exatamente ninguém sabia.

T: Ah, você deixou pra avisar quando já tivesse feito...

L: Exatamente... Não contei nem nada... quando ele me viu, eu tinha mais de seis meses de operação aí ele me viu ele falou: “nossa, você tá... mais gordinho, né... que que aconteceu?” Aí que eu falei pra ele que eu tinha feito. Aí ele ficou nervoso, que devia ter avisado... enfim, mas, falou “se correu tudo bem, então tá bom”.

T: E em algum momento assim, você disse que ele sempre teve um certo receio de apontarem né.. “ah, quem é cabelereiro, quem faz cirurgia plástica é gay” ou coisas do gênero... já teve alguma conversa sobre isso com seu pai...

L: Com meu pai?

T: É

L: A respeito disso?

T: É

L: Não, nunca, nada! (36 minutos)

T: Hmm

L: Não, tsc tsc, única coisa que eu colocava na minha cabeça, é que... independente do que eu quisesse pra mim eu tinha que ser independente primeiro pra depois expor minhas vontades, expor minha opinião...eu não podia ser uma pessoa... sempre fui uma opinião muito forte, então se... aquilo não agradava meu pai eu não ia ficar falando, porque eu dependia dele... eu era uma pessoa que morava com ele, então eu não ia ficar provocando sendo que eu sei que a voz ativa ali é a dele... então assim, eu sempre fiz tudo o que eu queria fazer com muito sigilo, sempre pri, privando muito ele já que ele não queria, eu também não ficava contando pra ninguém, então... depois conforme foi acontecendo as coisas que aí ele foi aceitando mais, que ele viu eu era (interrompe) independente de ser cabelereiro ou não, independe de cirurgia plástica ou não que eu ia ser uma pessoa (pausa breve)... séria, uma pessoa que queria trabalhar, uma pessoa que ia ter um futuro na vida, né! Porque pai e mãe eles nunca acreditam quando fala que você vai fazer... alguma cirurgia plástica já acha que você quer virar travesti... ou já acha que você vai (pausa breve)... né, enfim... mudar totalmente o corpo... (37 minutos) mas eu falei pro meu pai: “pai, é o seguinte, eu sou homem, pretendo morrer

homem, isso não interfere em nada, tá!” ai meu pai: “não meu filho, não to falando nada não” (esboça um sorriso) eu falei: “não, é só pro senhor tá ciente, porque as vezes as pessoas falam alguma coisa, né”... a minha avó que falou: “você vai ficar fazendo isso agora? Você vai mudar?”

T: E essa mudança em sua autoestima alterou alguma coisa em seus relacionamentos?

L: Melhorou muito...

T: E os mais íntimos?

L: Sim, a confiança, assim... uma coisa que eu até comento com todas as minhas clientes que, assim, eu sou muito confiante em mim, acredito no meu potencial, acredito na minha aparência e eu acho que quando a pessoa se torna confiante, ela atrai pessoas mais interessantes pra ela, quando a pessoa não é tão confiante, quando a pessoa é sempre (balança a cabeça em sinal negativo)... só atrai pessoas do mesmo (interrompe) do mesmo nível, do mesmo naipe pra ela... então, eu consigo sim é... (leve confusão) eu me tornei uma (38 minutos) pessoa (interrompe), o pessoal que... realmente que, que corre atrás ou que cobiça ou até mesmo que tenta uma aproximação é... são pessoas que também já estão com meio caminho andado, são pessoas que... admira, que olha e que realmente vê e fala: “nossa, que cara bonito que legal”... então, isso melhorou bastante sim a autoestima e... na confiança, na minha autoconfiança, em tudo...

T: E você está se relacionando com alguém agora?

L: Sim, eu já tenho um relacionamento já de... de oito anos...

T: Quantos?

L: Oito anos...

T: E quem é essa pessoa?

L: O Fábio!

T: Ah, então você tem um relacionamento homossexual...

L: Sim!

T: E como foi isso na sua vida?

L: (breve pausa) Pro meu pai também, ele... (pausa) como ele já não morava mais na, na (gagueja) ele já tinha separado da minha mãe, então ele tava (interrompe) a gente não tinha aquela relação muito fixa, a gente não participava um da vida do outro, então... (39 minutos) ele... nunca teve uma participação ativa do que acontecia na minha vida, minha mãe, quando eu falei pra ela, ela apoiou, falou que independente de qualquer coisa ela ia me amar e ela ia gostar de mim, independente do filho que (interrompe)... independente do que eu escolhesse, mas meu pai nunca... nunca cheguei pra ele e contei ou tive que contar... ele ficou sabendo mas através de outras pessoas, mas quando ele ficou sabendo eu já tava... já tinha minhas coisas, minha casa, já tinha meu carro, então... isso não teve... não interferiu em nada

T: E como você ficou sabendo disso, que ele ficou sabendo?

L: Porque ele falou pra mim que eu deveria ter falado pra ele... ele falou assim: “oh filho, eu acho que você deveria ter me contado, né”, eu falei: “pai, eu queria te privar porque... cada um tem uma cabeça e eu também tinha preconceito com isso, então eu também tinha um certo preconceito... eu não sabia se aquilo realmente ia acontecer, se realmente ia ser pra mim... e eu queria te privar” ai ele: “não, mas, independente de tudo, você é meu filho”. Mas foi só

isso, acabou nisso (ri sem graça) não foi uma conversa (40 minutos) assim: “nossa, vem aqui vamos conversar...”

T: Entendo... e depois disso alguma coisa se alterou na relação de vocês dois?

L: Não, como eu vejo meu pai muito pouco, eu vejo meu pai 3 vezes no ano no máximo. Então quando a gente vê eh... é mais ele falando que eu né... contando da vida dele, das coisas dele e isso hoje, hoje não interfere em nada, mas eu acredito que não porque isso não incomoda ele, eu acredito que seja por causa da minha condição financeira de hoje...

T: Como é isso.?

L: Independência! Porque... aquilo que eu sempre comento com meus amigos ou até mesmo com as minhas clientes, que gay bom é gay rico.

T: Como?

L: Gay bom é gay rico! Gay pobre não presta! Gay pobre só presta pra ser pessoa espancada na rua ou humilhar, enfim... se expor ao ridículo, é... usar drogas, enfim, esse tipo de coisa (41 minutos) então eu acredito que... (hesita) é um pouco enérgico da minha parte (pausa breve)... falar isso, mas é... é exatamente o que eu vivo né, as pessoas que hoje se aproximam de mim, falam comigo, 90% é simplesmente por causa da minha condição financeira, por eu... já ter uma estabilidade legal mas... hoje em dia minha família ninguém fala nada porque eu sou totalmente independente... mas se eu não fosse seria totalmente diferente...

T: Ahh, entendo... grande parte das pessoas que se aproximam de você... está relacionado à sua questão financeira?

L: Sim, porque quando você é pobre, quando você não tem nada, ninguém quer saber de você, ninguém quer saber se você tá bem, se não tá, se, se (gagueja) se você tá precisando de alguma coisa, se você tá doente, se não tá... então, foi uma convivência que eu tive com parentes com muita gente (42 minutos) de quando eu era pobre, que a gente não tinha nenhum tipo de relação que depois que eu desenvolvi, que eu cresci, que as pessoas querem se aproximar... mas é... aquilo que eu falei... as vezes as pessoas se aproximam por, por, interesse, não porque tavam preocupados comigo, porque quer saber como que eu estou... a pessoa fi (gaguejou) ficou cinco, seis, sete anos sem me ligar, sem falar comigo (esboça um sorriso) e depois quer se aproximar, quer abraçar, quer beijar, que saudade... então... eu su (interrompe) eu avalio dessa maneira assim, eu sei que não é por simplesmente gostar, eu sei que é por devido interesse... algum tipo de interesse...

T: Entendo... essas pessoas que se aproximam de você sabem sobre sua orientação sexual?

L: Sim! Sabem... todas sabem

T: E pelo que você está dizendo, sua condição financeira serve...

L: É que quando eu não tinha essa condição financeira (43 minutos) e... lá atrás, quando eu decidi fazer o curso de cabelereiro, mesmo não... tendo apoio do meu pai mas ele também não falava nada... lá atrás, é... essas pessoas é... me criticaram, me, me julgaram... querendo ou não eu sofri um certo preconceito também pra ingressar nisso, né... mesmo não tendo assumido pra ninguém e falado: “oh, eu sou gay”, enfim, mesmo eu tendo assumido apenas pra minha mãe e falado e chegado pra minha mãe falado: “mãe, oh, é assim, assim, assim”, mas todo mundo assim, assim... é aquela coisa, quem é gay não precisa ficar assumindo: ah, eu sou gay! Todo mundo já vê, já sabe, já... quem convive conhece e sabe que é... mas... esses, essa, esse (gagueja) pessoalesse....essa turma de pessoas que, que... (breve pausa) quando eu não tinha condição falava: “não, filho no Geraldo é isso, filho do Geraldo é aquilo” ou... “Ah lá o filho da Graça é cabelereiro agora, ixé... é veado, então... hoje em dia a maneira

que eles me tratam é totalmente diferente, não é! Então... isso, isso (44 minutos) que eu vejo, que eu avalio, que assim: “Pô, por que antes não me tratavam dessa maneira, por que agora me tratam dessa maneira?”

T: E aí você disse assim que as pessoas se reconhecem quem é gay, quem não é... e como você foi se percebendo gay?

L: Como que eu percebi?

T: É.

L: Ah, eu acho que desde criança eu já... eu já sabia né, não tinha como ... eu sempre tinha preferência por brincar com a minha irmã do que com meu irmão... eu sempre preferia brincar com os brinquedos da minha irmã do que do meu irmão... então eu sempre tava num (interrompe) sempre mais com as meninas que com os meninos... então aquele tipo de brincadeira de jogar bola de fazer... coisas de moleque eu nunca fazia, eu sempre ficava mais restrito, eu sempre ficava brincando mais com as meninas, coisa que não machucava... coisa que não... que não era arriscado, coisa de ficar ali, brincando de casinha, de boneca... então assim, eu sempre soube na verdade, eu sempre soube e a família também... só que ainda não sabe, só que você chega num certo... num certo ponto da sua vida (45 minutos) e tenta esconder isso, tenta maquiuar, até que não tem jeito, você sempre sabe.

T: E que idade você tinha quando isso começou a ficar mais evidente?

L: Ah, acho que quando você entra na adolescência, né... Quando entra na adolescência você tenta mostrar pras pessoas uma coisa que você não é... com medo de ser rejeitado... com medo de (interrompe) por ser inexperiente também né, por não ter voz ativa de nada, morar com pai e com mãe, então... a gente fica um pouco (breve pausa)... receoso em saber se as pessoas vai te aceitar ou não, então é a parte que você se camufla e se maquia e faz o que as pessoas querem que você faz.

T: E isso fez com que você chegasse a evitar algum relacionamento homossexual na adolescência ou não?

L: Sim, evitei totalmente! Eu não, não, não... (gagueja) na minha adolescência todinha eu não tive relacionamento... homossexual. Eu só fui ter depois dos meus 18 anos...

T: Não teve nenhum homossexual, mas teve algum heterossexual?

L: Tive, tive heterossexual (46 minutos) na adolescência eu cheguei a namorar meninas... eh... a frequentar casa... a falar: “ah, essa aqui é minha namorada...” Enfim, em tentar realmente é... mudar um pouco aquilo que eu sentia, mas não tinha como mudar. Você tenta, mas não consegue.

T: Mas era pra tentar mudar algo que você sentia ou algo que as pessoas percebiam?

L: É porque na verdade acho que ninguém... (interrompe) “ah, eu quero ser gay” Ninguém quer ser gay! É gay porque é! Mas no fato de... você também já ter esse preconceito de... a própria pessoa ter esse preconceito... eu falei “não, eu vou mudar a minha história, eu vou mudar a minha vida, eu não quero ser assim, né!”... Ai você começa a querer fazer outras coisas... (breve confusão) á, não... começa a tentar namorar uma menina... aí você começa a querer mostrar pras pessoas que você não é!... só que na verdade você é, independente de você tá namorando uma menina ou não, você sabe!(esboça um sorriso)

T: Então é mais para mostrar..

L: Também... pra mostrar e pra tentar mudar

T: Então, pelo que você tá dizendo... existia um desejo de mudar....

L: Ah, existia! (47 minutos) Ah, isso aí é uma fase, vai passar e... quando passar eu vou ter minha mulher, minha famílias, meus filhos, enfim... mas... quando você toma ciência que isso não é uma fase, que isso é uma condição... aí não tem como, você tem que aceitar!

T: E quando você aceitou essa condição você estava mais ou menos com que idade?

L: Dezoito!

T: Dezoito... você lembra bem assim por alguma razão?

L: Como assim se eu me lembro?

T: É, você disse “dezoito” de uma forma bem certa...

L: É, porque eu falei (interrompe) porque assim (interrompe novamente) minha mãe sempre falou que a gente nun, nunca... a gente só ia ser dono do nosso nariz quando a gente tivesse dezoito anos... (esboça um sorriso) ai a gente podia fazer o que a gente quer quando a gente tivesse dezoito anos... então eu respeitei tudo isso, né... que ela sempre me orientou. Então eu sempre fiz tudo o que ela mandou eu fazer... tudo que... que tinha de ser feito. Ai quando eu completei 18 anos eu sabia que realmente... não ia adiantar eu querer ficar querendo... (pausa breve) mostrar uma imagem de uma pessoa que eu não era... ai então ai eu... foi quando eu decidi falar pra minha mãe: “mãe, não eu... sou gay, não tem jeito... né” (sorri sem graça)(48 minutos) ai ela falou: “ah, meu filho, eu gosto de você do mesmo jeito, independente...” enfim, mas foi quando eu assumi com ela quando eu tinha mais certeza do que eu queria, quando eu tinha 18 anos eu falei “não, eu já tenho 18 anos, eu acho que... então não vai mudar mais isso né... já passou a fase da adolescência, eu to adulto, então acho que não vai mudar mais”

T: Então, de certa forma, algumas coisas na sua vida você mudou mas outras não foi possível...

L: Sim, eu mudei muita coisa (silêncio)... mas o desejo... a sexualidade em si, é o que não consegue mudar de jeito nenhum... mesmo que você tente, não foi possível.

T: Entendi... e esse seu atual relacionamento faz oito anos...

L: Oito anos...

T: Foi logo então que você (me interrompe)

L: Foi!... urrum...

T: quando assumiu...

L: Foi... já conheci ele...

T: Como foi que conheceu?

L: Não... era só um contato de, de, de internet que a gente tinha, conversava por ali, por aqui... ele desabafava porque ele vivia na mesma condição que eu... né... de ter que namorar uma menina de ter que... se esconder dos pais, que eram cabeça bem fechada (49 minutos) e a gente meio que se identificou então... a gente se, se desabafava um com outro, né... e a gente não tinha contato.... contato pessoal a gente só tinha contato por internet porque ele morava em outro estado

T: E você conheceu ele pela internet...

L: É, pelo Orkut...

T: Pelo Orkut.. Ah assim... e nessa época... pelo que você esta falando... você não tinha uma aparência que te agradava...

L: Arram... não, não me agradava, eu ainda tinha... É que eu consegui realmente melhorar minha aparência depois do... dos 23 anos, quando eu tive... que eu consegui realmente ter a condição financeira que eu esperava ter...

T: E você sente que nesse seu relacionamento pessoal, nessas mudanças que você fez... elas alteraram algum aspecto?

L: Como assim, eu não entendi a pergunta...

T: No seu relacionamento com o Fábio (50 minutos)... eh... essas mudanças que você fez no seu corpo, ou mesmo no seu dia-a-dia, seus cuidados e tudo mais... você percebe que isso de certa maneira fez alterar alguma coisa na sua relação com o Fábio?

L: Al (interrompe) Assim, da minha parte mais confiança em mim. Sempre foi da parte positiva pra mim e na parte pra ele... eu creio que mais insegurança, porque quando você vê a pessoa com muito mais (interrompe) diferente, arrumada e bonita... então a pessoa fica mais insegura porque ela é mais... ela é mais cobiçada, o pessoal entra mais em contato, ela é mais olhada, mais vista então... mudou nesse aspecto mas pra mim... só um instante (interrompe para atender um telefonema do trabalho)

T: Você precisa voltar?

L: Não, a gente tem acho que uns... 20 minutos...

T: Acha que dá?

L: Dá sim, uns 20 minutos...

T: Ah, sim... bom, você estava dizendo que existia uma certa insegurança né...por parte dele...

L: Isso...

T: Mas ele chegou a dizer..

L: Não, ele já disse, né... porque quando tinha um (certa confusão) quando tinha uma apar... quando ele me conheceu eu tinha uma aparência, né (52 minutos) aí eu fui me transformando, eu fui crescendo, porque foi praticamente como se fosse meu primeiro relacionamento, né, dos 18 anos até hoje... então, relacionamento sério, sério mesmo é o único... então... a partir... de quando eu comecei a mudar, quando eu comecei a ficar mais confiante, comecei a ficar mais atraente, então isso gerou mais insegurança pra ele... porque ele via que as pessoas me olhava mais, que as pessoas me cobiçava mais... tentava... ter um contato maior comigo, então isso gerou pra ele... pra mim gerou autoconfiança... pra ele gerou desconfiança (esboça um sorriso)

T: Entendi... e ele trabalha com o quê?

L: Hoje ele trabalha (interrompe) ele é administrador.... trabalha numa metalúrgica também... só que ele trabalha na parte administrativa

T: E vocês moram juntos?

L: Sim...

T: Há quanto tempo?

L: Acho que uns 5 anos.

T: 5 anos... Bom, então pra sua família e pessoas próximas a sua sexualidade é uma coisa aberta...

L: Aberta, tranquilamente.

T: E no salão, no seu meio profissional (53 minutos)...

L: Todo mundo sabe, é tranquilo... as pessoas com quem eu trabalho sabem... é... as minhas clientes é... sabem, mas eu não fico fazendo da minha vida né... manchete, eu não conto sabe quem é mais próximo, quem não é mais próximo e não (interrompe) não faço questão que saiba também, só se a pessoa perguntar ou se eu ver que a pessoa tá tendo algum tipo de especulação.. eu já falo: “Não, eu tenho um relacionamento né... eu tenho um relacionamento”... (pausa) mas da questão da sexualidade eu to muito seguro... aonde eu vou... eu não, não hoje em dia eu não sofro nenhum tipo de preconceito com isso não. Até mesmo.. qualquer lugar que eu for, se as pessoas perguntar eu falo tranquilamente... e sem ficar encabulado e nem nada, eu falo... tranquilo (54 minutos)

T: Entendi... bom, retornando um pouco à questão do seu corpo... você pretende mudar mais alguma coisa?

L: Ai... sim, gostaria modificar muitas coisas ainda mas o médico me barrou... por hora somente coisas mais leves, ele disse, tipo botox...

T: Botox...

L: Igual eu falei pra você... eu tentei fazer mas meu médico não deixou, ele falou: “quando você tiver 30 anos a gente faz, mas agora não vai dá pra fazer não!”

T: E por qual motivo?

L: Porque ele falou que... eu já ia entrar naquele ciclo vicioso de... querer fazer muitas é... intervenções estéticas. Ele falou: “não, olha...você fez uma tem três anos... então agora você não... dá uma segurada, você não precisa agora, não é uma coisa que é necessária pra você, então dá uma segurada... você tá novo, tá com a pele ótima então não... precisa fazer agora” o cara rejeitou né... o paciente, rejeitou um cliente e o dinheiro... eu fiquei inconformado!

T: E você queria colocar [botox] onde?

L: Queria colocar botox na testa, queria fazer aqui (aponta para a testa), pra não chegar a ter marca de expressão, né... Mas ele falou pra mim que não precisava agora, que não era o momento .

T: Mas você tem algum certo receio em relação à marcas de expressão...

L: Eu acho que no fato de você sempre buscar uma imagem perfeita (55 minutos) do que você tá um dia... ser destruído . Então você tá sempre querendo cuidar, cuidar, cuidar, cuidar, cuidar, sempre... tendo uma imagem... e não esperar acontecer pra você reparar, então, cuidar antes que aconteça... Porque., como eu trabalho com... com esse público, entendo que o botox ele é uma prevenção, né... quando você começa a fazer uso dele quanto mais cedo, melhor o resultado, né... agora quando você já tá numa certa idade e começa a fazer uso dele, ele dá outro resultado. Então... como eu sei que ele age paralisando os músculos evitando que... a pele se f(interrompe) ... tenha contração pra ter a marca de expressão, eu acreditava que se eu colocasse já agora, que eu já não... que eu já ia ter uma aparência melhor por muito mais tempo

T: Você parece ter um certo receio, de certa forma, em perder essa (me interrompe)....

L: Sim...

T: ...aparência que você construiu...

L: Com certeza! Muita!

T: E você pensa muito nisso?

L: Sim, é algo que eu penso todo dia. Então é assim (56 minutos) toda vez que eu vou deitar eu passo inúmeros cremes, eu uso sabonete adequado, eu faço isso, faço aquilo outro, então eu to sempre muito preocupado com isso. (nesse momento da entrevista demonstra-se bastante enfático, gesticulando muito com as mãos e a cabeça) Então, é uma coisa que eu sempre quero tá cuidando... eu não quero deixar... acontecer nada de errado... eu quero que sempre... esteja (interrompe) tanto é que eu tive uma crise alérgica porque eu comi um bolo que tinha um corante e o meu corpo inteiro ficou empolado menos o meu rosto ai eu falei: “não, graças a Deus, meu rosto não tá empolado meu corpo ta... mas eu posso colocar uma roupa, no rosto não dá!” Ai eu cheguei no médico e a primeira coisa que eu perguntei: “Oh, isso vai pro rosto?” Ele falou não: “Não, a gente vai te dar uma injeção agora... isso não vai pro rosto não!” Eu falei: “pelo amor de Deus” (risos)

T: Um medo maior...

L: Medo, é, é o rosto

T: Bom, você está dizendo sobre coisas que possam acontecer... e isso tem alguma coisa a ver em relação com a velhice? À passagem do tempo... como você vê isso?

L: Não, eu vejo que assim... as vezes eu deixo muito de me divertir por se preocupar muito com o sol (57 minutos), com ficar exposto com medo de que esse envelhecimento ocorra precocemente, então assim... eu me privo de muitas coisas pra que isso não aconteça, então eu acho que não, não... é uma coisa que vai chegar a me prejudicar em relação à velhice não, eu acho que só um, um (gagueja) é uma prevenção que eu faço mesmo para não ter problemas futuros...

T: Por um certo receio que possa...

L: É... que possa acontecer hm...

T: E quando você imagina sobre o que possa acontecer... o que você imagina?

L: Ah, quando eu imagino... quando eu imagino o que possa acontecer ah, hmm (breve pausa) uma marca de expressão ou uma queimadura solar, alguma coisa assim, alguma coisa que fique manchado... aí eu fico imaginando que isso pode acontecer se eu não tomar esses cuidados que eu tomo. Tipo assim, ah, se eu não tomar os cuidados que eu tomo isso realmente pode acontecer eu posso ficar feio, vai mexer com minha autoestima... as clientes quando for me a (interrompe) for passar comigo vão ficar só olhando pra aquele determinado local e isso vai me deixar constrangido (58 minutos) então... é isso...

T: Isso de certa forma... tem alguma coisa a ver com aquele “Leonardo” que você olhava lá atrás?

L: (Ele interrompe minha fala e diz apressadamente) Sim, com certeza!

T: Por que?

L: AH, porque eu eu olh (interrompe) quando eu olhava no espelho, o “Leonado” que eu olho lá atrás, igual eu falei... ele tinha... os dentes tortos ele tinha é... ele tinha cárie, ele tinha... espinha, eletinha pele oleosa... ele tinha pelo encravado, então assim... eu olhava no espelho e era uma imagem que eu não...(breve pausa) que eu nunca mais gostaria de ver novamente... por mais que é... quando eu era um adolescente ou quando tava iniciando minha fase adulta... mas é uma fase que ... eu tenho medo que isso volte a acontecer... futuramente... então assim... eu sempre tomo muito cuidado com meus dentes... tomo muito cuidado com minha pele... tomo muito cuidado com tudo, então eu tenho realmente receio que aquela imagem que eu via (gagueja) há um tempo atrás quando eu fosse olhar no espelho novamente que isso, que eu

possa ver ela novamente (demonstra ansiedade, dizendo a frase apressadamente e certo desconforto)

T: Ah, mas por você imaginar que...(59 minutos) não vá agradar...

L: Não, uma imagem que primeiramente não vai agradar a mim, né (esboça um sorriso) porque eu sei que não (interrompe) que eu já vivi isso, eu já passei por isso e eu não... não era contente com o que eu via, e também, o fato de se trabalhar com público todo mundo aponta muito, todo mundo olha, todo mundo vê se você tá bonito, se você não tá, se a pele tá boa, se o cabelo tá arrumado, se não tá... então, é uma coisa como eu sou uma pessoa muito crítica e eu pego muito no pé da minha equipe, das pessoas que trabalham comigo, eu sempre... me auto-avalio assim: não, eu tenho que cuidar para que não aconteça. Se um dia acontecer será um desespero (risos)

T: Um desespero...

L: Oh, com certeza (diz sorrindo meio sem graça)

T: E você gasta um certo tempo por dia se cuidando?

L: É, como eu to dentro do salão de beleza todo dia, eu to no salão das 09 da manhã às 10 da noite... então, o tempo que eu gasto é o tempo que eu já to na, no, no meu trabalho (60 minutos), né, então... eu gasto cerca de... 30, 40 minutos de... a cada 4, 5 horas... que eu paro, dou uma olhada, eu cuido, eu passo alguma coisa, repasso protetor solar... então eu acho que... por dia eu chego a gastar umas duas horas

T: Duas horas...

L: É, tipo, da hora que eu acordo até a hora que eu vou dormir.

T: Mais na região do rosto...

L: É, mais no rosto.

T: E quais tipos de tratamentos você faz durante um dia comum...

L: Ah, em um dia comum eu sempre passo protetor solar... é... O que o... as me... as meninas que trabalham com estética comigo, sempre me recomendam, se elas me recomendam passar uma determinada pomada que contenha algum ácido, ou alguma coisa pra fazer um tratamento rápido também passo... é... sempre preocupo se, se, se meu rosto tá oleoso ou não... então eu tenho sempre na minha bolsa, no meu carro (1h1min) eu tenho lenço umedecido pra passar no rosto, então é... procuro passar uma base, procuro sempre tá com o rosto sempre arrumadinho, sempre organizado...

T: E o resto do corpo?

L: É igual, tipo eu fico o dia todo de frente ao espelho trabalhando, né... isso me ajuda muito a manter tudo.... Também cuido muito da parte de alimentação, no que eu como, no que eu não como, na minha dieta, mas... o cuidado sempre, o cuidado primordial é o rosto.

T: Você frequenta academia?

L: Freqüento.

T: Todos os dias? Como é?

L: Eu faço academia quatro vezes na semana, sábado, terça, quarta, quinta e sexta, e... faço mais uma atividade circense que é pole dance na sexta feira a noite. Toda sexta feira a noite eu faço uma hora e meia de pole dance, e... durante a semana, antes de começar o meu trabalho das sete e meia até as nove e meia, dez horas eu faço academia normal.

T: Sete e meia da manhã...

L: É!

T: Bom, tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar, que você acha... que você considera interessante de dizer (1h2min)...

L: (Diz apressadamente) Sim! Assim que eu terminei o procedimento cirúrgico né, como envolve a parte cirúrgica, né, assim que eu terminei de fazer o procedimento cirúrgico, que eu fui tomar o banho, que eu fui me ver, que eu fui me olhar, bateu um arrependimento... bateu um arrependimento porque eu olhei a cicatriz, eu vi o machucado, e eu senti que eu tinha violado o meu próprio corpo, que eu estava me agredindo, então quando eu olhei no espelho nas primeiras semanas, eu arrependi amargamente do que eu tinha feito ...

T: no pós-operatório...

L: No pós-operatório...

T: O que exatamente você sentiu? Tenta descrever o mais próximo do que você passou naqueles dias...

L: Eu vi os hematomas que tinha na cicatriz, né, porque eu fiz uma intervenção debaixo do músculo, né, pra não ficar marca na frente, então eu fiz pela axila, então foi mais agressivo e... aí quando eu olhava no espelho eu via os hematomas, eu via o braço roxo eu via aquela cicatriz cauterizada (1h3min) e sensível, e aquele corpo ainda magro mas com uma prótese masculina, aí eu olhei e falei... eu sentia assim “olha o que eu fiz comigo, eu não precisava ter feito isso”. Então... na primeira semana... acho que até uns 20 dias o arrependimento foi constante, foi de todos os dias, tipo assim de quando você olhar no espelho você tomar banho, quando você for fazer a limpeza da cicatriz, de você ver o hematoma, de você ver o que você fez com seu corpo... aí bateu arrependimento, aí eu f... aí eu pensei assim “olha o que eu ta... (interrompe) olha o que eu fiz comigo” então... naquele momento assim... eu acho também que por você tá um pouco debilitado, por ta tomando remédio, por não poder dirigir, não poder sair, ter que ter ajuda de uma pessoa pra você tomar banho, aí isso deixou um pouco na... na neura. Nos primeiros dias o arrependimento foi grande.

T: E quanto tempo durou essa sensação... esse estranhamento?

L: Ah... durou por volta de (1h4min)... até eu aceitar mesmo que aquilo tava em mim, que não tinha mais jeito que aconteceu, que eu fiz e acabou... uns 6 meses.

T: Você diz “fiz e acabou”, pois não tem jeito de voltar atrás?

L: Não, porque a cicatriz tá ali e não sai. Então assim, você fez o procedimento cirúrgico, beleza, depois eu aceitei, depois eu gostei, aí todo mundo elogiou... ficou bonito, ficou bom... mas, quando eu olhava no espelho, que a cicatriz ainda tava vermelha, então eu sentia uma sensibilidade naquela região... e eu olhava e falava assim: “não, ta bonito mas eu não to bem ainda” não era o que eu esperava ...

T: E você esperava o quê?

L: Eu esperava que eu já ia sair de lá feliz da vida e pronto e acabou, sem essa... parte meio que depressiva da cirurgia porque você tem que ficar só deitado, tem que ficar tomando os remédios, ter que ir ao médico com uma certa frequência, até... tudo ta dentro dos conformes, assim...

T: E entre o que você havia planejado da cirurgia e o resultado... (1h5min)

L: O resultado foi excelente mas depois de um bom tempo.

T: Mas é o que você imaginava...

L: Isso, isso mas demorou pra, pra (gagueja) eu acei (Interrompe) pra uma coisa é... suprir a outra foi cerca de seis meses realmente pra eu olhar e eu... realmente gostar do que eu tinha feito, porque antes disso eu não gostava.

T: Hoje em dia, tem alguma coisa disso que ficou... alguma sensação em relação a isso tudo que você sentiu?

L: Não, hoje não... hoje eu (breve pausa)... eu vejo isso como um... (breve pausa) uma a... (gagueja) um acessório a mais (1h6min) que me ajudou sim mas que até eu chegar no resultado que eu precisava chegar eu tive que passar por aquela fase de arrependimento, de hematoma, de curativo de remédio... até chegar onde eu... onde eu queria chegar. Demorou pra chegar, me ajudou, mas antes é (interrompe) o preço que eu paguei foi isso, foi esses seis meses de ficar arrependimento por ter se machucado por você ser escravo da, da beleza, sempre querer ter uma aparência melhor... então... Eu fiquei me avaliando, não ninguém que falou isso... dentro de mim que ficava “nossa, olha o que você fez, olha como ta machucado, olha o hematoma que ta no seu braço olha é... a cicatriz”. Depois não fica mais nada, mas até sair... você fica com aquilo na cabeça

T: E você dividia isso com alguém?

L: Não, tsc, tsc!

T: Hmm, e você usou a expressão “escravo da beleza”... você de certa forma se considera assim?

L: Sim! (responde prontamente) Eu me considero...

T: Como é isso?

L: Porque você tá... tá sempre preocupado em estar bem arrumado... se aquela roupa tá legal ou se você tá bem arrumado, ou se você tá bonito... então é uma coisa que é... eu me preocupo se eu vou sair de (interrompe)... se eu vou pra academia se eu to arrumado... se a roupa que eu to usando, se tá bonita se ta combinando, enfim... é um... é ser, é ser escravo querendo ou não da beleza. Eu trabalho com beleza mas eu também sou um escravo dela também... porque... eu tenho a necessidade todo dia uma rotina muito grande, todo dia levantar é... ir pra academia, que já é uma coisa movida à beleza... então eu sacrifico duas horas de sono a mais, mas eu sacrifico ela pra poder... pra poder tá melhor comigo mesmo, então aí depois é lavar o cabelo, é hidratar (1h9min) a pele é... fazer o tratamento que tem que ser feito, é... procurar uma roupa que combine, é passar um perfume legal... aí ir pro salão trabalhar o dia inteiro... e depois a noite é a mesma coisa... comer uma coisa, não comer outra... dá vontade de comer uma coisa, mas não pode comer porque aquilo vai te fazer mal... então isso eu creio que é ser escravo da beleza. Então a gente paga um preço alto por querer chegar num... (breve pausa) numa perfeição que não existe. Que nem eu te falei antes... eh... assim, quando eu era novo eu ficava as vezes horas e mais horas me olhando diante do espelho, assim, não sei te explicar, mas eu não reconhecia a minha pessoa no espelho, eu parecia que não via meu corpo, é... é algo estranho que acontecia, assim, comigo... e parece que até hoje esse corpo, parece que ainda não existe!

T: Não existe...

L: Não existe!

T: Você acha que é... um tempo considerável que você gasta se preocupando quase que o tempo todo...

L: É, é uma coisa que eu me preocupo o tempo todo, porque assim, se eu passo no espelho e vejo que tem alguma coisa fora, fora do lugar então eu paro e vou dar uma arrumada, eu vou fazer alguma coisa, to sempre querendo ta... é... arrumado, mas, porém também é bom porque é uma coisa saudável porque... eu me preocupo se eu posso tomar refrigerante, se eu vou comer carne vermelha, se eu não vou comer chocolate (1h10min), mas isso é uma coisa saudável, isso reflete na minha saúde, então assim... tem um ponto negativo e tem um ponto positivo, isso, isso... me ajuda muito também...

T: Você disse sobre se olhar no espelho... você se olha muito?

L: (Responde prontamente) Muito! Muito! É (começa a sorrir) eu trabalho de frente um espelho o dia inteiro...

T: E além desse momento que você trabalha diante do espelho, como é quando você está em casa...

L: Não, esse hábito de ficar em casa lá o di (interrompe) não! Só na hora do meu banho, que eu tenho que fazer meus tratamentos e ... cabou! Não mais! E pra sair de casa, ou as vezes no trânsito eu sempre paro, eu parei no trânsito eu sempre abaixo e espelho e eu olho pra ver se tá tudo certo... então isso é uma coisa frequente...é, é frequente, mas dentro de casa assim, não!

T: Tá... pra sair na rua você tem sempre que dar uma cuidada...

L: Tem! Tem que dar uma olhada pra ver se ta tudo certo.

T: E... (1h11min) assim, por acaso se você não fosse gay...

L: Hmmm

T: Seria diferente?

L: Eu acho que sim!

T: Por que?

L: Eu acho que... porque a gente é muito... criterioso e muito crítico, muito avalista, a gente avalia muito tudo, então assim, se eu to olhando uma pessoa, se eu vejo de errado na pessoa, eu não vou querer ver de errado em mim, então... pelo menos eu sou assim, eu sou muito crítico, então... mas eu acho que se eu não fosse gay eu não seria tão... apegado a isso, eu acho que... não envolveria tanto o meu... a minha rotina... porque é igual eu te falei o fato de eu trabalhar com mulheres, sempre tá ouvindo de produtos, de intervenção cirúrgica, de tratamentos, então eu achei... eu achei uma coisa bacana, mas eu acho que se eu não fosse gay eu não teria nada disso

T: Como é que é... se fosse pra você imaginar... Como é que seria você hétero?

L: Como seria eu hétero? (1h12min)

T: É, eu digo a sua vida em relação a isso.. na sua relação com a beleza...

L: Eu acho que não teria nada dessa vaidade, eu não teria esse cuidado excessivo, eu acho que eu não teria... nem passaria pela minha cabeça uma intervenção cirúrgica, eu acho que seria, eu acho que seria totalmente diferente

T: Nem mesmo a cirurgia?

L: (responde prontamente) Nem mesmo a cirurgia!

T: Mas essa preocupação então... você acaba associando ela mais à questão da homossexualidade...

L: É... de ta sempre perfeito... que é aquilo que eu falei.. a gente é muito criterioso, a gente sempre olha e fala: “olha que bonito” ou “que feio né, não vou ficar daquele jeito!” ou “quero ficar daquele jeito!” (esboça um sorriso)

T: Você diz “a gente”... os homossexuais?

L: Isso...

T: Você acha que os homossexuais...

L: Eles olham, eles são muito criteriosos, eles olham e falam: “olha que corpo bonito, que roupa bonita, olha que corpo feio, olha que roupa feia” então, é muito criterioso, sempre tá ali avaliando a pessoa, sempre ta olhando muito e isso em todo mundo né (1h13min)... sempre um aponta pro outro, mas eu acho que na, no mundo dos homossexuais eles são muito criteriosos, muito mais críticos e observadores. Hétero não repara em hétero (risos) você não repara no sapato do seu colega... não vai reparar... na chuteira dele se é mais colorida, ou se não é mais colorida... acho que não tem isso e não tem, porque eu tenho muitos amigos héteros, então... eles são bem tranquilo, eles são bem de boa, então eu acho que seria do jeito que eles são.

T: Entendi... você disse que tem muitos amigos héteros mas a maioria é gay?

L: (Breve silêncio) É misto, meus amigos gays são as pessoas que trabalham comigo, os meus amigos fora do meu trabalho são héteros...

T: Alguma razão dessa diferença?

L: É que eles são... maridos de clientes minhas, que... viu que eu sou um cara que (interrompe) tanto é que as pessoas que eu me dou rela (interrompe) em relacionamentos de negócios são todos héteros, eu sou o único gay no meio de um grupo de héteros..., então assim os meus sócios, daqui, do outro eu não tenho sócios, mas do shopping eu tenho mais dois sócios, eles são (1h 14 min) héteros, eles têm família, eles têm as esposas, eles tem os filhos, eles tem totalmente previsão, mas por eu ser muito reservado, isso não afeta na minha relação com eles

T: E eles sabem?

L: Sabem, sabem tranquilamente.

T: E isso, de certa forma, eles retribuem para essa questão de você gostar de ser reconhecido?

L: Eles me tratam... vamos supor assim, eles sempre colocam minha autoestima mais lá em cima ainda, por trabalhar bastante, por ajudar ele também, mas é... a maneira que eles me tratam é totalmente sem diferença... assim “ah não, vamos tratar ele com cuidado, cuidado com o que vai falar porque ele é gay, ele pode se ofender”. Não, de jeito nenhum tem isso, é totalmente tranquilo, totalmente é... a maneira que a gente convive é totalmente normal e é isso que eu não gosto, se eu tiver, vamos supor se eu tiver em uma roda de pessoas que são héteros (1h15min) e misturados com gays algum determinado hétero tratar com indiferença porque “Ah, é gay vai dar em cima de mim”, ou “Ah, é gay..., né, não quero perto da minha família” então... é, é isso que eu tenho com os meus amigos héteros que é o que eu acho perfeito, eu acho que assim eles nã, não precisa ficar sabendo da minha vida particular e ficar em detalhes, contando avacalhações ou enfim... coisas que muitos gays fazem, de ficar se expondo, ai depois reclama que tomou facada, ou soco...

T: Como é isso?

L: Ah, porque é ... da mesma maneira que tem... é mulher certa, tem mulher vagabunda, da mesma maneira que tem homem certo, tem homem vagabundo, da mesma maneira que tem o

gay certo, tem o gay tem o gay vagabundo. (Interrompe para atender o telefone, mas a chamada não completa). Então, a minha postura, é a postura de um homem correto e assim... o que eu faço da minha vida particular não afeta a minha vida profissional e nem o meu relacionamento com as pessoas e eu sou uma pessoa totalmente correta no que eu faço. Então isso faz com que a maioria dos meus amigos sejam héteros por eu também saber separar esse tipo de comportamento.

Agradeço a participação e finalizamos a entrevista.